O SEGUNDO LIVRO DA SÉRIE A 5ª ONDA

BESTSELLER The New York Times BESTSELLER

O MAR INFINITO



RICK YANCEY

FUNDAMENTO

A 5ª ONDA
O MAR INFINITO

“A minha bondade é tão ilimitada quanto o mar, e tão profundo como este é o meu amor. Quanto mais te dou, mais tenho, pois ambos são infinitos.”

William Shakespeare

Dedicatória

Para Sandy, guardiã do infinito

O trigo

Não haveria colheita.

As chuvas de primavera despertaram os rebentos adormecidos, e brilhantes brotos verdes saltaram da terra úmida e se ergueram como seres se espreguiçando após um longo cochilo. À medida que a primavera abriu caminho para o verão, os brilhantes talos verdes escureceram, ficaram castanhos e depois marrom-dourados. Os dias ficaram longos e quentes. Espessas torres de nuvens escuras e inquietas trouxeram chuva, e os caules marrons cintilavam na perpétua penumbra que habitava sob o dossel. O trigo cresceu e as espigas que amadureciam se inclinavam ao vento do prado, formando uma cortina ondulante, um mar interminável e ondeante que se estendia até o horizonte.

Na época da colheita, o fazendeiro não se encontrava lá para arrancar as cabeças das hastes, esfregá-las entre as mãos calosas e soprar a palha do grão. Não havia ceifadeira para mastigar os grãos ou sentir a casca delicada estalar entre seus dentes. O fazendeiro tinha sido morto pela praga, e os familiares que restaram fugiram para a cidade mais próxima, onde eles, também, sucumbiram, contribuindo para os bilhões que pereceram na 3ª Onda. A velha casa construída pelo avô do fazendeiro era agora uma ilha deserta cercada por um mar infinito marrom. Os dias ficaram curtos, as noites se tornaram frescas, e o trigo estalava com o vento seco.

O trigo tinha sobrevivido ao granizo e aos raios das tempestades de verão, mas a sorte não podia livrá-lo do frio. Quando os refugiados se abrigaram na velha casa, o trigo estava morto, derrotado pelo punho severo da primeira geada.

Cinco homens e duas mulheres, desconhecidos entre si na véspera daquela estação final de cultivo, agora estavam ligados pela promessa muda de que o menos importante deles era maior do que soma de todos.

Os homens se revezavam na guarda na varanda. Durante o dia, o céu sem nuvens era azul brilhante e luzidio e o sol que passeava baixo no horizonte pintava o marrom sem vida do trigo com toques de dourado cintilante. As noites não vinham com suavidade, mas pareciam se atirar sobre a Terra, zangadas, e a luz das estrelas transformava o marrom dourado do trigo numa cor prateada e lustrosa.

O mundo mecanizado tinha morrido. Terremotos e *tsunamis* tinham destruído as costas. A praga tinha devorado bilhões.

E os homens na varanda observavam o trigo e se perguntavam o que viria em seguida.

No início de uma tarde, o homem de guarda viu o mar morto de grãos se abrir e soube que alguém se aproximava, avançando ruidosamente pelo trigo na direção da velha casa da fazenda. Ele chamou os outros e uma das mulheres saiu e ficou ao seu lado na varanda; juntos eles assistiram aos caules altos desaparecem no mar marrom como se a própria terra os estivesse tragando para o seu interior. Quem — ou o que — quer que fosse não podia ser visto acima da superfície da plantação. O homem desceu da varanda e apontou o rifle na altura do trigo. Ele esperou no pátio e a mulher esperou na varanda, o resto esperou no interior da casa, apertando o rosto de encontro às vidraças, e ninguém falou. Eles esperaram que a cortina de trigo se abrisse.

Quando aconteceu, uma criança surgiu, e o silêncio da espera se quebrou. A mulher saiu correndo da varanda e empurrou o cano da espingarda para baixo. *É só um bebê. Você atiraria numa criança?* O homem contraiu o rosto, movido pela indecisão e pela raiva por tudo que sempre era dado como certo e que não correspondia às expectativas. *Como podemos saber?* ele perguntou à mulher. *Como ainda podemos ter certeza de alguma coisa?* A criança saiu da plantação aos tropeços e caiu. A mulher correu até ela e a recolheu, apertando o rosto sujo de encontro ao peito, e o homem armado parou diante dela. *Ela está congelando. Temos que levá-la para dentro.* E o homem sentiu uma grande pressão no peito.

Ele se sentiu espremido entre o que o mundo tinha sido e o que o mundo tinha se tornado, entre quem fora antes e quem era agora, e o custo de todas as promessas mudas pesando em seu coração. *É só um bebê. Você atiraria numa criança?* A mulher passou por ele, subiu os degraus para a varanda e entrou na casa, e o homem curvou a cabeça como que em oração e depois a ergueu como que em súplica. Ele esperou alguns minutos para ver se mais alguém surgia do meio do trigo, pois parecia inacreditável que uma criancinha pudesse sobreviver tanto tempo sozinha e indefesa sem ninguém para protegê-la. Como tal coisa poderia ser possível?

Quando entrou na sala de estar da velha casa da fazenda, ele viu a mulher segurando o menino no colo. Ela o tinha envolvido com um cobertor e lhe dava água — os dedinhos vermelhos de frio segurando a caneca. Os demais tinham se reunido no aposento e ninguém falava, apenas observavam a criança num deslumbramento atônito. *Como aquilo poderia acontecer?* O menino choramingava. Seus olhos iam de um rosto a outro, procurando alguém conhecido, mas eles eram estranhos para ele como tinham sido estranhos um para o outro antes de o mundo acabar. Ele se queixou de que sentia frio e que sua garganta doía. Tinha um dodói na garganta.

A mulher que o segurava pediu-lhe para abrir a boca. Ela viu o tecido inflamado no fundo da garganta, mas não viu o fio fino como um fio de cabelo implantado perto da tonsila. Ela não viu o fio tampouco a minúscula cápsula conectada a sua extremidade. Ao se inclinar sobre a criança e espiar, ela não poderia saber que o dispositivo na boca do menino estava ajustado para detectar o dióxido de carbono presente em seu hálito.

O nosso hálito o gatilho.

A nossa criança a arma.

A explosão pulverizou a velha casa da fazenda instantaneamente.

O trigo demorou mais. Nada restou da casa, das construções ao redor ou do silo que em qualquer outro ano armazenava uma

colheita abundante. Mas os talos secos e flexíveis consumidos pelo fogo se transformaram em cinzas e, enquanto o sol se punha, um forte vento do norte varreu o prado e as levantou para o céu e carregou por centenas de quilômetros antes de elas descerem outra vez na forma de uma neve preta e cinzenta e se acomodar no solo deserto com indiferença.

LIVRO 1

I
O problema dos ratos

1

O mundo é um relógio prestes a parar.

Eu o escuto nos dedos gelados do vento arranhando a janela.

Eu o cheiro no tapete embolorado e no papel de parede estragado do velho hotel. E o sinto no peito de Teacup enquanto ela dorme. O martelar de seu coração, o ritmo de sua respiração, quente no ar gelado, no relógio prestes a parar.

Do outro lado do quarto, Cassie Sullivan monta guarda na janela. A luz da lua se infiltra pela minúscula fresta das cortinas atrás dela, iluminando o vapor do hálito gelado que sai de sua boca. Seu irmãozinho dorme na cama mais próxima a ela, um minúsculo monte sob uma pilha de cobertas. Janela, cama, de volta à janela, a cabeça dela vira como um pêndulo. O virar de sua cabeça, o ritmo de sua respiração, como a de Nugget, como a de Teacup, como a minha, marca o tempo do relógio parando.

Saio da cama. Teacup geme no sono e se enterra mais fundo sob as cobertas. Sinto o frio implacável apertando o meu peito, embora eu esteja totalmente vestida, com exceção das botas e da parca, que pego do pé da cama. Sullivan me observa calçar as botas e depois quando vou até o closet para apanhar a mochila e o rifle. Eu me junto a ela na janela. Sinto que deveria dizer algo antes de sair. Talvez nós não nos vejamos mais.

— Então é isso — ela diz. A sua pele clara brilha na luz leitosa. As sardas parecem flutuar acima do nariz e das bochechas.

Ajeito o rifle no ombro.

— É isso.

— Sabe, Dumbo eu entendo. As orelhas grandes. E Nugget, porque Sam é muito pequeno. Teacup, também. Zumbi eu não entendo muito, Ben não conta e tenho a impressão de que Pão de Ló tem algo a ver com o fato de ser baixo e gordinho. Mas por que Especialista?

Percebo aonde isso vai chegar. Além de Zumbi e do irmão, ela não está mais segura de ninguém. O nome Especialista dá uma cutucada em sua paranoia.

— Sou humana.

— É.

Pela fresta das cortinas, Cassie olha para o estacionamento brilhante por causa do gelo, dois andares abaixo.

— Alguém também me disse isso. E, eu, como uma boba, acreditei.

— Não tão boba, considerando as circunstâncias.

— Não finja, Esp — ela dispara. — Sei que não acredita na minha história sobre Evan.

— Eu acredito em você. É a história dele que não faz sentido.

Vou até a porta antes que ela se vire contra mim. Não se pressiona Cassie Sullivan quando se trata de Evan Walker. Eu não a censuro. Evan é o pequeno galho que cresce num penhasco ao qual ela se agarra e não importa que ele tenha partido. Isso faz com que ela se apegue ainda mais.

Teacup não emite nenhum som, mas sinto os olhos dela em mim; sei que ela está acordada. Ando até a cama.

— Leve-me com você — ela sussurra.

Sacudo a cabeça. Já discutimos o assunto centenas de vezes.

— Não vou demorar. Alguns dias.

— Promete?

De jeito nenhum, Teacup. Promessas são a única moeda que restou e devem ser gastas com sabedoria. O seu lábio inferior treme, os olhos ficam úmidos.

— Ei — digo com suavidade. — O que eu falei sobre isso, soldado? — resisto ao impulso de tocá-la. — Qual é a nossa prioridade?

— Nada de pensamentos negativos — ela responde, obediente.

— Por que pensamentos negativos fazem o quê?

— Eles nos deixam moles.

— E o que acontece quando ficamos moles?

— A gente morre.

— E nós queremos morrer?

— Ainda não — ela responde, sacudindo a cabeça.

Toco o seu rosto. Faces frias, lágrimas quentes. *Ainda não*. Com o tempo no relógio humano se esgotando, aquela menininha provavelmente atingiu a meia-idade. Sullivan e eu estamos velhas. E Zumbi? No final dos tempos.

Ele está me esperando na antessala, usando uma jaqueta de esqui sobre um moletom amarelo com capuz, ambos encontrados largados no interior do hotel: Zumbi escapou do Campo Abrigo usando apenas um fino traje cirúrgico. Sob a barba desgrenhada, o seu rosto denuncia a febre. O ferimento à bala causado por mim, aberto durante sua fuga do Campo Abrigo e remendado por nosso médico de 12 anos, deve estar infeccionado. Ele se recosta no balcão, pressionando a lateral do corpo com a mão e tentando dar a impressão de que tudo está ótimo.

— Comecei a pensar que você tinha mudado de ideia — Zumbi falou, os olhos escuros brilhando como se ele estivesse brincando, embora aquilo pudesse ser resultado da febre.

Sacudo a cabeça.

— Teacup.

— Ela vai ficar bem — para me tranquilizar, ele solta da jaula o sorriso estonteante. Zumbi não reconhece totalmente o valor inestimável das promessas, do contrário não as faria com tanto descaso.

— Não é com Teacup que estou preocupada. Você está horrível, Zumbi.

— É o tempo. Faz mal para a minha pele — um segundo sorriso surge no final. Ele se inclina para frente, induzindo-me a

retribuir o sorriso. — Um dia, cabo Especialista, você vai sorrir de algo que eu disser e o mundo vai se partir em dois.

— Não estou preparada para assumir essa responsabilidade.

Ele ri e parece que escuto um chocalho no fundo de seu peito.

— Tome — ele me oferece outro folheto das cavernas.

— Eu tenho um — digo.

— Pegue este também, no caso de você perder o seu.

— Não vou perdê-lo, Zumbi.

— Vou mandar Pão de Ló com você — ele diz.

— Não, não vai.

— Sou o encarregado, portanto vou, sim.

— Você precisa de Pão de Ló aqui mais do que preciso dele lá fora.

Ele concorda. Ele sabia que eu ia recusar, mas não conseguiu resistir a mais uma tentativa.

— Talvez a gente deva cancelar — ele fala. — Isto é, não está tão ruim aqui. Cerca de mil percevejos, algumas centenas de ratos e umas duas dúzias de cadáveres, mas a vista é fantástica... — ainda brinca, tentando me fazer sorrir. Ele está olhando para o folheto em sua mão. — *Vinte e três graus* o ano todo!

— Até ficarmos cobertos de neve ou a temperatura cair de novo. A situação é insustentável, Zumbi. Já ficamos tempo demais.

Não entendo. Falamos sobre o assunto até esgotá-lo e agora ele quer continuar a bater na mesma tecla? Às vezes não compreendo Zumbi.

— Temos que arriscar e você sabe que não podemos ir às cegas — continuo. — É provável que haja outros sobreviventes se escondendo naquelas cavernas e eles podem não estar preparados para desenrolar um tapete de boas-vindas, principalmente se encontraram alguns dos Silenciadores de Sullivan.

— Ou recrutas como nós — ele acrescenta.

— Então, vou investigar e volto em uns dois dias.

— Estou esperando que cumpra essa promessa.

— Não foi uma promessa.

Não resta nada a dizer. Há um milhão de coisas a dizer. Esta pode ser a última vez que nos vemos, e ele pensa o mesmo, pois diz:

— Obrigado por salvar a minha vida.

— Pus uma bala no seu corpo e agora você pode morrer.

Ele sacode a cabeça. Seus olhos brilham por causa da febre. Seus lábios estão cinzentos. Por que tiveram que lhe dar o nome de Zumbi? É como um agouro. A primeira vez que o vi, ele estava fazendo flexões apoiado nos nós dos dedos na área de exercícios, o rosto contorcido pela raiva e pela dor, sangue formando uma poça no asfalto sob os punhos. *Quem é esse cara?* perguntei. *O nome dele é Zumbi*. Ele lutou contra a praga e venceu, alguém me contou, e eu não acreditei. Ninguém vence a praga. A praga é uma sentença de morte. E Reznik, o sargento-chefe de exercícios, gritando com toda a força dos pulmões, e Zumbi no macacão azul folgado, esforçando-se para ultrapassar o ponto em que mais uma flexão é impossível. Não sei por que fiquei surpresa quando ele mandou que eu atirasse nele para cumprir a promessa absurda feita para Nugget. Quando se olha a morte nos olhos e a morte pisca primeiro, nada parece impossível.

Nem mesmo ler pensamentos.

— Sei o que você está pensando — ele diz.

— Não, não sabe.

— Você está se perguntando se deveria me dar um beijo de despedida.

— Por que você faz isso? — pergunto. — Dar em cima de mim.

Ele dá de ombros. Seu sorriso está torto, como o corpo recostado ao balcão.

— É normal. Não sente falta da normalidade? — Zumbi pergunta. O olhar penetrando fundo nos meus, sempre procurando algo, nunca sei bem o quê. — Lembra, *drive-thrus*, cinemas no sábado à noite, sanduíches de sorvete e checar o Twitter?

Sacudo a cabeça.

— Eu não usava o Twitter.

— Facebook?

Estou ficando um pouco zangada. Às vezes, sinto dificuldade em imaginar como Zumbi chegou tão longe. Desejar coisas que perdemos é o mesmo que esperar coisas que nunca poderão acontecer. As duas estradas terminam num desesperador beco sem saída.

— Não é importante — respondo. — Nada disso importa mais.

O riso de Zumbi vem do fundo de seu ser e borbulha até a superfície como o ar superaquecido de uma fonte termal, e a zanga se vai. Sei que ele está usando o seu charme e, de alguma forma, saber o que ele está fazendo não neutraliza o efeito. Outro motivo pelo qual Zumbi é um tanto irritante.

— É engraçado — ele diz — o quanto pensamos que tudo isso importava. Você sabe o que realmente importa? — ele espera minha resposta. Sinto como se fosse ser vítima de uma brincadeira, portanto não digo nada. — O último sinal para entrar em aula.

Agora ele me encurralou. Sei que ele está me manipulando, mas me sinto incapaz de detê-lo.

— O último sinal para entrar em aula?

— O som mais comum do mundo. E, quando tudo isso acabar, vai haver últimos sinais de novo — ele insiste no ponto. Talvez esteja preocupado com a possibilidade de eu não entender. — Pense nisso! Quando um último sinal tocar outra vez, a normalidade estará de volta. Crianças correndo para a sala de aula, sentando-se entediadas, esperando o sinal de saída e pensando no que farão à noite, no fim de semana, nos próximos 50 anos. Como nós, elas vão aprender a respeito de desastres naturais, doenças e guerras

mundiais. Você sabe, “Quando os alienígenas chegaram, 7 bilhões de pessoas morreram” e então o sinal vai tocar e todos irão almoçar e reclamar das batatas fritas encharcadas. Tipo, “Uau, sete bilhões de pessoas, isso é muito. Isso é triste. Você vai comer todas essas batatas?” *Isso* é normal. *Isso* é o que importa.

Então não era uma brincadeira.

— Batatas fritas encharcadas?

— Ok, tudo bem. Nada disso faz sentido. Sou um idiota.

Ele sorri. Cercados pela barba desgrenhada, seus dentes parecem muito brancos e agora, já que ele sugeriu, penso em beijá-lo e se os pelos no lábio superior vão fazer cócegas.

Afasto o pensamento. Promessas não têm preço e um beijo também é uma espécie de promessa.

2

Ainda clara, a luz das estrelas atravessa a escuridão, cobrindo a estrada com um branco perolado. A grama seca brilha, as árvores desfolhadas brilham. Exceto pelo vento cortando a terra morta, o mundo está envolto em um silêncio hibernal.

Eu me agacho ao lado de um SUV parado e dou uma última olhada no hotel que ficou para trás. Um retângulo branco de dois andares indistinto entre um amontoado de outros retângulos brancos indistintos. A somente sete quilômetros do imenso buraco que era o Campo Abrigo, nós o apelidamos de Hotel Walker em homenagem ao criador do imenso buraco. Sullivan nos contou que o hotel era o ponto de encontro combinado com Evan. Achei que era próximo demais à cena do crime, difícil demais de defender e, de qualquer maneira, Evan estava morto. Lembrei Zumbi que são necessários dois para um encontro. Meu argumento foi derrubado. Se Walker realmente era um deles, talvez tivesse encontrado um meio de sobreviver.

— Como? — perguntei.

— Havia veículos de fuga — Sullivan contou.

— E?

Ela franziu as sobrancelhas e respirou fundo.

— *E*... ele poderia ter escapado em um deles.

Olhei para ela, que retribuiu o olhar. Não dissemos nada. Então Zumbi falou:

— Bem, temos que nos abrigar *em algum lugar,* Especialista — ele ainda não tinha encontrado o folheto sobre as cavernas. — E devemos dar a ele o benefício da dúvida.

— O benefício da dúvida? — perguntei.

— De que ele seja quem afirma ser — Zumbi olhou para Sullivan, que ainda estava olhando para mim. — De que ele vai cumprir a promessa.

— Ele prometeu que me acharia — ela explicou.

— Eu vi o avião de carga, mas não vi um veículo de fuga — eu disse.

Sullivan corou sob as sardas.

— Só porque você não o viu...

Eu me virei para Zumbi.

— Isso não faz sentido. Um ser milhares de anos mais avançado do que nós se volta contra a própria espécie... para quê?

— Não me informaram sobre a parte dos motivos — Zumbi disse com um meio sorriso.

— Toda a história dele é estranha — eu continuei. — Consciência pura ocupando um corpo humano. Se eles não precisam de corpos, eles não precisam de um planeta.

— Talvez eles precisem do planeta para outro fim — Zumbi estava realmente tentando encontrar respostas.

— Como o quê? Criar gado? Um lugar para passar as férias? — algo mais estava me preocupando, uma vozinha incômoda que dizia *tem mais alguma coisa errada aqui. Alguma coisa não faz sentido.* Mas eu não conseguia descobrir o que era. Sempre que eu perseguia essa dúvida, ela escapava.

— Não deu tempo para falar sobre todos os detalhes — Sullivan disparou irritada. — Eu estava mais concentrada em resgatar meu irmão de um campo de extermínio.

Deixei passar. A cabeça dela parecia prestes a explodir.

Consigo vislumbrar essa mesma cabeça na minha última olhada para trás, formando uma silhueta em uma das janelas do primeiro andar do hotel, e isso é ruim, muito ruim: ela é um alvo fácil para um atirador. O próximo Silenciador que Sullivan encontrar pode não ficar tão apaixonado quanto o primeiro.

Abaixo-me na estreita fileira de árvores que margeiam a estrada. Duras devido ao gelo, as ruínas de outono estalam sob minhas botas. Folhas encurvadas como punhos, lixo e ossos

humanos espalhados por pessoas em busca de algo útil. O vento frio carrega o cheiro fraco de fumaça. O mundo vai queimar durante 100 anos. O fogo vai consumir o que fizemos com madeira, plástico, borracha e tecido, depois a água, o vento e o tempo vão mastigar a pedra e o aço, transformando-os em pó. É atordoante saber que imaginamos cidades incineradas por bombas alienígenas e raios mortais quando eles só precisavam da mãe natureza e do tempo.

E de corpos humanos, segundo Sullivan, apesar de que, também segundo Sullivan, eles não precisam de corpos.

Há algo contraditório aqui. Uma existência virtual não precisa de um planeta físico. Sullivan não dá ouvidos e Zumbi age como se não fosse importante. Qualquer que seja o objetivo, diz ele, a questão principal é que eles querem todos mortos. O resto é só conversa.

Talvez. Mas não acredito nisso.

Por causa dos ratos.

Eu me esqueci de contar a Zumbi sobre os ratos.

3

Chego aos arredores ao sul de Urbana ao nascer do sol, Na metade do caminho, exatamente no horário.

Nuvens vieram do norte; o sol se ergue no céu e pinta o horizonte com um cintilante tom castanho-avermelhado, Vou me esconder entre as árvores até o cair da noite, depois vou atravessar os campos abertos para o oeste da cidade e rezo para que a cobertura de nuvens aguente por algum tempo, pelo menos até eu alcançar outra vez a rodovia do outro lado. Contornar Urbana acrescenta alguns quilômetros ao trajeto, porém a única coisa mais arriscada do que passar por uma cidade durante o dia é tentar o mesmo à noite.

E é tudo sobre risco.

A névoa se ergue do chão gelado. O frio é intenso. Ele pressiona minhas bochechas, faz meu peito doer a cada inspiração. Sinto o antigo anseio pelo fogo fincado no fundo dos meus genes. Domar o fogo foi a nossa primeira grande conquista: o fogo nos protegeu e nos manteve aquecidos, transformou nossos cérebros ao mudar nossa alimentação de nozes e frutas silvestres para carne rica em proteínas. Agora, o fogo é mais uma arma no arsenal de nosso inimigo. À medida que um inverno rigoroso se aproxima, estamos espremidos entre dois riscos inaceitáveis: morrer congelados ou alertar o inimigo de nossa localização.

Sentada com as costas apoiadas numa árvore, pego o folheto. *As cavernas mais pitorescas de Ohio!* Zumbi está certo. Não vamos sobreviver até a primavera sem um abrigo, e as cavernas são nossa melhor, se não a única, aposta. Talvez elas tenham sido ocupadas ou destruídas pelo inimigo. Talvez estejam ocupadas por sobreviventes que atiram em estranhos assim que os veem, mas o risco se multiplica por dez a cada dia que permanecemos naquele hotel.

Se as cavernas não derem certo, não temos alternativa. Nenhum lugar para correr, nenhum lugar para se esconder, e a ideia de lutar é ridícula. O relógio está parando.

Quando ressaltei esse ponto para Zumbi, ele me disse que eu penso demais. Ele estava sorrindo. Depois, ele parou de sorrir e disse:

— Não deixe que eles entrem na sua cabeça — como se fosse um jogo de futebol e eu precisasse de um bate-papo motivador no intervalo. *Ignore o placar de 5 a 0. Jogue para honrar a camisa!* São momentos como esses que me fazem querer estapeá-lo, não que estapeá-lo fosse ajudar em alguma coisa, mas faria com que eu me sentisse melhor.

A brisa para de soprar. Há uma quietude de expectativa no ar, a calma antes da tempestade. Se nevar, vamos ficar encurralados. Eu nesta floresta, Zumbi no hotel. Ainda me encontro a cerca de 35 quilômetros das cavernas. Devo me arriscar a atravessar os campos abertos em pleno dia ou a enfrentar a neve esperando pelo menos até o anoitecer?

De volta à palavra que começa com R. Tudo gira em torno do risco. Não só o nosso, o deles também: encerrando-se em corpos humanos, criando campos de extermínio, treinando crianças para consumar o genocídio, tudo isso é loucamente arriscado, estupidamente arriscado. Como Evan Walker, contraditório, ilógico e muito *estranho.* Os primeiros ataques mostraram uma eficiência brutal, eliminando 98% da população e até a quarta onda fez algum sentido: é mais difícil formar uma resistência significativa quando não se pode confiar um no outro. Mas depois disso a brilhante estratégia deles começa a se desfazer. Dez mil anos para planejar a erradicação dos humanos da Terra e *isso* é o melhor que conseguem fazer? É essa pergunta que não consigo evitar que fique se revirando na minha cabeça, desde Teacup e a noite dos ratos.

No interior da floresta, atrás de mim à esquerda, um leve gemido corta o silêncio. Reconheço o som imediatamente; eu o ouvi milhares de vezes desde que eles chegaram. Nos primeiros dias,

ele era quase onipresente, um constante som de fundo, como o zunido do tráfego numa rodovia movimentada: o som de um ser humano sofrendo.

Tiro a ocular da mochila e ajusto a lente com cuidado sobre o olho esquerdo. Vagarosamente. Sem pânico. O pânico destrói os neurônios. Eu me levanto, verifico a trava do ferrolho do rifle e ando entre as árvores na direção do som, examinando o terreno à procura do revelador brilho verde de um "infestado". A névoa encobre as árvores; o mundo está enfeitado de branco. Os meus passos retumbam no chão congelado. A minha respiração é um estrondo sônico.

A delicada cortina branca se abre a 20 metros de distância e vejo um vulto caído encostado numa árvore, a cabeça para trás, as mãos apertadas no colo. A cabeça não brilha na minha ocular, o que significa que ele não é um civil; ele faz parte da 5ª Onda.

Aponto o rifle para a cabeça dele.

— Mãos! Quero ver suas mãos!

A boca dele está aberta. Seu olhar vazio observa o céu cinzento entre os galhos nus cintilantes de gelo. Eu me aproximo. Um rifle idêntico ao meu se encontra no chão ao lado dele. Ele não tenta pegá-lo.

— Onde está o resto do seu esquadrão? — pergunto.

Ele não responde. Abaixo a arma. Sou uma idiota. Nesse tempo, eu veria sua respiração e não há nenhuma. O gemido que ouvi deve ter sido o último. Prendendo a respiração, dou uma lenta olhada em toda minha volta, mas não vejo nada além de árvores e névoa, não escuto nada além de meu sangue rugindo nos ouvidos. Aproximo-me do corpo, obrigando-me a não me apressar, para não deixar escapar nada. Nada de pânico. Pânico mata.

Arma igual à minha. O mesmo uniforme. E lá está a ocular no chão, ao seu lado. Ele é mesmo da 5ª Onda.

Analiso o rosto. Ele parece vagamente familiar. Deduzo que tem uns 13 anos, a idade de Dumbo. Ajoelho-me ao seu lado e aperto a

ponta dos dedos no seu pescoço. Sem pulso. Abro a jaqueta dele e levanto a camisa ensanguentada para ver o ferimento. Ele foi atingido no ventre por um tiro de alto calibre.

Um tiro que não ouvi. Ou ele está ali há algum tempo, ou o atirador está usando um silenciador.

Silenciador.

Segundo Sullivan, Evan Walker eliminou um esquadrão inteiro sem auxílio, à noite, ferido, uma espécie de ensaio para destruir sozinho uma instalação militar inteira. Na época, achei difícil acreditar na história de Cassie. Agora há um soldado morto aos meus pés. Seu esquadrão desapareceu em combate. E eu estou sozinha com o silêncio da floresta e a cortina de névoa leitosa e branca.

Agora não parece mais tão improvável.

Pense depressa. Não entre em pânico. Como em xadrez. Analise as probabilidades. Calcule os riscos.

Tenho duas opções. Ficar ali até algo acontecer ou a noite cair. Ou sair da floresta, depressa. Quem o matou pode estar a quilômetros de distância ou escondido atrás de uma árvore, esperando a chance de um bom tiro.

As possibilidades se multiplicam. Onde está seu esquadrão? Morto? Caçando a pessoa que o matou? E se a pessoa que atirou nele fosse um colega recruta que “deu uma de Dorothy”? Esqueça o esquadrão. O que vai acontecer se chegar algum reforço?

Pego a faca. Faz cinco minutos que o encontrei. Eu já estaria morta se alguém soubesse que estou ali. Vou esperar até anoitecer, mas tenho que me preparar para a possibilidade de outro transgressor da 5ª Onda estar vindo em minha direção.

Aperto a sua nuca até encontrar a pequena protuberância sob a cicatriz. *Fique calma. É como no xadrez. Ataque e defesa.*

Corto ao longo da cicatriz devagar e desenterro a pelota com a ponta da faca, onde ela fica suspensa numa gota de sangue.

Então sempre vamos saber onde você está. Para mantê-lo em segurança.

Risco. O risco de aparecer numa ocular. Do outro lado o risco de o inimigo fritar o meu cérebro com o toque de um botão.

A pelota em seu leito de sangue. A terrível quietude das árvores, o frio tenaz e a neblina que se enrodilha entre os galhos como dedos entrelaçados. E a voz de Zumbi em minha cabeça: *Você pensa demais.*

Enfio a pelota entre a bochecha e a gengiva. Burrice. Deveria tê-la limpado primeiro: sinto o gosto do sangue do garoto.

4

Não estou só.

Não posso vê-lo ou ouvi-lo, mas posso senti-lo. Cada centímetro do meu corpo formiga com a sensação de estar sendo observada. Agora uma sensação desconfortavelmente familiar, presente desde o início. O simples fato de a nave mãe pairar em órbita nos primeiros dez dias causou rachaduras no edifício humano. Uma diferente espécie de praga viral: incerteza, medo, pânico. Rodovias congestionadas, aeroportos desertos, salas de emergência lotadas, governos confinados, racionamento de água e combustível, lei marcial em alguns lugares, falta de lei em outros. O leão se abaixa no capim alto. A gazela fareja o ar. A terrível quietude antes do ataque. Pela primeira vez em dez milênios, sabemos novamente o que é ser uma presa.

As árvores estão apinhadas de corvos. Cabeças negras lustrosas, olhos negros vazios, as silhuetas de ombros curvados lembrando velhinhos sentados em bancos nos parques. Eles são centenas, empoleirados nas árvores e saltando pelo chão. Olho para o corpo ao meu lado, os olhos vazios e insondáveis como os dos corvos. Sei por que os pássaros vieram. Eles estão com fome.

E eu também, de modo que procuro a sacolinha de carne seca e balas de goma ligeiramente vencidas. Comer também é um risco, porque preciso remover o rastreador da boca, mas preciso me manter alerta e, para ficar alerta, preciso de energia. Os corvos me observam, inclinando as cabeças como que buscando ouvir o som de minha mastigação. *Gordos inúteis. Como podem estar com fome?* Os ataques renderam milhões de toneladas de carne. No auge da praga, imensos bandos cobriam o céu, as suas sombras disparando pela paisagem em combustão. Os corvos e outras aves de rapina fecharam o círculo da 3ª Onda. Eles se alimentavam de corpos infectados e depois espalhavam o vírus em novos territórios.

Posso estar errada: talvez estejamos sozinhos, eu e este garoto morto. Quanto mais segundos passam, mais me sinto segura. Se

alguém está observando, só posso pensar em um motivo pelo qual ele não atirou: ele está esperando para ver se aparecem mais crianças idiotas brincando de soldado.

Termino meu café da manhã e escorrego a pelota para dentro da boca. Os minutos se arrastam. Um dos fatos mais desconcertantes sobre a invasão — além de assistir a todos que conhece e ama morrer de maneiras horríveis — era sentir como o tempo diminuía seu ritmo enquanto os acontecimentos aceleravam. Dez mil anos para construir a civilização, dez meses para destruí-la, e cada dia durava dez minutos a mais do que o anterior, e as noites duravam dez vezes mais do que os dias. O único fato mais torturante do que o tédio daquelas horas era o terror de saber que elas poderiam terminar a qualquer instante.

Meio da manhã: a névoa se ergue e a neve começa a cair em flocos menores que os olhos dos corvos. Não há um único sinal de vento. A floresta está envolta em um brilho de sonho, branco e brilhante. Se a neve continuar fraca, vou ficar bem até a noite.

Se eu não adormecer. Não durmo há 24 horas e me sinto aquecida, confortável e ligeiramente entorpecida.

No silêncio frágil, a minha paranoia só aumenta. A minha cabeça está perfeitamente centralizada na sua ocular. Ele está no alto das árvores, deitado imóvel como um leão entre os arbustos. Para ele, sou um enigma. Eu deveria estar em pânico. Assim, ele não atira, permitindo que a situação evolua. Deve haver algum motivo para que eu fique ali com um cadáver.

Mas não entro em pânico. Não disparo como uma gazela amedrontada. Sou maior do que a soma do meu medo.

Não é o medo que irá derrotá-los. Não o medo, a fé ou a esperança, tampouco o amor, mas, sim, a raiva.

Dane-se, Sullivan disse para Vosch. É a única parte de sua história que me impressionou. Ela não chorou. Ela não rezou. Ela não implorou.

Ela pensou que tinha acabado e, quando acaba, quando o relógio chega ao seu último segundo, o tempo para chorar, rezar e implorar acaba.

— *Dane-se* — sussurro. Dizer as palavras faz com que eu me sinta melhor. Digo-as de novo, mais alto. Minha voz é levada para longe pelo vento.

Um bater de asas no fundo das árvores à minha direita, o petulante crocitar dos corvos e, na minha ocular, um minúsculo ponto verde cintilando entre o marrom e o branco.

Encontrei você.

O tiro vai ser difícil. Difícil, mas não impossível. Eu nunca tinha manejado uma arma de fogo até o inimigo me encontrar escondida num ponto de parada nos arredores de Cincinnati, levar-me para o seu acampamento e colocar um rifle na minha mão, momento em que o sargento-chefe de exercícios se perguntou em voz alta se o comando tinha inserido uma especialista na unidade. Seis meses depois, pus uma bala em seu coração.

Tenho um dom.

A luz verde faiscante está se aproximando. Talvez ele saiba que o vi. Não importa. Acaricio o metal liso do gatilho e pela ocular observo a bolha de luz aumentar. Talvez ele pense que está fora de alcance ou esteja se posicionando para um tiro melhor.

Não importa.

Talvez não seja um dos assassinos silenciosos de Sullivan. Pode ser apenas um pobre sobrevivente perdido, esperando resgate.

Não importa. Só uma coisa importa agora.

O *risco.*

5

No hotel, Sullivan me contou uma história sobre como atirou num soldado atrás de uma geladeira de cervejas e o quanto se sentiu mal depois.

— Não era uma arma — ela tentou explicar. — Era um crucifixo.

— Por que isso é importante? — perguntei. — Poderia ter sido uma boneca de trapo ou um pacote de balas. Que outra escolha você tinha?

— Eu não tinha. É *isso* que estou tentando dizer.

Sacudi a cabeça.

— Às vezes a gente está no lugar errado na hora errada, e não é culpa de ninguém quando acontece. Você só quer se sentir mal para se sentir melhor.

— Mal para me sentir melhor? — e um forte rubor de raiva se espalhou sob as sardas. — Isso simplesmente não faz nenhum sentido.

— “Eu matei um cara inocente, mas olhe como me sinto culpada” — expliquei. — O cara ainda está morto.

Ela me olhou fixamente durante muito tempo.

— Bem, entendo por que Vosch queria você na equipe.

A bolha verde de sua cabeça avança na minha direção, serpenteando entre as árvores, e agora vejo o brilho do seu rifle pela neve lânguida. Tenho certeza de que não é um crucifixo.

Abraço o rifle e recosto a cabeça na árvore como se estivesse cochilando ou olhando os flocos flutuarem entre os cintilantes galhos desfolhados, a leoa no capim alto.

Menos de meio metro de distância. A velocidade do projétil de uma M16 ao deixar a arma é de 950 metros por segundo. O que significa que lhe restam 5 décimos de segundo na Terra.

Espero que ele os gaste com sabedoria.

Viro o rifle, endireito os ombros e solto a bala que completa o círculo.

O bando de corvos dispara das árvores, uma profusão de asas negras e gritos roucos e zangados. A bola verde de luz cai e não se levanta.

Espero. Melhor esperar e ver o que vai acontecer em seguida. Cinco minutos. Dez. Nenhum movimento. Nenhum som. Nada além do silêncio ensurdecedor da neve. A floresta parece muito vazia sem a companhia dos pássaros. Deslizo alguns centímetros com as costas coladas à arvore e fico quieta mais alguns minutos. Agora consigo ver o brilho verde outra vez, no chão, imóvel. Ando até o corpo do recruta morto. Folhas congeladas estalam sob minhas botas.

Cada passo mede o tempo que vai se acabando. A meio caminho do corpo, dou-me conta do que fiz.

Teacup está deitada enrodilhada como uma pequena bola ao lado de uma árvore caída, o rosto coberto por fragmentos das folhas do ano anterior.

Atrás de uma fileira de geladeiras de cerveja vazias, um homem agonizante apertava um crucifixo de encontro ao peito. O matador não teve escolha. Eles não lhe deram escolha. Por causa do risco. Para ela. Para eles.

Eu me ajoelho ao lado dela. Seus olhos estão arregalados de dor. Ela estende as mãos vermelhas escuras para mim na luz cinzenta.

— Teacup — sussurro. — Teacup, o que você está fazendo aqui? Onde está Zumbi?

Corro os olhos pela floresta, mas não escuto ou vejo nem ele nem outra pessoa. O peito dela se ergue e sangue espumoso sai por seus lábios. Ela está sufocando. Delicadamente, viro seu rosto para o chão para limpar a boca.

Ela deve ter ouvido quando falei. Foi assim que me encontrou, pela minha voz.

Teacup grita. O som corta o silêncio como uma faca, salta e ricocheteia das árvores. *Inaceitável.* Aperto com força seus lábios ensanguentados e digo para ficar quieta. Não sei quem atirou no garoto que encontrei, mas quem quer que tenha sido não deve estar longe. Se o som de meu rifle não o fizer voltar para investigar, o grito dela o fará.

Droga, fique quieta! Fique quieta! Que raios você está fazendo aqui fora, aproximando-se de mim às escondidas desse jeito, sua estúpida? Burra. Burra, burra, burra.

Dentes raspam freneticamente a palma da minha mão. Dedos minúsculos procuram o meu rosto. Minhas bochechas estão tingidas com o sangue dela. Com a mão livre, abro a sua jaqueta. Tenho que pressionar o ferimento ou ela vai perder o sangue todo.

Agarro o colarinho da camisa dela e a rasgo, expondo o seu peito. Junto o que restou e aperto o buraco de onde jorra o sangue debaixo das costelas. Ela se contorce ao meu toque com um soluço estrangulado.

— O que foi que eu lhe disse, soldado? — sussurro. — Qual é a prioridade?

Os lábios escorregadios passam na palma de minha mão. As palavras não saem.

— Nada de pensamentos negativos — digo a ela. — Nada de pensamentos negativos. Nada de pensamentos negativos. Porque pensamentos negativos nos deixam moles. Eles nos fazem ficar moles. Moles. Moles. E não podemos amolecer. Não podemos. O que acontece quando amolecemos?

A floresta está repleta de sombras ameaçadoras. Escuto um estalo ao longe. Uma bota esmagando o solo congelado? Ou um galho coberto de gelo se quebrando? Poderíamos estar cercadas por centenas de inimigos. Ou por nenhum.

Repasso rapidamente as nossas opções. Não existem muitas e todas são uma droga.

Primeira opção: ficamos. O problema é: ficar para quê? A unidade do recruta morto está desaparecida. Quem matou o garoto está desaparecido. E Teacup não tem chance de sobreviver sem cuidados médicos. Ela tem minutos, não horas.

Segunda opção: fugimos. O problema é: *para onde?* O hotel? Teacup iria sangrar até a morte antes de conseguirmos voltar e, além disso, ela deve ter saído por uma boa razão. As cavernas? Não posso arriscar atravessar Urbana, o que significa acrescentar quilômetros de campos abertos e muitas horas à jornada que iria terminar num lugar que provavelmente também não é seguro.

Existe uma terceira opção. Impensável. E a única que faz sentido.

A neve cai mais forte, o cinza se aprofunda. Amparo seu rosto com uma das mãos e com a outra pressiono o ferimento, mas sei que é inútil. Minha bala atravessou o abdômen; o ferimento é catastrófico.

Teacup vai morrer.

Eu deveria deixá-la. Agora.

Mas não faço isso. Não posso. É como eu disse a Zumbi na noite em que Campo Abrigo explodiu: no minuto em que decidimos que uma pessoa não importa, eles vencem, e agora minhas palavras são a corrente que me prende a ela.

Seguro-a nos braços no horrível e pesado silêncio na floresta, na neve.

6

Coloco-a no chão da floresta com delicadeza. Totalmente sem cor, o seu rosto é somente um pouco mais escuro do que a neve. A boca pende aberta, as pálpebras tremulam. Ela entrou num estado de inconsciência e acho que não vai acordar de novo.

Minhas mãos tremem. Estou lutando para não desmoronar. Estou furiosa como o diabo com ela, comigo, com os 7 bilhões de dilemas impossíveis que a chegada deles trouxe, com as mentiras e as enlouquecedoras inconstâncias e todas as ridículas promessas mudas, inúteis e estúpidas que foram quebradas desde que eles vieram.

Não amoleça. Pense no que importa, aqui, agora; você é boa nisso.

Decido esperar. Não pode demorar muito mais. Talvez depois que ela morrer, talvez a fraqueza no meu interior passe e vou poder pensar com clareza. Cada minuto de tranquilidade significa que ainda tenho tempo.

Mas o mundo é um relógio prestes a parar e não existem mais coisas como minutos tranquilos.

Um segundo depois de decidir ficar com ela, o som monótono dos rotores quebra o silêncio. O ruído dos helicópteros me faz voltar à realidade, dar-me conta do que importa: além de atirar, é o que sei fazer melhor.

Não posso permitir que levem Teacup viva.

Se a levarem, talvez possam salvá-la. E, se a salvarem, farão com que passe pelo País das Maravilhas. Há uma chance mínima de que Zumbi ainda esteja a salvo no hotel. A chance de que Teacup não estava fugindo de nada e que só partiu para me encontrar. A queda de uma de nós na toca do coelho significa que todo mundo está perdido.

Tiro a pistola do coldre.

No minuto em que decidimos... Gostaria de ter um minuto. Gostaria de ter 30 segundos. Trinta segundos seriam uma vida. Um minuto seria uma eternidade.

Aponto a arma para cabeça dela e levanto o rosto para o cinza. A neve aterrissa na minha pele, onde tremula um instante antes de derreter.

Sullivan tinha seu Soldado do Crucifixo e agora tenho o meu.

Não. Eu sou o soldado. Teacup é a cruz.

7

Então sinto sua presença, a presença do que está parado imóvel no meio das árvores me observando. Olho e vejo a sombra quase imperceptível com forma humana entre as árvores escuras. Durante um momento, nenhum de nós se move. Sei, sem me dar conta como, que foi ele quem atirou no garoto e nos outros membros do esquadrão. E sei que o atirador não é um recruta. A cabeça dele não brilha na ocular.

A neve gira, o frio aperta. Pisco, e a sombra desaparece. Se é que ela esteve ali.

Estou perdendo o controle. Variáveis demais. Riscos demais. Tremendo incontrolavelmente, pergunto-me se eles finalmente conseguiram me quebrar; depois de sobreviver ao *tsunami* que levou minha casa, à praga que me tirou a família, ao campo de extermínio que me fez perder a esperança, à menininha inocente que recebeu minha bala, estou em estado terminal, esgotada, acabada... era só uma questão de *tempo.* Nunca *se,* mas sempre *quando.*

Os helicópteros descem. Tenho que terminar o que comecei com Teacup ou irei me juntar a ela no chão.

Acompanho o cano da pistola com os olhos até o rosto pálido e angelical aos meus pés, minha vítima, minha cruz.

E o rugido dos Falcões Negros se aproximando faz com que meus pensamentos pareçam leves gemidos agudos de um roedor agonizante.

É como os ratos, não é, Cup? Exatamente como os ratos.

8

Os animais nocivos fervilhavam no velho hotel. O frio tinha matado as baratas, mas outras pragas sobreviveram, principalmente percevejos e traças-das-tapeçarias. E elas estavam famintas. Em um dia, todos ficamos cobertos de picadas. O porão para onde tinham sido levados os cadáveres durante a praga pertencia às moscas. Quando entramos, a maioria das moscas tinha morrido. Eram tantas que os corpos negros estalavam sob nossos pés quando fomos até lá no primeiro dia. E esse também foi o último em que descemos ao porão.

O prédio inteiro cheirava a podridão. Eu disse a Zumbi que abrir as janelas iria ajudar a dissipar o mau cheiro e matar alguns dos insetos. Ele disse que preferia ser picado e ter náuseas a morrer congelado. Enquanto sorria para me impregnar com seu charme irresistível. *Relaxe*, *Especialista*. *É só mais um dia na selva dos alienígenas.*

Os insetos e o cheiro não incomodavam Teacup. Eram os ratos que a enlouqueciam. Eles tinham aberto buracos nas paredes e, durante a noite, seu mastigar e arranhar a mantinham (e, consequentemente, a mim) acordada. Ela se agitava e virava, choramingava e reclamava, e quase sempre ficava obcecada, pois praticamente quaisquer outros pensamentos sobre nossa situação acabavam num lugar ruim. Numa tentativa vã para distraí-la, comecei a lhe ensinar xadrez, usando uma toalha como tabuleiro e moedas como peças.

— Xadrez é um jogo idiota para pessoas idiotas — ela me informou.

— Não, é muito democrático — retruquei. — Pessoas inteligentes também jogam.

Teacup revirou os olhos.

— Você quer jogar só para me vencer.

— Não, quero jogar porque sinto falta.

— É *disso* que você sente falta? — ela perguntou boquiaberta.

Posicionei as moedas na toalha.

— Não decida o que sente sobre alguma coisa antes de experimentá-la. — eu tinha mais ou menos a idade dela quando comecei. O maravilhoso tabuleiro de madeira sobre um suporte no escritório de meu pai. As peças brilhantes de marfim. O rei carrancudo. A rainha altiva. O cavaleiro nobre. O bispo piedoso. E o jogo, a forma como cada peça contribuía com seu poder individual para o todo. Era simples. Era complexo. Era selvagem e elegante. Era uma dança; era uma guerra. Era infinito e eterno. Era vida.

— Centavos são peões — eu lhe disse. — Níqueis são torres, moedas de 10 centavos são cavalos e bispos, e moedas de 25 centavos, são reis e rainhas.

Ela sacudiu a cabeça. Especialista é uma idiota.

— Como podem moedas de 10 centavos e moedas de 25 centavos serem duas coisas?

— Cara: cavalos e reis. Coroa: bispos e rainhas.

A frieza do marfim. A forma como as bases cobertas de feltro deslizavam sobre a madeira envernizada, como o ribombar sussurrado de um trovão. O rosto de meu pai se inclinava sobre o tabuleiro, magro e barbado, com olhos vermelhos e lábios apertados, coberto de sombras. O cheiro adocicado de álcool e dedos que tamborilavam como asas de bem-te-vis.

É chamado de esporte dos reis, Marika. Você gostaria de aprender a jogar?

— É o esporte dos reis — digo a Teacup.

— Bom, não sou um rei — ela cruzou os braços. Tão *superior* a mim. — Gosto de damas.

— Então você vai adorar xadrez. O xadrez são damas que tomaram esteroides.

O meu pai batendo as unhas quebradas no tampo da mesa. Os ratos arranhando o interior das paredes.

— Teacup, é assim que o bispo se move.

É assim que o cavaleiro se move, Marika.

Ela empurrou um pedaço de chiclete velho na boca e mastigou furiosamente enquanto os pedaços ressecados se partiam. Hálito de menta. *Rasp, rasp, tap, tap.*

— Tente uma vez — implorei. — Tenho certeza de que você vai adorar.

Ela agarrou a ponta da toalha.

— Olhe o que eu sinto.

Percebi o que ia acontecer, mas mesmo assim me encolhi quando ela puxou a toalha e as moedas explodiram no ar. Um níquel saltou em sua testa e ela nem piscou.

— Aí! — Teacup gritou. — Acho que foi xeque-mate, vaca!

Reagi sem pensar e a estapeei.

— Nunca mais me chame disso. *Nunca.*

O frio deixou o tapa mais dolorido. Ela estirou o lábio inferior, seus olhos se encheram de lágrimas, mas ela não chorou.

— Eu odeio você — ela disse.

— Não me importo.

— Não, odeio você, Especialista. Odeio toda merda que você faz.

— Você sabe que falar palavrões não faz de você uma adulta.

— Então acho que sou um bebê. Merda, merda, merda! Foda, foda, foda! — ela ia tocar o rosto, mas parou. — Não preciso obedecer você. Você não é minha mãe, nem minha irmã, nem *ninguém.*

— Então por que ficou grudada em mim como um carrapato desde que saímos do acampamento?

Uma lágrima caiu, apenas uma gota que escorreu pelo rosto vermelho. Ela estava muito pálida e magra, e sua pele tão luminosa quanto as peças de xadrez de meu pai. Fiquei surpresa pelo fato de o tapa não a ter partido em mil pedaços. Eu não sabia o que dizer ou retirar o que tinha sido dito, de modo que não disse nada. Em vez disso, pus a mão em seu joelho. Ela empurrou a mão para longe.

— Quero minha arma de volta — ela disse.

— Por que você quer a arma de volta?

— Para poder atirar em você.

— Então não vou mesmo devolver a arma.

— Você pode devolvê-la para eu atirar em todos os ratos?

Suspirei.

— Não temos balas suficientes.

— Então vamos envenená-los.

— Com o quê?

Ela jogou as mãos para cima.

— Certo, colocamos fogo no hotel e eles vão morrer no fogo!

— É uma ótima ideia, mas acontece que estamos morando aqui.

— Então eles vão vencer. Vão ganhar de nós. Um bando de *ratos.*

Sacudi a cabeça. Não compreendi.

— Ganhar... como?

Ela arregalou os olhos, sem acreditar. Especialista, a tonta.

— Escute o barulho que eles fazem! Eles estão *comendo* tudo! E logo você não vai mais morar aqui porque não vai mais ter um *aqui* para morar!

— Isso não é ganhar — declarei. — Eles também não teriam uma casa.

— Eles são *ratos,* Esp. Eles não são tão prevenidos.

Não só os ratos, pensei naquela noite, depois que ela finalmente adormeceu ao meu lado. Escutei-os nas paredes, mastigando, arranhando, guinchando. Algum dia, com a ajuda do clima, dos insetos e do tempo, o velho hotel iria desabar. Dali a 100 anos, iriam sobrar apenas os alicerces. Dali a 1.000, não sobraria nada. Seria como se nunca tivéssemos existido. Quem precisa do tipo de bombas usadas no Campo Abrigo quando elas podem voltar as forças da natureza contra nós?

Teacup tinha colado o corpo ao meu com força. Até sob montes de cobertas, o frio era implacável. Inverno: uma onda que eles não precisavam controlar. O frio iria matar mais outros milhares.

Nada que acontece é insignificante, *Marika*, meu pai me disse durante uma das aulas de xadrez. *Cada lance importa. A capacidade está em compreender quanto*, *cada vez, sempre.*

Isso me incomodava. O problema dos ratos. Não o problema de Teacup. Não o problema *com* os ratos. O problema *dos* ratos.

9

Vejo os helicópteros se aproximando entre os galhos desfolhados vestidos de branco: três pontos pretos em contraste com o cinza. Tenho segundos.

Opções:

Matar Teacup e me arriscar enfrentando os três Falcões Negros equipados com mísseis Hellfire.

Deixar Teacup para ser morta por eles — ou pior, ser salva.

Última opção: acabar com nós duas. Uma bala para ela, outra bala para mim.

Não sei se Zumbi está bem. Não sei se alguma coisa — se é que houve alguma — fez Teacup sair do hotel. O que sei é que as nossas mortes podem ser sua única chance de viver.

Obrigo-me a apertar o gatilho. Se puder atirar a primeira bala, a segunda vai ser muito mais fácil. Digo a mim mesma que é tarde demais — tarde demais para ela, tarde demais para mim. Seja como for, não há como evitar a morte. Não é essa a lição que eles vêm martelando em nossos ouvidos há meses? Não há como se esconder nem como fugir dela. Adie-a por um dia, e ela certamente vai encontrá-lo no dia seguinte.

Ela parece tão linda, até irreal, aninhada em um abrigo de neve, os cabelos negros brilhando como ônix, sua expressão no sono a indescritível serenidade de uma estátua antiga.

Sei que matar as duas é a única opção com menor risco para a maioria das pessoas. E penso novamente nos ratos e em como, às vezes, para passar as intermináveis horas, Teacup e eu tramávamos uma campanha contra os animais nocivos com estratagemas, táticas, ondas de ataque, cada uma mais ridícula que a outra, até que ela explodia numa risada histérica. Eu lhe dei o mesmo sermão que dei a Zumbi no estande de tiro, a mesma aula que agora lembro, o medo que une o matador à presa e a bala que liga os dois

por um cordão de prata. Agora eu sou matador *e* presa, um círculo de uma espécie totalmente diferente, e minha boca fica seca como o ar estéril, e o meu coração, igualmente frio: a temperatura da verdadeira ira é o zero absoluto, e a minha é mais profunda que o oceano, mais ampla do que o universo.

Assim, não é a esperança que me faz voltar a escorregar a pistola de volta ao coldre. Não é fé e, certamente, não é amor.

É ira.

Ira e o fato de que ainda tenho o implante de um recruta morto alojado entre a bochecha e a gengiva.

10

Eu a levanto. A cabeça dela cai sobre meu ombro. Ando entre as árvores. Um Falcão Negro troveja acima. Os outros dois helicópteros se separaram, um para leste, outro para oeste, impedindo qualquer fuga. Os galhos altos e finos se curvam. A neve cai de lado no meu rosto. Teacup não pesa nada; é o mesmo que carregar um saco de roupas velhas.

Saímos do meio das árvores quando um Falcão Negro se aproxima rugindo vindo do norte. A rajada de ar chicoteia meus cabelos com a fúria de um ciclone. O helicóptero paira acima de nós e agora estamos imóveis, paradas no meio da estrada. Chega de correr. Chega.

Abaixo Teacup no chão negro. O helicóptero está tão perto que posso ver o visor preto do piloto, a porta aberta e o amontoado de corpos no interior, e sei que estou sob a mira de meia dúzia de armas, eu e a garotinha aos meus pés. E cada segundo que passa significa que sobrevivi mais um segundo e, a cada segundo, aumenta a probabilidade de que irei sobreviver ao próximo. Pode não ser tarde demais, não para mim, não para ela, ainda não.

Eu não brilho em suas oculares. Eu sou um deles. Devo ser, certo?

Tiro o rifle do ombro e escorrego o dedo pelo guarda-mato.

II
O extermínio

11

Desde a época em que eu mal sabia andar, o meu pai me perguntava, “Cassie, você quer voar?” E eu atirava os braços para o alto. *Você está brincando? Mas é claro que quero voar!*

E ele me segurava pela cintura e me jogava no ar. A minha cabeça caía para trás e eu era arremessada como um foguete na direção do céu. Por um instante que durava 1.000 anos, parecia que eu ia continuar voando até chegar às estrelas. Eu gritava de alegria com aquele medo selvagem que nos acomete numa montanha-russa, meus dedos agarrando as nuvens.

Voe, Cassie, voe!

Meu irmão também conhecia aquela sensação. Melhor do que eu, porque as lembranças eram mais recentes. Mesmo depois da Chegada, meu pai o lançava em órbita. Eu o vi brincando em Campo Ashpit alguns dias antes de Vosch aparecer e matá-lo.

Sam, garotão, você quer voar? Mudando o tom de voz de barítono para baixo como um antigo vendedor astuto, apesar de o passeio que estava vendendo ser gratuito e de valor incalculável. Meu pai, a plataforma de lançamento. Meu pai, a zona de aterrissagem. Meu pai, a corrente que evitava que Sams — e eu — se precipitasse para a nulidade do espaço profundo, ele mesmo uma nulidade agora.

Esperei que Sam perguntasse. Esse é o modo mais fácil de dar notícias horríveis. Também o mais desprezível. Mas ele não perguntou, Ele me contou.

— Papai está morto.

Uma pequena protuberância sob um amontoado de cobertas, olhos castanhos grandes, redondos e vazios como o do ursinho apertado de encontro ao seu rosto. *Ursinhos de pelúcia são para bebês*, ele me disse na primeira noite no Hotel do Inferno. *Agora sou um soldado.*

Enterrada na cama ao lado da dele, outro soldado solene e minúsculo me olha, a garota de 7 anos que chamam de Teacup. A menina com um adorável rosto de boneca e olhos assustados que não divide a cama com um bicho de pelúcia. Ela dorme com um rifle.

Bem-vinda à era pós-humana.

— Ah, Sam — deixei meu posto junto da janela e me sentei ao lado do casulo de cobertas que o envolve. — Sammy, eu não sabia como...

Ele me atinge no rosto com o punho fechado do tamanho de uma maçã. Não previ que isso ia acontecer. Vejo estrelas brilhantes explodindo. Durante um segundo, receei que ele tivesse deslocado minha retina.

Certo. Esfrego o rosto. *Eu mereci*.

— Por que você o deixou morrer? — ele perguntou. Ele não chorou nem gritou. Sua voz estava baixa e firme, fervilhando de raiva. — Você devia tomar conta dele.

— Eu não o deixei morrer, Sams.

O meu pai morrendo, rastejando na terra: — *Para onde você vai, pai?* —, e Vosch observando o meu pai rastejar como uma criança sádica faria com uma mosca da qual arrancou as asas, sombriamente satisfeito.

Teacup de sua cama:

— Bata nela de novo.

Sam, zangado com ela:

— Você, cale a boca.

— Não foi minha culpa — sussurrei, envolvendo o urso com o braço.

— Ele era mole — Teacup disse. — É isso que acontece quando se...

Sam pulou em cima dela em dois segundos. De repente, eram só punhos, joelhos e pés e poeira voando dos cobertores, e *Meu*

Deus, tem um rifle na cama dela! Empurrei Teacup para longe, segurando Sam nos braços e o apertando de encontro ao peito enquanto ele agitava os braços e esperneava, cuspindo e rangendo os dentes. Teacup gritava obscenidades e prometia matá-lo como a um cachorro caso ele a tocasse de novo. A porta se abriu com violência e Ben entrou de supetão no quarto usando o ridículo moletom de capuz amarelo.

— Tudo bem! — gritei acima dos berros. — Está sob controle!

— Cup! Nugget! Desçam!

Como se um interruptor tivesse sido ligado, as duas crianças ficaram em silêncio assim que Ben gritou a ordem. Sam ficou mole, Teacup se deixou cair na cabeceira da cama e cruzou os braços sobre o peito.

— Foi ela quem começou — Sam disse, fazendo bico.

— Eu estava pensando em pintar um grande X vermelho no teto — Ben falou, guardando a arma no coldre. — Obrigado por me poupar o trabalho — ele sorriu para mim. — Talvez Teacup deva ficar no meu quarto até Esp voltar.

— Ótimo! — Teacup falou. Ela pulou da cama, marchou até a porta, virou nos calcanhares, voltou até a cama, agarrou o rifle e se pendurou no punho de Ben.

— Vamos, Zumbi.

— Daqui a pouco — ele disse com delicadeza. — Dumbo está de guarda. Use a cama dele.

— Agora é minha — ela não resistiu a se despedir com um grito: — Seus idiotas!

— *Você* é um idiota! — Sammy gritou para ela. A porta bateu do jeito rápido e violento que batem as portas de hotel. — Idiota!

Ben olhou para mim, a sobrancelha direita erguida.

— O que aconteceu no seu rosto?

— Nada.

— Eu bati nela — Sammy contou.

— Você bateu nela?

— Por deixar o meu pai morrer.

Sam perdeu o controle. Com lágrimas, e não com punhos, e, assim que me dei conta, Ben estava ajoelhado e meu irmãozinho estava chorando em seus braços.

— Ei, está tudo bem, soldado — Ben disse. — Tudo vai ficar hem — e acariciava o corte militar ao qual eu ainda estava me acostumando. Sammy simplesmente não se parecia com Sammy sem o cabelão, dizendo o nome idiota do acampamento repetidas vezes. *Nugget, Nugget.* Eu sabia que não devia, mas me incomodava o fato de todos terem um *nom de guerre* menos eu. Eu gostava de *Desafio.*

Ben o levantou e colocou na cama. Depois, encontrou Urso caído no chão e o pôs no travesseiro. Sam o jogou longe, e Ben o pegou de novo.

— Você quer afastar Teddy do serviço ativo? — ele perguntou.

— Ele não se chama Teddy.

— Cabo Urso — Ben tentou.

— Só Urso, e eu nunca mais quero vê-lo de novo! — Sam cobriu a cabeça com as cobertas. — Vão embora! Todos vocês. Vão... embora!

Dei um passo em sua direção, mas Ben fez um *psst* e mostrou a porta com um gesto de cabeça. Eu o acompanhei para fora do quarto. Uma grande sombra se sobressaía junto da janela no corredor: o garoto grande e calado chamado Pão de Ló, cujo silêncio não se encaixava na categoria assustadora, e sim na variedade do silêncio profundo de um lago nas montanhas. Ben se recostou na parede com Urso apertado no peito, a boca ligeiramente aberta, suando apesar da temperatura congelante. Exausto depois de lutar com duas crianças, Ben estava com problemas, o que significava que todos estávamos.

— Ele não sabia que seu pai estava morto — ele disse.

Sacudi a cabeça.

— Ele sabia e não sabia. É uma daquelas coisas.

— É — Ben suspirou. — Aquelas coisas.

Uma sombra pesada como chumbo do tamanho de Newark caiu entre nós. Distraído, Ben acariciava a cabeça de Urso como um velho acaricia a cabeça de um gato enquanto lê o jornal.

— Vou voltar lá — eu disse.

Ben deu um passo para o lado, fechando a passagem.

— Talvez você não devesse.

— Talvez você não devesse enfiar o nariz em...

— Não é a primeira pessoa na vida dele a morrer. Ele vai superar.

— Uau, isso foi duro. *Estamos falando do cara que também era meu pai, Zumbi.*

— Você sabe o que eu quis dizer.

— Por que as pessoas sempre falam isso depois de dizer algo extremamente cruel? — e então acrescentei, talvez porque eu tenha problemas de autocensura: — Acontece que eu sei como é “lidar” com a morte sozinha. É só você e nada além do grande vazio onde tudo costumava estar. Teria sido bom, muito, muito bom ter tido alguém ali comigo...

— Ei — Ben disse com suavidade. — Ei, Cassie, eu não...

— É, você não pensou. Você não pensou, mesmo.

Zumbi. Porque ele não tinha sentimentos, porque estava morto por dentro como um Zumbi? Havia pessoas assim em Ashpit, *arrastadores* era como eu as chamava, sacos de poeira com forma humana. Algo insubstituível tinha se partido no lado de dentro. Muita perda. Muita dor. Resmungões arrastando o pé por aí, tolos de olhar vazio. Era essa a descrição de Ben? Era ele um arrastador? Então, por que arriscou tudo para resgatar Sam?

— Não importa onde você estava — Ben disse lentamente —, nós também estávamos lá.

As palavras machucaram, pois eram verdadeiras e porque alguém disse a mesma coisa para mim: *Você não é a única que perdeu tudo.* Que outras pessoas tinham sofrido uma perda insuperável. Novamente eu, a cretina que precisa ser lembrada, mais uma vez, de que não é a única. A vida é cheia de pequenas ironias, mas também é marcada com algumas do tamanho daquela grande rocha na Austrália.

Hora de mudar de assunto.

— Esp saiu?

Ben concordou. *Carícia, carícia.* O urso estava me incomodando. Arranquei-o de seus braços.

— Tentei mandar Pão de Ló com ela — ele contou, rindo baixinho. — Especialista.

Perguntei-me se ele tinha noção de como dizia o nome dela. Suavemente, como se fosse uma oração.

— Você sabe que não temos um plano B se ela não voltar — falei.

— Ela vai voltar — ele disse com firmeza.

— O que lhe dá tanta certeza?

— Não termos plano B — responde com um sorriso amplo. É perturbador ver o velho sorriso que iluminava salas de aula e corredores e ônibus escolares amarelos cobrindo seu novo rosto, transformado pelas doenças, pelas balas e pela fome. Era como virar uma esquina em uma cidade estranha e encontrar um conhecido.

— Esse seu argumento não pode ser provado — ressalto.

— Sabe, alguns caras podem se sentir ameaçados ao se ver cercados por pessoas mais inteligentes que eles, mas eu fico mais confiante.

Ele apertou meu braço e foi mancando até seu quarto. E então éramos o urso, o menino grande no corredor, a porta fechada e eu na frente da porta fechada. Respirei fundo e entrei no quarto. Sentei-me perto do amontoado de cobertas. Não o vi, mas ele sabia que eu estava lá.

— Como ele morreu? — voz abafada, quase inaudível.

— Levou um tiro.

— Você viu?

— Sim.

Nosso pai rastejando, as mãos se enterrando na terra.

— Quem atirou nele?

— Vosch — fechei os olhos. Má ideia. O escuro deu novo enfoque à cena.

— Onde você estava quando ele atirou?

— Escondida.

Estendi a mão para puxar as cobertas, mas não consegui. *Não importa onde você estava.* Na floresta, em algum lugar perto de uma rodovia vazia, uma garota fechou o zíper do saco de dormir e assistiu ao pai morrer repetidas vezes. Escondida então, escondida agora, assistindo ao pai morrer repetidas vezes.

— Ele lutou?

— Sim, Sam. Ele lutou muito. Ele salvou a minha vida.

— Mas você se escondeu.

— Sim — apertei o Urso contra meu estômago.

— Como uma grande covarde.

— Não assim — sussurrei — Não foi assim.

Ele jogou as cobertas para o lado e se sentou de repente, Não o reconheci. Nunca tinha visto aquela criança antes, com o rosto feio e retorcido pela raiva e pelo ódio.

— Eu vou matar esse cara. Vou atirar na cabeça dele.

Sorri ou, pelo menos, tentei.

— Desculpe, Sams. Eu tenho prioridade.

Olhamos um para o outro e o tempo se confundiu em si mesmo, o tempo que perdemos em sangue, o tempo que obtivemos à custa de sangue, o tempo em que eu era apenas a irmã mandona e ele era o irmãozinho chato, o tempo em que eu era uma coisa pela qual valia a pena viver e ele era uma coisa pela qual valia a pena morrer, e então ele desabou nos meus braços, o urso esmagado entre nós dois da mesma forma que nós estávamos presos entre o tempo-de-antes e o tempo-de-depois.

Deitei-me ao seu lado e juntos fizemos sua oração: *E se eu morrer antes de acordar...* E então lhe conto a história de como papai morreu. Como ele roubou uma arma dos bandidos e sozinho matou 12 Silenciadores. Como ele enfrentou Vosch, dizendo-lhe: "*Você pode esmagar nossos corpos, mas nunca nossos espíritos*". Como ele se sacrificou para eu poder escapar e resgatar Sam da horda galáctica perversa. Para que um dia Sam pudesse reunir o restante desorientado da humanidade e salvar o mundo. Para que as lembranças dos últimos momentos do seu pai não sejam as de um homem quebrado e ensanguentado rastejando na terra.

Depois que ele adormeceu, escorreguei para fora da cama e voltei para o meu posto ao lado da janela. Um estacionamento estreito, uma lanchonete decrépita (Todas as quartas-feiras – Tudo o que você conseguir comer!) e um trecho cinzento da rodovia esmaecendo e se tornando negro. A terra escura e quieta, do jeito que era antes de aparecermos para enchê-la de barulho e luz. Algo termina. Algo novo começa. Foi assim, no intermédio do tempo. A pausa.

Na estrada, ao lado de um SUV que tinha ido parar na faixa central, a luz das estrelas iluminou a silhueta inconfundível do cano de um rifle e meu coração parou por um segundo. A sombra que carregava a arma disparou para o meio das árvores e vi o brilho de cabelos pretos, lustrosos e perfeita e irritantemente lisos, e eu soube que a sombra era Especialista.

Esp e eu não tínhamos começado com o pé direito, e o relacionamento só desceu ladeira abaixo depois disso. Ela tratava tudo que eu dizia com uma espécie de desprezo frio, como se eu estivesse mentindo, fosse burra ou apenas louca. Principalmente quando o assunto era Evan Walker. *Você tem certeza? Isso não faz nenhum sentido. Como ele podia ser alienígena e humano ao mesmo tempo?* Quanto mais eu esquentava, mais ela ficava fria, até que nos cancelamos mutuamente como cada extremidade de uma equação química. Como $E=mc^2$ o tipo de equação química que possibilita explosões maciças.

As últimas palavras que trocamos antes de ela partir são um exemplo perfeito.

— Sabe, Dumbo eu entendo. As orelhas grandes. E Nugget, porque Sam é muito pequeno. Teacup, também. Zumbi eu não entendo muito, Ben não conta e tenho a impressão de que Pão de Ló tem algo a ver com o fato de ser baixo e gordinho. Mas, por que Especialista?

A resposta dela foi um olhar gelado.

— Isso me fez sentir um pouco deixada de lado. Sabe, a única da gangue sem um nome de guerra.

— *Nom de guerre* — ela corrigiu.

Olhei para ela por um instante.

— Deixe-me adivinhar: mérito escolar nacional, clube de xadrez, equipe de matemática, primeira da classe? E você toca um instrumento, talvez um violino ou violoncelo, algo com cordas. O seu pai trabalhava no vale do Silício e a sua mãe era professora de uma universidade, talvez física ou química.

Ela não disse nada por uns dois mil anos.

— Mais alguma coisa? — ela perguntou finalmente.

Eu sabia que devia parar, mas eu tinha começado e, quando começava, mergulhava de cabeça. À moda Sullivan.

— Você é a mais velha. Espere, filha única. O seu pai é budista, e a sua mãe, ateia. Você andou com dez meses. A sua avó a criou porque seus pais trabalhavam o tempo todo. Ela lhe ensinou tai chi. Você nunca brincou com bonecas. Você fala três línguas; uma delas é francês, Você participou da equipe de desenvolvimento das Olimpíadas. Ginástica. Certa vez você levou uma nota 8 para casa e os seus pais tiraram o seu conjunto de química e a trancaram no quarto durante uma semana, tempo que você usou para ler as obras completas de William Shakespeare — ela estava sacudindo a cabeça. — Certo, não as comédias. Você simplesmente não entendia o humor.

— Perfeito — ela falou. — Isso é surpreendente — a voz era uniforme e fina como um pedaço de folha de papel alumínio recém-arrancada do rolo. — Posso tentar com você?

— Você pode *tentar* — eu disse, enrijecendo um pouco, cruzando os braços.

— Você sempre teve vergonha da sua aparência, principalmente o cabelo. As sardas vêm logo em seguida. Você não é muito sociável, por isso leu muito e escreve um diário desde o ensino fundamental. Você tinha só uma amiga íntima e era um relacionamento de dependência mútua, o que significa que sempre que brigava com ela você entrava numa depressão profunda. Você é a garotinha do papai, nunca foi muito próxima da sua mãe, que sempre a fazia sentir que nada do que fizesse era bom o suficiente. O fato de ela ser mais bonita do que você não ajudava. Quando ela morreu, você se sentiu culpada por detestá-la secretamente e por estar intimamente aliviada por ela ter partido. Você é teimosa, impulsiva e um pouco hiperativa, por isso seus pais a inscreveram em algo para ajudar a sua coordenação e concentração, como balé ou caratê, provavelmente caratê. Quer que eu continue?

Bem, o que eu ia fazer? Via apenas duas opções: rir ou dar um soco na cara dela. Certo, três: rir, dar um soco na cara dela ou retribuir um de seus olhares imperturbáveis. Escolhi a terceira opção.

Má ideia.

— OK — Especialista falou. — Você não é uma menina masculinizada nem muito feminina. Está naquela área cinzenta no meio. Ocupar uma situação intermediária significa que secretamente você sempre invejou quem não era, mas guardou a maior parte de seu ressentimento para garotas bonitas. Você teve paixões, mas nunca um namorado. Você finge que detesta garotos de quem gosta e gosta de garotos que detesta. Sempre que está por perto de alguém mais bonito ou inteligente ou melhor do que você de alguma forma, fica zangada e sarcástica, pois eles lembram como você se sente uma pessoa comum. Continuo?

Com a voz pequena:

— Claro, faça o que quiser.

— Até Evan Walker aparecer, você nunca tinha segurado a mão de um garoto, exceto nas viagens de campo da escola fundamental. Evan era gentil e tranquilo e, como um prêmio adicional, quase bonito demais para se ver. Ele se mostrou como uma tela vazia que você podia pintar com os seus anseios de um relacionamento perfeito com o cara perfeito que iria diminuir o seu medo ao nunca magoá-la. Ele lhe deu tudo o que imaginou que as garotas bonitas tinham e que você nunca teve, de modo que estar com ele, ou a *ideia* que fazia dele, girava quase sempre em torno da vingança.

Eu estava mordendo meu lábio inferior. Meus olhos ardiam. Fechei os punhos com tanta força que as unhas cortaram as palmas das mãos. Por que. *Por que* eu não escolhi a segunda opção?

Ela disse:

— Você quer que eu pare agora — não foi uma pergunta.

Ergui o queixo. *E* Desafio *vai ser o meu* nom de guerre!

— Qual é minha cor preferida?

— Verde.

— Errou. É amarelo — menti.

Esp deu de ombros. Ela sabia que eu estava mentindo. Especialista: o País das Maravilhas humano.

— Mas, falando sério, por que “Especialista”? — isso. Deixá-la de novo na defensiva. Bom, na verdade, ela nunca ficou na defensiva. Essa seria eu.

— Eu sou humana — ela falou.

— É — eu disse e olhei o estacionamento dois andares abaixo pela fresta das cortinas. Por que fiz isso? Será que realmente imaginei que o veria parado ali, sorrateiro como era, sorrindo para mim? *Viu? Eu disse que a acharia.* — Alguém também me disse isso e eu, como uma idiota, acreditei.

— Não tão idiota, considerando as circunstâncias.

Ah, agora ela está sendo gentil? Agora ela está me dando uma folga?

Não sei o que é pior: Especialista, a donzela de gelo, ou Especialista, a rainha piedosa.

— Não finja — digo irritada. — Sei que não acredita sobre Evan.

— Eu acredito em *você.* É a história dele que não faz sentido.

E então ela saiu do aposento. Simples assim. Bem no meio, antes de qualquer coisa ser resolvida. Quem, além de todas as pessoas do sexo masculino, *faz isso?*

Uma existência virtual não precisa de um planeta físico...

Quem era Evan Walker? Passei os olhos da estrada para meu irmãozinho e de volta à estrada. Quem era você, Evan Walker?

Fui idiota por confiar nele, mas estava magoada, sozinha (*sozinha* pensando que era o último ser humano no maldito universo) e com a mente gravemente desorientada porque já tinha matado uma pessoa inocente, e essa pessoa, esse Evan Walker, não acabou com a minha vida quando teve oportunidade. Ele a salvou. Assim, quando o alerta soou, eu o ignorei. Além do mais, não era ruim (não ajudava?) ele ser impossivelmente bonito e

também impossivelmente obcecado em me fazer sentir como se eu importasse mais para ele do que ele mesmo, de me dar banho a me alimentar e me ensinar a matar e me dizer que eu era a única coisa que lhe restava pela qual valia a pena morrer provando tudo morrendo por mim.

Ele começou como Evan, acordou 14 anos depois para descobrir que não era e me contou que depois acordou novamente quando se viu através de meus olhos. Ele se encontrou em mim e então eu o encontrei em mim e eu estava nele e não havia espaço entre nós. Ele começou me dizendo tudo o que eu queria ouvir e terminou me contando o que eu precisava ouvir: a principal arma para erradicar os humanos parasitas eram os próprios humanos. E, quando o último "infectado" estivesse morto, Vosch e companhia iriam desligar a tomada da 5ª Onda. Expurgar. Casa limpa e pronta para a mudança.

Quando contei tudo isso a Ben e Esp — exceto a parte de Evan ficar em mim, um pouco colorido demais para Parish — houve vários olhares hesitantes e significativos dos quais fui dolorosamente excluída.

— Um deles se *apaixonou* por você? — Esp perguntou quando terminei — Isso não seria o mesmo que a gente se apaixonar por uma barata?

— Ou uma efemérida — devolvi irritada. — Talvez eles tenham atração por insetos.

Estávamos reunidos no quarto de Ben. Nossa primeira noite no Hotel Walker, apelido dado por Especialista, principalmente para me aborrecer, creio eu.

— O que mais ele lhe contou? — Ben quis saber. Ele estava escarrapachado na cama. A seis quilômetros do Campo Abrigo, ele parecia ter corrido uma maratona. Dumbo, o garoto que colocou ataduras em mim e em Sam, não quis se comprometer quando lhe perguntei sobre Ben. Não disse se ele iria melhorar. Não disse se iria piorar. É claro, Dumbo só tinha 12 anos. — Pontos fortes? Fraquezas?

— Eles não têm mais corpos — eu disse. — Evan me contou que esse era o único jeito de fazerem a jornada. Alguns foram descarregados por meio de um programa de computador, ele, Vosch, os outros Silenciadores, enquanto alguns ainda estão na nave mãe, esperando que a gente morra.

Ben esfregou a boca com as costas da mão.

— Os campos foram criados para separar os melhores candidatos para lavagem cerebral...

— E para descartar os que não serviam — terminei — Quando a 5ª Onda foi posta em andamento, eles só tinham que sentar e deixar os estúpidos humanos fazer seu trabalho sujo.

Esp estava sentada perto da janela, silenciosa como uma sombra.

— Mas por que usar todos nós? — Ben tentou adivinhar. — Por que não descarregar tropas suficientes em corpos humanos para acabar com a gente?

— Talvez eles sejam poucos — conjeturei. — Ou desencadear a 5ª Onda apresentava um risco menor.

— Que risco? — Esp-Sombra perguntou, quebrando seu silêncio.

Decidi ignorá-la. Por várias razões, principalmente porque, ao se entabular uma conversa com Esp, deve-se fazê-lo por sua conta e risco. Ela poderia humilhá-lo com apenas uma palavra.

— Você esteve lá — lembrei Ben. — Você escutou Vosch. Eles vêm nos observando há séculos. Mas Evan provou que, mesmo com milhares de anos de planejamento, algo ainda pode dar errado. Acho que nunca ocorreu a eles que, ao se transformarem em nós, podem realmente ficar como nós.

— Certo — Ben disse. — Como podemos usar isso?

— Não podemos — Esp respondeu. — Nada do que Sullivan contou pode nos ajudar, a menos que esse Evan tenha sobrevivido à explosão de alguma maneira e possa esclarecer nossas dúvidas.

Ben estava sacudindo a cabeça.

— Nada pode ter sobrevivido àquilo.

— Havia veículos de fuga — eu disse, agarrando-me à mesma esperança que alimentava desde que ele se despediu.

— Verdade? — Especialista não pareceu acreditar em mim. — Então, por que ele não a pôs num deles?

Eu lhe disse:

— Olhe, provavelmente eu não deveria dizer uma coisa dessas para alguém que está segurando uma espingarda semiautomática com alto poder de fogo, mas você realmente esta começando a me irritar.

— Por quê? — ela perguntou, fingindo surpresa.

— Nós temos que esclarecer algumas coisas — Ben disse rispidamente interrompendo minha resposta, o que foi bom. Esp estava segurando uma M16 e Ben tinha contado que ela tinha a melhor pontaria no campo. — Qual é o plano? Esperar que Evan apareça ou fugir? E, se fugirmos, para onde vamos? — as bochechas estavam vermelhas por causa da febre, os olhos brilhando. Ele estava no final da partida, com poucos segundos para o apito final. — Evan lhe disse mais alguma coisa que possa ajudar? O que eles vão fazer com as cidades?

— Eles não vão explodi-las — Esp falou. Ela não queria que eu respondesse e não esperou que eu perguntasse como ela poderia saber disso.

— Se esse fosse o plano, eles as teriam explodido primeiro. Mais da metade da população do mundo vivia em áreas urbanas.

— Então eles planejam usá-las — Ben deduziu. — Pelo fato de estarem usando corpos humanos?

— Não podemos nos esconder em uma cidade, Zumbi — Esp falou. — Em nenhuma.

— Por quê?

— Porque não é seguro. Incêndios, esgoto, doenças transmitidas por todos os corpos em decomposição, outros sobreviventes que agora já devem saber que eles estão usando corpos humanos. Se quisermos ficar vivos o máximo de tempo possível, temos que ficar em movimento. Ficar em movimento e ficar sozinhos o máximo de tempo possível.

Ah, cara. Onde já ouvi *essa* regra antes? Sinto-me desorientada. Meu joelho está me matando. O joelho ferido por um Silenciador. *Meu* Silenciador. *Vou encontrar você, Cassie. Eu não encontro você sempre?* Não dessa vez, Evan. Acho que não. Sentei-me na cama ao lado de Ben.

— Ela tem razão — eu disse a ele. — Ficar em qualquer lugar mais que alguns dias não é uma boa ideia.

— Ou ficar juntos.

As palavras de Esp ficaram suspensas no ar gelado. Ao meu lado, Ben ficou rígido. Fechei os olhos. Também ouvi essa regra: *Não confie em ninguém.*

— Isso não vai rolar, Esp — Ben falou.

— Eu levo Teacup e Pão de Ló. Você leva os outros. Nossas chances dobram.

— Por que parar aí? — perguntei. — Por que não nos separamos todos. Nossas chances quadruplicam.

— Sextuplicam — ela corrigiu.

— Bem, não sou um gênio da matemática — Ben disse mas me parece que se nos separarmos vamos ao encontro da estratégia deles. Isolar, depois exterminar — ele lançou um olhar duro para Esp. — Pessoalmente, gosto da ideia de ter o apoio de alguém.

Ben empurrou o corpo para fora da cama e oscilou por um segundo. Esp lhe disse para se deitar outra vez, e ele a ignorou.

— Não podemos ficar, mas não temos para onde ir. Não dá para chegar em nenhum lugar daqui, então para onde vamos? — ele perguntou.

— Para o sul — Esp sugeriu. — Quanto mais para o sul, melhor — ela estava olhando pela janela. Eu compreendi: uma nevasca forte e ficaríamos presos até a neve derreter. Logo, vamos para um lugar em que não neve.

— Texas? — Ben perguntou.

— México — Esp respondeu. — Ou América Central, depois que parar de chover. A gente pode se esconder nas florestas tropicais durante anos.

— Gosto da ideia — Ben comentou. — De volta à natureza. Só tem um pequeno problema — ele declarou estendendo as mãos. — Não temos passaportes.

Ele a observou, mantendo as mãos estendidas, como se estivesse esperando algo. Esp o fitou com o olhar sem expressão. Ben abaixou as mãos e deu de ombros.

— Você não está falando sério — eu disse. Aquilo estava ficando ridículo. — América Central? Em pleno inverno, a pé, com Ben ferido e duas crianças pequenas. Vamos ter sorte de chegar até Kentucky.

— É melhor do que ficar aqui esperando o seu príncipe alienígena chegar.

Foi a gota d'água. Não me importei por ela estar empunhando um M16. Eu ia enfiar a mão naquelas mechas sedosas e jogá-la pela janela. Ben pressentiu o que ia acontecer e se interpôs entre nós.

— Aqui estamos todos no mesmo time, Sullivan. Vamos manter a calma, está bem? — ele se virou para Esp. — Você tem razão. Ele provavelmente não conseguiu se salvar, mas vamos dar uma chance a Evan de cumprir a promessa. Seja como for, não estou em condições de fazer uma viagem a pé.

— Zumbi, eu não voltei por você e Nugget para que pudéssemos nos transformar em alvos fáceis — Esp declarou. — Faça o que achar certo, mas, se a coisa esquentar, estou fora.

— Belo espírito de equipe — eu ironizei para Ben.

— Talvez você esteja esquecendo quem salvou a sua vida — Esp disse.

— Ah, vá se danar.

— Agora chega! — Ben trovejou no melhor tom de sou-eu-quem-manda aqui. — Eu não sei como vamos sair dessa tremenda confusão, mas sei que *o jeito não é esse.* Parem de se provocar, você duas. E isso é uma ordem.

Ele tornou a cair na cama, ofegante, a mão apertando o lado do corpo. Especialista saiu para encontrar Dumbo, deixando-nos a sós pela primeira vez desde o nosso encontro nas profundezas do Campo Abrigo.

— Não é estranho? — Ben perguntou. — Com 99% das pessoas mortas, era de se imaginar que o 1% restante fosse se entender melhor.

— Ela é uma psicopata — eu disse. — É sério, alguma coisa não funciona bem. Você olha nos olhos dela e não vê nada ali.

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu acho que ali tem muita coisa. É que está... bem no fundo.

Ele se encolheu, a mão enfiada no bolso no moletom horrível como se estivesse imitando Napoleão, apertando o ferimento à bala que Esp tinha causado. Um ferimento que ele pediu. Um ferimento para que pudesse arriscar tudo para salvar o meu irmãozinho. Um ferimento que poderia lhe custar a vida.

— Não pode ser feito — sussurrei.

— Claro que pode — ele respondeu, colocando a mão sobre a minha.

Sacudi a cabeça. Ele não compreendia. Eu não estava falando de nós.

A sombra da chegada deles caiu sobre nós e deixamos de ver algo fundamental na escuridão dentro dela. Porém, o simples fato de não o enxergarmos não significava que não estava lá: meu pai mexendo os lábios, dizendo para mim *Corra!* quando ele não podia.

Evan me puxando do ventre da besta antes de sucumbir a ela. Ben mergulhando nas mandíbulas do inferno para arrancar Sam delas. Há algumas coisas, provavelmente há só uma, não maculadas pela sombra. Desconcertante. Persistente. Invencível.

Eles podem nos matar, até mesmo o último de nós, mas eles não podem matar nunca o que permanecer em nós.

Cassie, você quer voar?

Sim, papai, eu quero voar.

12

A rodovia prateada que esmaecia para dentro da escuridão. A escuridão marcada pela luz das estrelas desatrelada. As árvores desfolhadas com braços erguidos como um ladrão pego em flagrante. O hálito do meu irmão congelando no ar gélido enquanto dormia. A janela se cobrindo de vapor enquanto eu respirava. E, além do vidro gelado, ao lado da rodovia prateada na luz ardente das estrelas, um vulto minúsculo disparando sob os braços erguidos das árvores.

Ah, droga.

Atravessei o quarto como um raio e irrompi no corredor, onde Pão de Ló andava de um lado para outro com o rifle erguido "Relaxe, garotão" pensei, entrando de supetão no quarto de Ben, onde Dumbo se encontrava recostado ao peitoril e Ben estava estendido na cama mais perto da porta. Dumbo se levantou. Ben se sentou. Eu perguntei:

— Onde está Teacup?

Dumbo apontou para a cama próxima à de Ben.

— Bem ali — olhando para mim como se "*essa doida pirou*".

Fui para a cama e puxei o monte de cobertas para o lado. Ben xingou e Dumbo recuou de encontro à parede, ruborizando.

— Juro por Deus que ela estava ali agora mesmo!

— Eu a vi — eu disse a Ben. — Lá fora...

— Lá fora? — ele tirou as pernas de cima da cama, gemendo com o esforça

— Na estrada.

Então ele compreendeu.

— Esp. Ela está indo atrás de Esp — ele bateu a mão espalmada no colchão. — Droga!

— Eu vou — Dumbo anunciou.

Ben ergueu a mão.

— Pão de Ló! — berrou.

Foi possível ouvir o grandalhão se aproximando; o chão protestava à sua passagem. Ele pôs a cabeça para dentro do quarto e Ben anunciou:

— Teacup foi embora. Atrás de Esp. Vá buscar aquele pequeno traseiro e o traga até aqui para eu lhe dar uma surra.

Pão de Ló saiu caminhando, desajeitado, e o piso disse *Ainda bem!.* Ben ajeitou as tiras do coldre.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Assumindo o posto de Pão de Ló até ele voltar com aquela idiota. Você fica com Nugget. Isto é, Sam. Sei lá. Precisamos escolher um nome e ficar com ele.

Os dedos dele tremiam. Febre. Medo. Um pouco de ambos.

Dumbo abria e fechava a boca, mas nenhum som saía dela. Ben notou.

— Calma, Bo. Não é culpa sua.

— Vou ficar no corredor, sarge — Dumbo falou. — Fique aqui. Você não deveria estar de pé.

Ele se precipitou para fora do quarto antes que Ben pudesse impedi-lo. Ben agora estava olhando para mim com os olhos cintilantes, brilhantes devido à febre.

— Acho que não contei para você — ele disse. — Depois que escapamos de Dayton, Vosch enviou dois esquadrões para nos caçar. Se eles ainda estavam no campo quando ele explodiu...

Ele não concluiu o pensamento. Ou porque achou que não precisava, ou porque não podia. Ele se levantou. Cambaleou. Fui até ele e pus o braço dele sobre meus ombros sem constrangimento. Não há uma forma agradável de dizer isto: Ben Parish tinha cheiro de doença. O odor azedo da infecção e de suor rançoso. Pela primeira vez desde que me dei conta de que ele não era um cadáver, pensei que ele seria um em breve.

— Volte para a cama — eu falei. Ben sacudiu a cabeça, sua mão ficou frouxa no meu ombro e ele caiu para trás, batendo na beira do colchão com as nádegas e escorregando para o chão.

— Tontura — ele murmurou. — Vá buscar Nugget para ele ficar aqui com a gente.

— Sam. Podemos chamá-lo de Sam? — sempre que escutava Nugget, eu me lembrava do drive-thru do McDonalds, batatas fritas, sucos de banana com morango, frapês de café cobertos com chantilly polvilhados com chocolate em pó.

Ben sorriu, e meu coração se partiu ao ver aquele sorriso luminoso no rosto abatido.

— Claro que sim — ele concordou.

Sam mal suspirou quando o tirei da cama e o levei ao quarto de Ben. Eu o deitei na cama vazia de Teacup, cobri-o com as cobertas e toquei seu rosto com as costas da mão, um velho hábito remanescente dos dias da praga. Ben ainda se encontrava sentado no chão, a cabeça atirada para trás, olhando fixamente para o teto. Comecei a andar em sua direção e ele acenou para que eu parasse.

— Janela — ele disse ofegante. — Estamos sem cobertura em um dos lados. Muito obrigado, Teacup.

— Por que ela iria partir desse...

— Desde Dayton, ela fica grudada em Esp como um carrapato.

— Eu só vejo as duas brigando — lembrei a briga por causa do xadrez, a moeda atingindo a cabeça de Teacup e *eu odeio você!*

Ben deu uma risadinha.

— É uma linha tênue.

Olhei para o estacionamento. O asfalto brilhava como ônix. *Grudada nela como um carrapato.* Pensei em Evan movendo-se furtivamente atrás de portas e pelos cantos. Pensei naquela coisa sem mácula, a coisa que dura, e pensei que a única coisa com poder para nos salvar também tinha o poder de nos destruir.

— Você não deveria ficar no chão desse jeito — eu o repreendi. — É mais quente na cama.

— Certo, metade da metade da metade de um grau. Isso não é nada, Sullivan. Quase tão ruim quanto a praga.

— Você ficou doente durante a praga?

— Ah, sim. Campo de refugiados perto de Wright-Patterson. Depois que assumiram o comando da base, eles me levaram para dentro, encheram-me de antivirais, puseram um rifle na minha mão e me mandaram matar algumas pessoas. E você?

Um crucifixo em uma mão ensanguentada. *Você pode me matar ou me ajudar.* O soldado atrás dos refrigeradores de cerveja foi o primeiro. Não. O primeiro foi o sujeito que atirou em Brilhantina num fosso de cinzas. São dois, depois foram os Silenciadores, aquele em que atirei pouco antes de encontrar Sam e aquele em que atirei pouco antes de Evan me encontrar. Então, são quatro. Estou me esquecendo de alguém? Os corpos se empilham e você perde a conta. *Ah, Deus, você perde a conta.*

— Matei pessoas — eu disse baixinho.

— Estou falando da praga.

— Não. Minha mãe...

— E o seu pai?

— Um tipo diferente de praga — eu disse. Ele olhou para mim por cima do ombro. — Vosch. Vosch o matou.

Eu lhe contei sobre o Campo Ashpit. Os Humvees e o grande caminhão truck carregado de soldados. O surgimento surreal dos ônibus escolares. Só *as crianças. Tem lugar só para os pequenos.* A concentração dos demais nos alojamentos e meu pai mandando-me com minha primeira vítima para encontrar Brilhantina. Depois papai na terra, Vosch assomando sobre ele, enquanto eu me escondia na floresta, e papai movendo os lábios em silêncio, *Corra.*

— Estranho eles não terem posto você num ônibus — Ben falou. — Se a intenção era formar um exército com crianças que

passaram por lavagem cerebral.

— Eu vi principalmente crianças pequenas, da idade de Sam, algumas ainda menores.

— No acampamento, eles separaram todas abaixo de 5 e as mantinham no bunker...

Concordei.

— Eu as encontrei — na sala de segurança, os rostos erguidos para mim enquanto eu procurava Sam.

— O que faz a gente se perguntar: por que mantê-los? — Ben ponderou.

— A menos que Vosch espere uma guerra muito longa — ele falou de uma maneira que dava a impressão de duvidar que essa fosse a razão. Ele tamborilou sobre o colchão. — Que diabos está acontecendo com Teacup? Eles já deviam estar de volta.

— Vou dar uma olhada — eu disse.

— Mas de jeito nenhum. Isso está se transformando em todos os filmes de terror já feitos. Lembra? Desaparecendo, um por um. Ah-ah. Mais cinco minutos.

Ficamos em silêncio, escutando. Mas havia apenas o vento sussurrando na janela mal vedada e o constante fluxo subterrâneo dos ratos arranhando as paredes. Teacup era obcecada por eles. Escutei as duas tramando como se livrar deles durante horas. O aborrecido tom de sermão de Esp, explicando como a população estava fora de controle: o hotel tem mais ratos do que nós temos balas.

— Ratos — Ben disse, como se lesse a minha mente. — Ratos, ratos, ratos. Centenas de ratos. Milhares de ratos. Mais ratos do que pessoas, agora. Planeta dos ratos — ele soltou uma risada rouca. Talvez estivesse delirando. — Você sabe o que tem me deixado louco? Vosch nos contar que eles vêm nos observando há séculos. Como isso é possível? Ah, eu entendo como, mas não entendo por que não nos atacaram *naquela época.* Quantas pessoas havia na Terra quando construímos as pirâmides? Por que esperar até que

haja bilhões de pessoas espalhadas por todos os continentes com tecnologia um pouco mais avançada do que lanças e cajados? Você gosta de um desafio? Não se espera para exterminar pragas na sua casa nova quando elas são mais numerosas do que você. E Evan? Ele não disse nada sobre isso?

Pigarreei.

— Ele disse que estavam divididos sobre se deviam nos exterminar.

— Ah. Então talvez eles tivessem discutido o assunto durante seis mil anos. Perdendo tempo inutilmente porque ninguém conseguia tomar uma decisão até alguém dizer: “Ah, que se dane, vamos acabar com os patifes”.

— Não sei. Não tenho as respostas — eu estava um pouco na defensiva, como se eu devesse saber tudo por conhecer Evan.

— Acho que Vosch pode ter mentido — Ben conjeturou. — Não sei, para entrar nas nossas mentes e nos confundir. Ele mexeu comigo desde o começo — Ben olhou para mim e então desviou o olhar. — Não deveria admitir, mas eu idolatrava o cara. Eu achava que ele era, tipo... — ele girou a mão no ar, procurando as palavras — o melhor de nós.

Os ombros deles começaram a sacudir. Primeiro, pensei que era a febre, depois imaginei que poderia ser outra coisa, de modo que deixei o posto na janela e fui até ele.

Para os rapazes, perder o controle é algo que se faz em particular. Nunca deixe ninguém ver você chorar. Isso significa que você é fraco, que você é mole, um bebê, um fracote. Não muito viril e toda essa porcaria. Eu não conseguia imaginar o Ben Parish-pré-chegada chorando na frente de alguém, o cara que tinha tudo, o garoto que todos os outros garotos queriam ser, o que partia corações e nunca teve o dele partido.

Sentei-me ao lado dele. Não o toquei. Não falei. Ele ficou onde estava e eu fiquei onde estava.

— Sinto muito — ele disse.

Sacudi a cabeça.

— Não precisa.

Ele enxugou uma face com as costas da mão e depois a outra.

— Você sabe o que ele me disse? Bom, foi mais uma promessa. Ele prometeu que iria me esvaziar. Ele iria me esvaziar e tornar a me encher de ódio. Mas ele quebrou a promessa. Ele não me encheu de ódio. Ele me encheu de esperança.

Eu entendi. Na sala de segurança, um bilhão de rostos erguidos povoando o infinito, e os olhos que procuraram os meus, e a pergunta neles horrível demais para ser posta em palavras, *Eu vou viver?* Está tudo ligado. Os Outros entenderam isso melhor que a maioria de nós. Não há esperança sem fé, não há fé sem esperança, não há amor sem confiança, não há confiança sem amor. Tire um e todo o castelo de cartas humano desaba.

Foi como se Vosch *quisesse* que Ben descobrisse a verdade. Quisesse ensinar-lhe a desesperança da esperança. E qual seria o sentido *disso?* Se eles queriam nos aniquilar, por que simplesmente não foram em frente e nos aniquilaram? Deve haver dúzias de meios para acabar conosco rapidamente, mas eles o fizeram em cinco ondas em uma escalada progressiva de terror. *Por quê?*

Até agora, sempre achei que os Outros não sentiam nada por nós, além de desdém, talvez misturado com um pouco de nojo, assim como nos sentimos em relação aos ratos, às baratas, aos percevejos e outras formas de vida asquerosas. *Humanos, não é nada pessoal, mas vocês têm que desaparecer.* Nunca me ocorreu que poderia ser inteiramente pessoal. Que simplesmente nos matar não bastava.

— Eles nos odeiam — eu concluí alto, mais para mim mesma do que para ele. Ben me olhou perplexo. E retribui o olhar assustada. — Não tem outra explicação.

— Eles não nos odeiam, Cassie — ele disse com suavidade, do jeito que se fala com uma criança amedrontada. — Nós simplesmente temos o que eles querem.

— Não.

Agora minhas bochechas estavam molhadas de lágrimas. A 5ª Onda tinha uma única explicação. Qualquer outro motivo possível era absurdo.

— Isso não tem a ver com exterminar o planeta para tirá-lo de nós, Ben. Isso é sobre exterminar *a gente.*

13

— É isso aí — Ben disse. — O tempo acabou.

E então ele começou a levantar, mas não chegou muito longe. Estava quase conseguindo endireitar o corpo quando desabou de traseiro no chão. Pus a mão em seu ombro.

— Eu vou.

Ele bateu na coxa com a mão.

— Não posso deixar isso acontecer — ele resmungou quando abri a porta e pus a cabeça no corredor. Não pode deixar o que acontecer? Perder Teacup e Pão de Ló? Perder todos nós, um após o outro? Perder a batalha contra os ferimentos? Ou perder a guerra em geral?

O corredor estava vazio.

Primeiro Teacup, depois Pão de Ló, agora Dumbo. *Estávamos* desaparecendo mais depressa do que campistas em filmes de terror de baixa qualidade.

— Dumbo! — chamei baixinho. O nome ridículo ecoou no ar parado e frio. Minha mente examinou rapidamente as possibilidades. Das mais às menos prováveis: alguém o neutralizou em silêncio e escondeu o corpo; ele foi capturado; ele viu ou ouviu algo e foi investigar; ele teve que fazer xixi.

Fiquei parada na porta por alguns segundos em caso de a última possibilidade ser verdadeira. Quando o corredor continuou vazio, voltei para o quarto. Ben estava com o corpo ereto examinando o pente de seu M16.

— Não me faça adivinhar — ele disse. — Não importa. Não preciso adivinhar.

— Fique aqui com Sam. Eu vou.

Ele veio arrastando os pés e parou a dois centímetros de meu nariz.

— Sinto muito, Sullivan. Ele é seu irmão.

Fiquei rígida. O quarto estava gelado; o meu sangue estava mais frio. A voz dele estava dura, monótona, sem qualquer sentimento. *Zumbi. Por que eles o chamam de Zumbi, Ben?*

E então ele sorriu um sorriso muito real, muito Ben Parish.

— Aqueles caras lá fora: *todos* eles são meus irmãos.

Ele me empurrou para o lado e foi tropeçando até a porta. A situação estava passando rapidamente de impossivelmente perigosa para perigosamente impossível. Eu não consegui ver outro jeito: passei por cima da cama de Ben e agarrei Sam pelos ombros. Sacudi-o com força. Ele acordou com um pequeno grito. Tapei a boca dele com a mão a fim de reprimir o ruído.

— Sams! Escute! Tem alguma coisa errada — tirei a Luger do coldre e a apertei em suas mãos pequenas. Ele arregalou os olhos com medo e algo perturbadoramente semelhante a alegria. — Ben e eu temos que investigar. Feche o trinco de segurança, você sabe o que é, não sabe? — com os olhos arregalados concordou. — E coloque uma cadeira sob a maçaneta. Olhe pelo buraquinho. Não deixe... — será que eu precisava detalhar tudo? — Escute, Sam, isso é importante, muito importante. Muito, muito importante. Você sabe como a gente diferencia os caras bons dos caras maus? Os caras maus atiram na gente — a melhor lição que meu pai me ensinou. Beijei-o no alto da cabeça e o deixei ali.

A porta se fechou atrás de mim com um clique. Escutei a fechadura de segurança escorregar para a ranhura. *Bom garoto.* Ben se encontrava no meio do corredor e fez sinal para que eu me aproximasse. Ele apertou os lábios, quentes da febre, no meu ouvido.

— Olhamos os quartos, depois descemos.

Trabalhamos juntos. Eu checava o local enquanto Ben me dava cobertura. O Hotel Walker tinha uma política de portas abertas: todas as fechaduras tinham sido arrombadas em algum momento quando sobreviventes procuraram refúgio durante as ondas. O fato

de que Walker era perfeito para famílias com orçamento baixo também era útil. Os quartos tinham um tamanho que mal atingia os da Casa dos Sonhos da Barbie. Trinta segundos para verificar um. Quatro minutos para checar todos.

De volta ao corredor, Ben espremeu os lábios no meu ouvido outra vez.

— O poço do elevador.

Ele se apoiou em um dos joelhos na frente das portas do elevador Com um gesto, pediu que eu cobrisse a porta da escada, em seguida pegou a faca de combate de 25 centímetros de comprimento e enfiou a lâmina na fenda. *Ah,* pensei. O *velho truque do esconderijo no elevador!* Então, por que estou cobrindo a escada? Ben abriu as portas e me chamou com um aceno.

Vi cabos enferrujados, muita poeira e um cheiro que supus ser de ratos mortos. Desejei que fosse de ratos mortos. Ele apontou para a escuridão abaixo e então compreendi. Não estávamos checando o poço do elevador, nós íamos usá-lo.

— Vou verificar a escada — ele sussurrou no meu ouvido. — Fique no elevador. Espere meu sinal.

Ele colocou o pé numa porta e se inclinou para trás na outra para mantê-las abertas. Deu um tapinha no minúsculo espaço entre o quadril e a borda. Mexeu os lábios, dizendo *vamos.* Com cuidado, passei por cima das pernas dele, plantei o traseiro no espaço e deixei as pernas caírem para o lado. O alto do elevador parecia estar a 30 quilômetros de distância. Ben sorriu tranquilizador: *Não se preocupe, Sullivan. Não vou deixar você cair.*

Escorreguei para frente até meu traseiro pender no espaço aberta Não, isso não vai funcionar. Voltei para a borda e fiquei de joelhos. Ben agarrou meu pulso e fez um sinal de positivo com a mão livre. Desci com os joelhos apoiados na parede do poço, agarrando a borda até meus braços ficarem totalmente estendidos. *Certo, Cassie. É hora de soltar. Ben está segurando você. É, sua tonta, Ben está ferido e tem a força de uma criança de 3 anos. Quando você soltar, seu peso vai puxá-lo de seu ponto de apoio e*

os dois vão cair. Ele vai aterrissar em cima de você, quebrar o pescoço e lentamente sangrar até a morte em cima do seu corpo paralisado...

Ora, que se dane.

Soltei as mãos. Escutei Ben grunhir baixinho, mas ele não me deixou cair e não caiu em cima de mim. Curvando-se na altura da cintura enquanto me abaixava até eu ver sua cabeça formando uma silhueta na abertura, o rosto escondido na sombra. Os dedos dos meus pés roçaram o teto do elevador. Fiz um sinal de positivo para Ben, embora não tivesse certeza de que ele poderia ver. Três segundos. Quatro. E então ele me soltou.

Caí de joelhos e tateei em busca da portinhola de serviço. Um pouco de graxa, um pouco de sujeira e muita sujeira misturada com graxa.

Antes da descoberta da eletricidade, a intensidade da luz era medida por potência em velas. A luz ali embaixo tinha a potência aproximada de metade da metade de uma vela.

As portas acima de mim se fecharam e a potência em velas caiu para zero.

Obrigado, Parish. Você poderia ter esperado até eu encontrar a portinhola.

E, quando a encontrei, descobri que ela estava emperrada, provavelmente pela ferrugem. Estendi a mão para pegar a Luger, planejando usar a coronha como martelo, então lembrei que tinha entregado a pistola semiautomática aos cuidados de uma criança de 5 anos. Puxei a faca de combate da bainha no tornozelo e dei três pancadas fortes na portinhola com o cabo. O metal chiou. Um chiado muito forte. *Lá se ia a tentativa de agir sem sermos percebidos.* Mas o ferrolho cedeu. Abri a portinhola, o que provocou outro forte chiado, desta vez por causa das dobradiças enferrujadas. *Bem, claro, isso parece muito alto para você*, *ajoelhada bem ao lado dela. Fora do poço, provavelmente um guincho miúdo parecido com o de um camundongo. Não fique paranoica!* Meu pai citava um ditado sobre paranoia. Nunca o achei muito engraçado,

principalmente depois de ouvi-lo milhares de vezes: *Só sou paranoico porque todos estão contra mim.* Só uma piada, eu costumava pensar. Não um presságio.

Saltei para o carro do elevador totalmente escuro. *Espere meu sinal*. Que sinal? Ben não explicou isso. Pressionei os ouvidos na fresta entre as portas frias de metal e prendi a respiração. Contei até dez. Respirei. Contei até dez de novo. Respirei. Após contar até dez seis vezes e respirar quatro vezes e não ouvir nada, comecei a ficar um pouco inquieta. O que estava acontecendo lá fora? Onde estava Ben? Onde estava Dumbo? Nosso pequeno grupo estava sendo eliminado, um a um. Um grande erro nos dividirmos, mas não tivemos outra opção em nenhuma das ocasiões. Estávamos sendo vencidos, Alguém estava fazendo isso parecer estupidamente fácil.

Ou vários “alguéns”: *Depois que escapamos de Dayton, Vosch enviou dois esquadrões para nos caçar.*

Era isso. Tinha que ser. Um ou possivelmente dois esquadrões tinham encontrado o nosso esconderijo. Esperamos aqui tempo demais.

Isso mesmo, e por que você esperou, Cassiopeia “Desafio” Sullivan? Ah, sim, porque um cara morto fez a promessa vazia de que iria encontrá-la. Então, você fechou os olhos e pulou do penhasco para o vazio e agora está perplexa por descobrir que não há um grande colchão macio no fundo? Culpa sua. De qualquer coisa que acontecer agora. Você é a responsável.

O elevador não era grande, mas na escuridão de breu ele parecia ser do tamanho de um estádio de futebol. Eu estava parada num grande buraco no subsolo, sem luz, sem som, num vazio sem vida e iluminação, congelada até os ossos, paralisada de medo e dúvida. Sabendo, sem entender como sabia, que Evan também não viria.

Nunca se sabe quando a verdade virá à tona. Nunca se pode escolher o momento. O momento escolhe você. Eu tive dias para enfrentar a verdade que me enfrentava naquele espaço escuro e

frio, mas não quis. Eu não quis ir até ela. Então a verdade decidiu vir até mim.

Quando ele me tocou na nossa última noite juntos, não havia espaço entre nós, nenhum ponto em que ele terminava e eu começava, e agora não havia espaço entre mim e a escuridão do fosso. Ele prometeu que iria me encontrar. *Eu não encontro você sempre?* E eu acreditei nele. Depois de duvidar de tudo que ele tinha dito desde o momento em que o conheci, pela primeira vez eu acreditei nas últimas palavras que proferiu.

Apertei o rosto contra as portas frias de metal. Eu tive a sensação de cair quilômetros e mais quilômetros no ar vazio debaixo de mim. Eu nunca iria parar de cair. *Você é uma efemérida. Aqui por um dia para depois morrer.* Não. Ainda estou aqui, Evan. Foi você quem morreu.

— Você sabia que isso iria acontecer desde o momento em que saímos da casa da fazenda — sussurrei no vazio. — Você sabia que iria morrer. E, mesmo assim, você foi.

Eu não consegui mais ficar com o corpo ereto. Eu não tive escolha. Escorreguei e fiquei de joelhos. Caindo. Caindo. Eu nunca iria parar de cair.

Desista, Cassie. Desista.

— Desistir? Estou caindo. Estou caindo, Evan.

Mas eu sabia o que ele queria dizer.

Eu nunca desistiria dele. Não de verdade. Eu dizia a mim mesma mil vezes por dia que ele não poderia ter sobrevivido. Declarava a mim mesma que era inútil, perigoso, insano e suicida ficarmos neste hotel em ruínas. Mas eu me apegava à promessa dele, pois desistir dela significava desistir *dele.*

— Eu odeio você, Evan Walker — sussurrei para o vazio.

Do interior do vazio – e do vazio no interior – silêncio.

Não posso voltar. Não posso prosseguir. Não posso persistir. Não posso desistir. Não, não, não, não. O que você pode fazer? O

que você pode fazer?

Ergui o rosto. *Certo*, *eu posso fazer isso.*

Eu me levantei. *Isso também.*

Endireitei os ombros e deslizei os dedos para o lugar em que as portas se encontravam.

Eu vou sair agora, eu disse ao silêncio nas profundezas. *Eu vou desistir.*

Abri as portas com esforço. A luz inundou o vazio, devorando todas as sombras até não restar nenhuma.

14

Entrei no saguão, o nosso intrépido mundo novo em microcosmo. Vidros estilhaçados. Montes de lixo empilhados nos cantos, como folhas de outono sopradas para lá pelo vento. Insetos mortos de costas, pernas encolhidas. Frio cortante. Um silêncio tão grande que a respiração era o único som: depois que o zumbido se foi, o silêncio.

Nenhum sinal de Ben. Algo devia ter lhe acontecido entre o primeiro andar e a escada e não era algo bom. Fui lentamente até a porta das escadas, lutando contra o instinto de correr de volta para Sam antes que ele desaparecesse como Ben, como Dumbo, como Pão de Ló e Teacup, como 99% das pessoas na Terra.

Entulho estalando sob meus pés. Ar frio me queimando o rosto e as mãos. Minhas mãos agarrando o rifle, e meus olhos quase sem piscar na fraca luz das estrelas que pareciam ter o brilho de um holofote depois da escuridão absoluta do elevador.

Devagar. Devagar. Sem erros.

Porta da escada. Segurei a maçaneta de metal por 30 segundos, ouvido pressionado contra a madeira, mas só ouvi as batidas do meu coração. Lentamente, apertei a maçaneta para baixo, abri a porta só alguns centímetros para poder espiar. Totalmente escuro. Totalmente silencioso. *Droga, Parish. Em que diabos você se meteu?*

Nenhum lugar para ir, a não ser para cima. Entrei no poço da escada. *Plec.* A porta se fechou atrás de mim. Mergulhada na escuridão outra vez, mas desta vez eu estava determinada a mantê-la do lado de fora, que era o seu lugar.

O cheiro acre da morte pairava no ar rançoso. Um rato, eu disse a mim mesma. Ou um guaxinim ou outra criatura da floresta que ficou presa ali. Minha bota entrou em contato com algo mole e molhado. Pequenos ossos se quebraram. Limpei os restos pegajosos na beira de um degrau; eu não queria escorregar,

tropeçar até embaixo, quebrar o pescoço, ficar deitada desamparada esperando quem quer que seja que pudesse me encontrar e pusesse uma bala na minha cabeça. Isso seria ruim.

Cheguei ao minúsculo patamar, *mais um lance, respire fundo, quase lá,* e então o tiro soou, seguido por outro, depois um terceiro, depois uma rajada inteira quando quem quer que estivesse atirando esvaziou o pente! Subi os degraus que faltavam como um foguete, passei pela porta e disparei pelo corredor na direção do quarto ao qual agora faltava uma porta, o quarto em que o meu irmãozinho se encontrava, e meu dedão se prendeu em algo – algo macio que não vi na minha corrida em busca de Sam – e fui atirada para o ar, aterrissando com uma força incrível no carpete fino. Levantei de um salto, olhei para trás e vi Ben Parish deitado ali, sem vida, os braços estendidos, a mancha escura de sangue encharcando o moletom amarelo ridículo, então Sam gritou, *eu não cheguei tarde demais, não cheguei tarde demais, aqui estou, seu filho da mãe, aqui estou,* e no quarto uma sombra alta assomava sobre o vulto minúsculo cujo dedo minúsculo apertava o gatilho da arma vazia, impotente.

Atirei. A sombra se virou para mim e então se lançou para a frente, tentando me pegar.

Bati com o pé em seu pescoço e golpeei a parte posterior de sua cabeça com a coronha do rifle.

— Desculpe — eu disse ofegante, sem conseguir respirar, — mas você está no quarto errado.

III
A última estrela

15

Quando criança, ele sonhava com corujas.

Durante anos, ele não tinha pensado nesses sonhos. Agora, enquanto sua vida se esvaía, a lembrança voltou à sua mente. A lembrança não era agradável.

O pássaro empoleirado no peitoril da janela, olhando para o interior de seu quarto com brilhantes olhos amarelos. Os olhos piscavam lenta e ritmicamente; fora isso, a coruja não se movia.

Paralisado de medo sem entender a razão, fixava os olhos na coruja que o observava, incapaz de chamar a mãe e, depois, a sensação de náusea, tontura, febre e a impressão inquietante e perturbadora de ser vigiado que perdurava durante dias.

Quando completou 14 anos, os sonhos pararam. Ele tinha despertado. Não havia mais necessidade de ocultar a verdade. Quando chegasse a hora, seu eu desperto iria precisar das dádivas oferecidas pela “coruja”. Ele compreendeu os propósitos dos sonhos porque o seu lhe tinha sido revelado:

Fique pronto. Prepare o caminho.

A coruja tinha sido uma mentira para proteger a delicada psique de seu corpo hospedeiro. Depois que acordou, outra mentira tomou seu lugar: sua vida. Sua humanidade era uma mentira, uma máscara, como o sonho com corujas no escuro.

Agora ele estava morrendo. E a mentira com ele.

Não havia dor. Ele não sentiu o frio cortante. Seu corpo parecia flutuar num mar morno e infinito. Os sinais de alarme de seus nervos para os centros de dor no cérebro tinham sido fechados. A passagem suave e indolor de seu corpo humano para o esquecimento seria a dádiva final.

E então: renascimento.

Um novo corpo humano não marcado pela lembrança de ser humano. Ele não iria se lembrar dos últimos 18 anos. Aquelas

lembranças e as emoções ligadas a elas estariam perdidas para sempre. E não havia nada que pudesse ser feito sobre a agonia que acompanhava esse conhecimento.

Perdido. Tudo perdido.

A lembrança de seu rosto. *Perdida.* A última vez com ela. *Perdida*. A guerra declarada entre o que ele era e o que fingia ser. *Perdida.*

No silêncio da floresta tomada pelo inverno, flutuando num mar infinito, ele tentou tocá-la e ela escapou.

Ele sabia o que iria acontecer. Ele sempre soube. Quando a encontrou presa na neve e a levou de volta e a curou, sua morte seria o preço. Virtudes agora são vícios, e a morte é o preço do amor. Não a morte de seu corpo. Seu corpo era a mentira. Morte verdadeira. A morte de sua humanidade. A morte de sua alma.

Na floresta, no frio cortante, na superfície do mar infinito, sussurrando o nome dela, entregando sua lembrança ao vento, ao abraço das árvores silenciosas e vigilantes e aos cuidados das fiéis estrelas, seu homônimo, puro e eterno, o universo incontido contido nela:

Cassiopeia.

16

Ele despertou para a dor.

Dor lancinante na cabeça, no peito, nas mãos, no tornozelo. A pele estava em fogo. Ele se sentia como se tivesse sido mergulhado em água fervente.

Um pássaro se empoleirou no galho de uma árvore acima dele, um corvo, fitando-o com régia indiferença. Agora o mundo pertencia aos corvos, ele pensou. Os demais eram intrusos, pessoas de passagem.

Fumaça subia entre os galhos nus no alto: uma fogueira de acampamento. E o cheiro de carne chiando numa frigideira.

Ele se encontrava apoiado numa árvore, coberto por um pesado cobertor de lã, tendo uma parca de inverno enrolada fazendo as vezes de travesseiro. Lentamente, ele ergueu a cabeça 2 centímetros e imediatamente se deu conta de que fazer qualquer movimento era uma péssima ideia.

Uma mulher alta entrou em seu campo de visão carregando uma braçada de lenha, depois desapareceu por um momento enquanto alimentava o fogo.

— Bom dia — a voz era baixa, melodiosa e vagamente familiar.

Ela se sentou ao seu lado, puxou os joelhos até o peito e abraçou as pernas. O rosto era conhecido também. Pele clara, loira, feições nórdicas, como uma princesa viking.

— Eu conheço você — ele sussurrou. A garganta queimava. Ela pressionou o gargalo do cantil em seus lábios machucados, e ele tomou vários goles.

— Isso é bom — ela disse. — Você falou bobagens na noite passada. Fiquei preocupada por você ter sofrido algo mais sério do que uma concussão.

Ela se levantou e desapareceu de vista outra vez. Quando voltou, estava segurando uma frigideira. Ela se sentou ao seu lado e

colocou a frigideira no chão entre os dois. Ela o observava com a mesma indiferença régia do corvo.

— Não estou com fome — ele falou.

— Você precisa comer — não era um pedido, mas sim a declaração de um fato. — Coelho fresco. Fiz um cozido.

— Está muito ruim?

— Nem um pouco. Sou boa cozinheira.

Ele sacudiu a cabeça e forçou um sorriso. Ela sabia o que ele quis dizer.

— É bem ruim — ela admitiu. — Dezesseis ossos quebrados, fratura do crânio, queimaduras de segundo grau em quase todo o corpo. Mas não nos seus cabelos. Você ainda tem os cabelos. Essa é a boa notícia.

A mulher mergulhou a colher no cozido, levou-a aos lábios, soprou levemente, passou a língua na borda devagar.

— E qual é a má notícia? — ele perguntou.

— O seu tornozelo está quebrado. É bastante sério. Vai levar algum tempo. O resto... — ela deu de ombros, experimentou o cozido, franziu os lábios. — Precisa de sal.

Ele a viu mexer na mochila à procura do sal

— Graça — ele disse baixinho. — O seu nome é Graça.

— Um deles — a mulher respondeu. E então ela lhe contou seu nome verdadeiro, o que usava há dez mil anos. — Tenho que ser franca. Gosto mais de Graça. É tão mais fácil de pronunciar!

— Ela mexeu a sopa com a colher e lhe ofereceu um pouco. Ele cerrou os lábios. Só de pensar em comida... ela deu de ombros e tomou uma colherada.

— Pensei que eram escombros da explosão — ela continuou. — Nunca imaginei encontrar um dos veículos de fuga, ou você dentro dele. O que aconteceu ao sistema de guiamento? Você o desarmou?

Ele pensou com cuidado antes de responder.

— Mau funcionamento.

— Mau funcionamento?

— Mau funcionamento — ele repetiu mais alto. A garganta estava em fogo. Ela segurou o cantil enquanto ele bebia.

— Não tome demais — ela aconselhou. — Você vai se sentir mal.

Um pouco de água escorreu em seu queixo e ela o enxugou.

— A base estava comprometida — ele explicou.

A mulher pareceu surpresa.

— Como?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não tenho certeza.

— Por que você estava lá? Isso é curioso.

— Eu segui alguém — aquilo não estava indo bem. Para uma pessoa cuja vida inteira tinha sido uma mentira, mentir não estava sendo uma tarefa fácil. Ele sabia que Graça não hesitaria em pôr fim ao seu corpo atual se suspeitasse que o “comprometimento” se estendia a ele. Todos compreendiam o risco de vestir o manto humano. Partilhar um corpo com uma psique humana encerrava o risco de adotar vícios e também virtudes humanas. E muito mais perigoso do que ganância, luxúria, inveja ou qualquer um desses sentimentos, ou qualquer coisa, era o amor.

— Você... seguiu alguém? Um humano?

— Não tive escolha — pelo menos isso era verdade.

— A base ficou comprometida. Por um humano — ela sacudiu a cabeça espantada. — E você deixou a patrulha para impedir.

Ele fechou os olhos. Talvez ela pensasse que tinha desmaiado. O cheiro do cozido fazia seu estômago revirar.

— Muito curioso — Graça comentou. — Sempre houve o risco, mas dentro do centro de processamento. Como poderia um humano

em seu setor saber algo sobre a limpeza?

Fingir de morto não ia funcionar. Ele abriu os olhos. O corvo não tinha se movido. O pássaro o olhava fixamente e lembrava a coruja no peitoril e o garotinho na cama e o medo.

— Não tenho certeza se ela sabia.

— Ela?

— Sim. Era uma... mulher.

— Cassiopeia

Sem conseguir evitar, ele lançou um olhar penetrante para a moça.

— Como você...

— Ouvi muito esse nome nos últimos três dias.

— Três dias?

Seu coração acelerou. Ele tinha que perguntar, mas como poderia? Perguntar poderia deixá-la mais desconfiada do que já estava. Seria estupidez perguntar, então ele disse:

— Acho que ela pode ter escapado.

Graça sorriu.

— Bem, se foi isso que aconteceu, tenho certeza de que vamos encontrá-la.

Ele soltou a respiração devagar. Graça não teria motivo para mentir.

Se tivesse encontrado Cassie, ela a teria matado e não teria reservas em contar-lhe. Embora o fato de Graça não tê-la achado não era prova de que estivesse viva: Cassie ainda poderia não ter sobrevivido.

Graça remexeu na mochila de novo e tirou um frasco de creme.

— Para as queimaduras — ela explicou. Com agilidade, ela puxou as cobertas, expondo o corpo nu dele ao ar gelado. Acima, o corvo inclinou a lustrosa cabeça preta e observou a cena.

O creme estava frio; as mãos dela, quentes. Graça o tinha tirado do fogo; ele tinha tirado Cassie do gelo. Ele a carregou por um ondulante mar branco até a velha casa da fazenda, onde a despiu e mergulhou o corpo enregelado na água morna. Da mesma forma que as mãos de Graça, escorregadias devido à pomada, erravam por seu corpo, os dedos dele moviam-se pelo gelo preso nos cabelos espessos de Cassie. Removiam a bala enquanto ela flutuava na água pintada de rosa por seu sangue. A bala destinada ao seu coração. A bala dele. E, depois de tirá-la da água e enfaixar o ferimento, carregá-la para a cama da irmã e desviar o olhar enquanto a vestia com a camisola da irmã; Cassie tinha ficado furiosa quando se deu conta de que ele a tinha visto despida.

O olhar de Graça se fixou nele. O dele se fixou no urso de pelúcia no travesseiro. Ele puxou os cobertores até o queixo de Cassie. Graça puxou a coberta até o queixo dele.

Você vai viver, ele disse a Cassie. Mais uma oração do que uma promessa.

— Você vai viver — Graça disse a ele.

Você tem que viver, ele disse a Cassie.

— Tenho que viver — ele disse a Graça.

O jeito com que ela inclinou a cabeça ao olhar para ele lembrou o corvo na árvore, a coruja no peitoril.

— Todos temos... — Graça falou, balançando a cabeça devagar. — É por isso que viemos.

Ela se inclinou e lhe deu um delicado beijo na face. Hálito morno, lábios frios e o leve cheiro de fumaça de madeira. Os lábios dela escorregaram do rosto na direção da boca. Ele virou o rosto.

— Como você sabia o nome dela? — Graça sussurrou em seu ouvido. — Cassiopeia. Como você conhecia Cassiopeia?

— Encontrei o acampamento dela. Abandonado. Ela mantinha um diário...

— Ah. E foi assim que você descobriu que ela planejava atacar a base.

— Sim.

— Bem, então faz todo o sentido. Ela disse no diário *por que* ia atacar a base?

— O irmão... levado de um campo de refugiados para Wright-Patterson... ela escapou...

— Isso é notável. Então ela vence as nossas defesas e destrói todo o centro de comando. Isso é ainda mais notável e beira o inacreditável.

Ela pegou a frigideira, jogou o conteúdo em um arbusto e se levantou. Ela era alta, um colosso loiro de 1,80 m. As faces estavam coradas, talvez por causa do frio, talvez por causa do beijo.

— Descanse — ela recomendou. — Você já está bem o suficiente para viajar. Vamos partir esta noite.

— Para onde vamos? — Evan Walker perguntou.

— Para a minha casa — Graça respondeu sorrindo.

17

Ao pôr do sol, Graça apagou o fogo, pendurou a mochila e o rifle no ombro e levantou Evan do chão para a caminhada de 25 quilômetros até sua casa sede ao sul de Urbana. Ela percorreria a rodovia para ganhar tempo. Havia pouco risco nessa altura do campeonato: ela não via um ser humano há semanas. Os que não havia matado tinham sido levados pelos ônibus.

18

A sede de Graça ficava numa velha casa de madeira de um andar na Rodovia 68, localizada exatamente no centro do setor de patrulha de 9 quilômetros quadrados que lhe foi designado. Além de cobrir as janelas quebradas com tábuas e consertar as portas externas, ela deixou a casa como a encontrou. Retratos de família nas paredes, lembranças e objetos herdados de antepassados grandes demais para serem levados, móveis quebrados e gavetas abertas e milhares de itens das vidas dos ocupantes considerados inúteis pelos saqueadores estavam espalhados em todos os aposentos. Graça não se incomodou em limpar a sujeira. Quando a primavera chegasse e a 5ª Onda começasse a acontecer, ela já teria partido.

Graça levou Evan para o segundo quarto de dormir no fundo da casa, o quarto das crianças, com papel de parede azul-claro, brinquedos cobrindo o chão e um móbile com o sistema solar pendurado melancolicamente no teto. Ela o deitou em uma das camas de solteiro. Uma criança tinha rabiscado suas iniciais na cabeceira: *K.M.* Kevin? Kyle? O pequeno quarto cheirava como a praga. Não havia muita luz – Graça também tinha coberto a janela com tábuas – mas a visão de Evan era muito mais aguçada do que a de um humano comum, por isso ele viu as manchas escuras de sangue que tinham ido parar nas paredes azuis durante a agonia de morte de alguém.

Ela saiu do quarto e voltou alguns minutos depois com mais pomada e um rolo de ataduras. Ela envolveu as queimaduras rapidamente, como se tivesse negócios urgentes em outro lugar. Nenhum dos dois falou até ela o cobrir novamente.

— Precisa de alguma coisa? — Graça perguntou. — Alguma coisa para comer? Banheiro?

— Roupas.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não é uma boa ideia. Uma semana para as queimaduras, talvez três para o tornozelo.

Eu não tenho três semanas. Três dias já é muito.

Pela primeira vez, ele pensou que seria necessário neutralizar Graça.

Ela tocou a face dele.

— Grite se precisar de alguma coisa. Não apoie o peso nesse tornozelo. Vou ter que buscar suprimentos. Eu não esperava visita.

— Quanto tempo você vai ficar fora?

— Não mais que duas horas. Tente dormir.

— Preciso de uma arma.

— Evan, não há ninguém num raio de 200 quilômetros — ela sorriu. — Ah, você está preocupado com a sabotadora.

Ele concordou.

— Estou.

Ela colocou uma pistola na mão dele.

— Não atire em mim.

— Não vou atirar — Evan respondeu, envolvendo a coronha com os dedos.

— Vou bater antes de entrar.

Ele concordou de novo.

— É uma boa ideia.

Graça parou junto da porta.

— Perdemos os teleguiados quando a base caiu.

— Eu sei.

— O que quer dizer que nós não podemos ser localizados. Se alguma coisa acontecer a um de nós...

— Isso importa? Está quase no fim.

Graça concordou, pensativa.

— Você acha que vamos sentir falta deles?

— Dos humanos? — Evan se perguntou se ela estava brincando? Ele nunca a tinha ouvido tentar isso antes; brincar não fazia parte de sua personalidade.

— Não dos que estão lá fora — ela fez um gesto para além das paredes, para o mundo exterior. — Só dos que estão aqui — e pôs a mão no peito.

— Você não sente falta do que não se lembra — ele respondeu.

— Ah, eu acho que vou me lembrar dela — Graça disse. — Ela era uma garotinha feliz.

— Então não vai haver nada do que sentir saudades, vai?

Ela cruzou os braços. Ela ia sair e agora não ia. Por que ela não saía?

— Não vou guardar todas — ela disse, referindo-se às lembranças. — Somente as boas.

— Essa foi minha preocupação desde o início, Graça: quanto mais tempo desempenhamos o papel de humanos, mais humanos nos tornamos.

Graça olhou para ele de um modo estranho e não disse nada por um tempo muito longo, muito constrangedor.

— Quem está bancando o ser humano? — ela perguntou.

19

Evan esperou até o som dos passos dela desaparecer. O vento assobiava entre o compensado e a moldura da janela; fora isso, ele não ouviu nada. Como a visão, sua audição era estranhamente apurada. Se Graça estivesse na varanda penteando os cabelos, ele escutaria.

Primeiro a arma. Ele tirou o pente da pistola. Como suspeitava: sem balas. Ele tinha achado a arma muito leve. Evan se permitiu um riso baixo. A ironia era muito grande. A principal missão deles não tinha sido matar, mas semear desconfiança entre os sobreviventes e conduzi-los como ovelhas assustadas para matadouros como Wright-Patterson. O que acontece quando os semeadores de desconfiança se tornam seus *ceifeiros*? Ceifeiros. Ele reprimiu uma risada histérica.

Evan respirou fundo. Aquilo ia doer. Ele se sentou. O quarto girou. Ele fechou os olhos. Não. Isso piorou a situação. Ele abriu os olhos e se obrigou a ficar ereto. Seu corpo tinha aumentado na preparação para o despertar. Aquela era a verdade que o sonho da coruja encobria. O segredo que o escudo de proteção da memória evitou que visse e, consequentemente, de lembrar: enquanto ele e Graça e dezenas de milhares de crianças como eles dormiam, dádivas tinham sido entregues durante a noite. Dádivas de que iriam precisar no futuro. Dádivas que iriam transformar seus corpos em armas minuciosamente ajustadas, pois os planejadores da invasão tinham compreendido uma verdade simples, embora contradissesse a intuição: a mente sempre acompanhava o corpo.

Dê a alguém o poder dos deuses e ele vai se tornar tão indiferente quanto eles.

A dor diminuiu. A vertigem melhorou. Ele escorregou as pernas da beira da cama. Ele precisava testar o tornozelo. O tornozelo era essencial. Os outros ferimentos eram graves, mas sem consequências; ele podia lidar com eles. Delicadamente, ele aplicou pressão no calcanhar e um raio de agonia disparou perna acima.

Ele caiu de costas, ofegante. No alto, planetas poeirentos estavam congelados na órbita ao redor de um sol denteado.

Evan se sentou e esperou que a cabeça clareasse. Ele não iria encontrar uma forma de contornar a dor. Ele teria que encontrar uma forma de superá-la.

Ele abaixou-se até o chão usando a lateral da cama para sustentar seu peso. Depois, forçou-se a descansar. Não havia pressa. Se Graça voltasse ele poderia explicar que tinha caído da cama. Lentamente centímetros de cada vez, ele arrastou o traseiro ao longo do carpete até ficar deitado de costas, vendo o sistema solar através de uma cortina de meteoros branco-incandescentes que formavam uma cascata em seu campo de visão. O quarto estava gelado, mas ele suava profusamente. Ofegante. Coração acelerado. Pele em fogo. Ele se concentrou no móbile, no azul desbotado da Terra, o vermelho escurecido de Marte. A dor chegava em ondas; ele flutuava agora em um diferente tipo de mar.

As ripas sob a cama estavam presas com pregos e vergadas pelo estrado pesado e o colchão. Não importava. Ele moveu o corpo de um lado para outro e entrou no reduzido espaço embaixo, sobre os corpos de insetos mortos esmagados por seu peso, e encontrou um carro de brinquedo e os membros torcidos de um personagem de ação de plástico de quando heróis povoavam os sonhos das crianças. Ele quebrou a madeira com três pancadas fortes da mão fechada, rastejou de volta pelo caminho pelo que entrou e soltou a outra extremidade. A poeira caiu em sua boca. Ele tossiu, provocando outro *tsunami* de dor que percorreu o peito, foi para a lateral do corpo e se enrodilhou como uma serpente em volta do estômago.

Dez minutos depois, ele estava contemplando o sistema solar outra vez, preocupado com a possibilidade de Graça encontrá-lo desmaiado, agarrado a uma grande ripa de madeira em cima do peito. Isso seria um pouco mais difícil de explicar.

O mundo girava. Os planetas estavam imóveis.

Tem um quarto escondido... ele tinha atravessado a soleira desse quarto, onde uma simples promessa atirava milhares de raios: *Eu vou encontrar você*. Essa promessa, como todas as promessas, criou a própria moralidade. Para cumpri-la, ele teria que atravessar um mar de sangue.

O mundo afrouxou. Os planetas se firmaram.

20

A noite tinha caído quando Graça voltou, sua chegada anunciada pelo brilho de uma lanterna que se estendia no corredor do lado de fora. Ela colocou a lanterna no criado-mudo, e a luz lançou sombras que envolveram o rosto de Evan, que não protestou quando ela puxou as cobertas, desenrolou as ataduras que cobriam os ferimentos e expôs seu corpo ao ar gelado.

— Sentiu minha falta, Evan? — ela murmurou, pontas dos dedos escorregadias com a pomada que deslizavam em sua pele. — Não estou falando de hoje. Que idade nós tínhamos então? Quinze?

— Dezesseis — ele respondeu.

— Humm. Você me perguntou se eu tinha medo do futuro. Você se lembra?

— Sim.

— Uma pergunta muito... humana.

Os dedos de uma das mãos o massageavam enquanto os dedos da outra desabotoavam a camisa dela lentamente.

— Não tanto quanto a outra que fiz.

Ela inclinou a cabeça curiosa. Os cabelos dela caíam sobre o ombro. O rosto perdido na sombra e a camisa se abrindo como uma cortina puxada para os lados.

— E qual foi? — ela sussurrou.

— Se você não tinha se sentido incrivelmente só há muito tempo.

O frio dos dedos dela. O calor de sua pele queimada.

— O seu coração está batendo muito depressa — ela murmurou.

Ela se levantou. Ele fechou os olhos. *Pela promessa.* Fora do círculo de luz, Graça despiu as calças que caíram ao redor dos

tornozelos. Ele não olhou.

— Não tão só — Graça murmurou, sua respiração acariciando sua orelha. — Estar presa neste corpo tem suas compensações.

Pela promessa. E Cassie, a ilha em cuja direção nadava, emergindo de um mar cheio de sangue.

— Não tão só, Evan — Graça repetiu. Ela tocou os lábios dele com os dedos, a nuca com os lábios.

Ele não teve escolha. Sua promessa não lhe permitia nenhuma. Graça nunca o deixaria partir; ela não hesitaria em matá-lo se tentasse. Não havia como fugir ou se esconder dela. *Nenhuma escolha.*

Ele abriu os olhos, estendeu a mão direita e correu os dedos pelos cabelos dela. A mão esquerda deslizou para baixo do travesseiro. Acima deles, ele viu o sol solitário destituído de sua descendência, brilhando à luz da lanterna. Ele imaginou que Graça poderia notar a falta dos planetas. Ele esperava que ela perguntasse por que ele precisou removê-los, embora não fossem os planetas o que ele precisava.

Era do fio.

Mas Graça não notou. A sua mente estava em outro lugar.

— Toque-me, Evan — ela sussurrou.

Ele rolou com força para a direita e golpeou o maxilar dela com o braço. Ela tropeçou para trás quando ele saiu da cama, empurrando-a na altura do estômago com o ombro. Ela enterrou as unhas nas queimaduras de suas costas e arranhou. O quarto ficou escuro por um momento, mas ele não precisava ver — só precisava estar próximo.

Ela talvez até tivesse visto o garrote improvisado feito com a madeira quebrada e o fio do móbile em sua mão, ou talvez apenas tenha tido sorte, mas o punho dela se fechou em volta do fio e empurrou o artefato enquanto Evan o apertava. Com a parte externa do tornozelo bom, ele empurrou a perna de Graça e a jogou no

chão, acompanhando o corpo dela para baixo, enterrando o joelho na parte inferior de suas costas durante o impacto.

Nenhuma escolha.

Ele concentrou cada grama de sua aumentada força em puxar o fio até cortar a palma da mão dela e atingir o osso.

Graça reagiu ao peso de Evan. Ele girou o joelho direito e golpeou a cabeça dela. Mais apertado. *Mais apertado.* Ele sentiu cheiro de sangue. Dele. Dela.

O quarto girou.

Afundando no sangue, dele, dela, Evan Walker não se moveu.

21

Quando terminou, ele foi para a cama e tirou a ripa quebrada. Um pouco comprida para uma muleta, ele tinha que segurar a tábua num ângulo complicado, mas teria que servir. Ele mancou para o outro quarto, onde encontrou roupas masculinas: uma calça jeans, uma camisa xadrez, um suéter tricotado à mão e uma jaqueta de couro com o nome do time de boliche do dono enfeitando as costas: *Os Pinos de Urbana.* O tecido arranhava e raspava a pele ferida, tornando cada movimento um estudo de dor. Depois, arrastando os pés, foi até a sala de estar onde achou a mochila e o rifle de Graça. Ele pendurou ambos no ombro.

Horas mais tarde, descansando no metal imprensado que lembrava um ninho no meio de uma pilha de oito carros na Rodovia 68, ele abriu a mochila para checar o conteúdo e encontrou dúzias de saquinhos de plástico etiquetados com marcador preto, cada um contendo mechas de cabelos humanos. Primeiro, ficou espantado. De quem eram aqueles cabelos e por que estavam em saquinhos, todos com uma data anotada com capricho? Então ele compreendeu: Graça estava guardando os troféus de suas mortes.

Aonde a mente vai, o corpo vai atrás.

Ele construiu uma tala para o tornozelo com dois pedaços de metal quebrado e o resto de um rolo de atadura. E tomou alguns goles da água. O corpo ansiava por dormir, mas ele não iria dormir de novo até cumprir a promessa. Ele ergueu o rosto para os pontinhos de luz fixos acima no negro ilimitado. *Eu não encontro você sempre?*

O farol do carro ao seu lado explodiu em uma chuva de vidro e plástico pulverizados. Ele mergulhou sob o veículo mais próximo, arrastando o rifle com ele.

Graça. Tinha que ser. Graça estava viva.

Ele partiu muito depressa. Ele supôs demais, desejou demais. E agora estava encurralado, preso sem saída, e naquele momento

Evan se deu conta de como promessas podem ser cumpridas de formas inesperadas: ele tinha encontrado Cassie ao se transformar nela.

Ferido, preso debaixo de um carro, incapaz de correr, incapaz de levantar, à mercê de um caçador sem rosto nem piedade, um Silenciador feito para acabar com o ruído humano

22

Ele conheceu – *encontrou* seria mais exato – Graça no verão em que completaram 16 anos, na Feira do Distrito de Hamilton. Evan estava parado do lado de fora da barraca de animais exóticos com Val, sua irmãzinha, que pedia para ver o tigre branco desde que tinham chegado naquela manhã. Era agosto. A fila era longa. Val estava cansada e mal-humorada e grudenta de suor. Ele a tinha irritado ao tentar fazê-la mudar de ideia. Não gostava de ver animais em cativeiro. Quando olhava em seus olhos, algo dentro deles retribuía o olhar.

Ele encontrou Graça primeiro, parada ao lado do trailer do bolo de funil com uma fatia gotejante de melancia na mão. Cabelos loiros que caiam até o meio das costas, feições serenas, quase árticas, principalmente os olhos azuis como gelo, e a curva desdenhosa da boca, brilhando de suma. Ela se virou para Evan. Ele rapidamente desviou o olhar e se virou para a irmãzinha que estaria morta em menos de dois anos. Um fato que ele carregava em seu íntimo, trancado em um diferente tipo de quarto oculto. Às vezes, era difícil se livrar dele: o conhecimento de que todos os rostos que via eram os rostos de um futuro cadáver. O seu mundo era povoado de fantasmas vivos.

— O que foi? — Val perguntou.

— Nada — ele disse, sacudindo a cabeça. *Nada.* Ele respirou fundo e olhou para o trailer de novo. A garota loira tinha desaparecido.

Dentro da barraca, atrás de um alambrado de arame galvanizado, o tigre branco arfava no calor. Crianças pequenas se amontoavam na frente. Atrás deles, câmeras e smartphones clicavam. O tigre continuou regiamente indiferente à atenção.

— Lindo — uma voz rouca murmurou no ouvido de Evan. Ele não se virou. Sem olhar, sabia que era a garota de longos cabelos

loiros e lábios brilhantes de sumo de melancia. A feira estava abarrotada; o braço nu da garota roçou no dele.

— E triste — Evan falou.

— Não — Graça retrucou. — Ele poderia destruir essa cerca em dois segundos, destroçar o rosto de uma criança em três. Ele quer ficar ali. Isso é maravilhoso.

Ele olhou para ela. Os olhos dela eram ainda mais atordoantes de perto. Seu olhar fixou-se no dele num instante perturbador. Ele conhecia a entidade que se ocultava dentro do corpo de Graça.

— A gente deveria conversar — Graça sussurrou.

23

Ao anoitecer, as luzes da roda-gigante se acenderam, o som metálico da música aumentou e a via principal da feira se encheu com a multidão de shorts cortados, chinelos, cheiro de coco do protetor solar, o andar gingado de homens barrigudos com bonés de uma fábrica de maquinário agrícola, mãos muito calosas e carteiras presas com tiras ao cinto, engordando os bolsos de trás. Ele entregou Val para a mãe e, nervoso, foi até a roda-gigante esperar Graça. Ela se materializou entre a multidão, segurando um grande bicho de pelúcia: um tigre-de-bengala branco, olhos brilhantes de plástico só um pouco mais escuros que os dela.

— Eu me chamo Evan — ele se apresentou.

— Eu me chamo Graça.

Eles observaram a gigantesca roda girar diante do céu arroxeado.

— Você acha que vamos sentir falta disso quando acabar? — ele perguntou.

— Eu não — o nariz dela estava franzido. — O cheiro deles é horrível. Não consigo me acostumar a ele.

— Você é a primeira que conheço desde...

Graça concordou.

— Eu também. Você acha que foi um acidente?

— Não.

— Eu não vinha hoje, mas, quando acordei esta manhã, escutei uma vozinha. *Vá.* Você a ouviu?

— Sim.

— Bom — ela pareceu aliviada. — Durante dois anos venho me perguntando se estou louca.

— Você não está.

— Você não se faz a mesma pergunta?

— Não mais.

Ela sorriu maliciosa.

— Quer dar um passeio?

Eles andaram até o terreno deserto da exposição e se sentaram na arquibancada. As primeiras estrelas apareceram. A noite estava quente, o ar úmido. Graça usava shorts e uma regata branca sem mangas com uma gola de renda. Sentado ao lado dela, Evan sentiu o aroma de alcaçuz.

— Então é isso — Evan disse, mostrando o curral vazio com seu chão coberto de serragem e estrume com um gesto de cabeça.

— O quê?

— O futuro.

Ela riu como se ele tivesse contado uma piada.

— O mundo acaba. O mundo acaba e o mundo recomeça. Sempre foi assim.

— Você nunca tem medo do que vai vir? Nunca?

— Nunca — falou enquanto abraçava o tigre de pelúcia no colo. Os olhos dela pareciam assumir a cor do que quer que estivesse vendo. Agora ela estava olhando para o céu que escurecia, e seus olhos eram de um preto impenetrável.

Os dois conversaram alguns minutos em seu idioma nativo, mas era muito difícil, por isso desistiram. Muitas palavras eram impronunciáveis. Evan notou que depois ela ficou muito mais calma e se deu conta de que não era o futuro que a assustava; era o passado, o fato de temer que a entidade dentro de seu corpo fosse uma fantasia da mente perturbada de uma jovem humana. Conhecer Evan validou a sua existência.

— Você não está só — ele lhe disse e olhou para baixo e a descobriu segurando sua mão. Uma das mãos para ele, outra para o tigre.

— Essa tem sido a parte mais difícil — Graça concordou. — Ter a impressão de ser a única pessoa no universo. De que a coisa toda

está *aqui* — tocando o peito — e em nenhum outro lugar.

Anos mais tarde, ele iria ler algo muito parecido no diário de outra garota de 16 anos, a que encontrou e perdeu, encontrou e perdeu outra vez:

Às vezes acho que sou a última pessoa na Terra.

24

O chassis do carro nas costas. O asfalto frio de encontro ao rosto. O rifle inútil na mão. Ele estava encurralado.

Graça tinha várias opções. Ele tinha duas.

Não. Se houvesse alguma esperança de cumprir a promessa, tinha apenas uma:

A escolha de Cassie.

Ela também tinha feito uma promessa. Uma promessa inútil e suicida para a única pessoa que ainda importava para ela – mais do que a sua própria vida. Ela se levantou naquele dia para enfrentar o caçador sem rosto porque a sua morte não era nada comparada à morte daquela promessa. Se restasse alguma esperança, ela estava nas promessas inúteis do amor. Ele rastejou para frente, passou o para-choque e ficou a céu aberto e, então, como Cassie Suliivan, Evan Walker se levantou.

Ele ficou tenso, esperando o final. Quando Cassie se levantou naquela límpida tarde de outono, seu Silenciador tinha fugido. Ele achava que Graça não iria fugir. Graça iria terminar o que tinha começado.

Mas o final não veio. Nenhuma bala silenciadora, ligando Graça a ele como que por um cordão prateado. Evan sabia que ela estava ali. Sabia que ela podia vê-lo parado torto diante do carro. E ele compreendeu que não havia como escapar do passado nem como se esquivar de consequências inevitáveis: o terror de Cassie, sua incerteza e dor, agora pertenciam a ele.

No alto, as estrelas. Na frente, a estrada que elas faziam brilhar. O abraço firme do ar gelado e o cheiro medicinal do unguento que Graça tinha espalhado em suas queimaduras. *O seu coração estava batendo muito depressa.*

Ela não vai matá-lo, ele disse a si mesmo. *Não é o objetivo. Se matar você fosse o objetivo, ela não teria errado aquele tiro*.

Havia somente uma resposta possível: Graça pretendia segui-lo. Ele era um mistério para ela e segui-lo era a única forma de desvendá-lo. Ele tinha escapado da armadilha apenas para cair mais fundo no fosso: agora, cumprir a promessa não era ser leal, era um ato de traição.

Ele não podia correr mais que ela, não com o tornozelo fraturado. Ele não podia argumentar com ela – ele não mais conseguia expor as próprias razões. Ele podia esperar que ela saísse. Ficar ali sem fazer nada... e arriscar que Cassie fosse descoberta por soldados da 5ª Onda ou abandonar o hotel antes que aquele impasse com Graça terminasse. Ele podia provocar um confronto, mas já tinha falhado uma vez e as chances eram de que falharia de novo. Ele estava muito fraco, muito ferido. Ele precisava de tempo para sarar, e não havia tempo.

Evan se recostou no capô do carro e olhou para o céu incrustado de estrelas, intocadas pelas luzes humanas, limpo de toda poluição, e essas são as mesmas estrelas que brilharam no mundo antes da espécie humana. Durante bilhões de anos, essas mesmas estrelas, e o que significou o tempo para elas?

— Efemérida — Evan sussurrou. — Efemérida.

Ele pôs o rifle no ombro, serpenteou para fora do amontoado de carros de volta para a mochila de suprimentos, jogou-a no outro ombro e colocou a muleta improvisada debaixo do braço. O avanço seria lento, dolorosamente lento, mas ele obrigaria Graça a escolher entre deixá-lo escapar ou segui-lo, abandonando o território que lhe foi designado num momento em que a deserção poderia significar um grave contratempo na programação cuidadosamente planejada. Ele iria escolher o caminho ao norte do hotel – norte, na direção da base mais próxima. Norte, para onde o inimigo tinha fugido e se entrincheirado, e iria esperar a primavera para desferir o último e derradeiro ataque.

Era ali que residia a esperança – onde todas as esperanças tinham estado desde o início – nos ombros das crianças-soldado da 5ª Onda, submetidas à lavagem cerebral.

25

Mais tarde, na noite do dia em que se conheceram, Evan e Graça caminharam na rua principal da feira sob as luzes que afastavam a escuridão, serpeando entre a multidão, passando as barracas do jogo de argolas, de dardos e basquete. A música saía em alto volume dos alto-falantes instalados nos postes de luz. Borbulhando sob a música, ouvia-se o som de milhares de conversas, como uma subcorrente. O fluxo da multidão fluía como um rio, também, remoinhando e girando, rápido aqui, lento ali. Altos, ágeis e notáveis em sua beleza, Evan e Graça chamavam a atenção dos passantes, o que o deixou pouco à vontade. Ele nunca apreciou multidões, preferindo a solidão da floresta e dos campos da fazenda da família, uma inclinação que lhe foi útil quando o tempo da limpeza chegou.

Tempo. Acima deles, as estrelas giravam como os pontos de luz da roda-gigante que assomava sobre o recinto da feira e, embora muito devagar para ser registrado pelos olhos humanos, os ponteiros do relógio universal estavam desacelerando, desde o início, e os rostos que passavam marcavam o tempo, como as estrelas, prisioneiros dele. Mas Evan e Graça não eram prisioneiros. Eles tinham conquistado o inconquistável, negado o inegável. A última estrela iria morrer, o universo iria perecer, mas eles iriam perdurar.

— Em que você está pensando? — Graça perguntou.

— “O meu espírito não vai lutar com o homem para sempre, pois ele é mortal”.

— O quê? — ela estava sorrindo.

— É da Bíblia.

Ela passou o tigre para a outra mão para segurar a dele.

— Não seja mórbido. Está uma noite linda e não vamos nos ver de novo até acabar. O seu problema é que você não sabe como viver o momento.

Graça puxou Evan da via principal para as sombras entre duas barracas, onde o beijou, apertando o corpo com força ao dele, e algo se abriu em seu íntimo. Ela entrou nele e a terrível solidão que sentia desde o despertar diminuiu.

Graça se afastou. Seu rosto estava corado, e os olhos queimavam com um fogo pálido.

— Eu penso nisso algumas vezes. A primeira morte. Em como vai ser.

Ele concordou.

— Eu também penso nisso. Mas geralmente penso na última.

26

Evan deixou a rodovia, cortando caminho pelos campos abertos, atravessando solitárias estradas do interior, parando para encher o cantil com água num córrego gelado, orientando-se pela Estrela do Norte. Como faziam os antigos. Seus ferimentos o obrigavam a descansar com frequência e, a cada vez, ele via Graça ao longe. Ela não se dava ao trabalho de se esconder. Ela queria que Evan soubesse que estava ali, fora do alcance do rifle. Ao anoitecer, ele chegou a rodovia 68, a principal artéria que ligava Huber Heights a Urbana. Em um pequeno bosque na beira da estrada, ele juntou lenha para uma fogueira. Suas mãos tremiam e ele estava febril. Evan ficou preocupado com a possibilidade de as queimaduras terem infeccionado. Seu organismo tinha sido fortalecido, mas um corpo avançado poderia chegar a um ponto do qual não havia retorno. Seu tornozelo inchado tinha dobrado de tamanho, a pele estava quente ao toque, e o ferimento latejava a cada batida do seu coração. Evan decidiu passar um dia ali, talvez dois, e manter a fogueira acesa.

Um farol para atraí-los para a armadilha. Se estivessem ali. Se pudessem ser atraídos.

A estrada à sua frente. A floresta atrás dele. Ele continuaria a céu aberto. Graça podia ficar na floresta. Ela iria esperar com ele. Fora de seu território, agora totalmente comprometida, não tinha volta.

Evan se aqueceu com o fogo. Graça não acendeu uma fogueira. Para ele, a luz e o calor. Para ela, a escuridão e o frio. Ele despiu a jaqueta, tirou o suéter, livrou-se da camisa. As queimaduras já estavam começando a cicatrizar, mas coçavam terrivelmente. Para se distrair, ele esculpiu uma nova muleta em um galho de árvore recolhido da floresta.

Ele se perguntou se Graça se arriscaria a dormir. Ela sabia que as forças dele aumentavam a cada hora que passava e cada hora que ela demorava suas chances de sucesso diminuíam.

Evan a viu no meio da tarde do segundo dia, uma sombra entre as sombras, enquanto ele juntava mais lenha para a fogueira. A 50 metros entre as árvores, empunhando um rifle de alta potência, uma atadura ensanguentada enrolada na mão, outra em volta do pescoço. No ar gelado, a voz dela pareceu ser levada para o infinito.

— Por que não me matou, Evan?

A princípio, ele não respondeu e continuou a apanhar galhos secos para o farol. Então ele disse:

— Pensei que tivesse matado.

— Não. Você não pode ter pensado isso.

— Talvez eu esteja cansado de matar.

— O que isso quer dizer?

Evan sacudiu a cabeça.

— Você não iria compreender.

— Quem é Cassiopeia?

Ele levantou e ficou em pé. A luz estava fraca entre as árvores sob um lençol de nuvens cinzentas como ferro. Mesmo assim, Evan viu o jeito desdenhoso dos lábios e a pálida chama azul dos olhos.

— Aquela que resistiu quando todos os outros se entregaram — Evan respondeu. — Aquela em quem não consegui deixar de pensar mesmo antes de conhecê-la. A última, Graça. A última pessoa na terra.

Graça não disse nada por um longo tempo. Ele ficou. Ela ficou.

— Você está apaixonado por uma humana — a voz dela estava tomada pelo espanto. E então o óbvio: — Isso não é possível.

— Nós pensávamos o mesmo sobre a imortalidade.

— Seria como um deles se apaixonar por uma lesma-do-mar — agora sorrindo. — Você está louco. Você ficou doido.

— Sim.

Evan virou as costas para ela, num convite ao tiro. Afinal, ele era louco, e a loucura vinha com a própria armadura.

— Não pode ser isso! — ela gritou atrás dele. — Por que você não pode me contar o que realmente está acontecendo?

Ele parou. A lenha caiu no chão gelado com estrépito. A muleta caiu debaixo de seu braço. Ele virou a cabeça, mas não o corpo.

— Proteja-se, Graça — ele disse com suavidade.

Os dedos dela se contraíram no gatilho. Olhos normais de um ser humano não teriam percebido o movimento, mas os de Evan não o perderam.

— Ou... o quê? — ela perguntou. — Vai me atacar de novo?

Evan sacudiu a cabeça.

— Não vou atacar você, Graça. Eles vão.

Graça inclinou a cabeça como o pássaro na árvore quando Evan acordou no acampamento dela.

— Eles estão aqui — ele disse.

A primeira bala atingiu a coxa. Ela cambaleou para trás, mas se manteve ereta. O próximo tiro penetrou no ombro esquerdo e o rifle escorregou de sua mão. O terceiro, provavelmente de outro atirador, explodiu na árvore ao lado de Evan, deixando de acertar a cabeça dele por milímetros.

Graça mergulhou no chão.

Evan correu.

27

Correr era exagero. Era mais um saltitar frenético, balançando a perna ferida para o lado, a fim de manter a maior parte do peso sobre a perna saudável, e cada vez que o calcanhar batia no chão pontos de luz brilhante explodiam em sua vista. Passou a fogueira quase apagada, o farol que tinha queimado por dois dias, o sinal que ele tinha colocado na floresta: *Estamos aqui!* Apanhou o rifle do chão em meio a corrida; ele não tinha intenção de defender seu território. Graça iria atrair os tiros deles – uma patrulha de pelo menos dois recrutas, talvez mais. Ele desejou que fossem mais. Mais manteriam Graça ocupada por algum tempo.

A que distância? 15 quilômetros? Trinta? Ele não conseguiria manter esse ritmo, mas, se continuasse em movimento, deveria chegar perto de hotel ao amanhecer do dia seguinte.

Evan ouviu o tiroteio atrás dele. Estampidos esporádicos, não contínuos, o que significava que Graça estava sendo metódica. Os soldados estariam com oculares, a noite estabelecia as condições do jogo. Não muito, apenas um pouco.

Ele abandonou qualquer tentativa de se esconder e foi até a rodovia dando passos longos no meio do asfalto, um vulto solitário sob a imensidão do céu de chumbo. Um bando de corvos bateu as asas e fez uma curva acima dele, dirigindo-se para o norte, atraídos pelo cheiro de sangue fresco. Evan continuou andando, grunhindo de dor, cada passo uma lição, cada pisada um lembrete. Sua temperatura corporal estava nas alturas, os pulmões queimavam, o coração batia forte no peito. O atrito das roupas arrancou as delicadas cascas e logo ele estava sangrando. O sangue fez a camisa grudar em suas costas, encharcou o jeans. Ele sabia que estava se excedendo. O sistema instalado para manter sua vida e superar toda a resistência humana poderia quebrar.

Evan desfaleceu ao mesmo tempo que o sol sumiu sob a cúpula do céu, uma queda parecida com um tropeço em câmera lenta, batendo primeiro o ombro e rolando para a beira da estrada,

onde ficou de costas, os braços estendidos para os lados, entorpecido da cintura para baixo, tremendo incontrolavelmente, queimando de febre no ar cortante. A escuridão rolou sobre a face da terra e Evan Walker tombou para o fundo sem luz, para um quarto oculto que dançava na luz cuja fonte era o rosto dela, e ele não tinha explicação para isso, para como o rosto dela iluminava o interior do lugar sem luz. *Você está louco. Você ficou doido.* Ele também achava. Ele lutou para mantê-la viva enquanto a deixava todas as noites para matar o resto. Por que uma pessoa deveria viver quando todo o mundo perece? Ela iluminou a ausência de luz – a sua vida a lâmpada, a última estrela no universo agonizante.

Eu sou a humanidade, ela tinha escrito. Egoísta, obstinada, sentimental, infantil, vaidosa. *Eu sou a humanidade.* Cínica, ingênua, gentil, cruel, macia como uma pluma, dura como aço-tungstênio.

Ele precisava levantar. Se não conseguisse, a luz se apagaria. O mundo seria consumido pela escuridão esmagadora. Mas toda a atmosfera o empurrava para baixo e o mantinha lá, 5 quatrilhões de toneladas capazes de esmagar seus ossos.

O sistema tinha quebrado. Sobrecarregada além de seus limites, a tecnologia alienígena instalada em seu corpo humano quando tinha 13 anos havia fechado. Agora não havia nada para ampará-lo ou protegê-lo.

Queimado e quebrado, seu corpo humano não era diferente do de suas presas anteriores. Frágil. Delicado. Vulnerável. Só.

Ele não era um deles. Ele era totalmente um deles. Inteiramente Outro. Completamente humano.

Evan rolou para o lado. Seu corpo sofreu um espasmo. Sangue subiu para sua boca. Ele o cuspiu.

De bruços. Depois joelhos. Depois mãos. Os cotovelos estremeceram, os pulsos ameaçaram dobrar-se sob seu peso. Egoísta, obstinada, sentimental, infantil, vaidosa. *Eu sou a humanidade.* Cínica, ingênua, gentil, macia como uma pluma, dura como aço-tungstênio.

Eu sou a humanidade.

Ele rastejou.

Eu sou a humanidade.

Ele caiu.

Eu sou a humanidade.

Ele se levantou.

28

Uma vida depois, de seu esconderijo sob um viaduto da rodovia, Evan observou a garota de cabelos negros atravessar rapidamente o estacionamento do hotel, cruzar a rampa de acesso da interestadual, trotar algumas centenas de metros para o norte da rodovia 68 e depois parar ao lado de uma SUV para olhar para o edifício que tinha ficado para trás. Ele acompanhou o olhar dela até uma janela no primeiro andar onde uma sombra passou rapidamente e desapareceu.

Efemérida.

A garota de cabelos negros sumiu entre as árvores que margeavam a rodovia. Por que tinha partido e para onde ia era uma incógnita. Talvez o grupo estivesse se dividindo – as chances de sobrevivência aumentariam um pouco – ou talvez ela estivesse indo explorar um esconderijo mais seguro a fim de passar o inverno. Qualquer que fosse o caso, ele teve a sensação de tê-los encontrado bem a tempo.

A garota de cabelos negros era uma, deixando pelo menos quatro do lado de dentro, os que tinha visto vigiando das janelas. Ele não sabia se algum deles tinha sobrevivido à explosão. Nem mesmo tinha certeza se era a sombra de Cassie na janela.

Não que importasse. Ele tinha feito uma promessa. Tinha que entrar.

Ele não podia se aproximar abertamente. A situação era complicada por muitos fatores desconhecidos. E se não fosse Cassie, mas um esquadrão de soldados da 5ª Onda separado dos demais quando a base explodiu – como o que tinha deixado aos cuidados de Graça? Ele estaria morto antes de andar alguns metros. O risco era praticamente tão grande quanto se fossem Cassie e um grupo de sobreviventes: eles poderiam atingi-lo antes de perceberem quem era.

Entrar agora, porém, também apresentava seus riscos. Ele não sabia quantos havia lá dentro. Não sabia se poderia lidar com duas, quanto menos quatro crianças fortemente armadas ansiosas para atirar, cheias de adrenalina, prontas para detonar qualquer coisa que se movesse. O sistema que tinha melhorado o seu corpo tinha parado de funcionar. *Sou totalmente humano,* tinha dito para Cassie. Agora, isso era literalmente verdadeiro.

Evan ainda estava analisando as opções quando uma figura minúscula apareceu no estacionamento. Uma criança vestindo o uniforme da 5ª Onda. Não era Sam. Sam usava o macacão branco dos muito pequenos e recém-processados. Mas era nova. Seis ou sete anos, ele supôs. Seguindo a mesma rota que a garota de cabelos negros, parou perto do mesmo SUV para olhar de volta para o hotel. Desta vez, ele não viu nenhuma sombra na janela; quem quer que tivesse estado lá não estava mais.

Agora somavam duas. Estariam abandonando o hotel uma de cada vez? Taticamente, fazia sentido. Não deveria simplesmente esperar que Cassie saísse em vez de arriscar a vida para entrar?

E as estrelas giravam no alto, marcando o tempo que se acabava.

Ele começou a levantar e tornou a se abaixar. Mais uma pessoa saiu do hotel, muito maior do que as duas anteriores, uma criança grande com uma cabeça grande segurando um rifle. Três agora, nenhuma delas Cassie ou Sam ou o amigo de escola de Cassie – qual era o nome dele? Ken? A cada saída, a probabilidade de Cassie não estar naquele grupo aumentava. Deveria mesmo tentar entrar?

O instinto lhe dizia para ir. Sem respostas, sem armas e quase nenhuma força. Instinto era tudo que lhe restava.

Ele foi.

29

Durante mais de cinco anos ele tinha contado com as dádivas que o tornavam superior aos humanos em quase todos os aspectos. Audição. Visão. Reflexos. Agilidade. Força. As dádivas o tinham estragado. Ele tinha esquecido como era sentir-se normal.

Agora, estava fazendo um curso intensivo.

Ele entrou em um aposento no andar térreo por uma janela quebrada. Mancou até a porta e colou o ouvido a ela, mas só ouviu o retumbar do próprio coração. Abriu a porta com cuidado, entrou no corredor, ouvindo, esperando em vão que os olhos se ajustassem à escuridão. Percorreu o corredor e entrou no saguão. A sua respiração congelou no ar frígido – fora isso, silêncio. Aparentemente, o andar térreo estava deserto. Ele sabia que alguém estava parado junto de uma pequena janela no corredor no andar superior; ele notou parte do vulto enquanto se movia para o interior do edifício.

Poço da escada. Dois lances. Ao atingir o segundo patamar, estava tonto de dor e ofegante devido ao esforço. Sentiu gosto de sangue. Não havia luz. Estava sepultado na escuridão total.

Se havia apenas uma pessoa do outro lado da porta, ele tinha segundos. Mais do que uma, não importava quantas fossem, estaria morto. Todos os instintos lhe diziam para esperar.

Ele foi.

No corredor do outro lado da porta estava uma criança com orelhas extraordinariamente grandes e uma boca que se abriu de espanto um momento antes de Evan imobilizá-la com uma gravata, apertar-lhe a carótida e interromper o fluxo de ar para seu cérebro. Ele arrastou a presa que se retorcia para o poço escuro da escada. O garoto ficou mole antes que tivesse fechado a porta outra vez.

Evan aguardou alguns segundos do outro lado. O corredor estava vazio; dominar o garoto foi uma ação rápida e relativamente silenciosa. Levaria algum tempo até que os outros – se houvesse

outros – percebessem que a sentinela tinha desaparecido. Ele arrastou o garoto escada abaixo e colocou o corpo inconsciente em um espaço pequeno entre os degraus e a parede. Tornou a subir. Abriu a porta um pouco. No meio do corredor, outra porta se abriu e dois vultos envoltos em sombras apareceram. Evan os viu atravessar o corredor e entrar em outro quarto. Eles reapareceram um momento depois e foram até outra porta.

Estavam verificando todos os quartos. A escada viria em seguida. Ou o elevador; ele tinha se esquecido do elevador. Será que eles desceriam pelo poço do elevador e checariam a escada vindo de baixo?

Não. Se forem apenas dois, vão se separar. Um na escada, *outro no poço e vão se encontrar no saguão.*

Evan viu quando saíram do último quarto, foram para o elevador, onde um segurou as portas enquanto o outro desaparecia no poço. O que ficou estava com dificuldade de ficar em pé, apertava o estômago e grunhia levemente devido ao esforço, segurando a lateral do corpo enquanto mancava na direção de Evan.

Ele esperou. Sessenta metros, dez, cinco. Segurando o rifle com a mão direita, o ventre com a esquerda, parou do outro lado da porta. Evan sorriu. *Ben. Não Ken. Ben.*

Encontrei.

Evan entrou no corredor de supetão e deu um soco no estômago ferido de Ben com a maior força possível. O golpe o deixou sem fôlego, mas Ben se recusava a cair. Ele balançou para trás e ergueu o rifle. Evan empurrou-o para o lado e golpeou Ben outra vez no mesmo lugar e, dessa vez, Ben desabou, caindo de joelhos aos pés de Evan. A cabeça caiu para trás. Seus olhares se encontraram.

— Eu sabia que você não era verdadeiro — Ben disse ofegante.

— Onde está Cassie?

Ele se ajoelhou, agarrou o moletom amarelo de Ben com as duas mãos e puxou o rosto dele para perto do seu.

— Onde está Cassie?

Se fosse o seu antigo eu, se o sistema não tivesse sido danificado, ele teria visto a imagem indistinta da lâmina, ouvido o seu zunido infinitamente leve cortando o ar. Em vez disso, ele só percebeu a faca quando Ben a enterrou em sua coxa.

Evan caiu para trás arrastando Ben com ele. Empurrou-o para o lado quando Ben puxou a faca. Evan bateu no punho de Ben com o joelho para neutralizar a ameaça, cobriu-lhe a boca e o nariz e apertou com força. O tempo passava. Debaixo dele, Ben se agitou e chutou, balançou a cabeça de um lado para outro, a mão livre procurando o rifle a menos de 2 centímetros da ponta dos dedos, e o tempo parou.

Então Ben ficou imóvel, e Evan caiu para o lado, tentando recuperar o fôlego, encharcado de sangue e suor, e se sentindo como se o corpo fosse explodir em chamas. Mas não havia tempo para se recuperar: um pouco adiante no corredor, um pequeno rosto em forma de coração virou-se na sua direção por uma fresta na porta.

Sam.

Ele se levantou, perdeu o equilíbrio, inclinou-se para a parede, caiu. De pé novamente, agora estava convencido de que era Cassie que tinha descido pelo poço do elevador, mas antes tinha que proteger Sam. Porém, o menino tinha batido a porta e estava gritando obscenidades do outro lado. Quando Evan pôs a mão na maçaneta, Sam abriu fogo.

Evan se atirou contra a parede ao lado da porta enquanto Sam esvaziava o pente. Quando a pausa veio, ele não hesitou: Sam tinha que ser neutralizado antes de poder recarregar.

Evan tinha uma opção: abrir a porta com um chute com o pé quebrado ou apoiar todo o seu peso nele e chutar com o outro.

Nenhuma das opções era muito viável. Ele decidiu chutar com o pé fraturado, pois não podia se arriscar a perder o equilíbrio.

Três chutes fortes e violentos. Três chutes que provocaram uma dor que nunca tinha experimentado antes. Mas a fechadura se quebrou com ruído forte e a porta bateu contra a parede do outro lado. Ele tropeçou para dentro do quarto e lá estava o irmão de Cassie, rastejando na direção da janela. De alguma forma, Evan conseguiu permanecer ereto, algo o manteve em pé e o fez avançar na direção da criança com a mão estendida. *Estou aqui, lembra-se de mim? Eu já o salvei uma vez e vou salvá-lo de novo...*

E então, atrás dele, a última estrela, a estrela final, a que carregou pelo mar infinito branco, a única coisa pela qual valia a pena morrer, abriu fogo.

E a bala os uniu quando atingiu o osso, ligando-os como que por um cordão de prata.

IV
Milhões

30

O menino parou de falar no verão da praga.

O pai tinha desaparecido. O suprimento de velas estava acabando e ele saiu certa manhã para encontrar mais. Ele nunca voltou.

A mãe estava doente. A cabeça dela doía. Todo o corpo doía. Até os dentes, ela contou a ele. De noite era pior. A febre aumentava. Nenhum alimento parava no estômago. Na manhã seguinte, ela se sentia melhor. Talvez isso passe, dizia. Ela se recusava a ir ao hospital. Eles tinham ouvido histórias, histórias terríveis, sobre hospitais, clínicas e abrigos de emergência.

Uma a uma, as famílias fugiam das redondezas. Os saques cresciam muito e gangues vagavam nas ruas à noite. O homem que morava a duas casas foi morto com um tiro na cabeça por se recusar a dividir a água potável da família. Às vezes, um estranho aparecia na vizinhança contando histórias sobre terremotos e ondas de 30 m de altura inundando terras a centenas de quilômetros dali. Milhares de mortos. Milhões.

Quando a mãe ficou fraca demais para sair da cama, ele ficou encarregado de cuidar do bebê. Eles o chamavam de bebê, mas na verdade já tinha quase 3 anos. Não o traga para perto de mim, a mãe recomendou. Ele vai ficar doente. O bebê não dava muito trabalho. Ele dormia muito e brincava só um pouco. Ele era apenas uma criancinha; ele não sabia. Às vezes, perguntava do pai ou o que estava acontecendo com a mãe. Na maioria das vezes, pedia comida.

A comida estava acabando, mas a mãe não o deixava sair. É muito perigoso. Você vai se perder. Você vai ser raptado. Você vai levar um tiro. Ele discutia com ela. Ele tinha 14 anos e era grande para a idade, alvo de brincadeiras e insultos cruéis no pátio da escola desde que fizera 7. Ele era forte. Sabia cuidar de si mesmo. Mas ela não o deixava ir. *Não consigo manter nada no estômago e*

você bem que podia perder um pouco de peso. Ela não estava sendo cruel; ela estava tentando ser engraçada. Porém, ele não achou engraçado.

E então eles ficaram reduzidos a apenas uma lata de sopa condensada e um pacote de bolachas mofadas. Ele aqueceu a sopa na lareira, no fogo que alimentava com pedaços dos móveis e as velhas revistas de caça do pai. O bebê comeu todas as bolachas, mas disse que não queria a sopa. Ele queria macarrão com queijo. Não temos macarrão com queijo. Temos sopa e bolachas, e só. O bebê chorou e rolou no chão diante da lareira gritando por macarrão com queijo.

Ele levou uma caneca de sopa para a mãe. A febre estava muito alta. Na noite anterior, ela tinha começado a vomitar uma substância preta e grumosa – era o revestimento do estômago e sangue, embora ele não soubesse disso na época. A mãe o observou entrar no quarto com olhos sem vida e sem expressão, o olhar fixo da Morte Vermelha.

O que você está fazendo? Não posso comer. Leve isso embora.

Ele obedeceu e tomou a sopa em pé, perto da pia da cozinha, enquanto o irmãozinho rolava no chão e gritava, e a mãe afundava cada vez mais na indiferença, o vírus se espalhando em seu cérebro. Nas últimas horas, a mãe iria desaparecer. Sua personalidade, sua lembrança, o *alguém* que ela era, rendendo-se antes do corpo. Ele tomou a sopa morna e lambeu a lata. Teria que sair pela manhã. Não havia mais comida. Diria ao irmãozinho para ficar dentro de casa, não importa o que acontecesse, e ele não voltaria até encontrar alguma coisa para comer.

O garoto saiu às escondidas na manhã seguinte. Procurou nas mercearias e lojas de conveniência abandonadas. Procurou em restaurantes saqueados e lanchonetes. Ele encontrou latões de lixo cheirando a produtos estragados, transbordando de sacos de lixo rasgados onde muitas mãos antes das dele procuraram alimento. No final da tarde, a única coisa comestível que encontrou sob uma prateleira vazia de um posto de gasolina foi um pequeno bolo do

tamanho da palma de sua mão ainda na embalagem de plástico. Estava ficando tarde; o sol se punha. Ele decidiu ir para casa e voltar na manhã seguinte. Talvez houvesse mais bolos e outros tipos de comida escondidos ou perdidos e ele só precisava procurar com mais atenção.

A porta estava aberta quando chegou. Ele se lembrou de tê-la fechado e soube que algo estava errado. Correu para dentro e chamou o bebê. Procurou de quarto em quarto, olhou embaixo das camas, armários e nos carros, frios e inúteis na garagem. A mãe o chamou. Onde ele estava? O bebê não tinha parado de chorar. O garoto perguntou à mãe onde o bebê estava, e ela respondeu, irritada, *Não está ouvindo?*

Mas ele não ouvia nada.

Ele saiu e gritou o nome do irmãozinho. Examinou o quintal dos fundos, foi até a casa do vizinho e bateu na porta. Ele bateu em todas as portas da rua. Ninguém respondeu. Ou as pessoas no interior das casas estavam com medo de sair, ou estavam doentes, mortas, ou apenas tinham ido embora. Ele andou vários quarteirões para um lado, e vários para outro, chamando o nome do irmão até ficar rouco. Uma velhinha saiu na varanda e gritou para que ele fosse embora; ela tinha uma arma. Ele foi para casa.

O bebê tinha desaparecido. Ele decidiu não contar para a mãe. O que ela faria a respeito? Ele não queria que a mãe pensasse que era mau por ter saído. Ele deveria ter levado o irmão, mas achou que o bebê estaria mais seguro em casa. A sua casa é o lugar mais seguro do mundo.

Naquela noite a mãe o chamou. *Onde está meu bebê?* O garoto lhe disse que o bebê estava dormindo. Aquela foi a pior noite de todas. Lenços ensanguentados espalhados na cama. Lenços ensanguentados lotando a mesa de cabeceira, cobrindo o chão.

Traga o meu bebê.

Ele está dormindo.

Quero ver meu bebê.

Você vai passar doença para ele.

Ela o xingou. E o mandou para o inferno. Ela cuspiu catarro ensanguentado nele. Ele ficou parado na soleira da porta, remexendo nos bolsos com as mãos nervosas, e a embalagem do bolo estalou, o plástico estragado pelo calor.

Onde você foi?

Procurar comida.

Ela ficou enjoada. *Não diga essa palavra!*

Olhando-o com olhos brilhantes e vermelhos de sangue.

Por que estava procurando comida? Você não precisa de comida. Você é o porco mais nojento que eu já vi. Você poderia viver até o inverno só com a gordura da barriga.

Ele não disse nada. Ele sabia que era a praga que falava, não a mãe. A mãe o amava. Quando as brincadeiras na escola ficaram insuportáveis, ela procurou o diretor e disse que iria prestar queixa se o bullying não parasse.

O que é esse barulho? O que é esse barulho horrível?

O menino respondeu que não estava ouvindo nada. Ela ficou muito zangada. Começou a xingar de novo e saliva ensanguentada espirrou na cabeceira.

Está vindo de você. Com que você está brincando no bolso?

Não havia nada que pudesse fazer. Ele tinha que lhe mostrar. Ele tirou o bolo e ela gritou que o guardasse e nunca mais o tirasse. Não era surpresa ele estar tão gordo. Não era surpresa o irmão estar passando fome enquanto ele comia bolos e balas e todo o macarrão com queijo. Que tipo de monstro era esse que comia todo o macarrão com queijo do irmão?

Ele tentou se defender, mas sempre que começava a falar ela gritava com ele. Cale a boca, cale a boca, cale a BOCA. A voz dele a deixava doente. *Ele* a deixava doente. Ele era o culpado. Ele tinha feito algo para o marido e para o irmãozinho e ele tinha feito algo para *ela*, deixou-a doente, envenenou-a, ele a estava *envenenando.*

E sempre que tentava falar, ela gritava com ele. Cale a boca, cale a boca, cale a BOCA.

Ela morreu dois dias depois.

O garoto a envolveu num lençol limpo e carregou o corpo para o quintal dos fundos. Depois, encharcou o corpo com o fluido de isqueiro do pai e acendeu o fogo. Ele queimou o corpo da mãe e o colchão em que ela tinha morrido e toda a roupa de cama. Ele esperou o irmão mais uma semana, mas ele não veio. Ele procurou o irmão, procurou comida. Ele encontrou comida, mas não o irmão. Ele parou de chamá-lo. Ele parou de falar. Ele calou a boca.

Seis semanas mais tarde, estava andando por uma rodovia pontilhada com carros, caminhões e motocicletas batidos e abandonados quando viu fumaça preta ao longe e, após alguns minutos, a origem da fumaça, um ônibus escolar amarelo cheio de crianças. Havia soldados no ônibus, que perguntaram o seu nome, de onde era, quantos anos tinha e, mais tarde, ele se lembrou de ter enfiado as mãos nervosamente nos bolsos e encontrado o velho pedaço de bolo ainda na embalagem.

Porco. Viver até o inverno com a gordura da barriga.

O que foi, garoto? Não sabe falar?

O sargento-chefe ouviu a história de como ele tinha ido para o campo sem nada além das roupas do corpo e um pedaço de bolo no bolso. Antes de ouvir a história, ele o chamou de Gorducho. Depois de ouvir a história, trocou o nome por Pão de Ló.

Gosto de você, Pão de Ló. Gosto do fato de que você é um atirador nato. Aposto que apagou mamãe com a arma numa das mãos e um bolinho na outra. Gosto do fato de que você se parece com Hortelino Troca Letras e tem o detestável coração do Mufasa. E eu gosto principalmente do fato de que não fala. Ninguém sabe de onde vem, onde esteve, o que pensa, como se sente. Droga, não sei e não dou a mínima, você também não deve dar. Você é um matador mudo e frio vindo do fundo da escuridão com um coração à altura, não é, cabo Pão de Ló?

Ele não era.
Ainda não.

V
O preço

31

A primeira coisa que eu pretendia fazer quando ele acordasse era matá-lo.

Se ele acordasse.

Dumbo não tinha certeza de que isso iria acontecer.

— Ele está muito machucado — ele me disse depois que o despimos e Dumbo deu uma boa olhada nos danos. Uma facada numa das pernas, um tiro na outra, coberto de queimaduras, ossos fraturados, tremendo devido à febre alta. Apesar de termos colocado várias cobertas em cima dele, Evan ainda tremia com tanta intensidade que a cama parecia vibrar.

— Sépsis — Dumbo murmurou. Ele notou que eu o olhava muda e acrescentou: — É quando a infecção entra na corrente sanguínea.

— O que vamos fazer? — perguntei.

— Antibióticos.

— Que nós não temos.

Sentei-me na outra cama. Sam foi correndo para a extremidade, agarrado à pistola descarregada. Ele se recusou a entregá-la. Ben estava recostado na parede, segurando o rifle e olhando para Evan com cautela, como se tivesse certeza de que ele saltaria da cama a qualquer segundo e faria outra tentativa de acabar conosco.

— Ele não teve escolha — eu disse a Ben. — Como ele poderia simplesmente sair andando no escuro sem que alguém atirasse nele?

— Eu quero saber onde Pão de Ló e Teacup estão — Ben falou entre dentes cerrados.

Dumbo lhe disse que fosse se deitar. Ele tinha trocado as ataduras, mas Ben tinha perdido muito sangue. Ben fez um sinal de indiferença. Afastou-se da parede com esforço, mancou para o lado

da cama de Evan e deu-lhe um tapa no rosto com as costas da mão.

— Acorde! — *pá!* — Acorde, seu filho da mãe!

Disparei da cama e agarrei o pulso de Ben antes que ele atingisse Evan de novo.

— Ben, isso não vai...

— Está certo — ele puxou o braço e foi com dificuldade para a porta. — Vou achá-los sozinho.

— Zumbi! — Sam chamou, ele levantou e correu até ele. — Eu também!

— Parem com isso, vocês dois — eu disse irritada. — Ninguém vai a lugar algum até a gente...

— O quê, Cassie? — Ben gritou. — Até a gente o quê?

Abri a boca e nenhuma palavra saiu. Sam estava puxando o braço dele: *Vamos, Zumbi!* Meu irmão de 5 anos empunhando uma arma descarregada, aqui está uma metáfora para você.

— Ben, escute. Você está me escutando? Se você sair agora...

— Eu vou sair agora...

— ... nós vamos perder você também! — interrompi-o com um grito. — Você não sabe o que aconteceu lá fora. É provável que Evan tenha deixado os dois inconscientes como fez com você e Dumbo. Mas talvez não. Talvez eles estejam voltando para cá agora e sair é correr um risco estúpido...

— Não me dê sermões sobre riscos idiotas. Eu sei tudo sobre...

Ben oscilou. A cor desapareceu de seu rosto e ele se apoiou em um joelho, Sam agarrou a sua manga inutilmente. Dumbo e eu o levantamos e o levamos para uma cama vazia, onde ele caiu para trás, amaldiçoando-nos, amaldiçoando Evan Walker e amaldiçoando toda a confusão em geral. Dumbo me olhava espantado, como quem pergunta: *Você sabe a resposta, certo? Você sabe o que fazer, certo?*

Errado.

32

Peguei o rifle de Dumbo e o empurrei para o peito do garoto.

— Não sabemos se está acontecendo alguma coisa — eu disse a ele. — Escadas, as duas janelas do corredor, quartos do lado leste, quartos do lado oeste, fique em movimento e mantenha os olhos abertos. Vou ficar aqui com os machos alfa e tentar evitar que eles se matem.

Dumbo concordou como se compreendesse, mas não se mexeu. Pus as mãos em seus ombros e foquei seus olhos inquietos.

— Mexa-se, Dumbo. Entendeu? Mexa-se.

Ele levantou e abaixou a cabeça bruscamente, como um bonequinho de cabeça bamba, para cima e para baixo e para cima e para baixo e saiu do quarto desajeitado. Sair dali era a última coisa que ele queria fazer, mas já estávamos na situação de fazer a última coisa que queríamos fazer há muito tempo.

Atrás de mim, Ben grunhiu:

— Por que não atirou na cabeça dele? Por que o joelho?

— Justiça poética — resmunguei. Sentei-me ao lado de Evan, Notei seus olhos tremulando atrás das pálpebras. Ele tinha morrido. Eu tinha me despedido. Agora, ele estava vivo e talvez não pudeste dizer olá. *Estamos apenas a seis quilômetros do Campo Abrigo, Evan. Por que demorou tanto?*

— Não podemos ficar aqui — Ben anunciou. — Foi uma má ideia mandar Esp na frente. Eu sabia que não deveríamos nos separar. Vamos sair daqui pela manhã.

— Como vamos fazer isso? — perguntei. — Você está ferido, Evan está...

— Isso não tem nada a ver com ele — Ben falou. — Bom, acho que tem, para você...

— Você está vivo graças a ele e não deveria fazer birra, Parish.

— Não estou fazendo birra...

— Está, sim. Você está fazendo birra como uma miss de um concurso de beleza infantil.

Sammy riu. Acho que não tinha ouvido meu irmão rir desde a morte de nossa mãe. Fiquei surpresa, como se tivesse encontrado um lago no meio do deserto.

— Cassie chamou você de miss — Sam informou, no caso de Ben não ter ouvido.

Ben o ignorou.

— Esperamos por ele aqui e agora estamos presos por causa dele. Faça o que você quiser, Sullivan. Vou embora amanhã cedo.

— Eu também — Sam falou.

Ben se levantou, apoiou-se na cama por um minuto, a fim de recuperar o fôlego, e depois foi mancando até a porta. Sam o seguiu e eu não tentei impedir nenhum dos dois. De que adiantaria? Ben abriu um pouco a porta e falou baixinho para Dumbo não atirar nele, que ele estava saindo para ajudar. E então Evan e eu ficamos a sós.

Sentei-me na cama que Ben tinha acabado de deixar. Ela ainda estava quente de seu corpo. Peguei o urso de Sammy e o pus no colo.

— Você pode me ouvir? — perguntei, para Evan, não para o urso. — Acho que agora estamos quites, não? Você atirou no meu joelho, e eu atirei no seu; você me viu totalmente nua, eu vi você totalmente nu; você rezou por mim, eu...

O quarto ficou desfocado. Peguei Urso e bati no peito de Evan com ele.

— E a jaqueta ridícula que você estava usando. Veja só, Os Pinos. É isso mesmo — bati nele de novo. — Pino — de novo. — Pino — de novo. — E agora você vem ver se estou bem? Agora?

Os lábios dele se moveram e uma palavra escapou devagar, como ar escapando de um pneu.

— Efemérida.

33

Evan abriu os olhos. Quando pensei em escrever algo sobre o tom quente de chocolate derretido, algo em mim desmontou. Por que ele exercia esse efeito devastador em mim? Aquela não era eu. Por que permiti que ele me beijasse e me acariciasse e ficasse atrás de mim como um cachorrinho alienígena perdido? Quem era essa cara? De que versão distorcida da realidade ele se transportou para entrar em minha versão distorcida? Nada se encaixava. Nada fazia sentido. Apaixonar-se por mim pode ser o mesmo que se apaixonar por uma barata, mas como explicar a minha reação a ele? Que nome dou a ela?

— Se você não estivesse morrendo e tudo o mais, eu lhe diria para ir para o inferno.

— Não estou morrendo, Cassie — pálpebras trêmulas, rosto suado, voz vacilante.

— Então, vá para o inferno. Você me deixou, Evan. No escuro, simples assim, e então explodiu o chão onde eu estava pisando. Você poderia ter matado todos nós. Você me abandonou exatamente quando...

— Eu voltei.

Ele estendeu a mão.

— Não me toque — falei. Não me deixaria cair por seus truques assustadores de mexer com a mente.

— Cumpri a promessa — ele sussurrou.

Bem, e que retorno irônico tive por causa disso? Uma promessa foi o que me levou até ele no começo. Mais uma vez me ocorreu como foi realmente estranho o fato de ele estar onde eu tinha estado e eu estar onde ele tinha estado. A promessa dele pela minha. A minha bala pela dele. Até nos despirmos um ao outro, porque não há opção, e se apegar ao pudor na era dos Outros é como sacrificar um animal para fazer chover.

— Você quase levou um tiro na cabeça, idiota — eu falei. — Não lhe ocorreu simplesmente gritar na escada, “Ei, sou eu! Não atirem!”

Ele sacudiu a cabeça.

— Muito arriscado.

— Ah, é. Muito mais arriscado do que ter a cabeça arrancada por um tiro. Onde está Teacup? Onde está Pão de Ló?

Ele sacudiu a cabeça outra vez. *Quem?*

— A garotinha que saiu pela rodovia. O garoto grande que foi atrás dela. Você deve ter visto os dois.

Dessa vez ele concordou.

— Norte.

— Bem, eu sei em que direção eles foram...

— Não vá atrás deles.

Essas palavras me fizeram parar de pensar em qualquer outra coisa.

— O que quer dizer com isso?

— Não é seguro.

— Nenhum lugar é seguro, Evan.

Ele estava revirando os olhos, estava desmaiando.

— Graça esta lá.

— O que você disse? Graça? Como em pedir a graça de Deus? O que quer dizer com “Graça está lá”?

— Graça — ele murmurou antes de ficar inconsciente.

34

Fiquei com Evan até o amanhecer. Sentada com ele como ele sentou comigo na velha casa da fazenda. Ele me levou para aquele lugar contra a minha vontade, e então minha vontade o trouxe para este lugar, e talvez isso significasse que éramos donos um do outro. Ou que tínhamos uma dívida um com o outro. Seja como for, nenhuma dívida é totalmente paga, não na verdade, não as que realmente importam. *Você me salvou*, ele disse e naquela época não entendi do que o tinha salvado. Isso foi antes de ele me contar a verdade sobre quem era e, mais tarde, imaginei que ele quis dizer que eu o tinha salvado de todo aquele genocídio e assassinatos em massa. Agora, acho que não estava querendo dizer que eu o tinha salvado de alguma coisa, mas sim *por* alguma coisa. A parte complicada, a parte irrespondível, a parte que me matava de medo era o que essa coisa poderia ser.

Ele gemeu durante o sono. Seus dedos agarraram as cobertas. Delirante. *Também já passei por isso, Evan.* Peguei a mão dele. Queimado, ferido e quebrado, e eu tinha me perguntado por que ele demorara tanto para me encontrar. Ele deve ter rastejado até aqui. A mão dele estava quente; o rosto brilhava de suor. Pela primeira vez, ocorreu-me que Evan Walker poderia morrer: logo após ter ressuscitado dentre os mortos.

— Você vai viver — eu lhe disse. — Você tem que viver. Prometa, Evan. Prometa que você vai viver. Prometa.

Eu me excedi um pouco. Tentei evitar. Não consegui:

— Isso vai completar o círculo, e então estaremos conversados; nós dois estaremos conversados, você e eu. Você atirou em mim e eu vivi. Eu atirei em você e você está vivo. Viu? É assim que funciona. Pergunte a qualquer um. Além do fato de que você é o sr. Superser Dez Séculos de Idade destinado a salvar-nos, pobres humanos, do bando intergaláctico. Esse é o seu trabalho. O que você nasceu para fazer. Ou criado para fazer. Tanto faz. Você sabe, no que se refere a planos de conquistar o mundo, o seu foi uma

droga. Quase um ano se passou e aqui estamos nós. Ainda estamos aqui, e quem está estirado de costas como um inseto com baba no queixo?

De fato, ele tinha baba no queixo. Eu a enxuguei com a ponta do cobertor. A porta se abriu e o grande velho Pão de Ló entrou no quarto. Dumbo, sorrindo de orelha a orelha, em seguida Ben e, finalmente Sam. Finalmente, pois Teacup não estava com eles.

— Como ele está? — Ben perguntou.

— Queimando — respondi. — Delirando. Ele fica falando sobre *graça*. Ben franziu o cenho.

— Como em a graça de Deus?

— Talvez dando graças, como antes de uma refeição. — Dumbo sugeriu. — Ele deve estar morrendo de fome.

Pão de Ló foi até a janela e olhou para o estacionamento gelado. Eu o observei atravessar o quarto pesadamente e me virei para Ben.

— O que aconteceu?

— Ele não quer falar.

— Então faça ele falar. Você é o sarge, certo?

— Acho que ele não consegue.

— Então Teacup desapareceu e não sabemos para onde e por que foi embora.

— Ela alcançou Esp — Dumbo deduziu. — E Esp decidiu levá-la até as cavernas para não perder tempo em trazê-la de volta.

Mostrei Pão de Ló com um movimento da cabeça.

— Onde ele estava?

— Achei-o do lado de fora — Ben contou.

— Fazendo o quê?

— Só... passando o tempo.

— Só passando o tempo? Mesmo? Vocês alguma vez se perguntaram para que time Pão de Ló pode estar jogando?

Ben sacudiu a cabeça cansado.

— Sullivan, não comece...

— É sério. Bancar o mudo pode ser só uma representação. Evita ter que responder perguntas embaraçosas. Além do fato de que faz muito sentido plantar um dos seus em cada esquadrão que passou pela lavagem cerebral, no caso de alguém começar a ficar espertinho...

— Certo, e antes de Pão de Ló foi Esp — Ben estava perdendo a paciência.

— Depois, vai ser Dumbo. Ou eu. Quando o cara que admitiu ser o inimigo está deitado bem ali, segurando a sua mão.

— Na verdade, eu estou segurando a mão *dele.* E ele não é o inimigo, Parish. Acho que já falamos disso.

— Como vamos saber que ele não matou Teacup? Ou Esp? Como vamos saber disso?

— Ah, Deus, olhe para ele. Ele não poderia matar um... um... — tentei pensar na criatura que ele poderia ter forças para matar, mas a única coisa que o meu cérebro faminto e privado de sono pôde lembrar foi *efemérida*, que teria sido uma escolha muito, mas muito ruim. Como um presságio descuidado, se é que um presságio pode ser descuidado.

Ben se virou bruscamente para Dumbo, que se encolheu. Acho que ele preferia que a ira de Ben se voltasse para qualquer pessoa, menos ele.

— Ele vai viver?

Dumbo sacudiu a cabeça, as pontas das orelhas ficando vermelhas.

— Ele está mal.

— Essa é minha pergunta. Qual é a gravidade do estado dele? Quando ele vai poder viajar?

— Por enquanto não.

— Droga, Dumbo, quando?

— Umas duas semanas? Um mês? O tornozelo dele está quebrado, mas isso não é o pior. A infecção, há o risco de gangrena...

— Um mês? Um mês! — Ben riu uma risada destituída de humor — Ele entra aqui feito um furacão, deixa você desacordado, me agride e algumas horas depois não pode se mexer por um mês!

— Então vá! — gritei para ele do outro lado do quarto. — Todos vocês. Deixem Evan comigo, nós vamos atrás de vocês assim que pudermos.

A boca de Ben, que tinha permanecido aberta até então, se fechou. Sam estava rondando perto da perna de Ben, um dedinho pendurado no passante do cinto do amigão. Algo no meu coração cedeu um pouco diante dessa cena. Ben me contou que no campo chamavam meu irmãozinho de "cachorro do Zumbi", pois ele estava sempre fielmente ao lado dele.

Dumbo estava assentindo.

— Faz sentido para mim, sarge.

— Nós tínhamos um plano — Ben começou, seus lábios mal se moveram. — E vamos pô-lo em prática. Se Esp não voltar até amanhã a esta hora, nós vamos embora — ele me olhou fixamente. — Todos nós — ele mostrou Pão de Ló com o polegar — Ele pode carregar o seu namorado, se ele não puder andar.

Ben se virou, chocou-se com a parede, voltou, passou pela porta e foi para o corredor.

Dumbo o seguiu.

— Sarge, para onde...

— Cama, Dumbo, cama! Preciso me deitar ou vou cair. Fique de guarda no primeiro turno. Nugget... Sam... qualquer que seja o seu nome... o que está fazendo?

— Vou com você.

— Fique com a sua irmã. Espere. Tem razão. Ela está com as mãos ocupadas... literalmente. Pão de Ló! Sullivan fica no seu lugar.

Vá fechar os olhos, seu mudo filho da...

A voz dele foi sumindo. Dumbo voltou para o lado da cama de Evan.

— Sarge está esgotado — ele explicou, como se eu precisasse de explicação. — Geralmente ele é bastante controlado.

— Eu também — eu falei. — Sou do tipo tranquilo. Não se preocupe.

Ele não se afastou. Estava olhando para mim e suas faces estavam tão vermelhas quanto as orelhas.

— Ele é mesmo o seu namorado?

— Quem? Não, Dumbo. Ele é só um cara que conheci um dia quando ele estava tentando me matar.

— Ah, bom — ele pareceu aliviado. — Você sabe que ele é igual ao Vosch.

— Ele não é nada parecido com Vosch.

— Eu quis dizer que Evan é um deles — baixando a voz como se estivesse contando um segredo obscuro. — Zumbi disse que eles não são como esses minúsculos dispositivos em nossos cérebros, mas que eles conseguiram uma forma de se descarregar para dentro de nós como um vírus de computador ou alguma coisa parecida.

— É, alguma coisa parecida.

— Que esquisito.

— Bom, eles poderiam ter se inserido em gatinhos domésticos, mas esse caminho teria retardado muito o nosso extermínio.

— Só uns dois meses — Dumbo disse, e eu ri. Como o riso de Sammy, o meu me surpreendeu. Se você quisesse separar os humanos de sua humanidade, pensei, matar o riso seria um bom lugar para começar. Eu nunca fui muito boa em história, mas tenho quase certeza de que idiotas como Hitler não riam muito.

— Ainda não entendo — ele continuou. — Por que um deles ficaria do nosso lado.

— Acho que nem ele sabe a resposta a essa pergunta.

Dumbo concordou, endireitou os ombros, respirou fundo. Ele estava dormindo em pé. Todos estávamos. Eu o chamei antes que saísse do quarto.

— Dumbo — a pergunta sem resposta de Ben. — Ele vai sobreviver?

Dumbo não disse nada por um longo tempo.

— Se eu fosse um alienígena e pudesse escolher qualquer corpo que quisesse — ele disse baixinho —, escolheria um bem forte. E então, só para garantir que iria sobreviver à guerra, eu gostaria... sei lá, de me tornar imune a todos os vírus e bactérias da Terra. Ou, pelo menos, resistente. Sabe, como dar vacina antirrábica para o seu cão.

Sorri.

— Sabia que você é muito esperto, Dumbo?

Ele corou.

— Esse é um apelido por causa das minhas orelhas.

O garoto saiu. Tive a sinistra sensação de estar sendo vigiada. Porque eu estava sendo vigiada: Pão de Ló me olhava de seu posto à janela.

— E você — eu chamei. — Qual é a sua história? Por que você não fala?

Ele se virou, e sua respiração embaçou a vidraça.

35

— Cassie! Cassie, acorde!

Endireitei o corpo rapidamente. Estivera enrodilhada ao lado de Evan, a cabeça colada à dele, minha mão na dele e... Como isso aconteceu? Sam estava parado ao lado da cama, puxando meu braço.

— Levante, Sullivan!

— Não me chame assim, Sams — murmurei. A luz estava escoando do quarto; era fim de tarde. Eu tinha dormido o dia inteiro. — O quê?...

Ele pôs um dedo sobre os lábios e apontou para o teto com o outro: *Escute*.

Ouvi o inconfundível som dos rotores de um helicóptero: fraco, mas aumentando. Pulei da cama, peguei o rifle e segui Sam para o corredor onde Pão de Ló e Dumbo rodeavam Ben, o ex-zagueiro agachado dando ordens do jogo.

— Pode ser apenas uma patrulha — ele sussurrou. — Não estão atrás de nós. Havia dois esquadrões lá fora quando o campo explodiu. Pode ser uma missão de resgate.

— Eles vão encontrar nossos rastros — Dumbo disse, entrando em pânico. — É o nosso fim, sarge.

— Talvez não — Ben retrucou esperançoso. Ele tinha recuperado parte de seu charme. — Ouviu? Já está desaparecendo...

Não era imaginação: o som estava mais fraco. Era preciso prender a respiração para ouvi-lo. Ficamos no corredor por mais dez minutos até o som sumir. Esperamos mais dez e ele não voltou. Ben soltou o ar preso com força.

— Acho que está tudo bem...

— Por quanto tempo? — Dumbo quis saber. — Não deveríamos passar a noite aqui, sarge. Acho que devemos ir para

as cavernas agora.

— E nos arriscamos a não ver Esp voltando? — Ben sacudiu a cabeça. — Ou que esse helicóptero volte enquanto estivermos expostos? Não, Dumbo. Vamos seguir com o plano.

Ben se levantou com esforço e olhou para mim.

— O que está acontecendo com Buzz Lightyear? Nenhuma mudança?

— O nome dele é Evan e, não, nenhuma mudança.

Pela primeira vez em muito tempo, Ben sorriu. Não sei, mas talvez o perigo iminente fizesse com que se sentisse mais vivo de alguma forma, pela mesma razão que os zumbis são carnívoros com apenas um item no menu. Você nunca ouve falar de mortos-vivos vegetarianos. Onde está o desafio em atacar uma travessa de aspargos?

Sam riu.

— Zumbi chamou o seu namorado de patrulheiro espacial.

— Ele não é um patrulheiro espacial... e por que todo mundo está dizendo que é meu namorado?

O sorriso de Ben se alargou.

— Ele não é seu namorado? Mas ele a beijou...

— Na boca? — Dumbo perguntou.

— Ah, sim, duas vezes. Foi o que eu vi.

— Beijo de língua? — Dumbo especificou.

— Argh — a boca de Sammy se franziu de nojo.

— Estou armada — anunciei, meio séria, meio brincando.

— Não vi nenhuma língua — Ben respondeu.

— Quer ver? — mostrei a língua para ele. Dumbo riu. Até Pão de Ló sorriu.

Foi quando a garota apareceu, saindo da escada para o corredor, e tudo ficou muito estranho, muito depressa.

36

Uma camiseta cor-de-rosa esfarrapada e manchada de lama (ou talvez de sangue) com a estampa de Hello Kitty. Shorts que algum dia talvez tivessem sido bege, desbotados a um branco sujo. Chinelos brancos e sujos com um par de imitação de diamantes teimosos ainda preso nas tiras. Um rosto estreito de duende dominado por olhos enormes, encimados por volumosos cabelos escuros emaranhados. E nova, aproximadamente a mesma idade de Sammy, embora ela estivesse tão magra que seu rosto parecia o de uma velhinha.

Ninguém disse nada. Estávamos chocados. Vê-la no final do corredor com os dentes batendo, joelhos ossudos tremendo no frio congelante foi outro momento ônibus-escolar-amarelo-parando-quando-a-escola-nunca-existiria-de-novo do Campo Ashpit. Algo que simplesmente não poderia ser.

E então Sammy sussurrou.

— Megan?

E Ben perguntou:

— Quem diabos é Megan? — que era mais ou menos o que todos nós estávamos pensando.

Sam se moveu antes que alguém pudesse segurá-lo. Andou até a metade do corredor. A garotinha não se mexeu. Mal piscou. Os olhos dela pareciam cintilar na luz fraca, brilhantes, lembrando os de pássaros, como o de uma coruja encarquilhada.

Sam se virou para nós e disse;

— Megan! — como se estivesse dizendo o óbvio. — É Megan, Zumbi. Ela estava no ônibus comigo! — meu irmão se virou para ela. — Oi, Megan — casualmente, como se estivessem se encontrando no playground para brincar.

— Pão de Ló — Ben disse baixinho. — Verifique a escada. Dumbo, vá até as janelas. Depois, examinem o primeiro andar. Ela

não pode estar sozinha.

Ela falou e sua voz saiu na forma de um gemido agudo e rouco que me lembrou unhas arranhando um quadro-negro.

— Minha garganta dói.

Os olhos reviraram nas órbitas. Os joelhos dobraram. Sam correu até ela, porém chegou tarde demais: ela caiu com força, batendo a testa no carpete fino um segundo antes de Sam alcançá-la. Ben e eu corremos e ele se abaixou para pegá-la, mas eu o empurrei para o lado.

— Você não deve levantar peso — repreendi.

— Ela não pesa nada — Ben protestou.

Eu a peguei no colo. Ele quase acertou. Megan pesava um pouco mais que um pacote de farinha, ossos, pele, cabelos e dentes, e isso era praticamente tudo. Eu a levei para o quarto de Evan, deitei-a na cama vazia e cobri o corpinho trêmulo com seis camadas de cobertores. Pedi a Sam que pegasse meu rifle no corredor.

— Sullivan — Ben falou da soleira da porta —, tem alguma coisa errada.

Concordei. Pior do que a probabilidade de ela ter chegado a esse hotel por acaso, era a probabilidade de eia ter sobrevivido naquele tempo com roupas de verão. Ben e eu tivemos o mesmo pensamento: a pequena srta. Megan apareceu na nossa porta 20 minutos depois de termos ouvido o helicóptero.

Ela não chegou ali sozinha. Ela foi entregue.

— Eles sabem que estamos aqui — eu deduzi.

— Mas, em vez de bombardear o edifício, eles a deixaram aqui. Por quê?

Sam voltou com o rifle.

— Essa é Megan — ele disse. — A gente se conheceu no ônibus a caminho do Campo Abrigo, Cassie.

— Mundo pequeno, não? — eu o empurrei para longe da cama, na direção de Ben. — Alguma ideia?

Ele coçou o queixo. Eu cocei a nuca. Muitas ideias dançando em nossas cabeças. Olhei para ele coçando o queixo e ele olhou para mim coçando a nuca, e foi quando ele disse:

— Rastreador. Eles implantaram uma pelota nela...

Claro. Esse deve ser o motivo de Ben ser o chefe. Ele é o Homem-Ideia. Massageei o pescoço fino como um lápis de Megan, procurando o caroço revelador. Nada. Olhei para Ben e sacudi a cabeça.

— Eles sabem que iríamos procurar ali — ele disse com impaciência. — Procure nela. Em cada centímetro, Sullivan. Sam, você vem comigo.

— Eu quero ficar — Sam choramingou. Afinal, ele tinha acabado de reencontrar uma amiga há muito perdida.

— Você quer ver uma menina sem roupa? — Ben fez uma careta. — Que nojo.

Ben puxou Sam pela porta e saiu do quarto. Enterrei os nós dos dedos nos olhos. Droga. Droga, dez vezes droga. Puxei as cobertas para o pé da cama, expondo o corpo maltratado à luz fraca do final de tarde de meio do inverno. Coberta de crostas, equimoses, feridas abertas e camadas de terra e sujeira, ressecada até os ossos pela horrível crueldade da indiferença e a brutal indiferença da crueldade, ela era uma de nós, e era todos nós. Ela era a obra-prima dos Outros, a sua *magnum opus*, o passado e o futuro da humanidade, o que eles tinham feito e o que prometeram fazer, e eu chorei. Chorei por Megan e chorei por mim e chorei por meu irmão e chorei por todos aqueles estúpidos ou infortunados por já estarem mortos.

Pare de reclamar, Sullivan. Estamos aqui, depois não estamos mais e isso acontecia antes de eles virem. Sempre aconteceu. Os Outros não inventaram a morte; eles apenas a aperfeiçoaram. Deram um rosto à morte para pôr em nosso rosto, porque eles sabiam que essa era a única forma de nos subjugar. Ela não vai

terminar em nenhum continente ou oceano, em nenhuma montanha ou planície, floresta ou deserto. Ela vai acabar onde começou, onde esteve desde o início, no campo de batalha do batimento do último coração humano.

Tirei as suas roupas imundas e surradas. Estendi seus braços e pernas como no desenho de Da Vinci que retrata o cara nu dentro de um quadrado e um círculo. Obriguei-me a trabalhar lenta e metodicamente, começando pela cabeça e descendo pelo resto do corpo.

— Sinto muito, sinto muito mesmo — sussurrei para ela, apertando, procurando.

Eu não estava mais triste. Pensei no dedo de Vosch apertando o botão que iria fritar o cérebro de meu irmão e tive tanta vontade de sentir o gosto de seu sangue que comecei a salivar.

Você diz que sabe como pensamos? Então você sabe o que vou fazer. Eu vou arrancar a pele de seu rosto com uma pinça. Vou despedaçar seu coração com uma agulha de costura. Vou drenar o seu sangue com bilhões de cortes minúsculos, um para cada um de nós.

Esse é o custo. Esse é o preço. Prepare-se, porque, quando você arranca a humanidade dos humanos, você fica com humanos sem humanidade.

Em outras palavras, você recebe o que merece, seu filho da mãe.

37

Chamei Ben para o quarto.

— Nada — eu lhe disse. — E procurei... em todos os lugares.

— E a garganta? — Ben perguntou baixinho. Ele conseguiu ouvir a raiva restante em minha voz. Ele compreendeu que estava falando com uma pessoa louca e que tinha que ir devagar. — Antes de desmaiar, ele disse que a garganta doía.

Concordei.

— Eu olhei. Não tem nenhuma pelota lá, Ben.

— Tem certeza? É uma coisa muito estranha para uma criança gelada e faminta dizer na hora em que aparece: “Minha garganta dói”.

Ben andou de lado até a cama, não sei bem por quê, talvez por que estivesse preocupado com a possibilidade de eu saltar sobre ele num acesso de fúria. Não que *isso* já tivesse acontecido. Ele apertou a testa de Megan com uma das mãos enquanto abria sua boca com a outra. Aproximou bem os olhos.

— É difícil ver alguma coisa — ele murmurou.

— Por esse motivo usei isto aqui — eu disse, entregando-lhe a caneta luminosa de Sam.

Ben iluminou a garganta de Megan.

— Está bem vermelha — ele observou.

— Certo. Foi por isso que ela disse que doía.

Preocupado com o problema, Ben esfregou o queixo.

— Nada de “Me ajude” ou “Estou com frio” ou mesmo “Não adianta resistir”. Só “Minha garganta dói”.

Cruzei os braços em cima do peito.

— Não adianta resistir? Sério?

Sam estava rondando a soleira da porta. Olhos arregalados.

— Ela está bem, Cassie? — ele perguntou.

— Ela está viva — eu respondi.

— Ela a engoliu! — Ben deduziu. O Homem-Ideia. — Você não a encontrou porque está no estômago dela!

— Esses dispositivos de rastreamento têm o tamanho de um grão de arroz — lembrei. — Por que engolir um deles iria ferir a garganta dela?

— Eu não disse que o dispositivo machucou a garganta. A garganta não tem nada a ver com isso.

— Então por que você está tão preocupado com a dor?

— Veja o que eu acho, Sullivan — com muito empenho, ele estava tentando ficar calmo, porque era claro que alguém tinha que ficar. — Ela aparecer do nada desse jeito pode significar muitas coisas, mas nenhuma delas pode ser boa. Na verdade, só pode ser uma coisa ruim. Uma coisa muito ruim que fica ainda mais ruim pelo fato de não sabermos o motivo pelo qual ela foi mandada para cá.

— Mais ruim?

— Isso mesmo. O idiota que não sabe falar a própria língua. Juro por Deus, vou dar um soco no próximo que corrigir minha gramática.

Suspirei. A raiva estava me abandonando, deixando uma massa com formato humano sem conteúdo, sem sangue.

Ben olhou para Megan por um longo momento.

— Temos que acordá-la — ele decidiu.

Então Dumbo e Pão de Ló entraram no quarto.

— Nem precisam dizer — Ben disse para Pão de Ló, que certamente não ia falar. — Vocês não encontraram coisa nenhuma.

— Nada — Dumbo corrigiu.

Ben não lhe deu um soco, mas estendeu a mão.

— Dê o seu cantil — ele desatarraxou a tampa e o segurou sobre a testa de Megan. Uma gota de água ficou pendurada na

borda por uma eternidade.

Antes que a eternidade terminasse, uma voz rouca falou atrás de nós.

— Eu não faria isso se fosse você.

Evan Walker estava acordado.

38

Todos congelaram. Até a gota d'água, inchando na borda do cantil, ficou parada. De sua cama, Evan nos observava com olhos vermelhos e brilhantes de febre, esperando que alguém fizesse a pergunta óbvia, que Ben finalmente fez:

— Por quê?

— Acordá-la desse jeito pode fazer com que ela respire muito fundo, e isso pode não ser bom.

Ben se virou para ele. A água pingou no carpete.

— De que diabos você está falando?

Evan engoliu em seco, fazendo uma careta devido ao esforço. O seu rosto estava branco como a fronha debaixo dele.

— Ela tem um implante, mas não é um rastreador.

Os lábios de Ben se apertaram, formando uma linha dura e pálida. Ele entendeu antes de nós e se virou para Dumbo e Pão de Ló.

— Fora, Sullivan, você e Sam, também.

— Eu não vou para nenhum lugar — eu disse.

— Mas deveria — Evan retrucou. — Não sei se foi bem regulado.

— Se o que foi bem regulado? — eu quis saber.

— O dispositivo incendiário ativado por CO^2 — ele desvirou o olhar. Foi difícil para ele proferir as palavras seguintes. — Nosso hálito, Cassie.

Naquele ponto, todos tinham entendido. Porém, havia uma diferença entre entender e aceitar. A ideia era inaceitável. Depois de tudo que tínhamos passado, ainda havia lugares aos quais nossa mente se recusava a ir.

— Vão para baixo agora, todos vocês — Ben ordenou.

Evan sacudiu a cabeça.

— Não é longe o bastante. Vocês precisam sair do prédio.

Ben agarrou o braço de Dumbo com uma das mãos e o de Pão de Ló com a outra e puxou os dois para a porta. Sam tinha recuado para a porta do banheiro, o pequeno punho apertado de encontro à boca.

— Alguém deve abrir a janela — Evan disse com dificuldade.

Empurrei Sam para o corredor, fui até a janela, pressionei a moldura com força, mas ela não se moveu, provavelmente por estar congelada. Ben me tirou da frente e quebrou o vidro com a coronha do rifle. O quarto se encheu de ar gelado. Ben voltou para perto da cama de Evan, olhou para ele por um segundo antes de agarrar um punhado de seus cabelos e puxá-lo para frente.

— Seu filho da mãe...

— Ben! — pus a mão no braço dele. — Deixe-o em paz. Ele não...

— Ah, está certo. Esqueci. Ele é um bom alienígena do mal — Ben soltou Evan, que caiu para trás, sem forças para se manter ereto. Então Ben sugeriu que ele fizesse a si mesmo algo que era anatomicamente impossível.

Evan olhou para mim.

— Na garganta dela, suspenso diretamente acima da epiglote.

— Ela é uma bomba — Ben falou, a voz tremendo de raiva e incredulidade.

— Eles pegaram uma criança e a transformaram em um Dispositivo Explosivo Individual.

— Podemos removê-lo? — perguntei.

Evan sacudiu a cabeça.

— Como?

— É isso que ela está perguntando, seu imbecil — Ben rosnou.

— O dispositivo está conectado a um detector de CO^2 implantado na garganta dela. Ele vai explodir se for desconectado.

— Isso não responde minha pergunta — insisti. — Podemos removê-lo sem nos mandar para o espaço?

— É viável...

— Viável. *Viável* — Ben estava rindo o seu riso esquisito que parecia soluço. Fiquei preocupada com a possibilidade de ele estar ultrapassando aquele conhecido limite.

— Evan — eu disse com o máximo de suavidade e calma possível. — podemos fazer isso sem... — não consegui continuar e Evan não me obrigou.

— A probabilidade de o dispositivo explodir é muito menor se você o fizer.

— Sem fazer... o quê? — Ben estava com dificuldade de compreender o que dizíamos. Não era culpa dele. Ele ainda estava se agitando naquele lugar impensável como um pobre nadador pego por uma forte correnteza.

— Matá-la antes — Evan explicou.

39

Ben e eu realizamos a última reunião de planejamento de ah-estamos-danados no corredor. Ben mandou todos os outros atravessarem o estacionamento e se esconderem na lanchonete até que ele avisasse que o local estava liberado ou o hotel explodisse: o que acontecesse primeiro. Sam recusou. Ben ficou sério. Sam ficou choroso e fez bico. Ben lembrou que ele era um soldado e que um soldado obedecia ordens. Além disso, se ele ficasse, quem iria proteger Pão de Ló e Dumbo?

Antes de sair, Dumbo disse:

— Eu sou o médico — ele tinha deduzido qual era a intenção de Ben. — Eu deveria fazer isso, sarge.

Ben sacudiu a cabeça.

— Saia daqui — ele disse tenso.

E então ficamos sozinhos. Os olhos de Ben não paravam quietos. A barata encurralada. O rato num beco sem saída. O homem caindo do penhasco sem um único arbusto ressecado onde se segurar.

— Bem, acho que a grande charada foi resolvida, certo? — ele perguntou. — Eu só não entendo por que eles simplesmente não acabaram conosco com alguns mísseis Hellfire. Eles sabem que estamos aqui.

— Não é o estilo deles — eu expliquei.

— Estilo?

— Nunca lhe ocorreu como tem sido pessoal... desde o começo? Tem alguma coisa sobre nos matar que os deixa eufóricos.

Ben olhou para mim com um assombro doentio.

— É. Bom, entendo por que você quer namorar um deles — não era a coisa certa a dizer. Ele se deu conta disso imediatamente e logo recuou. — Quem estamos enganando, Cassie? Na verdade,

não há nada para decidir, exceto quem vai fazer isso. Talvez a gente deva decidir no cara ou coroa.

— Talvez devesse ser Dumbo. Você não me contou que ele fez treinamento em cirurgia no campo?

Ben franziu o cenho.

— Cirurgia? Você está brincando, não é?

— Bom, por que outro motivo estamos... — então eu compreendi. Não pude aceitar, mas compreendi. Eu estava enganada sobre Ben. Ele tinha caído mais longe do que eu naquele lugar impensável. Ele se encontrava a cinco mil braças abaixo.

Ele leu a expressão no meu rosto e baixou o queixo até o peito. Seu rosto estava ruborizado. Não tão constrangido quanto furioso, intensamente furioso, a fúria que ultrapassa todas as palavras.

— Não, Ben. Não podemos fazer isso.

Ele levantou a cabeça. Os olhos brilhavam. As mãos tremiam.

— Eu posso.

— Não, não pode — Ben Parish estava afundando. Ele estava muito longe, e eu não tinha certeza de que tinha a força para puxá-lo de volta para a superfície.

— Não pedi que isso acontecesse — ele falou. — Não pedi que nada disso acontecesse!

— Nem eu, Ben.

Ele se inclinou para perto e vi uma espécie diferente de febre queimando em seus olhos.

— Não estou preocupado com ela. Há uma hora, ela não existia, compreendeu? Ela não era nada, literalmente nada. Eu tinha você, você tinha seu irmãozinho, e eu tinha Pão de Ló e Dumbo. Ela era deles. Ela pertence a *eles.* Eu não a peguei. Eu não a enganei para que entrasse num ônibus nem disse que estava totalmente segura e depois enfiei uma bomba na garganta dela. Isso não é minha culpa. Não é minha responsabilidade. Minha função é manter o meu traseiro e o seu traseiro vivos o máximo de tempo possível.

E, se isso quer dizer que alguém que nada significa para mim tem que morrer, então eu acho que é isso que quer dizer.

Eu não estava resistindo muito bem. Ele estava muito fundo, havia muita pressão, eu não conseguia respirar.

— É isso aí — ele falou com amargura. — Chore, Cassie. Chore por ela. Chore por todas as crianças. Elas não podem ouvi-la e não podem vê-la e não podem sentir o quanto você se sente mal, mas chore por elas. Uma lágrima para cada uma delas, encha o maldito oceano, chore. Você sabe que tenho razão. Você sabe que não tenho escolha. E sabe que Esp tinha razão. *É* por causa do risco. Sempre foi por causa do risco. E, se uma garotinha tem que morrer para que seis pessoas possam viver, então esse é o preço. Esse é o preço.

Ben passou por mim e mancou pelo corredor até a porta quebrada e eu não pude me mexer, não pude falar. Não levantei um dedo nem esbocei um argumento para impedi-lo. Eu tinha chegado ao fim das palavras, e gestos pareciam ser inúteis.

Evan, impeça-o. Por favor, impeça-o, porque eu não consigo.

Na sala segura nas profundezas, seus rostos se erguiam para mim e minha oração silenciosa, minha promessa irrealizável: *Suba nos meus ombros, suba nos meus ombros, suba nos meus ombros.*

Não iríamos atirar nela. Por causa do risco. Ele iria asfixiá-la. Colocar um travesseiro sobre seu rosto e apertar até que não precisasse apertar mais. Ele não deixaria o corpo dela ali: o risco. Ele iria levá-la para fora, mas não iria enterrá-la ou incinerá-la: o risco. Ele a levaria para o interior da floresta e a jogaria no chão congelado como lixo para ser consumida pelas aves de rapina, corvos e insetos. O risco.

Escorreguei pela parede e puxei os joelhos até o peito, abaixei a cabeça e a cobri com os braços. Tapei os ouvidos. Fechei os olhos. E lá estava o dedo de Vosch batendo no botão, as mãos de Ben segurando o travesseiro, o meu dedo no gatilho. Sam, Megan. O soldado do Crucifixo. E a voz de Esp, falando da escuridão

silenciosa: *Às vezes a gente está no lugar errado na hora errada e o que acontece não é culpa de ninguém.*

E então, quando Ben saísse dilacerado e vazio, eu me levantaria e iria até ele e o consolaria. Eu tomaria a mão que assassinou uma criança e iria sofrer por nós e pelas escolhas que fizemos que não eram escolhas, afinal.

Ben saiu. Ele se sentou dez portas adiante. Após um minuto, levantei-me e fui até ele. Ele não olhou para mim. Apoiou os braços nos joelhos flexionados e curvou a cabeça. Eu me sentei ao seu lado.

— Você está errado — eu disse. Ele girou a mão: *Tanto faz.* — Ela pertence a nós. Todos pertencem a nós.

Ele deixou a cabeça cair para trás contra a parede.

— Está escutando? Esses malditos ratos.

— Ben, acho que você precisa ir agora. Não espere até amanhã cedo. Leve Dumbo e Pão de Ló e vá até as cavernas o mais depressa que puder. — talvez Esp pudesse ajudá-lo. Ele a escutava, sempre pareceu um pouco intimidado por ela, até mesmo deslumbrado.

Uma risada saiu do fundo de seu ser.

— Estou meio arrebentado agora. Quebrado. Estou quebrado, Sullivan — ele olhou para mim. — E Walker não está em condições de fazê-lo.

— Em condições de fazer o quê?

— Cortar a maldita coisa. Você é a única aqui que tem alguma chance.

— Você não...

— Não consegui.

Ele riu outra vez. A cabeça dele rompeu a superfície e ele respirou fundo, enchendo-se de vida.

— Não consegui.

40

O quarto em que ela se encontrava estava mais frio do que um freezer, e Evan estava sentado, observando-me enquanto eu entrava. O travesseiro estava no chão onde Ben o tinha deixado cair, e eu o apanhei e sentei-me aos pés da cama de Evan. Nosso hálito congelava e nosso coração batia e o silêncio entre nós se intensificava.

Até eu dizer:

— Por quê?

E ele disse:

— Para destruir em pedaços o que restar. Para romper o último elo inquebrável.

Apertei o travesseiro de encontro ao peito e balancei lentamente para frente e para trás. *Frio. Tão frio.*

— Não se pode confiar em ninguém — eu disse. — Nem mesmo em uma criança — o frio penetrava em meus ossos e se aninhava na medula. — O que você é, Evan Walker. *O que você é?*

Ele não olhou para mim.

— Eu lhe contei.

Concordei.

— Sim, você contou. Sr. Grande Tubarão-Branco. Mas eu não sou. Ainda não. Não vamos matá-la, Evan. Eu vou tirar o dispositivo e você vai me ajudar.

Ele não discutiu. Ele sabia que não iria adiantar.

Bem me ajudou a reunir os suprimentos antes de sair para se juntar aos outros na lanchonete do outro lado do estacionamento. Pano para lavar o rosto. Toalhas. Uma lata de aromatizador de ambientes. Estojo de campo de Dumbo. Despedimo-nos na porta da escada. Eu lhe disse para ter cuidado: havia algumas entranhas de ratos escorregadias nos degraus.

— Perdi o controle — ele disse, baixando os olhos e esfregando o pé no carpete como um garotinho envergonhado pego em uma mentira. — Isso não foi legal.

— O seu segredo está a salvo comigo.

Ele sorriu.

— Sullivan... Cassie... no caso de você não... quero lhe dizer...

Esperei. Não o pressionei.

— Eles cometeram um erro grave — ele falou abruptamente —, os grandes canalhas, quando não mataram você antes de todos.

— Benjamin Thomas Parish, esse foi o elogio mais doce e mais bizarro que alguém já me fez.

Dei-lhe um beijo no rosto. Ele me deu um beijo na boca.

— Sabe — sussurrei — um ano atrás eu teria vendido a alma por isso.

Ben sacudiu a cabeça.

— Não vale a pena — e, durante um décimo de milésimo de segundo, tudo desapareceu, o desespero e o sofrimento e a raiva e a dor e a fome, e o velho Ben Parish ressuscitou dentre os mortos. O olhar penetrante.

O sorriso aniquilador. Em poucos instantes, ele iria desaparecer, voltar a ser o novo Ben, aquele chamado Zumbi, e compreendi algo que nunca tinha compreendido antes: ele *estava* morto, o objeto dos meus desejos de adolescente, assim como estava morta a adolescente que o desejava.

— Vá embora daqui — eu mandei. — E, se você deixar qualquer coisa acontecer ao meu irmãozinho, vou caçar você como um cachorro.

— Posso ser estúpido, mas não tanto assim.

Ele desapareceu na escuridão absoluta da escada.

Voltei ao quarto. Eu não podia fazer aquilo. Eu tinha que fazer aquilo. Evan se ajeitou rapidamente na cama até o traseiro encostar

na cabeceira.

Pus os braços debaixo de Megan e lentamente a levantei, virei e então a abaixei com cuidado para Evan, deitando a cabeça dela em seu colo. Peguei a embalagem de aromatizador de ar (Uma Delicada Combinação de Essências!) e encharquei a toalhinha para lavar o rosto. Minhas mãos tremiam. Não havia como eu fazer aquilo. Não havia como.

— Um gancho com cinco pontas — Evan disse em voz baixa. — Implantado debaixo da tonsila direita. Não tente puxá-lo. Pegue o fio com firmeza, corte o mais perto do gancho que puder, depois puxe devagar. Se o fio se soltar da cápsula...

Concordei impaciente.

— *Booom!* Eu sei. Você já me disse isso.

Abri o estojo de primeiros socorros e tirei uma pinça e uma tesoura cirúrgica. Pequenas, mas pareceram enormes. Acendi a caneta luminosa e prendi a ponta entre os dentes.

Entreguei para Evan a toalhinha com cheiro de pinho. Ele a apertou sobre o nariz e a boca de Megan. O corpo dela se contorceu, as pálpebras estremeceram e se abriram, os olhos rolaram nas órbitas. As mãos, antes cruzadas no colo, se agitaram e ficaram imóveis. Evan largou a toalhinha no peito dela.

— Se ela acordar enquanto eu estiver lá dentro... — eu disse com a lanterna na boca, soando como uma péssima ventríloqua: *Xe cela ahcodaa*...

Evan concordou.

— Existem 100 formas para isso dar errado, Cassie.

Ele inclinou a cabeça dela para trás, forçando a boca a se abrir. Olhei para o túnel vermelho cintilante da largura de um aparelho de barba e com um quilômetro de profundidade. Pinça na mão esquerda. Tesoura na direita. As duas mãos do tamanho de bolas de futebol.

— Dá para abrir mais? — perguntei.

— Vou deslocar o maxilar dela se abrir mais.

Bem, considerando a situação como um todo, um maxilar deslocado é melhor do que apanhar seus pedaços com essa pinça. Mas, *que seja*.

— Esta? — encostei na tonsila delicadamente com a ponta da pinça.

— Não estou vendo.

— Quando você falou tonsila direita, quis dizer a direita dela, não a minha, certo?

— A direita dela. A sua esquerda.

— Certo — sussurrei. — Só queria ter certeza.

Eu não conseguia ver o que estava fazendo. Eu estava com a pinça na garganta de Megan, mas não a tesoura, e não sabia como ia pôr as duas na boca minúscula daquela garotinha.

— Segure o fio com a ponta da pinça — Evan sugeriu. — Depois, muito devagar, levante-a para poder ver o que está fazendo. Não puxe. Se o fio se soltar da cápsula...

— Jesus Cristo amado, Walker, você não precisa avisar a cada dois minutos o que vai acontecer se o maldito fio se soltar da maldita cápsula! — senti a ponta da pinça se enganchar em alguma coisa. — Pronto, acho que consegui.

— É preto e muito fino. Brilhante. A sua luz deve refletir...

— Por favor, fique quieto — ou, com a caneta luminosa na boca: *Poo favoo fique kieto.*

Todo o meu corpo tremia, mas minhas mãos estavam milagrosamente firmes como uma rocha. Forcei a mão direita a entrar na boca de Megan empurrando a bochecha para o lado, manobrando as pontas da tesoura na posição correta. Era isso? Eu tinha mesmo conseguido? O fio, se aquilo brilhando sob a luz era o fio, era fino como um fio de cabelo.

— Devagar, Cassie.

— Fique. Quieto.

— Se ela o engolir...

— Eu vou matar você, Evan. Sério — eu estava segurando o fio, preso entre as pontas da tesoura, eu vi o minúsculo gancho implantado na carne inflamada quando puxei. *Devagar, devagar, devagar. Certifique-se de cortar a ponta certa do fio. A ponta com os ganchos.*

— Eles estão muito próximos — Evan avisou. — Pare de falar e não respire diretamente na boca da menina...

Certo. Então, em vez disso, acho que vou dar um soco na sua.

Cem formas de dar errado, ele disse. Mas existem formas erradas, formas muito erradas e formas *muito muito* erradas. Quando os olhos de Megan se abriram e o corpo dela deu um solavanco sob o meu, elas estavam dando *muito muito* erradas.

— Ela acordou! — gritei desnecessariamente.

— Solte o fio! — ele gritou em resposta, necessariamente.

Os dentes de Megan se fecharam com força na minha mão. A cabeça dela se agitou de um lado para outro. Os meus dedos estavam presos em sua boca. Tentei manter a tesoura imóvel, um puxão forte e a cápsula se soltaria...

— Evan, faça alguma coisa! — ele procurou a toalhinha encharcada de aromalizador de ar, e eu gritei: — Não, segure-a com força, idiota! Não deixe que ela...

— Solte o fio! — ele disse, tentando não gritar.

— O quê? Você acabou de dizer para *não* soltar o...

Ele fechou o nariz da menina. Soltar? Não soltar? Se eu soltar, o fio pode se enroscar na tesoura e sair. Se eu não soltar, de tanto virar, torcer e girar ele pode sair. Os olhos de Megan viraram nas órbitas. Dor, terror e confusão, a combinação constante que os Outros nunca deixaram de oferecer. Ela abriu a boca e eu enfiei a tesoura em sua garganta.

— Neste momento, eu odeio você — sussurrei para ele. Eu o odeio mais do que qualquer outra pessoa no mundo — senti que ele

precisava saber disso antes que eu fechasse a tesoura. No caso de virarmos pó.

— Pegou o fio? — ele perguntou.

— Não tenho a mínima ideia se o peguei!

— Faça — então ele sorriu. Sorriu! — Corte o fio, Efemérida — ele disse.

Cortei o fio.

41

— É um teste — Evan disse.

A minúscula coisa parecida com uma cápsula gelatinosa verde encontrava-se na mesa, guardada em segurança, esperávamos, dentro de um saquinho de plástico, o tipo que as mães usavam nos velhos e bons tempos há muito desaparecidos para manter os sanduíches e batatinhas frescas para o lanche da escola.

— O quê? Os DEIs humanos ainda estão na fase de pesquisa e desenvolvimento? — Ben perguntou. Ele estava apoiado no peitoril da janela destruída, tremendo, mas alguém tinha que vigiar o estacionamento, e ele não queria que ninguém mais corresse o risco. Pelo menos ele tinha trocado o blusão de moletom encharcado de sangue horroroso (era horroroso antes de ficar encharcado de sangue) por um blusão preto que quase o levou de volta ao seu período pré-Chegada.

Da cama, Sam soltou uma risadinha hesitante, sem ter certeza se o amado Zumbi tinha feito uma piada. Não sou psicóloga, mas acho que Sam realizou algum tipo de transferência devido a alguns graves problemas não resolvidos referentes ao nosso pai.

— Não a bomba — Evan respondeu. — Nós.

— Ótimo — Ben grunhiu. — O primeiro em que passei em três anos.

— Pare com isso, Parish — repreendi. Quem sancionou a lei que diz que atletas têm que agir feito idiotas para serem legais? — Eu soube que você ganhou uma medalha de mérito nacional no ano passado.

— É mesmo? — as orelhas de Dumbo se levantaram. Certo, eu não devia fazer comentários sobre as orelhas dele, mas ele realmente pareceu com o filhote de elefante naquele momento.

— Sim, é verdade — Ben disse com um sorriso Parish patenteado. — Mas foi um ano muito fraco. Os alienígenas

invadiram a Terra. — ele olhou para Evan. O sorriso dele desapareceu, o que o sorriso dele geralmente fazia quando olhava para Evan. — *Por que* eles estão nos testando?

— Conhecimento.

— É, esse seria o objetivo de um teste. Você sabe o que seria realmente útil agora? Se você parasse de representar o alienígena enigmático e caísse na real. Porque cada segundo que passa e essa coisa não explode — mostrando o saquinho com um gesto de cabeça — é um segundo que dobra nosso risco. Cedo ou tarde, e aposto em *cedo*, eles vão voltar e nos mandar voando para Dubuque.

— Dubuque? — Dumbo exclamou com voz esganiçada. Ele não entendeu e isso o assustou. O que havia de errado em Dubuque?

— É só uma cidade, Dumbo — Ben explicou. — Uma cidade qualquer.

Evan estava balançando a cabeça em concordância. Olhei para Pão de Ló, que enchia o vão da porta, a boca ligeiramente aberta enquanto a cabeça se movia como uma bola de pingue-pongue para acompanhar a conversa.

— Eles vão voltar — Evan disse. — Mas não vai ser necessário se a gente falhar no teste.

— Falhar? Nós passamos, não foi? — Ben se virou para mim. — Tenho a impressão de que passamos. O que você acha?

— Falhar significa que a acolhemos, felizes e contentes — expliquei. — E depois fizemos nossos traseiros explodir e voar para Dubuque.

— Dubuque — Dumbo repetiu mistificado.

— A ausência de detonação só pode significar uma entre três coisas — Evan falou. — Um: o dispositivo não funcionou. Dois: o dispositivo foi mal ajustado. Ou três...

Ben ergueu a mão.

— Ou três: alguém no hotel sabe das crianças-bomba e conseguiu removê-lo e o colocou em um saquinho de plástico e ministrou um curso de como instilar pânico e paranoia entre os humanos idiotas. O teste é para ver se temos um Silenciador entre nós.

— Nós temos! — Sam gritou, apontando o dedo para Evan. — *Você* é um Silenciador!

— Algo de que não se pode ter absoluta certeza se você explodir a espelunca com alguns mísseis Hellfire bem colocados — Ben concluiu.

— O que levanta uma questão — Evan disse com calma. — Por que eles iriam suspeitar de tal coisa?

A sala foi tomada pelo silêncio. Ben tamborilou no antebraço. A boca de Pão de Ló se fechou subitamente. Dumbo puxou o lóbulo da orelha. Eu me balancei para frente e para trás na poltrona, puxando a pata de Urso. Não sei como ele veio parar em minhas mãos. Talvez eu o tivesse pegado enquanto Pão de Ló passava Megan para o quarto adjacente. Lembro-me de ele ser jogado ao chão, mas não de tê-lo apanhado.

— Bem, isso é óbvio — Ben falou. — Eles devem ter um meio de saber que você está aqui, certo? Do contrário, você corre o risco de destruir seus próprios companheiros.

— Se eles soubessem que estou aqui, não haveria necessidade de um teste. Eles *desconfiam* que estou aqui.

Então compreendi. E compreender não me serviu de consolo.

— Especialista.

A cabeça de Ben virou-se bruscamente na minha direção. A mais leve brisa o faria cair do poleiro.

— Ela foi capturada — eu disse. — Ou Teacup. Ou as duas — eu me virei para Evan, porque era insuportável ver a expressão de Ben.

— Isso faz sentido — Evan concordou.

— Bobagem! Esp nunca iria nos denunciar — Ben vociferou.

— Não espontaneamente — Evan replicou.

— País das Maravilhas — sussurrei. — Eles descarregam suas lembranças...

Ben então saiu do peitoril, perdeu o equilíbrio, cambaleou para frente, chocou-se contra a borda da cama de Sammy. Ele estava tremendo, e não era de frio.

— Ah, não. Não, não, não. Esp *não* foi capturada. Ela e Teacup estão em *segurança* e nós *não* vamos cogitar...

— Não — Evan disse. — Já é realidade.

Escorreguei da poltrona e me aproximei de Ben. Era um daqueles momentos em que se sabe que é preciso fazer algo, mas não se sabe o quê.

— Ben, ele tem razão. O motivo de estarmos vivos agora é o mesmo pelo qual mandaram Megan.

— O que está acontecendo com você? — Ben perguntou. — Você aceita tudo o que ele diz como se ele fosse Moisés descendo da montanha. Se eles acham que ele está aqui, seja qual for a razão, então eles sabem que é um *traidor* e *ainda* fariam nossos pedaços voar até Dubuque.

Todos olharam para Dumbo e ficaram esperando.

— Eles não querem me matar — Evan disse finalmente, com uma expressão triste e doentia.

— É mesmo, eu esqueci — Ben falou. — Sou eu quem quer fazer isso — ele se afastou de mim e arrastou os pés de volta à janela, apoiou as mãos no peitoril e observou o céu da noite. — Ficar aqui, é o fim. Fugir, é o fim. Parecemos crianças jogando xadrez com Bobby Fischer.

Ele se virou para fitar Evan.

— Você pode ter sido visto por uma patrulha e seguido até aqui — ele apontou para o saquinho. — Isso não quer dizer que eles estão com Esp ou Cup. Isso só significa que o nosso tempo acabou.

Não podemos nos esconder, não podemos fugir, então a pergunta volta a ser a mesma que sempre foi: não se vamos morrer, mas *como.* Como vamos morrer. Dumbo, como você quer morrer?

Dumbo ficou rígido. Ele endireitou os ombros e levantou o queixo.

— Em pé, senhor.

Ben olhou para o garoto.

— Pão, você quer morrer em pé?

Pão de Ló estava em posição de sentido e concordou vivamente.

Ben não teve que perguntar a Sam. O meu irmãozinho simplesmente se levantou e, de um jeito muito lento e determinado, bateu continência para seu comandante.

42

Ah, cara. *Garotos.*

Joguei Urso na mesa.

— Já vi esse filme antes — eu disse à Tropa de Machões. — Fugir é igual a morrer. Ficar é igual a morrer. Então, antes que todos comecem a atirar uns nos outros, vamos pensar na terceira opção: *nós* explodimos tudo.

Essa sugestão tirou todo o ar do aposento. Evan foi o primeiro a entender, concordando devagar, mas claramente não satisfeito com a ideia. Muitas variáveis. Milhares de formas para que pudesse dar errado, e só uma para que desse certo.

Ben foi direto ao ponto crucial do problema.

— Como? Quem vai respirar no dispositivo e ir para os ares?

— Eu vou, sarge — Dumbo se ofereceu. As orelhas dele tinham ficado vermelhas, como se ele estivesse envergonhado da própria coragem. Ele sorriu timidamente. Ele finalmente compreendeu: — Eu sempre quis conhecer Dubuque.

— O hálito humano não é a única fonte de CO^2 — ressaltei ao finalista da Medalha ao Mérito Nacional.

— Coca! — Dumbo gritou.

— Boa sorte para achar uma lata — Ben replicou. Era verdade. Juntamente com qualquer bebida alcoólica, refrigerantes foram os primeiros a desaparecer com a invasão.

— Sim, no caso de uma lata ou garrafa — Evan falou. — Cassie, você não me disse que havia uma lanchonete aqui perto?

— Os cilindros de CO^2 das máquinas de refrigerantes... — comecei.

— ... provavelmente ainda estão lá — ele concluiu.

— Ligue a bomba ao cilindro...

— ... prepare o cilindro para liberar CO^2...

— Um pequeno vazamento...

— ... em um espaço fechado...

— O elevador? — perguntamos de uma só vez.

— Uau — Ben sussurrou. — Brilhante. Mas não entendi bem como isso resolve o problema.

— Eles vão pensar que estamos mortos, Zumbi — Sam explicou. O garoto de 5 anos compreendeu, mas não tinha a experiência de Ben na bagagem para passar a perna em Vosch e Companhia.

— Mas eles vão saber quando virem checar e não encontrarem os corpos — Ben argumentou.

— Mas vamos ganhar tempo — Evan observou. — E acho que, quando eles descobrirem a verdade, já vai ser tarde demais.

— Por que obviamente somos espertos demais para eles? — Ben perguntou.

Evan sorriu sombrio.

— Porque nós vamos para o último lugar em que pensariam em procurar.

43

Não havia mais tempo para discussões; tínhamos que puxar o gatilho da Operação Saída Antecipada antes que a 5ª Onda puxasse o gatilho sobre nós. Ben e Pão de Ló saíram para buscar um cilindro de CO^2 na lanchonete. Dumbo ficou de guarda no corredor. Eu disse a Sam que tinha que vigiar Megan, já que era sua amiga dos velhos tempos de ônibus escolar. Ele pediu que eu lhe devolvesse a arma. Eu lembrei que ter uma arma não ajudou muito na última vez: ele tinha esvaziado o pente sem nem mesmo arranhar o alvo. Tentei dar-lhe Urso. Ele revirou os olhos. *Urso pertencia ao passado.*

E então Evan e eu ficamos sós. Só ele, eu e uma pequena bomba.

— Desembuche — ordenei.

— Desembuchar o quê? — os olhos grandes e inocentes como os de Urso.

— A verdade, Walker. Você está escondendo alguma coisa.

— Por que você...

— Porque é seu estilo. O seu *modus operandi.* Como um iceberg, três quartos debaixo da superfície, mas não tem como eu deixar você transformar este hotel num Titanic.

Ele suspirou, evitando o meu olhar.

— Lápis e papel?

— O quê? Tempo para um terno poema de amor? — esse também era o estilo dele: sempre que eu me aproximava demais de algo, ele se desviava dizendo o quanto me amava ou como tinha me salvado ou alguma outra observação extasiante e falsamente profunda sobre a natureza de minha magnificência. Mas eu peguei o bloco e a caneta da mesa e os entreguei a ele porque quem vai se aborrecer por receber um terno poema de amor no final do dia?

Em vez disso, ele desenhou um mapa.

— Casa térrea, branca, ou costumava ser, estrutura de madeira, não me lembro do endereço, mas fica ao lado da Rodovia 54. Ao lado de um posto de gasolina. Tem uma daquelas velhas placas de metal pendurada na frente, *Havoline Oil* ou algo parecido.

Ele arrancou a página e a apertou na minha mão.

— E por que este é o último lugar em que nos procurariam? — eu estava me deixando seduzir pela técnica da distração outra vez, não que *Havoline Oil* tivesse qualquer qualidade extremamente poética. — E por que está desenhando um mapa se você vem com a gente?

— No caso de acontecer alguma coisa.

— Para você. E se alguma coisa acontecer para nós dois?

— Tem razão. Vou fazer mais cinco.

Ele começou a desenhar o próximo. Observei-o durante dois segundos, depois tirei o bloco da mão dele e o joguei na sua cabeça.

— Seu filho da mãe. Sei o que você está fazendo.

— Eu estava desenhando um mapa, Cassie.

— Preparar um detonador a partir de uma máquina de refrigerantes estilo Missão Impossível, é isso? Enquanto todos corremos feito o diabo até a placa *Havoline Oil* com você na frente com o tornozelo quebrado e perna esfaqueada, com uma febre de 41°C.

— Se eu estivesse com 41°C, estaria morto — ele observou.

— Não, e quer saber por quê? *Porque os mortos não têm febre!*

Evan concordou, pensativo.

— Deus, eu senti a sua falta.

— Isso! Isso mesmo! Como na propriedade dos Walker, como no Campo Ashpit, como no campo de extermínio de Vosch. Sempre que você se sente encurralado...

— Você me encurralou no instante em que pus...

— *Pare!*

Evan fechou a boca de imediato. Sentei-me na cama ao seu lado. Talvez eu estivesse lidando com a situação de um modo totalmente errado.

Pegam-se mais moscas com medo que com vinagre, minha avó sempre dizia. O problema era que eu não carregava artifícios femininos na bagagem. Tomei-lhe a mão. Olhei no fundo de seus olhos. Pensei em abrir um ou dois botões da minha camisa, mas concluí que ele enxergaria além do meu despretensioso estratagema. Não que meus estratagemas fossem *muito* despretensiosos.

— Não vou deixar que você me faça passar por outro Campo Abrigo — eu disse, acrescentando o que esperei que fosse um ronronar sedutor à voz. — Isso não vai acontecer. Você vem com a gente. Pão de Ló pode carregá-lo.

Evan estendeu a outra mão e tocou o meu rosto. Eu conhecia aquele toque. Tinha sentido falta dele.

— Eu sei — ele disse. A expressão em seus olhos cor de chocolate (ah, meu Deus!) era infinitamente triste. Eu também conhecia aquela expressão.

Eu a tinha visto antes, na floresta quando ele confessou quem realmente era. — Mas você não sabe de tudo. Você não sabe sobre Graça.

— Graça — repeti, empurrando a mão do meu rosto, esquecendo tudo sobre o mel.

Constatei que gostava demais do toque dele. Eu precisava dar um jeito de não gostar tanto. E também dar um jeito de não gostar do jeito que ele olhava para mim, como seu eu fosse a última pessoa na Terra, o que realmente pensei que era antes de ele me encontrar. Isso é terrível, é uma responsabilidade muito grande para ser posta nas costas de alguém. Você só arruma um monte de problemas quando faz com que a sua existência dependa totalmente de outro ser humano. Pense em todas as histórias de

amor trágicas escritas. E eu não queria bancar a Julieta de nenhum Romeu, não se pudesse evitar. Mesmo que o único candidato disponível estivesse disposto a morrer por mim, sentado ao meu lado segurando a minha mão encarando-me profundamente com olhos *agora-não-tão-ah-meu-Deus!* cor de chocolate derretido. Além de estar totalmente nu sob as cobertas e ter o corpo de um deus grego... mas não vou me estender sobre isso.

— Graça outra vez. Você mencionou graça muitas vezes depois que atirei em você — eu contei.

— Você não conhece Graça.

Bem, isso doeu. Nunca pensei que ele fosse tão religioso. Ou crítico. Na verdade, os dois adjetivos andam lado a lado, mesmo que...

— Cassie, tenho que lhe contar uma coisa.

— Você é batista?

— Naquele dia na rodovia depois que eu... deixei você fugir, tive muito medo. Eu não entendi o que tinha acontecido, por que eu não conseguia... fazer o que deveria ter feito. Fazer o que nasci para fazer. Não fazia sentido para mim. E, de várias formas, ainda não faz. A gente acha que se conhece, que conhece a pessoa que vê no espelho. Encontrei você, mas, ao encontrá-la, eu me perdi. Nada mais estava claro. Nada era simples.

Concordei.

— Eu me lembro disso. Lembro-me da simplicidade.

— No começo, depois que a levei de volta, eu realmente não sabia se você iria sobreviver. E eu ficava ali sentado com você e pensava: *talvez ela não devesse sobreviver.*

— Nossa, Evan. Isso é muito romântico.

— Eu sabia o que ia acontecer — ele disse, e *isso* realmente era algo claro e simples. Ele segurou minhas mãos, e me puxou para perto, e mergulhei no fundo daqueles olhos cativantes, e é por isso que a técnica do mel não combina comigo. Quando estou com

ele, eu sou a mosca. — Eu sei o que vai acontecer, Cassie, e até agora achei que os felizardos eram os mortos. Mas agora eu vejo. Eu vejo.

— O quê? O que você vê, Evan? — a minha voz tremia. Ele estava me assustando. Talvez fosse a febre se manifestando, pois Evan estava agindo uma forma muito diferente do normal.

— A saída. A forma de acabar com isso. O problema é Graça. Graça é demais para você, para qualquer um de vocês. Graça é a porta e eu sou o único que pode atravessá-la. Eu posso lhe dar isso. E tempo. Essas duas coisas, Graça e tempo, e *você pode acabar com isso.*

44

E então Dumbo, com *timing* perfeito, espiou para dentro do quarto.

— Eles voltaram, Sullivan. Zumbi disse... — ele parou. Obviamente tinha interrompido um momento íntimo. Felizmente eu não tinha desabotoado a camisa. Tirei as mãos das de Evan e me levantei.

— Eles encontraram um cilindro?

Dumbo fez que sim.

— Eles estão pondo no elevador agora. — Ele olhou para Evan. — Zumbi disse que assim que você estiver pronto.

Evan balançou a cabeça devagar.

— Certo — mas ele não se moveu, e eu não me movi.

Dumbo ficou ali por alguns segundos.

— OK — ele também disse. Evan não disse nada, eu não disse nada. E então Dumbo falou:

— Vejo vocês depois... em Dubuque! Ah! Ah!

E saiu do quarto.

Virei-me para Evan.

— Está bem. Lembra o que Ben disse sobre o alienígena enigmático?

Então Evan Walker fez uma coisa que eu nunca o tinha visto fazer. Ou ouvido falar, para ser exata.

— Merda — ele disse.

Dumbo voltou para a porta, queixo caído, orelhas vermelhas, nas mãos de uma garota alta com uma cascata de cabelos loiros cor de mel e estonteantes feições norueguesas como uma modelo, olhos azuis penetrantes, lábios cheios e carnudos, e o corpo gracioso de uma princesa das passarelas.

— Olá, Evan — a *top model* cumprimentou. E, naturalmente, a voz dela era grave e levemente rouca como a das vilãs sedutoras concebidas por Hollywood.

— Olá, Graça — Evan respondeu.

45

Graça: uma pessoa, não uma prece ou qualquer coisa perto de estar ligada a Deus. E armada até os dentes: ela estava com o M16 de Dumbo, além do pesado rifle pendurado nas costas. Ela empurrou o garoto para dentro do quarto e então ofuscou minha vista com seu sorriso.

— E você deve ser Cassiopeia, rainha do céu noturno. Estou surpresa, Evan. Ela não se parece nada com o que imaginei. É meio diferente. Não sabia que esse era seu tipo.

Olhei para Evan e perguntei.

— Quem é essa pessoa?

— Graça é igual a mim — Evan revelou.

— Nossa história é antiga. Dez séculos mais ou menos. Por falar em tomar... — Graça mostrou o meu rifle e eu o joguei aos seus pés. — Pistola também. E essa faca presa ao tornozelo, debaixo do uniforme.

— Deixe-os ir, Graça — Evan pediu. — Não precisamos deles.

Graça o ignorou. Ela deu um leve chute no meu rifle e mandou que eu o jogasse pela janela com a Luger e a faca. Evan me deu um aceno de cabeça como que para dizer. *É melhor obedecer.* E eu obedeci. Minha cabeça girava. Eu não conseguia formar um único pensamento coerente. Graça era uma Silenciadora como Evan; isso eu podia compreender. Mas como ela sabia o meu nome, por que estava ali? Como Evan sabia que ela viria e o que ele quis dizer com *Graça é a porta?* A porta para *onde?*

— Eu sabia que ela era humana — Graça afirmou, voltando ao tema preferido de Evan. — Mas nunca imaginei que fosse *tão* humana.

Evan sabia o que ia acontecer, mas tentou evitar mesmo assim.

— Cassie...

— Vai se danar, você e seu complexo de superioridade, sua maldita alienígena imbecil.

— Colorido. Imaginativo. Muito bom. — Graça fez sinal com o rifle de Dumbo para que eu me sentasse.

Evan me olhou mais uma vez: *Obedeça, Cassie.* Então, eu me sentei na cama perto da dele, ao lado de Dumbo, que estava respirando pela boca como um asmático. Graça permaneceu na entrada para poder vigiar a porta. Talvez ela não soubesse sobre Sam e Megan no quarto ao lado, ou sobre Ben e Pão de Ló esperando Evan no elevador no andar de baixo. Compreendi a estratégia de Evan: *enrolar. Ganhar tempo.* Quando Ben e Pão de Ló subissem para ver que diabos estava acontecendo, seria a nossa chance. Mas lembrei quando Evan derrotou um esquadrão inteiro da 5ª Onda que tinha mais armas e mais soldados, em uma escuridão de breu, e pensei, *Não, quando eles aparecerem, será a chance* dela.

Eu a observei, o modo como se recostava na parede com um tornozelo cruzado casualmente sobre o outro, mechas douradas caindo por cima de um dos ombros, a cabeça levemente virada para exibir o estonteante perfil nórdico para admirarmos e pensei: *Claro, faz sentido. Se você pode se descarregar para qualquer tipo de corpo humano, por que não escolher um impecável? Evan, também.* Nesse sentido, ele não era nada além de um grande impostor. E esse é um detalhe estranho em que pensar. Bem no fundo, o sujeito que fez com que eu ficasse de joelhos bambos era uma efígie, uma máscara sobre um rosto sem rosto que provavelmente dez mil anos antes parecia um polvo ou algo assim.

— Bem, eles nos *disseram* que havia um risco quando se vive tanto como um humano entre os humanos — Graça começou. — Diga-me uma coisa, Cassiopeia, você não acha que ele é perfeitamente *perfeito* na cama?

— Por que você não me diz? — disparei — Sua vagabunda extraterrestre.

— Nervosa — Graça disse a Evan com um sorriso. — Como seu xará.

— Eles não têm nada a ver com isso — Evan falou. — Deixe-os ir, Graça.

— Evan, eu nem tenho certeza se compreendo o que é *isso* — ela deixou o posto e flutuou (não há outra forma de descrever o movimento dela) até o lado de sua cama. — E ninguém vai a lugar algum até eu ir.

Ela se inclinou e tomou-lhe o rosto entre as mãos e deu-lhe um beijo longo e demorado nos lábios. Ele lutou, pude ver, mas ela o imobilizou com seus superartifícios do outro mundo, que carregava em grandes quantidades na bagagem *dela.*

— Você contou para ela, Evan? — ela murmurou de encontro ao rosto dele, embora garantindo que eu pudesse ouvir. — Ela sabe como tudo isso vai terminar?

— Desse jeito — eu disse e me lancei sobre ela, como sempre mergulhando de frente, mirando a têmpora macia dela com a parte mais dura da minha cabeça. O impacto a jogou de lado nas portas do closet. Eu acabei estendida no colo de Evan. *Perfeitamente perfeito,* pensei, um tanto incoerente. Levantei-me com esforço, Evan envolveu minha cintura como os braços e me puxou para trás.

— Não, Cassie.

Mas ele estava fraco e eu era forte. Livrei-me facilmente e saltei da cama em cima das costas dela. Foi um grande erro. Ela agarrou o meu braço e me jogou a vários metros de distância. Choquei-me contra a parede ao lado da janela e caí sentada no traseiro, sentindo uma pontada de dor intensa nas costas. Escutei uma porta se abrir no corredor e gritei:

— Saia, Sam! Chame Zumbi! Saia...

Ela desapareceu antes que eu pudesse concluir a frase. A última vez em que vi alguém se mover tão depressa foi no Campo Ashpit, quando os falsos soldados de Wright-Patterson me viram escondida na floresta. Muito depressa, como se corre nos desenhos

animados, o que seria engraçado, não fosse o motivo de sua rapidez.

Não, não, sua imprestável. Não o meu irmãozinho.

Passei correndo por Dumbo, por Evan, que tinha jogado fora as cobertas e lutava para tirar o corpo gravemente ferido da cama, saí para o corredor, que estava vazio, o que não era bom sinal, de jeito nenhum, dei dois passos até o quarto de Sam e, quando meus dedos tocaram a maçaneta, uma bola de demolição atingiu a parte posterior de minha cabeça e me fez bater com o nariz na madeira. Algo se quebrou e não era a madeira. Dei um passo para trás, o sangue escorrendo em meu rosto. Senti o gosto do meu sangue e, de alguma forma, foi esse gosto que me manteve em pé: eu não sabia até então que a fúria tinha gosto e que tinha o gosto de sangue.

Dedos frios agarraram minha garganta e através de uma chuva vermelha vi meus pés saírem do chão. Depois, voei pelo corredor, aterrissei no ombro com força e rolei até parar a alguns centímetros da janela na outra extremidade.

Graça:

— *Fique aí.*

Ela estava parada diante da porta de Sammy, uma pequena sombra no final de um túnel mal iluminado, tremeluzindo do outro lado das lágrimas que brotavam incontrolavelmente e escorriam em meu rosto para se misturar ao sangue.

— Deixe... meu... irmão... em... paz.

— Aquele garotinho adorável? Ele é seu irmão? Sinto muito, Cassiopeia, eu não sabia.

Ela sacudiu a cabeça com tristeza zombeteira. Do jeito que zombavam de todos os seres humanos decentes.

— Ele já está morto.

46

Três fatos aconteceram então, todos ao mesmo tempo. Quatro, se contarem o meu coração se despedaçando.

Corri — não *de*, mas *para*. Eu ia arrancar seu rosto de capa de revista. Eu ia arrancar seu coração pseudo-humano do meio dos seios perfeitamente moldados. Eu ia rasgá-la em pedaços com as minhas unhas.

Esse foi o primeiro fato.

O segundo foi a porta da escada se abrindo e Pão de Ló entrando no corredor com o jeitão do personagem Bisonho, empurrando-me para trás com um braço enquanto o outro levantava o rifle para mirar em Graça. Não era um tiro fácil, mas, segundo Ben, Pão de Ló era o melhor atirador do esquadrão depois de Esp.

O terceiro foi um Evan Walker sem camisa e de calção arrastando-se para fora do quarto atrás de Graça. Excelente atirador ou não, se Pão de Ló errasse... ou se Graça mergulhasse para o chão no último segundo...

Assim, eu mergulhei e abracei os tornozelos do garoto. Ele tombou para a frente, o rifle disparou, e então ouvi a porta da escada se abrir novamente e Ben gritar, *Parado!*, como costumam fazer nos filmes, mas ninguém parou, não eu, nem Pão de Ló, nem Evan — e certamente nem Graça, que tinha desaparecido. Ela estava ali e, de repente, não estava. Ben saltou por cima de mim e Pão de Ló e mancou pelo corredor até o quarto em frente ao de Sam.

Sam.

Levantei de um pulo e disparei pelo corredor. Ben estava fazendo sinal para Pão de Ló dizendo “Ela está lá”.

Apertei a maçaneta. Trancada. *Graças a Deus!* Esmurrei a porta.

— Sam! Sam, abra. Sou eu!

E, do outro lado, a voz não mais forte do que o guincho de um camundongo.

— É um truque! Você está me enganando!

Perdi o controle. Apertei o rosto ensanguentado na porta e tive um minúsculo colapso nervoso ótimo, sólido e muito satisfatório. Eu tinha baixado a guarda. Eu tinha esquecido o quanto os Outros podiam ser cruéis. Não era suficiente abrir um buraco no meu coração com uma bala. Não, primeiro era preciso socá-lo e amassá-lo com as mãos até ele se desmanchar e escorrer entre os dedos.

— Tudo bem, tudo bem, tudo bem — choraminguei. — Fique aí, está bem? Não importa o que aconteça, Sam. Não saia até eu voltar.

Pão de Ló estava parado perto da porta do outro lado do corredor. Ben estava ajudando Evan a se levantar. Ou tentando. Sempre que ele afrouxava a mão, os joelhos de Evan se dobravam. Finalmente, Ben decidiu encostá-lo na parede, onde Evan se equilibrou, ofegante, a pele da cor das cinzas do campo em que meu pai morreu.

Evan olhou para mim, praticamente sem fôlego para falar:

— Saia deste corredor. *Agora*.

A parede em frente a Pão de Ló explodiu em uma chuva de poeira branca e fina e pedaços de gesso. Ele cambaleou para trás. O rifle caiu dos dedos moles. Ele se chocou contra Ben, que o agarrou pelo ombro e o jogou no quarto com Dumbo. Ben tentou me pegar em seguida, mas eu afastei a mão dele com um tapa e lhe disse para pegar Evan antes de apanhar o rifle de Pão de Ló e abrir a porta de Graça. O barulho no corredor estreito foi ensurdecedor. Eu esvaziei o pente antes de Ben me segurar e me puxar para trás.

— Não seja idiota! — ele gritou.

Ele colocou um novo pente na minha mão e me disse para vigiar a porta e *ficar abaixada*.

A cena se desenrolou como um programa de televisão passando em outro quarto: apenas vozes. Eu estava de bruços,

apoiada nos cotovelos, o rifle voltado para a porta diretamente na minha frente. *Vamos lá, donzela de gelo. Tenho uma coisinha para você.* Passei a língua nos lábios ensanguentados, detestando o gosto, amando o gosto. *Vamos, sua sueca horripilante.*

Ben: Dumbo, como está aí? Dumbo!

Dumbo: Está mal, Sarge.

Ben: Muito mal?

Dumbo: Bastante...

Ben: Ah, Cristo, eu posso ver que está mal, Dumbo!

Evan: Ben, escute, você tem que me escutar. Temos que sair daqui agora.

Ben: Por quê? Ela está no quarto...

Evan: Não por muito tempo.

Ben: Sullivan pode cuidar dela. Aliás, quem é ela?

Evan: (ininteligível)

Ben: Bom, é claro. Quanto mais, melhor... Acho que vamos para o plano B. Eu pego você, Walker. Dumbo, você fica com Pão de Ló. Sullivan pega as crianças.

Ben se abaixou ao meu lado, pôs a mão na minha nuca e mostrou a porta com um gesto de cabeça.

— Não podemos escapar até a ameaça ser neutralizada — ele sussurrou. — Ei, o que aconteceu com o seu nariz?

Dei de ombros. Deslizei a língua de um lado para outro.

— Como? — pela minha voz eu parecia estar com um forte resfriado.

— Muito simples. Alguém fica na porta, um embaixo, outro em cima, um à direita, outro à esquerda. Os primeiros dois segundos e meio vão ser a pior parte.

— E qual é a melhor parte?

— Os últimos dois segundos e meio. Pronta?

— Cassie, espere! — Evan, de joelhos atrás de nós como um peregrino no altar. — Ben não sabe com quem está lidando, mas você sabe. Conte a ele. Conte do que ela é ca...

— Cale a boca, Don Juan — Ben vociferou e depois puxou minha camisa. — Vamos.

— Tenho certeza de que ela não está mais lá — Evan disse, levantando a voz.

— O quê? Ela pulou do primeiro andar? — Ben perguntou, rindo. — Isso é ótimo. Vou estourar seu traseiro quebrado quando ela chegar aqui...

— Ela provavelmente pulou, mas não quebrou nada. Graça é como eu — Evan estava falando conosco, mas olhando para mim, desesperadamente. — Como eu, Cassie.

— Mas você é humano... quer dizer, o seu corpo é — Ben falou. — E nenhum corpo humano poderia...

— O corpo *dela* poderia. O meu não pode mais. O meu... quebrou.

— Você está entendendo alguma coisa? — Ben me perguntou. — Porque para mim isso parece mais uma bobagem do sr. ET.

— O que você sugere que a gente faça, Evan? — perguntei. Apesar do forte gosto de sangue na boca, a raiva estava se esvaindo e sendo substituída pela sensação muito desconfortável, agora muito conhecida, de estar a milhares de milhas da superfície.

— Saiam. Agora. Não são vocês que ela quer.

— Bode expiatório — Ben disse com um sorriso perverso. — Gosto disso.

— Ela simplesmente vai nos deixar ir embora — eu disse, sacudindo a cabeça. A sensação de afogamento estava ficando mais intensa. Será que Ben estava certo? O que eu estava pensando ao confiar minha vida e a de meu irmão a Evan Walker? Algo não se encaixava. Algo estava errado. — Simples assim.

— Eu não sei — Evan respondeu, o que foi um ponto a seu favor. Ele poderia ter dito, *Claro, ela é uma pessoa legal depois que você se livra do pequeno problema de sadismo*, mas eu sei o que vai acontecer se vocês ficarem.

— Isso responde a pergunta, pessoal — Ben anunciou. Ele recuou para o quarto. — Mudança de planos, garotos. Eu cuido de Pão de Ló. Dumbo, você pega Megan. Sullivan protege o irmão. Troquem de roupa, passem o batom, que nós vamos a uma festa.

— Cassie — Evan se aproximou de mim com dificuldade, virou meu rosto para o dele, deslizou o polegar pelo meu rosto ensanguentado. — É o único jeito.

— Não vou deixar você, Evan. E não vou permitir que me deixe. Outra vez, não.

— Mas e Sam? Você também fez uma promessa para ele. Você não pode cumprir as duas. Graça é problema meu. Ela... me pertence. Não da forma que Sam pertence a você; não estou querendo dizer que...

— É mesmo? Evan, estou surpresa. Geralmente tudo é tão claro para você.

Eu me sentei, respirei fundo e dei um tapa em seu rosto lindo. Eu poderia ter atirado nele, mas decidi pegar leve com ele.

E foi então que ouvi, como se o tapa tivesse sido o sinal aguardado: o som de um helicóptero de ataque, aproximando-se depressa.

47

O holofote chegou em seguida: a luz brilhante inundou o corredor, espalhou-se no aposento, lançou sombras pronunciadas nas paredes e no chão. Ben correu e obrigou-me a levantar; eu agarrei o braço de Evan e puxei. Ele se libertou, sacudindo a cabeça.

— Só deixe uma arma comigo.

— Aqui está, companheiro — Ben disse, entregando-lhe a pistola. — Sullivan, pegue o seu irmão.

— O que vocês dois estão fazendo? — perguntei. Eu não podia acreditar. — Não podemos fugir agora.

— Qual é o *seu* plano? — Ben gritou. Ele tinha que gritar. Qualquer som mais suave era abafado pelo rugido do helicóptero, que, pelo ângulo da luz e do som, agora se encontrava diretamente sobre o hotel.

Evan segurou a porta estilhaçada, levantou-se e apoiou o peso do corpo sobre um pé; ele não podia usar o outro. Gritei em seu ouvido:

— Só me diga uma coisa e, pelo menos uma vez na sua vida de dez mil anos, seja sincero. Você nunca teve a intenção de colocar uma bomba e fugir conosco. Você sabia que Graça estava vindo e planejou explodir os dois...

Nesse momento, Sammy irrompeu no corredor segurando o pulso de Megan com uma das mãos.

— Cassie!

Ele se atirou em cima de mim, atingindo meu abdômen com a cabeça. Levantei-o e o apoiei no quadril, oscilei, *Jesus, ele está ficando pesado,* e peguei a mão de Megan. Uma rajada de vento gelado rugiu pela janela quebrada e escutei Dumbo gritar:

— Eles estão aterrissando no telhado!

Eu o escutei porque o garoto estava praticamente subindo nas minhas costas para tentar entrar no corredor. Ben estava atrás dele enquanto Pão de Ló se encostava em seu corpo e apoiava o braço nos ombros do chefe.

— Sullivan! — Ben gritou. — Mexa-se!

Evan segurou meu cotovelo.

— *Espere* — ele olhou para o teto. Seus lábios se moveram, mudos, ou talvez houvesse som e não se podia ouvir.

— Esperar? — berrei. Um senso geral de pânico tomou conta de mim. — Esperar *o quê?*

Olhos ainda voltados para o alto.

— Graça.

Um uivo agudo se fez ouvir acima do zunido dos rotores, cujo volume e intensidade aumentou até se transformar num grito ensurdecedor e sobrenatural. O prédio inteiro balançava. Uma rachadura correu pelo teto. As horríveis gravuras do hotel em suas molduras baratas despencaram das paredes. O holofote piscou e apagou e um segundo depois houve uma explosão, e uma rajada superaquecida entrou com estrondo no quarto.

— Ela pegou o piloto — Evan disse, acenando com a cabeça. Ele puxou Sams, Megan e a mim para o corredor e disse por cima do ombro para Ben:

— *Agora* vocês vão.

Depois para mim:

— A casa no mapa. Agora é de Graça, mas não vai ser mais depois desta noite. Não saia de lá. Tem comida, água e muitos suprimentos para passar o inverno.

E completou, falando muito depressa, quase sem tempo — a 5ª Onda podia não estar aqui, mas Graça estava:

— Lá vocês vão estar em segurança, Cassie. No equinócio...

Ben, Dumbo e Pão de Ló tinham chegado à escada. Ben acenava freneticamente para nós, *Vamos!*

— Cassie! Você está ouvindo? No equinócio, a nave mãe vai mandar um casulo para tirar Graça da casa de segurança...

— Sullivan! Agora! — Ben berrou.

— Se você conseguir descobrir um jeito de sabotar o casulo... — ele estava empurrando algo no meu estômago, mas minhas mãos estavam cheias. Com olhos arregalados, vi quando meu irmãozinho arrancou o saquinho de plástico que encerrava a bomba da mão de Evan.

Então Evan segurou meu rosto entre as mãos e me deu um beijo apaixonado.

— Você pode pôr fim nisso, Cassie. Você. E é assim que deve ser. Deve ser você. *Você.*

Outro beijo, meu sangue manchando o rosto dele, as lágrimas dele manchando o meu.

— Não posso fazer nenhuma promessa desta vez — ele se apressou. — Mas você pode. Prometa-me, Cassie. Prometa que você vai terminar isso.

Prometi:

— Vou terminar isso.

E a promessa uma sentença proferida, a porta de uma cela fechada com força, uma pedra em volta do meu pescoço para me levar ao fundo do mar infinito.

48

Parei meio segundo junto da porta da escada, ciente de que talvez o estivesse vendo pela última vez ou, para ser mais exata, pela *segunda* última vez. Então o mergulho na escuridão total não tão diferente da primeira última vez, sussurrando para Megan tomar cuidado com entranhas de ratos e depois no saguão, onde os garotos que tinham me trazido para essa festa esperavam perto da porta de entrada, os corpos formando uma silhueta no brilho alaranjado sombrio do helicóptero em chamas. Achei que fugir pela estrada principal foi uma manobra que contrariava brilhantemente o bom senso. Graça deve ter imaginado que estávamos escondidos atrás de uma barricada no quarto do primeiro andar e daria um salto tipo *Matrix* parede acima até a janela quebrada do outro lado do edifício.

— Cassie — Sam disse em meu ouvido. — O seu nariz está muito *grande*.

— É porque está quebrado.

Como o meu coração, garoto. É um conjunto.

Pão de Ló não estava mais recostado em Ben com o braço em volta de seu pescoço. Todo o enorme *corpo* estava agarrado a Ben como se estivesse sendo carregado para fora de um incêndio por um bombeiro. E Ben parecia não estar gostando.

— Você sabe que isso não vai funcionar — eu lhe disse. — Você não vai conseguir avançar 100 metros.

Ben me ignorou.

— Bo, você vai cuidar de Megan. Sam, você vai ter que descer; a sua irmã vai à frente, eu vou atrás.

— Preciso de uma arma! — Sam falou.

Ben também o ignorou.

— *Etapas:* Etapa 1: o viaduto. Etapa 2: as árvores do outro lado do viaduto. Etapa 3: ...

— Leste — eu completei.

Pus Sammy no chão e tirei o mapa amassado do bolso. Ben estava olhando para mim como se eu tivesse enlouquecido.

— Nós vamos para este lugar — falei apontando para o pequeno quadrado que representava a casa de Graça.

— Nãããão, Sullivan. Vamos para as cavernas para encontrar Esp e Teacup.

— Não me importa para onde vocês vão, contanto que não seja Dubuque! — Dumbo gritou.

Ben sacudiu a cabeça.

— Você está estragando a piada, Dumbo. Simplesmente estragando. Certo, aqui vamos nós.

E fomos. Uma neve fina caía e os minúsculos cristais giravam no ar iluminados pela luz alaranjada. Podia-se sentir o cheiro desagradável do combustível queimando e o calor pressionando a cabeça. Tomei a dianteira como Ben tinha sugerido (quer dizer, ordenado), Sammy pendurado em um passante do cinto e Dumbo logo atrás com Megan, que não tinha dito uma palavra e quem poderia censurá-la? Ela provavelmente estava em choque. No meio do estacionamento, perto de uma faixa de terra que o separava da rampa da interestadual, olhei para trás a tempo de ver Ben cair com o peso de sua carga. Empurrei Sammy na direção de Dumbo e deslizei pelo pavimento escorregadio até Ben. No telhado do hotel, vi os restos de metal estraçalhado do Falcão Negro.

— Eu disse que isso não ia funcionar! — repreendi, meio sussurrando, meio gritando.

— Não vou deixá-lo... — Ben estava de quatro, ofegando e com ânsia de vômito. Os lábios ficaram vermelhos sob a luz do fogo: ele estava tossindo sangue.

Então Dumbo estava ao meu lado.

— Sarge. Ei, Sarge...

Algo na voz de Dumbo chamou a atenção dele. Ele olhou para Dumbo, que sacudiu a cabeça devagar: *Ele não ia conseguir.*

E Ben Parish bateu a mão aberta no chão gelado, arqueando as costas e gritando incoerentemente, e eu pensei, *Ah, Deus, ah, Deus, não é hora para uma crise existencial. Se ele perder o controle, estaremos perdidos. Estaremos totalmente perdidos.*

Ajoelhei-me ao lado de Ben. Seu rosto estava contorcido de dor, medo e fúria, a raiva enraizada no passado imutável e sempre presente onde a irmã gritava por ele e ele, mesmo assim, abandonou-a à morte. Ele a abandonou, mas ela não o abandonava. Ela sempre estaria com ele agora, sangrando, e não havia nada que ele pudesse fazer para salvá-la.

— Ben — chamei, correndo os dedos pela cabeça dele. Os cabelos cintilavam pontilhados com a neve cristalina. — Acabou.

Uma sombra passou como um raio por nós, correndo na direção do hotel. Levantei de um pulo e saí atrás dela, porque a sombra estava ligada ao meu irmãozinho, que estava disparando para as portas da frente. Eu o alcancei, levantei-o do chão, e ele começou a chutar, e se contorcer, e ficar histérico, e eu tive certeza de que Dumbo iria aparecer em seguida. E três era demais para qualquer pessoa controlar.

Porém preocupei-me à toa. Dumbo estava com Ben a seus pés, segurando Megan pela mão, instigando os dois a irem para a estrada, realizando uma tarefa mais fácil do que a minha com Sammy pendurado no meu braço de rosto para baixo, braços e pernas no ar, gritando:

— Nós temos que voltar, Cassie! Nós temos que voltar!

Atravessei a rampa, desci o morro íngreme até o viaduto, Etapa 1 completa, então depositei Sammy no chão e lhe dei um tapa forte no traseiro e lhe disse para parar com aquilo ou ele iria conseguir que nos matassem.

— O que aconteceu com você, afinal? — perguntei.

— Eu estava tentando *contar!* — ele soluçou —, mas você não escutou. Você *nunca* escuta! Eu deixei cair!

— Você deixou cair...?

— O saquinho, Cassie. Quando sai correndo, eu... deixei ele cair!

Olhei para Ben: arcado, cabeça baixa, braços apoiados nos joelhos Olhei para Dumbo: Ombros caídos, olhos arregalados, segurando a mão de Megan.

— Tenho uma sensação ruim sobre isso — ele sussurrou.

O mundo parou de respirar. Até a neve pareceu ficar suspensa no ar.

O hotel explodiu em meio a uma bola ofuscante verde neon. O chão estremeceu. O ar entrou no vácuo, jogando nós quatro no chão. Depois, os escombros rugiram em nossa direção, e eu me atirei em cima de Sammy. Uma onda de partículas de concreto, vidro, madeira e metal (e, sim, pedaços dos malditos ratos de Ben) não maiores que grãos de areia rolou pelo morro, formando uma massa cinzenta fervente que nos engolfou.

Bem-vindos a Dubuque.

VI
O gatilho

49

Ele não gostava de ficar com as crianças menores do campo. Elas lhe lembravam de seu irmãozinho, o que tinha perdido. O que estava lá na manhã que tinha saído à procura de comida e não estava lá quando voltou. O irmão que ele nunca encontrou. No campo, quando ele não estava treinando ou comendo ou dormindo ou limpando o alojamento ou lustrando as botas ou limpando o rifle ou prestando serviços na cozinha ou trabalhando no hangar de P&R, ele era voluntário nos alojamentos das crianças ou recebia os ônibus que chegavam. Ele não gostava da companhia das crianças pequenas, mas ficava com elas, mesmo assim. Nunca perdeu a esperança de que um dia encontraria o irmãozinho. De que um dia iria entrar no hangar de recepção e encontrá-lo sentado em um dos grandes círculos vermelhos pintados no chão, ou vê-lo balançando no velho pneu pendurado em uma árvore no playground improvisado ao lado do local de exercícios.

Mas nunca o encontrou.

No hotel, quando descobriu que o inimigo estava plantando bombas em crianças, perguntou-se se foi isso que aconteceu com o irmão. Eles o acharam e o levaram e depois fizeram com que engolisse a cápsula verde e o enviaram novamente para ser encontrado por outras pessoas. Provavelmente não. A maioria das crianças estava morta. Apenas algumas foram salvas e levadas ao campo. O irmão provavelmente não viveu muito depois do dia em que desapareceu.

Mas ele pode ter sido raptado. Pode ter sido obrigado a engolir a cápsula verde. Pode ter sido jogado de volta no mundo e deixado sem rumo até tropeçar em um grupo de sobreviventes que o acolheram, alimentaram e encheram o aposento com seu hálito. Pode ter acontecido dessa forma.

O que está incomodando você? Zumbi queria saber. Eles tinham atravessado o estacionamento para encontrar um cilindro de

CO^2 na velha lanchonete. Zumbi tinha desistido de falar com ele, exceto para dar uma ordem, e tinha desistido de fazer com que ele falasse. Quando fez a pergunta, Zumbi não esperava uma resposta.

Sempre sei quando algo o incomoda. Você fica com uma expressão de quem esta com dor de barriga. Como se estivesse tentando evacuar um tijolo.

O cilindro não estava muito pesado, mas Zumbi estava ferido e tomou a dianteira no caminho de volta. Ele estava nervoso, pulando a cada sombra. Ele repetia que alguma coisa estava errada. Alguma coisa com aquele Evan Walker e alguma coisa com a situação em geral. Zumbi achava que estavam sendo enganados.

De volta ao hotel, Zumbi mandou Dumbo chamar Evan no andar superior. Depois, esperaram Evan dentro do elevador.

Sabe, *Pão, isso confirma exatamente o meu ponto de vista. Ataques de pulso eletromagnético, tsunamis, pragas e alienígenas disfarçados, crianças que passaram por lavagem cerebral e agora crianças com bombas dentro delas. Por que estão complicando tanto as coisas? É como se eles* quisessem *uma luta. Ou* quisessem *que a luta fosse interessante. Ei. Talvez seja isso. Talvez se atinja certo ponto da evolução em que o tédio é a maior ameaça à sobrevivência. Talvez isso não seja uma conquista, afinal, mas um* jogo. *Como uma criança arrancando asas de moscas.*

À medida que os minutos passavam, Zumbi ficava mais nervoso.

O que foi, agora? Em que raios de lugar ele se meteu? Ah, Cristo, você não acha que... Melhor subir, Pão de Ló. Leve esse traseiro lá para cima e, se precisar, carregue o cara até aqui.

Na metade da escada, ele ouviu uma batida forte acima, depois outra mais leve e, depois, um grito. Ele chegou à porta a tempo de ver o corpo de Cassie passar voando e bater no chão. Seguiu a trajetória oposta com o olhar e viu a garota alta parada no quarto e a porta arrebentada. Sem hesitar, disparou para o corredor, sabendo

que a garota alta não iria sobreviver. Ele era bom atirador, o melhor em seu esquadrão até a chegada de Esp, e sabia que não iria errar.

Mas Cassie se jogou sobre ele e a garota alta sumiu de sua mira. Ele tinha certeza de que a teria matado se Cassie não tivesse interferido.

E então a garota alta atirou nele e ele bateu na parede.

Dumbo rasgou a camisa e apertou o ferimento com um tampão improvisado. Disse-lhe que não era grave, que ia sobreviver, mas ele sabia que era mentira. Tinha estado perto da morte várias vezes, conhecia o seu cheiro, o seu gosto, a sua sensação. Ele carregava a morte dentro de si na lembrança da mãe e das piras de 3 metros e dos ossos ao longo da estrada e da esteira rolante que levava centenas para o incinerador da central de energia elétrica no campo, os mortos queimados para iluminar os alojamentos, esquentar a água e mantê-los aquecidos. Morrer não o afligia. Morrer sem saber o que tinha acontecido com o irmão o afligia.

Morrendo, ele foi levado para o andar inferior. Morrendo, ele foi jogado em cima dos ombros de Zumbi. E então, no estacionamento, Zumbi caiu e os outros os rodearam e Zumbi bateu no pavimento congelado até a pele das palmas das mãos ficarem feridas.

Eles o deixaram depois disso. Ele não estava zangado. Ele compreendeu. Ele estava morrendo.

E então ele se levantou.

Não de imediato. Primeiro, ele rastejou.

A garota alta estava parada no saguão quando ele se arrastou para dentro. Ela estava ao lado da porta que se abria para a escada, segurando uma pistola com as duas mãos, curvando a cabeça como se estivesse tentando ouvir alguma coisa.

Foi quando ele se levantou.

A garota alta enrijeceu e se virou. Ela ergueu a arma, mas abaixou-a quando viu que ele estava morrendo. Ela sorriu e disse olá. Ela o estava observando ao lado das portas da frente, por isso

não viu o elevador nem Evan saindo de dentro dele. Evan o viu e congelou, como se não soubesse o que fazer.

Conheço você. A garota alta estava andando na sua direção. Se ela virasse naquele momento, se olhasse para trás, veria Evan, então ele empunhou a pistola para distraí-la, mas a arma foi tirada de sua mão com um chute e aterrissou no chão. Ele tinha perdido muito sangue. Sua pressão arterial estava caindo. O coração não conseguia bombear com força suficiente e ele estava ficando com pés e mãos dormentes.

Ficou de joelhos e estendeu a mão para a arma. Ela atirou em sua mão. Ele caiu sentado e enfiou a mão ferida no bolso como se assim pudesse protegê-la.

Puxa, você é um garoto grande e forte, não é? Quantos anos você tem?

Ela esperou a resposta.

O que foi? O gato comeu a sua língua?

Ela lhe deu um tiro na perna. Depois, esperou que ele gritasse, chorasse ou dissesse alguma coisa. Quando ele não fez nada disso, ela lhe deu um tiro na outra perna.

Atrás dela, Evan se jogou de bruços no chão e começou a rastejar na direção deles. Ele sacudiu a cabeça para Evan, arquejando. Estava com o corpo todo entorpecido. Não havia dor, mas uma cortina cinza tinha caído sobre os olhos.

A garota alta se aproximou. Agora, ela se encontrava a meio caminho entre ele e Evan. Ela apontou a arma para o meio de sua testa.

Diga alguma coisa ou vou estourar os seus miolos. Onde está Evan?

Ela começou a virar. Talvez tivesse ouvido Evan rastejar até ela. Então ele se levantou pela última vez para distraí-la. Ele não se levantou depressa. Ele precisou de mais de um minuto, as botas escorregando no ladrilho molhado de neve derretida, levantou-se, caiu, e o fato de manter a mão no bolso tornou a tarefa duas vezes

mais difícil. A garota alta sorriu e deu uma risadinha, mostrando um ar afetado como as crianças na escola. Ele era gordo. Ele era desajeitado. Ele era estúpido. Ele era um monte de banha. Quando ele finalmente se levantou, ela atirou novamente.

Por favor, ande depressa. Estou desperdiçando munição.

A embalagem plástica do bolo estava dura e amarrotada e sempre fazia barulho quando brincava com ela no bolso. Foi assim que a mãe soube que ele o tinha no dia em que o irmão desapareceu. Foi assim também que os soldados no ônibus souberam. E o sargento de treinamento o chamou de Pão de Ló porque adorou a história do garoto gordo que chegou ao campo com apenas as roupas do corpo e um pacote de migalhas de bolo velho no bolso.

O saco plástico para sanduíches que ele tinha achado do lado de fora das portas do hotel não farfalhava. Ele era muito mais macio e não produziu ruído quando o tirou do bolso. O saquinho deslizou para fora em silêncio, da mesma forma que ele tinha estado desde que lhe disseram para calar a boca. Cale a boca, cale a boca, cale a BOCA.

O sorriso da garota alta desapareceu.

E Pão de Ló recomeçou a rastejar. Não na direção dela, não na direção do elevador, mas na direção da porta lateral no final do corredor.

Ei, o que você tem aí, grandalhão? Hã? O que é isso? Tenho a impressão de que não é um analgésico.

O sorriso da garota alta voltou. Contudo, um tipo diferente de sorriso. Um sorriso agradável. Ela ficava muito bonita quando sorria daquele jeito. Provavelmente, era a garota mais bonita que já tinha visto.

Você tem que ter muito cuidado com isso, entendeu? Ei, ei, sabia disso? Vou fazer um acordo com você. Abaixo a arma se você abaixar essa coisa, certo? O que você acha?

E então ela fez o que prometeu. Ela colocou a arma no chão, tirou o rifle do ombro e também o pôs no chão. E depois levantou as mãos.

Posso ajudar você. Ponha isso no chão e eu vou ajudar você. Você não precisa morrer. Sei como curar você. Eu... eu não sou como você. Certamente não sou tão corajosa e forte. Não acredito que você ainda está de pé.

Ela ia esperar. Ela ia esperar até ele desmaiar ou cair morto. Tudo que tinha que fazer era continuar falando, sorrindo e fingindo que gostava dele.

Ele abriu o saquinho.

A garota alta não estava mais sorrindo. Ela estava correndo na direção dele, mais depressa do que ele já tinha visto alguém correr em toda a vida. O véu cinza tremeluziu enquanto ela avançava. Quando ela se aproximou, os pés dela saíram do chão e ela saltou como um raio no ponto em que tinha dado o primeiro tiro, atirando-o para trás, de encontro ao batente de metal da porta. O saquinho saiu voando de seus dedos entorpecidos e deslizou como um disco de hóquei pelo ladrilho. O véu cinza ficou preto durante um segundo. A garota alta girou com a graça de uma bailarina na direção do saquinho. Ele enganchou a perna dele no tornozelo dela e a fez cair estendida no chão.

Ela era muito rápida, e ele estava muito ferido. Ela chegaria lá antes dele. Assim, ele pegou a arma que tinha largado e atirou nas costas da garota.

E depois ele se levantou pela última vez, jogou a arma para longe e passou por cima do corpo contorcido da garota. Foi só aonde chegou antes de cair pela última vez.

Pão de Ló rastejou até o saco plástico. Ela rastejou atrás dele. Ela não conseguia se levantar. A bala tinha esmigalhado sua coluna vertebral, deixando-a paralisada da cintura para baixo. Mas ela era mais forte do que o garoto e não tinha perdido tanto sangue.

Ele apanhou o saquinho do chão. Ela agarrou seu braço e o puxou como se ele não pesasse nada. Ela o mataria com um único soco no coração agonizante.

Mas ele só precisava respirar.

Pão de Ló pôs a abertura do saquinho sobre a boca.

E respirou.

LIVRO 2

VII
A soma de todas as coisas

50

Estou sentada sozinha numa sala de aula sem janelas. Carpete azul, mesas brancas compridas. Monitores de computador brancos com teclados brancos. Estou usando o macacão branco dos novos recrutas. Campo diferente, mesmo procedimento, até o implante na nuca e a viagem ao País das Maravilhas. Ainda estou pagando por essa viagem. Você não se sente vazio depois que extraem suas lembranças. Todo o corpo dói. Músculos também retém lembranças. É por isso que eles têm que prendê-lo com correias durante o trajeto.

A porta se abre e o Comandante Vosch entra no aposento. Ele carrega uma caixa de madeira que coloca na mesa à minha frente.

— Você está com bom aspecto, Marika — ele diz. — Muito melhor do que imaginei.

— Meu nome é Especialista.

Ele concorda. Ele entende exatamente o que quero dizer. Mais de uma vez, eu me perguntei se as informações reunidas pelo País das Maravilhas percorrem uma via de duas mãos. Se você pode fazer o download da experiência humana, por que não poderia fazer o oposto? É possível que a pessoa que está sorrindo para mim agora encerre as lembranças de todos os seres humanos que passaram pelo programa. Ele pode não ser humano, e tenho minhas dúvidas sobre isso, mas ele também pode ser a soma de todos os humanos que passaram pelos portões do País das Maravilhas.

— Sim. Marika morreu — ele diz ao se sentar diante de mim. — E agora aqui está você, renascendo das próprias cinzas como uma fênix.

Ele sabe o que vou dizer. Posso adivinhar pelo brilho de seus olhos azuis-bebê. Por que ele simplesmente não fala? Por que tenho que perguntar?

— Teacup está viva?

— Em que resposta você acha que vai acreditar? *Sim* ou *não*?

Pense antes de responder. O xadrez lhe ensina isso.

— Não.

— Por quê?

— *Sim* poderia ser uma mentira para me manipular.

Ele balança a cabeça mostrando que compreende.

Para lhe dar falsas esperanças.

— Para ter uma vantagem.

Ele inclinou a cabeça e olhou para mim.

— Por que alguém como eu iria precisar obter vantagem de alguém como você?

— Não sei. Deve haver alguma coisa que você quer.

— Do contrário...

— Do contrário eu estaria morta.

Ele não diz nada durante longos momentos. Seu olhar penetra até meus ossos. Ele mostra a caixa de madeira com um gesto.

— Eu lhe trouxe algo. Abra.

Olho para a caixa. Olho para ele de novo.

— Não vou fazer isso.

— É só uma caixa.

— Não vou fazer nada do que quer que eu faça. Você está perdendo seu tempo.

— E tempo é a única moeda que nos resta, não é? Tempo e promessas — ele bate na tampa da caixa. — Gastei grande parte desse bem precioso para encontrar uma destas — ele empurra a caixa na minha direção. — *Abra-a.*

Obedeço. Ele continua:

— Ben não queria jogar com você. Nem a pequena Allison. Ou melhor, Teacup; Allison também está morta. Você não jogou xadrez desde que o seu pai morreu.

Sacudo a cabeça. Não é uma resposta ao comentário dele. Sacudo a cabeça porque não compreendo. O arquiteto-chefe do genocídio quer jogar xadrez comigo?

Estou tremendo no macacão fino como papel. O aposento é muito frio. Sorrindo, Vosch me observa. Não. Não só observa. *Isto não é como o País das Maravilhas. Não são apenas as suas lembranças que ele conhece. Ele também sabe o que você está pensando.* O País das Maravilhas é um dispositivo. Ele registra, mas Vosch *lê*.

— Eles foram embora — deixo escapar. — Eles não estão no hotel. E você não sabe onde eles estão — tem que ser isso. Não consigo imaginar outro motivo pelo qual ele não tenha me matado.

Porém, é um motivo tolo. Nesse tempo e com os recursos de que dispõe, não seria difícil encontrá-los, seria? Aperto as mãos frias entre os joelhos e me obrigo a respirar lenta e profundamente.

Ele abre a tampa, retira o tabuleiro e pega a pequena rainha branca.

— Branco? Você prefere branco.

Dedos longos e ágeis arrumam o tabuleiro. Os dedos de um músico, um escultor, um pintor. Ele pousa os cotovelos na mesa e entrelaça os dedos de modo a criar um apoio para o queixo, como o meu pai fazia sempre que *ele* jogava.

— O que você quer? — pergunto.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Quero jogar uma partida de xadrez.

Ele me olha fixamente em silêncio. Cinco segundos se transformam em dez. Dez se transformam em vinte. Após trinta segundos, uma eternidade se passou. Acho que sei o que ele está fazendo: jogando um jogo dentro do jogo. Apenas não entendo a razão.

Abro com a jogada Ruy Lopez. Não é a abertura mais original na história do jogo; estou um pouco estressada. Enquanto jogamos,

ele cantarola baixinho, sem melodia, e agora sei que está escarnecendo de meu pai deliberadamente. Meu estômago revira com repugnância. Para sobreviver, construí muros, uma fortaleza emocional que me protegeu e manteve meu espírito são em um mundo que se tornou perigosamente insano, mas mesmo a pessoa mais aberta possui um lugar secreto e sagrado em que ninguém mais pode entrar.

Agora compreendo o jogo dentro do jogo: não há nada secreto, nada sagrado. Não existe parte de mim oculta dele. Sinto-me enjoada. Ele profanou mais do que as minhas lembranças. Ele está molestando a minha alma.

O mouse e o teclado à minha direita não têm fio, mas o monitor ao lado dele tem. Mergulho por cima da mesa, desfiro um golpe na cabeça dele e enrolo o fio em sua garganta. Executado em quatro segundos, terminado em quatro minutos. A não ser que estejamos sendo observados, e provavelmente estamos, Vosch vai viver, Teacup e eu vamos morrer. E, mesmo que eu consiga acabar com ele primeiro, a vitória vai ser pírrica, supondo que a alegação de Evan Walker seja verdadeira. No hotel, mostrei isso a Sullivan quando ela disse que Evan se sacrificou para explodir a base: se eles podem entrar em corpos humanos, também podem fazer cópias de si mesmos. O conjunto de “Evans” e “Voschs” seria infinito. Evan poderia se matar. Eu poderia matar Vosch. Não teria importância. Por definição, as entidades dentro deles são imortais.

Você precisa prestar muita atenção ao que estou dizendo. Sullivan disse com paciência exagerada. *Existe um Evan humano que se* fundiu *com a consciência alienígena. Ele não é nem uma coisa nem outra; ele é as duas. Assim, ele* pode *morrer.*

Não é a parte importante.

Certo, ela retrucou ríspida. *É só a insignificante parte humana.*

Vosch está inclinado sobre o tabuleiro. Seu hálito cheira a maçã. Aperto as mãos no colo. Ele ergue uma sobrancelha. *Problema?*

— Vou perder — afirmo para ele.

Ele finge surpresa.

— O que a faz pensar isso?

— Você conhece os meus lances antes de eu fazê-los.

— Você esta se referindo ao programa do País das Maravilhas, mas está esquecendo que somos mais do que a soma de nossas experiências. Os seres humanos podem ser maravilhosamente imprevisíveis. Quando resgatou Ben Parish durante a queda do Campo Abrigo, por exemplo, você desafiou a lógica e ignorou a primeira prerrogativa de todos os seres vivos: continuar a viver. Ou a decisão de ontem de se entregar quando compreendeu que a captura era a única chance de sobrevivência para a garotinha.

— Ela sobreviveu?

— Você já sabe a resposta a essa pergunta.

Impaciente, como um professor rigoroso para um aluno promissor. Ele faz um gesto na direção do tabuleiro: *Jogue*.

Envolvo o punho com a mão e aperto o mais que posso: imagino que o punho é o pescoço dele. Quatro minutos para asfixiá-lo e expulsar a vida de seu corpo. Apenas quatro minutos.

— Teacup está viva — digo a ele. — Você sabe que a ameaça de fritar o meu cérebro não vai me obrigar a fazer o que quer que eu faça. Mas você sabe que eu o farei por ela.

— Agora vocês pertencem uma à outra, é isso? Como que ligadas por um cordão de prata? — sorrindo. — Seja como for, fora alguns ferimentos graves dos quais ela talvez não se recupere, você lhe deu o inestimável presente do tempo. Há um ditado em latim: *Vincit qui patitur*. Sabe o que significa?

Estou mais do que calma. Atingi o zero absoluto.

— Você sabe que não sei.

— Vence aquele que persevera. Lembre-se dos ratos da pobre Teacup. O que eles podem nos ensinar? Eu lhe disse quando veio a mim pela primeira vez: “Não é tão importante esmagar a capacidade de lutar, mas sim acabar com a vontade de fazê-lo.”

Os ratos novamente.

— Um rato sem esperança é um rato morto.

— Ratos não conhecem a esperança. Ou a fé. Você tinha razão sobre essas coisas, cabo Especialista. Elas não vão fazer a humanidade enfrentar a tempestade. Contudo, você estava errada sobre a ira. A ira também não é a resposta.

— Qual é a resposta? — não quero perguntar, não quero lhe dar essa satisfação, mas não consigo evitar.

— Você está perto dela — ele diz. — Acho que ficaria surpresa em saber o quanto está perto.

— Perto de quê? — a minha voz parece tão acanhada quanto a de um rato.

Ele sacode a cabeça, impaciente outra vez.

— Jogue.

— Isso é desperdício de tempo.

— Um mundo em que o xadrez não tem importância não é um mundo em que eu queira viver.

— Pare de fazer isso. Pare de zombar de meu pai.

— O seu pai foi um bom homem escravo de uma terrível doença. Não seja rigorosa com ele nem consigo mesma por abandoná-lo.

Por favor, não vá. Marika, não me deixe.

Dedos longos e ágeis estendidos como garras na minha camisa, os dedos de um artista. O rosto esculpido com a faca cruel da fome, o artista enfurecido com a argila inútil, e olhos vermelhos com bordas negras.

Prometo que vou voltar. Você vai morrer sem. Prometo. Eu vou voltar.

Vosch exibe um sorriso desalmado, um sorriso de tubarão ou a expressão de escárnio de uma caveira, e se a ira não é a resposta, o que é? Estou apertando o punho a ponto de cortar a palma da

mão com as unhas. *Essa é a descrição que Evan fez*, Sullivan contou, pegando o punho dela na mão. *Este é Evan. Este é o ser em seu interior.* A minha mão é a ira, mas o que é meu punho? O que é a coisa envolta na ira?

— A um lance do cheque-mate — Vosch diz com suavidade. — Por que não o faz?

Meus lábios mal se movem.

— Não gosto de perder.

Ele apanha do bolso um dispositivo prateado do tamanho de um celular. Já vi um antes. Sei para que serve. A pele ao redor do pequeno adesivo que fecha o ponto de inserção na minha nuca começa a coçar.

— Estamos um pouco além dessa etapa — ele diz.

Sangue dentro do punho que se encontra dentro da mão que aperta o punho.

— Aperte o botão, eu não ligo a mínima.

Ele balança a cabeça em aprovação.

— Agora você está muito perto da resposta. Mas não é o *seu* implante que está ligado a este transmissor. Você ainda quer que eu o aperte?

Teacup. Olho para o tabuleiro. *A um lance do mate.* A partida terminou antes de começar. Como evitar perder um jogo cujo vencedor já foi determinado?

Uma criança de 7 anos sabia a resposta a essa pergunta. Escorrego a mão sob o tabuleiro e o viro em cima da cabeça dele. *Acho que isso é xeque-mate*, *imbecil!*

Ele prevê o que vai acontecer e se esquiva com facilidade. As peças caem com ruído na mesa e rolam preguiçosamente pelo topo antes de se espalharem para o chão. Ele não deveria ter me contado que o dispositivo está ligado a Teacup: se ele apertar o botão, vai perder a vantagem que tem sobre mim.

Vosch aperta o botão.

51

A minha reação estava em preparação há meses. E é instantânea.

Salto por cima da mesa, golpeio o peito dele com o joelho com força e o derrubo no chão. Aterrisso em cima dele e atinjo o nariz aristocrático com a parte interna da mão, girando os ombros a fim de maximizar o impacto, um exemplo clássico perfeito, como os treinadores no Campo Abrigo me ensinaram. Exercício após exercício, até não haver necessidade de pensar: os músculos também têm memória. O nariz dele quebrou com um agradável *crac.* Os instrutores me disseram que aquele é o ponto em que um soldado sensato recua. O confronto direto é imprevisível e cada segundo que você permanece empenhado na luta aumenta o risco. *Afastar-se do X*, era a expressão. *Vincit qui patitur.*

Mas não há como se afastar deste X em especial. O relógio está para marcar seu último minuto; estou sem tempo. A porta abre de supetão e soldados enchem o aposento. Sou derrubada rápida e violentamente, arrancada para longe de Vosch e jogada de cara no chão. Uma canela aperta minha nuca. Sinto cheiro de sangue: não meu, dele.

— Você me decepciona — ele sussurra em meu ouvido — Eu lhe disse que a ira não era a resposta.

Eles me levantam com um puxão. A metade inferior do rosto de Vosch está coberta de sangue, que mancha sua pele como uma pintura de guerra. Os olhos dele já estão inchando e lhe conferem uma aparência estranha de porco.

Ele se vira para o líder do esquadrão parado ao seu lado, um recruta de pele clara, cabelos loiros e olhos escuros sentimentais.

— Prepare-a.

52

Corredor: tetos baixos, lâmpadas fluorescentes piscantes, paredes de blocos de concreto. A pressão de corpos à minha volta, um na frente, outro atrás, um de cada lado segurando os braços. O guinchar das solas de borracha dos sapatos no chão de concreto cinza e o leve cheiro de suor e o cheiro agridoce do ar reciclado. Poço da escada: corrimãos de metal pintados de cinza como o piso, teias de aranha tremulando nos cantos, lâmpadas amarelas empoeiradas protegidas por arame, descendo para o ar mais quente e rançoso. Outro corredor: portas sem identificação e largas faixas vermelhas correndo pelas paredes cinzas e placas que diziam *Entrada Proibida* e *Só Pessoal Autorizado.* Quarto: pequeno, sem janelas. Armários nas paredes, uma cama de hospital no centro, monitor de sinais vitais ao lado, tela apagada. Em cada lado da cama, duas pessoas usando aventais brancos. Um homem de meia-idade e uma mulher mais jovem, forçando sorrisos.

A porta se fecha com ruído. Estou sozinha com os aventais brancos, exceto pelo recruta loiro parado ao lado de uma porta atrás de mim.

— Do jeito fácil ou difícil? — o homem de avental branco pergunta — Você decide.

— Difícil — respondo. Viro rapidamente e derrubo o recruta com um soco na garganta. A pistola dele cai no chão com ruído. Eu a apanho e me viro para os dois aventais brancos.

— Não há como fugir — o homem diz com calma. — Você sabe disso.

Eu sei disso. Porém eu não precisava da arma para fugir. Pelo menos, não para fugir no sentido a que ele se refere. Não vou fazer reféns e não vou matar ninguém. Matar seres humanos é o objetivo do inimigo. Atrás de mim, o garoto se contorce no chão, emitindo soluços gorgolejantes. Talvez eu tenha fraturado a sua laringe.

Olho rapidamente para a câmera instalada no canto oposto do quarto. Ele está assistindo? Graças ao País das Maravilhas, ele me conhece melhor do que qualquer outra pessoa no mundo. Ele deve saber por que peguei a arma.

Dei um xeque-mate e é tarde demais para abandonar o jogo.

Aperto a boca da arma fria na têmpora. A mulher abre a boca e dá um passo na minha direção.

— Marika — ela murmura com o olhar bondoso e a voz suave. — Ela está viva porque você está. Se você não estiver, ela também não vai estar.

Então tenho um estalo. Ele disse que a ira não era a resposta, e a ira é a única explicação para ele apertar o botão da morte quando eu virei o tabuleiro. Foi isso que pensei quando aconteceu. Nunca me ocorreu que ele poderia estar blefando.

E deveria. Ele não desistiria da vantagem de maneira nenhuma. Por que não vi isso? Sou eu quem está cega de raiva, não ele.

Estou tonta; o quarto não fica parado. Blefes dentro de blefes, artifícios dentro de contra artifícios. Estou em um jogo do qual não conheço as regras nem mesmo o objetivo. Teacup está viva porque eu estou. Eu estou viva porque ela está.

— Leve-me até ela — peço à mulher. Quero provas de que uma das suposições fundamentais é verdadeira.

— Não vai acontecer — o homem fala. — E agora?

Boa pergunta. Mas tenho que pressionar e pressionar muito, tanto quanto pressiono a arma na minha têmpora.

— Levem-me até ela ou juro por Deus que vou atirar.

— Você não pode — a jovem mulher diz. Voz macia. Olhar bondoso. Mão estendida.

Ela tem razão. Não posso. Pode ser mentira; Teacup pode estar morta. Mesmo assim, continua a existir a chance de que está viva e, se eu me for, não vai haver motivo para mantê-la assim. O risco é inaceitável.

Esse é o laço. Essa é a armadilha. É ali que a estrada das promessas impossíveis termina num beco sem saída. Esse é o único resultado possível da antiquada crença de que a vida insignificante de uma criança de 7 anos ainda importa.

Sinto muito, Teacup. Eu deveria ter posto um fim nisto na floresta.

Abaixo a arma.

53

O monitor continua a piscar. Pulso, pressão sanguínea, respiração, temperatura. O garoto que nocauteei está consciente, recostado na porta, uma das mãos massageando a garganta, a outra segurando a arma. Ele olha furioso para mim deitada na cama.

— Algo para ajudá-la a relaxar — murmura a mulher com a voz suave e olhar bondoso. — Uma pequena picada.

A picada da agulha. As paredes desaparecem em um nada incolor. Mil anos se passam. Sou transformada em pó sob o calcanhar do tempo. As vozes se arrastam, os rostos se alargam. A fina espuma debaixo de mim dissolve. Estou flutuando num oceano branco sem limites.

Uma voz sem corpo emerge da névoa.

— E agora vamos voltar ao problema dos ratos, está bem?

Vosch. Não o vejo. A voz parece vir do nada. Ela se origina de todos os lugares e de nenhum lugar, como se ele estivesse dentro de mim.

— Você perdeu o seu lar. E o lugar adorável, e único, que encontrou para substituí-lo está infestado de animais nocivos. O que você pode fazer? Quais são as suas opções? Resignar-se a viver pacificamente com as pestes destrutivas ou exterminá-las antes que elas possam destruir seu novo lar? Você diz a si mesma “Ratos são criaturas nojentas, mas mesmo assim são seres vivos com os mesmos direitos que eu?” Ou você diz “Estes ratos e eu somos incompatíveis. Se vou viver aqui, esses animais precisam morrer?”

Escuto o bipe de um monitor a milhares de quilômetros de distância, marcando os batimentos do meu coração. O mar ondula. Levanto e caio a cada onda na superfície.

— Mas a questão não são os ratos realmente — a voz dele martela, densa, abafada como um trovão. — Nunca foi. A necessidade de exterminá-los é natural. É o método que a

incomoda. A verdadeira questão, o problema fundamental, são rochas.

A cortina branca se afasta. Ainda estou flutuando, mas agora estou muito acima da Terra, em um vazio negro repleto de estrelas, e o sol que beija o horizonte pinta a superfície do planeta abaixo de mim com um dourado tremeluzente. O monitor bipa freneticamente, uma voz diz “Ah, droga” e então a de Vosch:

— Respire, Marika. Você está totalmente segura.

Totalmente segura. Então foi por isso que me sedaram. Se não o tivessem feito, provavelmente o meu coração teria parado devido ao choque. O efeito é tridimensional, indistinguível da realidade, exceto pelo fato de que eu não estaria respirando no espaço. Ou ouvindo a voz de Vosch em um lugar onde o som não existe.

— Esta é a Terra como era há 66 milhões de anos. Linda, não é? Um paraíso intato. A atmosfera antes de vocês a envenenarem. A água antes de vocês a sujarem. A terra abundante de vida antes que vocês, roedores que são, a terem estraçalhado em pedaços para alimentar o apetite voraz e construir seus ninhos imundos. Ela poderia ter permanecido pura por outros 66 milhões de anos, livre de sua gula mamífera, não fosse pelo encontro casual com um visitante alienígena ¼ do tamanho de Manhattan.

Ele passa zunindo por mim, com cicatrizes e marcas de varíola, apagando as estrelas enquanto gira na direção do planeta. Quando atravessa a atmosfera, a metade inferior do asteroide começa a brilhar. Amarelo vivo, depois branco.

— E assim o destino do mundo está decidido. Por uma rocha.

Agora estou na praia de um mar vasto e raso, assistindo ao asteroide cair, um ponto minúsculo, um pedregulho, insignificante.

— Quando a poeira do impacto assentar, ¾ de toda a vida na terra não existirá mais. O mundo acaba. O mundo recomeça. A humanidade deve sua existência a um minúsculo capricho cósmico. A uma rocha. Quando se pensa a respeito, é realmente notável.

O chão estremece. Um estouro distante, depois um silêncio sinistro.

— E dentro dele está o enigma, a charada que você tem evitado, porque confrontar o problema abala os alicerces, não é mesmo? Desafia explicações. Converte tudo que aconteceu em algo impossivelmente discordante, absurdo e disparatado.

O mar se agita; a névoa se move e gira, a água está fervendo e sumindo.

Um muro sólido de poeira e rocha ruge em minha direção, apagando o céu. O ar fica repleto de guinchos estridentes, como os gritos de um animal agonizante.

— Não preciso dizer o óbvio, preciso? A questão tem incomodado você por um longo tempo.

Não posso me mover. Sei que não é real, mas meu pânico é como o imenso muro de vapor e poeira que desce. Um milhão de anos de evolução me ensinaram a confiar em meus instintos, e a parte primitiva de meu cérebro está surda à parte racional que grita com voz estridente como um animal agonizante não é real *não é real não é real não é real.*

— Pulsos eletromagnéticos. Gigantescas varinhas de metal caindo do céu como chuva. Praga viral... — a voz dele aumenta a cada palavra e as palavras são como trovões ou o calcanhar de uma bota descendo com força. — Agentes dormentes implantados em corpos humanos. Exércitos de crianças submetidas à lavagem cerebral. O que é *isso*? Essa é a principal questão. A única que realmente importa: por que se incomodar com tudo isso quando você só precisa de uma *rocha* muito, muito grande?

A onda rola em cima de mim e me afogo.

54

Fico enterrada por milênios.

A quilômetros acima de mim, o mundo desperta. Nas sombras frescas que se formam no chão da floresta tropical, uma criatura semelhante a um rato cava à procura de raízes macias. Seus descendentes vão domar o fogo, inventar a roda, descobrir a matemática, criar a poesia, redirecionar rios, derrubar florestas, construir cidades, explorar o espaço profundo. Por ora, a única atividade importante é encontrar comida e ficar vivo o bastante para gerar mais criaturas semelhantes a ratos.

Aniquilado pelo fogo e pela poeira, o mundo renasce em um faminto roedor escavando a terra.

O relógio marca o tempo. Nervosamente, a criatura fareja o ar morno e úmido. A batida metronômica do relógio acelera e subo à superfície.

Quando surjo da poeira, a criatura se transformou: está sentada em uma cadeira ao lado de minha cama usando jeans duros de terra e uma camiseta rasgada. Ombros curvados, barba por fazer, inventor da roda, herdeiro, cuidador, pródigo de olhos fundos.

Meu pai.

O *bip-bip* do monitor. O soro intravenoso gotejante, os lençóis grossos e o travesseiro duro e fios saindo de meus braços como serpentes. E o homem sentado ao lado da cama, amarelado e suado, coberto por sujeira, inquieto, nervosamente puxando a camisa, olhos injetados e lábios úmidos e inchados.

— Marika.

Fecho os olhos. *Não é ele. É a droga que Vosch injetou em você.*

Outra vez:

— Marika.

— Cale a boca. Você não é real.

— Marika, tem uma coisa que quero lhe contar. Uma coisa que você precisa saber.

— Não entendo por que está fazendo isso comigo — digo a Vosch. Sei que ele está me observando.

— Eu perdoo você — meu pai diz.

Não consigo respirar. Sinto uma dor forte no peito, como se estivesse sendo esfaqueada.

— Por favor — imploro a Vosch. — Por favor, não faça isso.

— Você teve que partir — meu pai diz. — Você não teve escolha e, seja como for, o que aconteceu foi culpa inteiramente minha. Você não me transformou em um bêbado.

Instintivamente, tapo os ouvidos com as mãos. Mas a voz dele não está no quarto; está em mim.

— Não durei muito depois que você partiu — meu pai diz, tentando me tranquilizar. — Apenas algumas horas.

Chegamos até Cincinnati. Um pouco mais de 160 quilômetros. Então o estoque dele acabou. Ele me implorou para não deixá-lo, mas eu sabia que, se não encontrasse um pouco de bebida depressa, ele iria morrer. E encontrei, uma garrafa de vodca escondida debaixo de um colchão, depois de invadir 16 casas, se é que se pode chamar assim, já que todas as casas estavam abandonadas e eu só tive que entrar por uma janela quebrada. Fiquei tão feliz em achá-la que até beijei a garrafa.

Mas era tarde demais. Quando voltei ao acampamento, ele estava morto.

— Sei que você se culpou por causa disso, mas eu teria morrido de qualquer forma, Marika. De qualquer forma. Você fez o que achou que devia fazer.

Não há como se esconder de sua voz. Tampouco fugir dela. Abro os olhos e olho diretamente nos dele.

— Sei que isso é mentira. Você não é real.

Ele sorri. O mesmo sorriso de quando eu fazia um lance particularmente bom numa partida. O professor deleitado.

— Vim para lhe dizer isto! — ele esfrega os dedos longos nas coxas e posso ver a sujeira incrustada sob as unhas. — Essa é a lição, Marika. É isso que eles querem que você entenda.

Mão quente de encontro à pele fria: ele está tocando meu braço. A última vez em que senti sua mão foi no rosto com tapas fortes e doloridos enquanto a outra me mantinha imóvel. *Vagabunda! Não me deixe. Nunca me deixe, vagabunda!* Cada *vagabunda!* enfatizado por um tapa. A mente dele não existia mais. Via coisas que não estavam lá na profunda escuridão que surgia todas as noites. Ouvia coisas no terrível silêncio que ameaçava esmagá-lo todos os dias. Na noite em que ele morreu, ele acordou gritando, arranhando os olhos. Ele sentia insetos rastejando dentro deles.

Aqueles mesmo olhos inchados olhando fixamente para mim agora. E as marcas dos arranhões debaixo deles ainda frescas. Outro círculo, outro cordão de prata: agora sou eu quem vê coisas, ouve coisas, sente coisas que não estão ali no terrível silêncio.

— Primeiro, eles nos ensinaram a não confiar neles — ele sussurra. — Depois, ensinaram a não confiar um no outro. Agora estão nos ensinando que não podemos nem ao menos confiar em nós mesmos.

E sussurro de volta:

— Não entendo.

Ele está desaparecendo. À medida que caio ainda mais nas profundezas sem luz, meu pai desaparece na luz sem profundidade. Ele me dá um beijo na testa. Uma bênção. Uma maldição.

— Agora você pertence a eles.

55

A cadeira está vazia outra vez. Estou só. E então me lembro de que estava sozinha quando a cadeira não estava vazia. Espero que as batidas do meu coração se aquietem. Disponho-me a ficar calma, a controlar a respiração. A droga vai atravessar o meu organismo e tudo vai ficar bem. *Você vai ficar segura,* digo a mim mesma. *Perfeitamente segura.*

O recruta loiro que golpeei na garganta entra carregando uma bandeja de comida: uma fatia de carne misteriosa, batatas, uma pilha de vagens moles, um copo alto de suco de laranja. Ele coloca a bandeja ao lado da cama, empurra o botão para me colocar sentada, vira a bandeja e a posiciona na minha frente e fica ali, de braços cruzados, como se estivesse esperando algo.

— Conte qual é o gosto da comida — ele sussurra rouco. — Não posso ingerir comida sólida por mais três semanas.

A pele dele é clara, o que faz com que os olhos castanhos e profundos pareçam ainda mais escuros. Ele não é grande, não forte como Zumbi ou avantajado como Pão de Ló. Ele é alto e magro, corpo de nadador. Há uma intensidade calma na forma como ele se movimenta, mas especialmente nos olhos, uma força cuidadosamente enrodilhada bem abaixo da superfície.

Não sei ao certo o que ele espera o que eu diga.

— Sinto muito.

— Foi um soco inesperado — diz tamborilando no antebraço. — Você não vai comer?

Sacudo a cabeça.

— Sem fome.

A comida é real? O garoto que me trouxe a comida é real? A incerteza de minha experiência está desabando. Estou me afogando em um mar infinito Afundando devagar, o peso das profundidades

sem luz me empurrando para baixo, espremendo o ar de meus pulmões, tirando o sangue de meu coração.

— Tome o suco — ele repreende. — Eles disseram que você deveria pelo menos tomar o suco.

— Por quê? — falo com dificuldade. — O que tem no suco?

— Está um pouco paranoica?

— Um pouco.

— Eles acabaram de tirar cerca de meio litro de sangue de você. Eles disseram para eu garantir que você tomasse o suco.

Não me lembro de eles tirarem meu sangue. Será que isso aconteceu quando eu estava “conversando” com o meu pai?

— Por que eles estão tirando meu sangue?

Olhar penetrante.

— Vamos ver se consigo lembrar. Eles me contam tudo.

— O que eles lhe contaram? Por que estou aqui?

— Eu não deveria falar com você — ele diz. E então: — Eles nos disseram que você é uma prisioneira muito importante — e sacode a cabeça. — Não entendo. Nos bons tempos, Dorothies simplesmente... desapareciam.

— Não sou uma Dorothy.

Ele dá de ombros.

— Não faço perguntas.

Mas eu precisava que ele respondesse algumas.

— Você sabe o que aconteceu com Teacup? A garotinha que veio comigo de helicóptero. Gravemente ferida. Preciso saber se ela está viva.

Ele balança a cabeça.

— Vou tentar descobrir imediatamente.

Estou abordando a questão do modo errado. Nunca fui boa com pessoas. Meu apelido na escola era Sua Majestade Marika e uma

dezena de variações disso. Talvez eu devesse tentar criar um relacionamento.

— Eu me chamo Especialista.

— Isso é maravilhoso. Você deve estar muito satisfeita com isso.

— Você parece conhecido. Você esteve no Campo Abrigo?

Ele começa a dizer algo, mas para.

— Tenho ordens para não conversar com você.

Quase digo, *Então*, *por que está conversando?* Mas me controlo.

— Provavelmente é uma boa ideia. Eles não querem que você saiba o que eu sei.

— Ah, eu sei o que você sabe: é tudo mentira, estamos sendo enganados pelo inimigo, eles estão nos usando para acabar com os sobreviventes e blá-blá-blá. As típicas bobagens de Dorothy.

— Eu costumava achar tudo isso — admito. — Agora não tenho tanta certeza.

— Bom, você vai acabar chegando a uma conclusão.

— Claro — rochas, ratos e formas de vida evoluíram além da necessidade de corpos físicos. Vou chegar a uma conclusão, provavelmente tarde demais, embora provavelmente já seja tarde demais. Por que eles tiraram meu sangue? Por que Vosch está me mantendo viva? O que tenho que ele pode querer? Por que eles precisam de mim, desse garoto loiro, ou de qualquer humano? Se eles puderam criar um vírus geneticamente que mata nove entre dez pessoas, por que não dez entre dez? Ou, como Vosch disse, por que se preocupar com isso, se tudo de que se precisa é uma rocha bem grande?

Minha cabeça dói. Estou tonta. Nauseada. Sinto falta de poder pensar com clareza. Essa costumava ser minha atividade predileta.

— Tome o maldito suco para que eu possa ir — ele manda.

— Diga seu nome e eu tomo.

Ele hesita.

— Navalha — ele diz finalmente.

Tomo o suco. Ele apanha a bandeja e sai. Pelo menos sei o nome dele. Uma vitória insignificante.

56

A mulher com avental branco aparece. Ela diz que seu nome é dra. Claire. Cabelos escuros e ondulados afastados do rosto. Olhos da cor do céu de outono. Ela cheira a amêndoas amargas, que também é o cheiro de cianureto.

— Por que tiraram meu sangue?

Ela sorri.

— Porque a Especialista é tão doce que decidimos criar uma centena de clones a partir dela — não há nenhuma ponta de sarcasmo em sua voz. Ela desconecta o tubo intravenoso e recua rapidamente, como se tivesse medo de que eu saltasse da cama e a estrangulasse. Pensei brevemente estrangulá-la, mas eu preferiria esfaqueá-la até a morte com um canivete. Não sei quantos golpes eu precisaria dar. Provavelmente muitos.

— Essa é mais uma coisa que não faz sentido — digo a ela. — Por que descarregar nossa consciência para corpos humanos se vocês podem clonar tantos quantos quiserem na nave mãe? Risco Zero — principalmente porque um de seus downloads pode dar uma de Evan Walker e se apaixonar por uma garota humana.

— Esse é um ponto de vista interessante — ela concordou com seriedade. — Vou apresentá-lo na próxima reunião de planejamento. Talvez a gente deva repensar toda essa história de conquista hostil — ela faz sinal para a porta. — Ande.

— Para onde?

— Você vai descobrir. Não se preocupe — Claire acrescenta. — Você vai gostar.

Não vamos longe. Duas portas abaixo. O aposento está vazio. Uma pia e um armário, um vaso sanitário e um box.

— Quanto tempo faz que você não toma um bom banho? — ela pergunta.

— Campo Abrigo. Na noite antes de dar um tiro no coração do sargento de exercícios.

— Mesmo? — ela pergunta casualmente, como se eu tivesse contado que morava em São Francisco. — A toalha está ali. Escova de dentes, pente e desodorante no armário. Estarei do outro lado da porta. Bata se precisar de alguma coisa.

Sozinha, abro o armário. Antitranspirante *roll-on.* Um pente. Um tubo de pasta de dentes tamanho viagem. Uma escova de dentes numa embalagem de plástico. Sem fio dental. Pensei que teria fio dental. Perco alguns minutos me perguntando quanto tempo levaria para afiar a ponta da escova de dentes até transformá-la em um bom instrumento cortante. Depois, tiro o macacão e entro no box, penso em Zumbi, não porque estou nua no chuveiro, mas por me lembrar dele falando sobre Facebook, *drive-thrus* e sinais da escola e uma infindável lista de coisas perdidas, como batatas fritas gordurosas, livrarias emboloradas e chuveiros quentes. Ajusto a temperatura o mais alto que posso suportar e deixo a água cair em mim como chuva até as pontas dos dedos ficarem enrugadas. Sabonete de lavanda. Shampoo de frutas. O caroço duro do minúsculo transmissor rola sob meus dedos. *Agora você pertence a eles.*

Jogo o frasco de shampoo contra a parede do box. Bato o punho nos azulejos repetidas vezes até a pele dos nós dos dedos se abrir. A minha raiva é maior do que a soma de todas as coisas perdidas.

Vosch está me esperando no quarto duas portas abaixo. Ele não diz nada enquanto Claire envolve minha mão com ataduras e permanece em silêncio até estarmos a sós.

— O que você conseguiu fazer? — ele pergunta.

— Eu precisava provar uma coisa a mim mesma.

— A dor como a única prova verdadeira de vida?

Sacudo a cabeça.

— Sei que estou viva.

Ele concorda, pensativo.

— Você gostaria de vê-la?

— Teacup está morta.

— Por que acha isso?

— Não há motivos para deixá-la viver.

— É verdade, se partirmos da suposição que o único motivo para mantê-la viva é manipular você. Realmente, o narcisismo da juventude de hoje!

Ele aperta um botão na parede. Uma tela desce do teto.

— Você não pode me obrigar a ajudá-lo — afirmo enquanto luto contra uma crescente sensação de pânico, de perder o controle de algo que nunca controlei.

Vosch estende a mão. Na palma de sua mão está um objeto verde brilhante com a forma e o tamanho de uma grande cápsula gelatinosa. Um fio fino como um cabelo se projeta em uma das pontas.

— Essa é a mensagem.

A luz enfraquece. A tela tremula e cria vida. A câmera se eleva sobre um campo de trigo destruído pelo inverno. Na distância, uma casa de fazenda e algumas construções externas e um silo enferrujado. Um vulto minúsculo tropeça de um bosque que margeia o campo e caminha com dificuldade entre as hastes secas e quebradas na direção do amontoado de casas.

— Esse é o mensageiro.

Daquela altura não é possível distinguir se é um menino ou menina, apenas que é uma criança pequena. Da idade de Nugget? Menor?

— Região central de Kansas — Vosch continua. — Ontem, aproximadamente às 13 horas.

Outra figura surge nos degraus da varanda. Após um minuto, mais uma pessoa sai. A criança começa a correr até elas.

— Essa não é Teacup — sussurro.

— Não.

Ela avança pela palha quebradiça na direção dos adultos que a observam imóveis, enquanto um deles segura uma arma. Não há nenhum som, o que, de alguma forma, torna tudo mais terrível.

— É um instinto antigo: em tempos de grande perigo, somos cautelosos em relação a estranhos. Não confie em ninguém fora de seu círculo.

Meu corpo fica tenso. Sei como isso vai terminar; vivi essa situação. O homem com a arma: eu. A criança avançando até ele: Teacup.

A criança cai. Levanta. Corre. Cai de novo.

— Mas há outro instinto, ainda mais antigo, tão antigo quanto a própria vida, praticamente impossível de ser ignorado: *proteja as crianças a todo custo. Preserve o futuro.*

A criança atravessa o trigal, entra no pátio e cai pela última vez. O homem com a arma não a abaixa, mas sua companheira corre até a criança caída e a ergue do chão gelado. O homem armado bloqueia sua entrada na casa. A cena se mantém por vários segundos.

— Tudo gira em tomo do risco — Vosch observa. — Você compreendeu isso há muito tempo. Assim, é claro que sabe quem vai vencer a questão. Afinal, quanto risco uma criancinha apresenta? *Proteja as crianças. Preserve o futuro.*

A pessoa que carrega a criança passa ao lado do homem armado, corre degraus acima e entra na casa. O homem armado abaixa a cabeça, como que em oração, e depois a ergue, como que em súplica. Em seguida, vira-se e entra na casa. Os minutos passam.

Ao lado, Vosch murmura:

— O mundo é um relógio.

A casa da fazenda, as construções externas, o silo, os campos marrons e a imagem borrada dos números à medida que o relógio na parte inferior da tela vai diminuindo os segundos às centenas. Sei o que vai acontecer, mas ainda me encolho quando o silêncio apaga a cena. A poeira e o entulho e a fumaça agitada: o trigo está queimando, consumido em questão de segundos, alimento macio para o fogo e, onde antes estavam as casas, um engradado, um buraco negro aberto na terra. O alimento enegrece. A tela se retrai. As luzes continuam fracas.

— Quero que entenda — Vosch diz com delicadeza. — Você se perguntou porque ficamos com os pequenos, os jovens demais para lutar.

— Não entendo.

Minúsculo vulto em acres de paisagem marrom, vestido com um macacão de brim, descalço, correndo em meio ao trigo.

Ele interpretou mal minha confusão.

— O dispositivo no corpo da criança está calibrado para detectar mínimas flutuações de dióxido de carbono, o principal componente do hálito humano. Quando o CO^2 atinge certo limite, indicando a presença de múltiplos alvos, ele detona.

— Não — sussurro.

Eles a levaram para dentro, envolveram num cobertor quente, deram-lhe água, lavaram seu rosto. O grupo se reuniu em volta dela, inundando-a com seu hálito.

— Eles estariam igualmente mortos se você soltasse uma bomba.

— Isso não tem a ver com os mortos — ele retruca impaciente. – Nunca teve.

As luzes ficam mais fortes, a porta se abre, e Claire entra empurrando um carrinho de metal, seguido por seu coleguinha de avental branco e Navalha, que olha para mim e desvia o olhar. Isso me abalou mais do que o carrinho com sua coleção de seringas: ele não conseguiu ficar olhando para mim.

— Isso não muda nada — minha voz aumenta de volume. — Não me importa o que você faz. Nem ao menos me importo mais com Teacup. Vou me matar antes de ajudar você.

Ele sacode a cabeça.

— Você não está me ajudando.

57

Claire amarra uma tira de borracha no meu braço e dá batidinhas na parte interna do cotovelo para salientar a veia. Navalha fica do outro lado da cama. O homem de avental branco — nunca descobri seu nome — está ao lado do monitor, segurando um cronômetro. Vosch se recosta na pia, observando-me com olhos brilhantes e duros, como os dos corvos na floresta no dia em que atirei em Teacup, curiosos, mas curiosamente indiferentes, e então entendo que Vosch tem razão: a resposta à chegada deles não é a ira. A resposta é o oposto da ira. A única resposta possível é o oposto de todas as coisas, como o buraco em que a casa da fazenda estava antes: simplesmente nada. Não é o ódio, não é a raiva, não é o medo, não é nada. Um espaço vazio. A indiferença sem alma do olhar do tubarão.

— Alto demais — murmurou o sr. Avental Branco, olhando para o monitor.

— Primeiro algo para relaxá-la — Claire insere a agulha no meu braço. Olho para Navalha. Ele desvia o olhar.

— Melhor — diz Avental Branco.

— Não me importo com o que faz comigo — falo para Vosch. Minha língua parece inchada, pesada.

— Não tem importância — ele faz um gesto de cabeça para Claire, que pega uma segunda seringa.

— Inserindo o *hub* ao meu sinal — ela diz.

O *hub*?

— Ah-ah — Avental Branco faz. — Cuidado — olhos no monitor enquanto meus batimentos cardíacos aceleram.

— Não tenha medo — Vosch fala. — Não vai machucá-la — Claire lhe lança um olhar espantado. Ele dá de ombros. — Bem, fizemos testes — ele estala os dedos para ela: *Ande logo com isso.*

Peso dez milhões de toneladas. Meus ossos são de ferro; o resto é de pedra. Não sinto a agulha penetrar em meu braço. Claire diz:

— *Agora* — e Avental Branco aperta o cronômetro. O mundo é um relógio.

— Os mortos têm sua recompensa — Vosch declara. — São os vivos, você e eu, que ainda têm trabalho a fazer. Dê o nome que quiser, destino, sorte, providência. Você chegou às minhas mãos para ser meu instrumento.

— Fixando ao córtex cerebral — diz Claire. A voz dela soa abafada, como se meus ouvidos tivessem sido tampados com algodão. Viro a cabeça para ela. Mil anos se passam.

— Você já viu um antes — Vosch diz, a milhares de quilômetros de distância. — Na sala de testes, no dia em que chegou ao Campo Abrigo. Nós lhe dissemos que era a infestação de uma forma de vida alienígena ligada ao cérebro humano. Era mentira.

Escuto Navalha respirar, forte, como a respiração de um mergulhador por um regulador.

— Na verdade, é um *hub* de comando microscópico fixado ao lobo frontal de seu cérebro — Vosch informa. — Uma CPU, se preferir.

— Inicializando — Claire avisa. — Tudo OK até agora.

— Não é para controlar *você...* — Vosch ajunta.

— Introduzindo primeira série — agulha reluzindo na luz fluorescente. Pontos negros em suspensão em um líquido âmbar. Não sinto nada quando ela o injeta em minha veia.

— ... mas para coordenar os cerca de 40.000 convidados mecanizados que você vai hospedar.

— Temperatura 37,5ºC — Avental Branco informa.

Navalha respirando ao meu lado.

— Os ratos pré-históricos levaram milhões de anos e mil gerações para atingir o atual estágio de evolução humana — Vosch

fala. — Você vai levar dias para chegar ao próximo.

— Ligação com a primeira série completa — Claire anuncia, curvando-se sobre mim outra vez. Hálito de amêndoas amargas. — Introduzindo a segunda série.

O quarto está quente como uma fornalha. Estou encharcada de suor. Avental Branco anuncia que minha temperatura é de 38,8°C.

— É um negócio complicado... a evolução — Vosch continua. — Muitas partidas falsas e becos sem saída. Alguns candidatos não são hospedeiros adequados. O sistema imunológico entra em colapso ou eles sofrem de dissonância cognitiva permanente. Em termos leigos, eles enlouquecem.

Estou queimando. Minhas veias estão cheias de fogo. Água sai dos meus olhos, escorre pelas têmporas, inunda meus ouvidos. Vejo o rosto de Vosch se inclinando sobre a superfície do mar ondulante de minhas lágrimas.

— Mas tenho fé em você, Marika. Você não passou por fogo e sangue apenas para cair agora. Você vai ser a ponte que liga o-que-foi ao que-vai-ser.

— Nós a estamos perdendo — Avental Branco avisa com a voz trêmula.

— Não — Vosch murmura, a mão fria no meu rosto úmido. — Nós a salvamos.

58

Não há mais dia ou noite, apenas o brilho estéril das luzes fluorescentes, e essas luzes nunca se apagam. Conto as horas pelas visitas de Navalha, três vezes ao dia para trazer refeições que não consigo manter no estômago.

Eles não conseguem controlar a febre. Não podem estabilizar a pressão sanguínea. Não podem suavizar a náusea. Meu corpo está rejeitando as onze séries destinadas a aumentar cada um dos meus sistemas biológicos, cada série com 4.000 unidades, o que soma um total de 44.000 invasores robóticos microscópicos correndo em meu fluxo sanguíneo.

Sinto-me um lixo.

Claire vem me examinar depois de cada café da manhã, verifica meus remédios e faz comentários enigmáticos, como *É melhor você começar a se sentir melhor. A janela de oportunidade está se fechando.* Ou depreciativos, como *Estou começando a achar que deveríamos ter usado a ideia da rocha gigante.* Aparentemente, ela se ressente do fato de eu ter reagido mal por ela ter me enchido com 40.000 mecanismos alienígenas.

— Não que você pudesse fazer algo a respeito — ela falou. — O procedimento é irreversível.

— Há uma coisa.

— O quê? Ah, claro. Especialista, a insubstituível — ela pegou o dispositivo com o interruptor da morte do bolso do avental e o levantou. — Você está registrada aqui. Eu vou apertar o botão. Vá em frente. Diga para eu apertar o botão — desafia com um sorriso afetado.

— Aperte o botão.

Claire riu baixinho.

— É surpreendente. Sempre que começo a me perguntar o que ele viu em você, você diz uma coisa dessas.

— Quem? Vosch?

O sorriso desaparece. Os olhos ficam vazios como os de um tubarão.

— Vamos descontinuar o upgrade se você não se adaptar.

Descontinuar o upgrade.

Ela tirou as ataduras dos nós dos dedos. Nenhuma casca, nenhum hematoma, nenhuma cicatriz. Como se nada tivesse acontecido. Como se eu nunca tivesse socado a parede até a pele se abrir até os ossos. Lembrei-me de Vosch aparecendo no meu quarto completamente curado dias após eu esmagar seu nariz e lhe dar dois olhos roxos. E de Sullivan, que contou a história de Evan Walker dilacerado por estilhaços de granada e, mesmo assim, horas depois, ser capaz de se infiltrar e destruir uma instalação militar inteira sozinho.

Primeiro, eles pegaram Marika e a transformaram em Especialista. Agora pegaram Especialista e por meio de um upgrade fizeram dela alguém totalmente diferente. Alguém como *eles.*

Ou alguma coisa.

Não há mais dia nem noite, apenas um constante brilho estéril.

59

— O que eles fizeram comigo? — pergunto a Navalha certo dia quando ele entra com outra refeição incomível. Não espero resposta, mas ele está esperando que eu faça a pergunta. Ele deve achar estranho se eu não a fizesse.

Ele dá de ombros, evitando meu olhar.

— Vamos ver qual é o cardápio hoje. Aaah, bolo de carne! Que sortuda!

— Eu vou vomitar

Ele arregala os olhos.

— Mesmo? — ele procura o Container de plástico em volta desesperado.

— Por favor, leve a bandeja embora. Não consigo.

Ele franze o cenho.

— Eles vão desligar você se não conseguir se recompor.

— Eles podiam ter feito isso com qualquer pessoa — digo. — Por que comigo?

— Talvez você seja especial.

Sacudo a cabeça e respondo como se ele estivesse falando sério.

— Não. Acho que é porque outra pessoa é. Você joga xadrez?

Ele se espanta e pergunta:

— Jogo o quê?

— Talvez a gente pudesse jogar. Quando eu me sentir melhor.

— Sou mais ligado em basebol.

— Mesmo? Imaginei que fosse natação ou tênis.

Ele inclina a cabeça e franze as sobrancelhas.

— Você deve estar se sentindo mal. Conversando como se fosse metade humana.

— Eu *sou* metade humana. Literalmente. A outra metade... — dou de ombros. Consigo arrancar um sorriso.

— Ah, o 12° Sistema é definitivamente deles — ele fala.

O 12° Sistema? O que exatamente isso quer dizer? Não tenho certeza, mas desconfio que tem algo a ver com os 11 sistemas normais do corpo humano.

— Descobrimos um meio de tirá-los dos corpos dos Teds e... — Navalha para de falar, lança um olhar desconcertado para a câmera. — Seja como for, você tem que comer. Ouvi alguma coisa sobre um tubo de alimentação.

— Então essa é a versão oficial? Como no País das Maravilhas: vamos usar a tecnologia deles contra eles. E você acredita nisso.

Ele encosta na parede, cruza os braços no peito e cantarola *Follow the Yellow Brick Road*, do Mágico de Oz. Sacudo a cabeça. Surpreendente. Não é que as mentiras sejam maravilhosas demais para resistir. É que a verdade é horrível demais para enfrentar.

— Comandante Vosch está implantando bombas em crianças. Eles está transformando crianças em DEIs — conto a ele. Ele cantarola mais alto. — Criancinhas. Mal sabem andar. Elas são separadas quando chegam, não são? Havia várias no Campo Abrigo. Qualquer uma com menos de 5 anos é levada para outro lugar e nunca mais é vista. Você viu alguma? Onde estão as crianças, Navalha? Onde elas estão?

Ele para de cantarolar tempo suficiente para dizer:

— Cale a boca, Dorothy.

— E isso faz sentido: carregar tecnologia alienígena superior em uma Dorothy? Se o comando decidisse “aperfeiçoar” pessoas para a guerra, você acha mesmo que eles iriam escolher as malucas?

— Não sei. Eles escolheram você, não foi? — ele pega a bandeja com a refeição intocada e vai até a porta.

— Não vá.

Ele se vira surpreso. O meu rosto está quente. A febre deve estar subindo. Tem que ser isso.

— Por quê? — ele pergunta.

— Você é a única pessoa sincera com quem posso falar.

Ele ri. É uma risada gostosa, autêntica, espontânea; gosto dela, mas estou febril.

— Quem disse que sou sincero? — ele pergunta. — Todos nós somos inimigos disfarçados, não é?

— O meu pai costumava contar uma história sobre seis homens cegos e um elefante. Um dos homens sentiu a perna do elefante e disse que o animal devia ser parecido com um pilar. Outro sentiu o tronco e disse que o elefante devia ser parecido com o galho de uma árvore. O cego número 3 sentiu a cauda e disse que o elefante era como uma corda. O quarto sujeito sentiu o ventre do animal: ele era como uma parede. O sujeito número 5, a orelha: o elefante tem o formato de um leque. O sexto sujeito, um marfim, de modo que o elefante devia ser como um cachimbo.

Navalha me olha com a expressão fria durante um longo tempo, e então sorri. É um bom sorriso; gosto dele, também.

— É uma ótima história. Você deveria contá-la em festas.

— Acontece — digo a ele — que, a partir do momento em que a nave deles apareceu, todos nos transformamos em homens cegos tateando um elefante.

60

No constante brilho estéril, conto os dias pelas refeições não comidas que ele traz. Três refeições, um dia. Seis, dois dias. No décimo dia, depois que ele coloca a bandeja na minha frente, pergunto:

— Por que você se importa? — a minha voz está como a dele agora, um grasnido rouco. Estou encharcada de suor, a febre está alta, a cabeça lateja, o coração bate acelerado. Ele não responde. Navalha não fala comigo há 17 refeições. Ele parece nervoso, distraído, até zangado. Claire também ficou silenciosa. Ela vem duas vezes ao dia para trocar o saco intravenoso, olhar nos meus olhos com um oftalmoscópio, testar meus reflexos, mudar o saco do cateter e esvaziar a comadre. A cada sexta refeição, recebo um banho de esponja. Um dia ela trouxe uma fita métrica e a passou em volta do meu bíceps, suponho que para verificar quanto músculo perdi. Não vejo mais ninguém. Nada do sr. Avental Branco. Nada de Vosch ou pais mortos bombeados para dentro de minha cabeça por ele. Não estou tão desligada a ponto de não saber o que estão fazendo: mantendo vigília, esperando para ver se o "aperfeiçoamento" vai me matar.

Certa manhã, Claire está enxaguando a comadre quando Navalha entra com o café da manhã. Ele espera em silêncio até que ela termine e então o escuto sussurrar:

— Ela está morrendo?

Claire sacode a cabeça. Ambivalente: pode ser *sim,* pode ser o *seu palpite é tão bom quanto o meu.* Espero até que ela saia e digo:

— Você está perdendo o seu tempo.

Ele olha para a câmera instalada no teto.

— Eu só faço o que me mandam fazer.

Pego a bandeja e a jogo no chão. Navalha aperta os lábios, mas não diz nada. Em silêncio, ele limpa a sujeira enquanto fico

deitada, ofegante, exausta pelo esforço, suor brotando de mim.

— Isso, pegue tudo. Faça alguma coisa útil.

Quando a febre aumenta muito, algo na minha mente se solta e imagino sentir os 44.000 microbots fervilhando na minha corrente sanguínea e o dispositivo com seu delicado cordão de anéis enterrados em cada lóbulo, e compreendo o que meu pai sentiu nas últimas horas de vida ao enfiar as garras em si mesmo a fim de dominar os insetos imaginários rastejando debaixo da pele.

— *Idiota* — digo ofegante. Do chão, Navalha olha para mim espantado. — Deixe-me, idiota.

— Tudo bem — ele murmura. Está de quatro, usando um pano úmido para limpar a sujeira e o cheiro acre de desinfetante. — O mais rápido que eu puder.

Ele se levanta. Suas bochechas de marfim estão ruborizadas. Em meio ao delírio, acho que a cor ressalta as nuances castanho avermelhadas de seus cabelos loiros.

— Não vai funcionar — ele diz. — Passar fome. Acho melhor você pensar em alguma outra coisa.

Tentei, mas não há alternativa. Mal consigo erguer a cabeça. *Você pertence a eles agora.* Vosch, o escultor, meu corpo, a argila, mas não meu espírito, nunca minha alma. Invicta. Intacta. Irrefreada.

Eu não estou amarrada; eles estão. Definhando, morrendo ou me recuperando, o jogo terminou, o grande mestre Vosch perdeu.

— O meu pai tinha um ditado favorito — conto a Navalha. — “Dizemos que o xadrez é o jogo dos reis porque nele aprendemos a dominar os reis.”

— Outra vez o xadrez.

Ele larga o pano sujo na pia e sai bruscamente pela porta. Quando ele volta com outra refeição, há uma conhecida caixa de madeira na bandeja. Sem uma palavra, Navalha pega a comida e a joga no lixo, joga a bandeja de metal na pia, onde aterrissa com um

tinido forte. A cama zune na manobra de me colocar sentada, e ele escorrega a caixa na minha direção.

— Você disse que não joga — sussurro.

— Então me ensine.

Sacudo a cabeça e digo para a câmera atrás dele.

— Boa tentativa, mas pode enfiar o jogo pela goela.

Navalha ri.

— Não foi ideia deles, apesar de terem me dado permissão. Mas, por falar em goela, seria bom pensar em comer alguma coisa.

Ele abre a caixa, tira o tabuleiro, remexe as peças.

— Você tem rainhas, reis, piões e essas coisas parecidas com torres. Por que todas as peças se parecem com pessoas, menos esta?

— *Peões*, não *piões*. Pião é o brinquedo de rodar.

Ele concorda.

— Faz sentido. Tem um cara no meu esquadrão que é chamado assim.

— Brinquedo?

— Pião. Nunca me toquei do que significava.

— Você está montando tudo errado.

— Será que é porque não tenho a menor ideia de como se joga? Você põe as peças.

— Não quero.

— Então está admitindo a derrota?

— Abandono. O nome certo é abandono.

— É bom saber. Tenho a sensação de que vai ser útil — e sorri, não o sorriso tipo alta-voltagem de Zumbi. Mais modesto, sutil e irônico. Ele se senta ao lado da cama e sinto o leve cheiro de goma de mascar. — Pretas ou brancas?

— Navalha, estou fraca demais até para levantar...

— Então você aponta para onde quer ir e eu movo a peça para você.

Ele não desiste. Eu não esperava que o fizesse, na verdade. As pessoas evasivas e fracas já foram afastadas. Não sobraram fracotes. Digo a ele onde colocar as peças e como cada uma se move. Descrevo as regras básicas. Muitos acenos de cabeça e murmúrios de concordância, mas tenho a sensação de que há muita concordância e pouca compreensão. E então jogamos e acabo com ele em quatro lances. No próximo jogo ele começa a discutir e a contestar: *Você não pode fazer isso! Diga se essa não é a mais estúpida das regras!* Jogo três e tenho certeza de que ele está arrependido da ideia. Não estou me animando e ele está ficando arrasado.

— Esse é o jogo mais idiota que já inventaram — ele reclama.

— O xadrez não foi inventado, foi descoberto.

— Como a América?

— Como a matemática.

— Conhecia meninas como você na escola — ele deixa o assunto e recomeça a armar o tabuleiro.

— Tudo bem, Navalha. Estou cansada.

— Amanhã vou trazer um jogo de damas — sentencia como uma ameaça.

Mas isso não acontece. Bandeja, caixa, tabuleiro. Desta vez ele coloca as peças de uma forma estranha: o rei preto no centro voltado para ele, a rainha na extremidade voltada para o rei, três peões atrás do rei no centro, à direita e à esquerda, dois cavaleiros, um de cada lado do rei, um bispo diretamente atrás dele e, junto do bispo, outro peão. Então Navalha olha para mim com um sorriso angelical.

— Certo — digo, concordando, sem bem saber por quê.

— Inventei um jogo. Você está pronta? Chama-se... — ele bate na grade da cama a fim de imitar um rufar de tambores. —

Xadrebol!

— Xadrebol?

— Xadrez, basebol. Xadrebol, entendeu? — ele coloca uma moeda ao lado do tabuleiro.

— O que é isso? — pergunto.

— Uma moeda de 25 centavos.

— Isso eu sei.

— Para o jogo, é a bola. Bem, não realmente a bola, mas *representa* a bola. Ou o que vai *acontecer* com a bola. Se você ficar quieta por um segundo, posso explicar todas as regras.

— Eu não estava falando.

— Ótimo. Fico com dor de cabeça quando você fala. Sempre xingando e soltando citações sobre xadrez e histórias enigmáticas sobre elefantes. Você quer jogar ou não?

Ele não espera a resposta e coloca um peão branco na frente da rainha preta, dizendo que é ele, o batedor.

— É melhor começar com a rainha. Ela é a mais poderosa.

— É por isso que ela tenta rebater a bola em quarto lugar — ele sacode a cabeça. Minha ignorância é espantosa. — Muito simples: defesa, ou seja, você, lança primeiro. Cara, *o pitcher*, ou arremessador. Coroa, a bola.

— Uma moeda não vai funcionar — ressalto. — Há três possibilidades: arremessar, apanhar e rebater.

— Na verdade, são *quatro* faltas contadas. Você fica com o xadrez, eu trato do basebol.

— Xadrebol — corrijo.

— *Tanto faz.* Se você virar coroa, fica com a bola e tem o direito de virar outra vez. Mas, se for cara, eu fico com a moeda. Viu, isso me dá a chance de bater. Cara, eu faço ponto, coroa, eu perco. Se eu perder, ponto contra o batedor. E assim por diante.

— Entendi. E se você tirar cara, fico com a moeda outra vez para ver se posso devolver a bola. Cara eu jogo você para fora...

— Errado! Tudo errado! Não, primeiro *eu* viro a moeda, três vezes. Quatro se conseguir uma DC.

— DC?

— Duas coroas. Esse é um triplo. Com uma DC, você pode jogar a moeda mais uma vez; cara é um *home run*; coroa, apenas um triplo. Cara-cara é um simples; cara-coroa é um duplo.

— Talvez a gente deva começar a jogar e você pode...

— E *então* você recebe a moeda de volta para ver se pode pegar o meu *potencial* golpe simples, duplo, triplo ou o *home run.* Cara, estou fora.Coroa, estou na base — ele respira fundo. — A menos que seja um *home run*, é claro.

— É claro.

— Você está tirando uma da minha cara? Por que não sei...

— Só estou tentando assimilar...

— …, mas parece que está. Você não tem ideia de quanto tempo levei para planejar isto. É bastante complicado. Isto é, não é como o jogo dos reis, mas você sabe como chamam o basebol, não sabe? O passatempo nacional. Basebol é chamado de o passatempo nacional porque, ao jogá-lo, aprendemos a dominar o tempo. Ou o passado. Qualquer um deles.

— Agora é você quem está tirando uma da minha cara.

— Na verdade, eu sou o *único* tirando uma da sua cara agora — ele espera. Sei o que ele está esperando. — Você nunca sorri.

— Isso importa?

— Certa vez, quando eu era criança, ri tanto que mijei nas calças. A gente estava na roda-gigante em um parque de diversões.

— O que fez você rir?

— Não lembro mais — ele escorrega as mãos sob meu punho e levanta meu braço para apertar a moeda na palma aberta. — Jogue

a maldita moeda para que a gente possa começar.

Não quero magoá-lo, mas o jogo não é tão complicado. Ele fica muito animado com a primeira jogada, soca o ar triunfante, depois move as peças pretas em volta do tabuleiro enquanto canta as jogadas imitando um narrador com a voz rouca e aguda, como uma criança brincando com bonecos de ação.

— É um mergulho profundo no campo central! — o peão do campo central desliza para a segunda base, o bispo e o peão da segunda base recuam e então o peão do campo esquerdo corre para cima e corta na direção do centro. Isso tudo com uma das mãos enquanto a outra mexe a moeda, virando-a entre os dedos como uma bola girando no jogo, baixando-a como que em câmera lenta para aterrissar à esquerda do centro do campo. É tão ridículo e infantil que eu teria sorrido, se ainda sorrisse.

— Ele está *a salvo*! — Navalha grita.

Não, infantil não. Inocente. Olhos brilhantes como se estivesse febril, o volume da voz aumentando com o entusiasmo, ele tem dez anos outra vez. Nem tudo está perdido, não as coisas importantes.

Sua próxima tacada é uma rebatida alta que cai entre a primeira base e o campo direito. Ele cria uma colisão dramática entre o meu interceptador e um jogador numa das bases, primeira base deslizando para trás, campo direito deslizando para cima, e então *smack*! Navalha provoca o impacto.

— Isso não seria um erro? — pergunto. — É uma bola possível de pegar.

— Possível de pegar? Especialista, é só um jogo bobo que inventei em cinco minutos com um monte de peças de xadrez e uma moeda.

Mais duas batidas; ele está três pontos à minha frente. Sempre fui mal em jogos de azar. Por esse motivo, sempre os detestei. Navalha deve estar sentindo o meu entusiasmo diminuir. Ele aumenta o volume da narrativa enquanto desliza as peças pelo tabuleiro (apesar de eu lembrar que são *minhas* peças, já que sou

eu quem está na defesa). Outro mergulho para o fundo da esquerda do campo. Outra bola alta atrás da primeira base. Outro impacto do primeiro jogador da base e um jogador fora do campo central. Não sei se ele está se repetindo porque acha engraçado ou porque ele sofre de um grave déficit de imaginação. Uma parte de mim sente que eu deveria estar profundamente insultada em nome de jogadores de xadrez de todo o mundo.

No terceiro *inning* (entrada) estou exausta.

— Vamos continuar mais tarde, à noite — sugiro. — Ou amanhã. Amanhã é melhor.

— O quê? Você não está gostando?

— Não é isso. É Divertido. É que estou cansada, muito cansada.

Navalha dá de ombros como se isso não importasse, mas importa ou ele não iria dar de ombros. Ele guarda a moeda no bolso e arruma as peças na caixa, resmungando algo em voz baixa. Escuto a palavra *xadrez.*

— O que você falou?

— Nada — desviando o olhar.

— Alguma coisa sobre xadrez.

— Xadrez, xadrez, xadrez! Xadrez no cérebro. Sinto muito que o Xadrebol não tenha nem um pouco da emoção do xadrez.

Ele põe a caixa debaixo do braço e vai pisando duro até a porta. Um último comentário irritado antes de sair:

— Pensei em animar você um pouquinho, só isso. Obrigado. A gente não precisa jogar mais.

— Você está zangado comigo?

— Eu dei uma chance ao xadrez, não dei? Você não me viu reclamando.

— Você não deu uma chance. Só reclamou. E muito.

— *Pense* a respeito.

— Pensar em quê?

Ele grita do outro lado do aposento.

— *Pense* a respeito!

Navalha sai batendo a porta. Estou sem fôlego, trêmula e não consigo entender por quê.

61

Quando a porta se abre naquela noite, estou pronta para pedir desculpas. Quanto mais penso no assunto com minha mente febril, mais me sinto como a encrenqueira que derruba castelos de areia das crianças na praia.

— Ei, Navalha, eu...

Fico de boca aberta. Há um estranho segurando a bandeja, um garoto de uns 13 anos.

— Onde está Navalha? — pergunto. Ou melhor, seria mais certo dizer que exigi uma resposta.

— Não sei — o garoto fala com a voz aguda. — Eles me deram a bandeja e disse para eu a pegar.

— Pegar — repito estupidamente.

— É. Pegar. Pegar a bandeja.

Eles tiraram Navalha da função de cuidador de Especialista. Talvez o Xadrebol seja contra as regras. Talvez Vosch tivesse ficado zangado vendo duas crianças agindo como crianças durante algumas horas. O desespero é viciante, para quem assiste e para quem o vive.

Ou talvez seja Navalha a parte zangada. Talvez ele tenha pedido para ser transferido, pegou seu Xadrebol e foi embora.

Não dormi bem naquela noite, se é que se pode chamar noite o constante brilho estéril. A febre sobe a quase 40°C quando o meu sistema imunológico lança seu último e derradeiro ataque aos elementos instalados em mim. Posso ver os números verdes desfocados no monitor subindo. Mergulho em um sono delirante.

Idiota! Deixe-me. Você sabe por que ele se chama basebol, não sabe? É uma investida profunda para o centro do campo! Para mim chega.

A moeda de prata suja virando nos dedos de Navalha. *É uma investida profunda. Uma investida profunda.* Abaixando-se para o

tabuleiro em câmera lenta, onde os interceptadores sobem, segunda base e *shortstop,* o da esquerda vai para a direita. *Bola alta na linha da primeira base!* O interceptador corre para cima, o atleta da base recua, *boom.* Interceptador para cima, defensor para trás, corta para a direita. 1ª base para trás, *right fielder, boom*. Para cima, para trás, corta. Para trás, para cima. *Boom.*

Repetidas vezes, vamos para o replay instantâneo, para cima, para trás, corta. Para trás, para cima.

Boom.

Agora estou bem acordada, olhando para o teto. Não. Também não consigo vê-lo. Melhor com os olhos fechados.

Centro e esquerda disparam. Ao redor do campo:

0

Direita sobe. Primeira base recua:

I

Ah, fale sério. Ridículo. *Você está delirando.*

Quando voltei para o acampamento naquela noite com a vodca, encontrei meu pai morto enrodilhado em posição fetal, o rosto coberto de sangue devido aos arranhões para tentar arrancar os insetos nascidos em sua mente. *Vagabunda* ele xingou antes de eu sair para encontrar o veneno que iria salvá-lo. Ele também me chamou de outro nome, o nome da mulher que nos deixou quando eu tinha 3 anos. Ele pensou que eu era minha mãe, o que era irônico. Depois que completei 14 anos, eu era mais a mãe *dele,* alimentando-o, lavando suas roupas, cuidando da casa, garantindo que ele não fizesse nada catastroficamente estúpido a si mesmo. E eu ia à escola todos os dias no uniforme bem passado e eles me chamavam de Sua Majestade Marika e diziam que eu achava que era melhor do que os outros porque meu pai era um artista meio famoso, o tipo gênio recluso, quando a verdade era que na maioria dos dias ele não sabia em que planeta estava. Quando eu chegava em casa, de volta da escola, ele já estava em um estado de confusão mental total. E eu também deixava que as pessoas do

lado de fora alimentassem suas ilusões. Eu as deixava pensar que eu achava que era superior, do jeito que deixei Sullivan pensar que estava certa a meu respeito. Eu não só alimentava as ilusões. Eu as vivia. Mesmo depois que o mundo desabou à nossa volta, eu me apegava a elas. Mas, depois que ele morreu, eu disse a mim mesma para pôr um fim àquilo. Chega de vestir a máscara de coragem, de acreditar em falsas esperanças ou fingir que tudo está bem quando nada está. Eu achava que era forte por fingir, dizia que manter a cabeça erguida ou qualquer outra bobagem que parecia adequada no momento era ser otimista, corajosa. Isso não é ser forte. Isso é ser totalmente fraca. Eu tinha vergonha da doença dele e ficava zangada com ele, mas era igualmente culpada. Eu compactuei totalmente com as mentiras até o fim: quando ele me chamou pelo nome da minha mãe, não o corrigi.

Delirante.

No canto, a câmera esta apagada, um olho sem alma vigiando. O que Navalha disse? *Pense nisso!*

Isso não foi tudo o que você disse, não é?, pergunto a ele, lançando um olhar vazio para a câmera apagada e negra. *Isso não é tudo.*

62

Na manhã seguinte, prendo a respiração quando a porta se abre.

Fiquei oscilando a noite inteira entre a certeza e a dúvida. Eu me debati em todos aspectos da nova realidade.

Primeira opção: Navalha inventou o Xadrebol tanto quanto eu inventei o xadrez. O jogo é criação de Vosch por motivos obscuros demais para serem vistos com clareza.

Segunda opção: Navalha, por motivos claros apenas para ele mesmo, decidiu confundir seriamente a minha cabeça. Não foi apenas o insensível e resiliente que sobreviveu à eliminação da maior parte da raça humana. Muitos sádicos também escaparam. É assim em todas as catástrofes humanas. Os canalhas são praticamente indestrutíveis.

Terceira opção: Tudo existe apenas na minha cabeça. Xadrebol é um jogo bobo inventado por um garoto para que eu esquecesse o fato de talvez estar morrendo. Não há outro objetivo, nenhuma mensagem secreta exibida no tabuleiro de xadrez. O fato de eu ver letras onde não há letras ocorre devido à tendência do cérebro humano em encontrar padrões, mesmo onde não há padrões.

E prendo a respiração por outro motivo: e se é o garoto com a voz aguda outra vez? E se Navalha *nunca* mais voltar? Há uma grande possibilidade de Navalha estar morto. Se ele estava tentando comunicar-se comigo em segredo e Vosch descobriu, tenho certeza de que a reação do comandante poderia ser apenas uma.

Solto a respiração, com calma e devagar, quando ele entra no quarto.

O bipe do monitor acelera um pouco.

— O que foi? — Navalha pergunta, estreitando os olhos. ele percebe imediatamente que algo está acontecendo.

— Oi — eu digo.

Ele olha para a direita, para a esquerda.

— Oi — pronuncia a pequena palavra devagar, como se não tivesse certeza se ele está na presença de uma lunática. — Com fome?

— Não muito — respondo, sacudindo a cabeça.

— Você deveria tentar comer isto. Você parece a minha prima Stacey. Ela era viciada em *meth*. Não quero dizer que você se parece *literalmente* com ela. Só que... — o rosto fica vermelho. — Sabe, como se alguma estivesse comendo você por dentro.

Ele aperta o botão ao lado da cama. O colchão se levanta. Ele diz:

— Sabe em que eu sou viciado? Balas de goma. Framboesa. Não gosto muito das de limão. Tenho um estoque. Vou trazer algumas para você, se quiser.

Ele coloca a bandeja diante de mim. Ovos mexidos frios, batatas fritas, uma coisa dura e escura que pode ou não ser bacon. O meu estômago se torce. Olho para ele.

— Experimente os ovos — ele sugere. — Eles são frescos. Aves criadas ao ar livre, ovos orgânicos, criação aqui mesmo do acampamento. As galinhas, não os ovos.

Olhos escuros, sentimentais e aquele pequeno sorriso misterioso e angelical. O que significou a reação dele quando eu disse oi? Será que ele ficou espantado por ter oferecido um cumprimento quase humano ou porque eu tinha descoberto o verdadeiro objetivo do Xadrebol? Ou será que ele não ficou espantado e estou me baseando em sinais que não existem?

— Não estou vendo a caixa.

— Que caixa? Ah. Era um jogo meio estúpido — ele desvia o olhar e diz baixinho para si mesmo: — Sinto falta do basebol.

Ele fica em silêncio durante alguns minutos enquanto empurro os ovos frios de um lado para o outro do prato. *Sinto falta do*

basebol. Um universo de perdas em poucas sílabas.

— Não, eu gostei — digo a ele. — Foi divertido.

— Mesmo? — um olhar: *Está falando sério?* Ele não sabe que falo sério 99,99999% do tempo. — Você não parece muito animada com ele.

— Acho que não ando me sentindo bem ultimamente.

Ele riu e então pareceu surpreso com a própria reação.

— Está certo. Bom, eu a deixei no meu alojamento. Vou trazê-la qualquer dia desses se ninguém passar a mão nela.

Paramos de conversar sobre o jogo. Descubro que Navalha era o mais novo de cinco irmãos, que cresceu em Ann Arbor, onde o pai trabalhava como eletricista e a mãe como bibliotecária de uma escola, que jogava basebol e futebol e torcia para o time de Michigan. Até os 12 anos, sua grande ambição era jogar como zagueiro dos Wolverines. Mas ele ficou alto, e não robusto, e o basebol se tornou sua paixão.

— Minha mãe queria que eu fosse médico ou advogado, mas meu velho não me achava inteligente o bastante...

— Espere. O seu pai achava que não era inteligente?

— Inteligente *o bastante.* Há uma diferença — defendendo o pai até na morte. As pessoas morrem, o amor continua. — Ele queria que eu fosse eletricista como ele. Meu pai era importante no sindicato, presidente da sede local, esse tipo de coisa. Esse era o principal motivo pelo qual não queria que eu fosse advogado. *Engravatados,* ele os chamava.

— Ele tinha problemas com autoridade.

Navalha dá de ombros.

— Seja dono do seu nariz — ele sempre dizia. — Não seja empregado dos outros — ele mexe os pés constrangido, como se estivesse falando demais.

— E o seu velho?

— Ele era um artista.

— Legal.

— Ele também era alcoólatra. Bebia mais do que pintava — mas nem sempre. Fotografias amareladas de exposições penduradas tortas em molduras empoeiradas e os alunos movendo-se nervosamente em seu estúdio limpando pincéis, e o silêncio respeitoso que se fazia quando entrava em uma sala lotada.

— Que tipo de lixo ele pintava? — Navalha pergunta.

— Quase sempre isso. Lixo — mas nem sempre. Não quando era mais jovem e eu era pequena e a mão que segurava a minha estava manchada com as cores do arco-íris.

Ele ri.

— O jeito com que você faz piadas. Como se nem soubesse que é uma piada, e é uma piada sobre você mesma.

Sacudo a cabeça.

— Eu não estava fazendo piada.

Ele concorda.

— Talvez seja por isso que você não sabe que é uma piada.

63

Depois da refeição da noite que não como e das provocações forçadas e dos constrangidos pequenos silêncios que se fazem entre nossas frases, e depois que o tabuleiro sai da caixa de madeira e ele arruma as peças e jogamos a moeda para ver quem é o time da casa e ele ganha, eu lhe digo que acho que posso cuidar das minhas defesas e ele exibe um sorriso afetado, *OK, vamos lá, garota*, depois que ele se senta ao meu lado na beira da cama e depois de semanas aprendendo a abandonar a ira e abraçar o vazio gritante e depois de anos erigindo fortalezas ao redor do sofrimento e da perda e da sensação de que nunca vou ser capaz de sentir outra vez, depois de perder meu pai e perder Teacup e perder Zumbi e perder tudo menos o vazio e isso não é nada, nada mesmo, eu silenciosamente digo:

OI

Navalha faz um gesto de cabeça.

— É — ele bate o dedo no cobertor. Sinto a batida na coxa. — É — *tap.* — Nada mal, se bem que é mais legal quando você faz isso em câmera lenta — ele demonstra. — Entendeu agora?

— Se você insiste — suspiro. — Sim — bato o dedo na grade da cama. — Bom, para falar a verdade, não entendo muito bem.

— Não? – *tap-tap* no cobertor.

— Não — *tap-tap* na grade da cama.

A próxima palavra leva mais de 20 minutos para ser representada:

AJDA

Tap.

— Eu já contei sobre o emprego de verão antes de não haver mais empregos de verão? — ele pergunta. — Dar banho em cães. A pior parte do serviço? Espremer as glândulas anais...

E ele continua. Quatro pontos e nem uma única fora.

COMO

Não consigo uma resposta por outros 40 minutos. Estou um pouco cansada e mais do que um pouco frustrada. Isso é como enviar mensagens a alguém a mais de 1000 quilômetros de distância usando mensageiros de uma perna só. O tempo desacelera; os acontecimentos aceleram.

PLN

Não tenho ideia do que isso significa. Olho para ele, mas ele está olhando para o tabuleiro, movendo as peças, recolocando-as no lugar, falando, enchendo os pequenos silêncios que surgem, recheando o espaço vazio com conversa.

— Esse é o nome que eles realmente dão: *espremer* — ele diz, ainda falando dos cães. — Enxaguar, lavar, enxaguar, espremer, repetir. Muito chato.

E o olho negro e frio da câmera, que olha para nós sem piscar.

— Não entendi a última jogada — digo a ele.

— Xadrebol não é um jogo para idiotas, como o xadrez — ele afirma com paciência. — Há *complexidades.* Complexidades. Para vencer, você tem que ter um *plano.*

— E acho que esse é você. O homem com um plano.

— Esse sou eu.

Tap.

64

Não via Vosch há dias. Isso muda na manhã seguinte.

— Pode falar — ele diz a Claire, que está parada ao lado do sr. Avental Branco, que parece um aluno arrastado para a sala do diretor por assediar uma criança esquelética.

— Ela perdeu quatro quilos e 20% de massa muscular. Ela está tomando Diovan para controlar a pressão alta, Fenergan para a náusea, Amoxicilina e Estreptomicina para manter o sistema linfático em ordem, mas ainda estamos lutando com a febre — Claire informa.

— Lutando com a febre?

Claire desvia o olhar.

— Por outro lado, o fígado e os rins ainda funcionam normalmente. Um pouco de líquido nos pulmões, mas nós...

Vosch a interrompe com um aceno e se aproxima da cama. Olhos brilhantes de pássaro cintilando.

— Você quer viver?

Respondo sem hesitar.

— Sim.

— Por quê?

Por algum motivo, a pergunta me pega de surpresa.

— Não entendi.

— Você não pode nos vencer. Ninguém pode. Nem se fossem sete vezes sete bilhões quando começou. O mundo é um relógio e o relógio chegou ao segundo final, por que iria querer viver?

— Não quero salvar o mundo — respondo. — Eu só espero ter a oportunidade de matar você.

A expressão dele não muda, mas seus olhos cintilam e dançam. *Eu conheço você*, os olhos deles dizem. *Eu conheço você.*

— Esperança — ele sussurra. — Sim — concordando. Ele está satisfeito comigo. — Esperança, Marika. Apegue-se à sua esperança — ele se volta para Claire e o sr. Avental Branco. — Suspenda os medicamentos.

O rosto do sr. Avental Branco fica da cor do avental. Claire começa a dizer algo e então desvia o olhar. Vosch se vira para mim.

— Qual é a resposta? — ele pergunta. — Não é ira. O que é?

— Indiferença.

— Tente outra.

— Desapego.

— Outra vez.

— Esperança. Desespero. Amor. Ódio. Raiva. Tristeza — estou tremendo; a febre deve estar subindo. — Não sei. Não sei. Não sei.

— Melhor — ele diz.

65

A coisa piora tanto naquela noite que mal consigo completar quatro tempos de Xadrebol.

SMEDS

— Ouvi um boato que suspenderam seus remédios — Navalha diz, sacudindo a moeda na mão fechada. — Verdade?

— A única coisa que deixaram foi o soro para que os rins não parem de funcionar.

Ele observa os sinais vitais no monitor e franze a testa. Quando Navalha franze a testa, ele lembra um garotinho que deu uma topada com o dedão do pé e acha que e grande demais para chorar.

— Então você deve estar melhorando.

— Acho que sim — *tap-tap* na grade da cama.

— Certo — ele sussurra. — A minha rainha subiu. Cuidado.

Minhas costas se enrijecem, a vista turva. Inclino-me para o lado e esvazio o estômago, o pouco que há dentro dele, nos ladrilhos brancos. Navalha se levanta de um salto com um grito enojado, derrubando o tabuleiro.

— Ei! — ele grita. Não em mim. Para o olho negro acima de nós: — Ei, uma ajudinha aqui!

Não vem nenhuma ajuda. Ele olha para o monitor, olha para mim e diz:

— Eu não sei o que fazer.

— Estou bem.

— Claro. Você está bem, muito bem! — ele vai até a pia, molha uma toalha limpa e a estende em minha testa. — Bem uma ova! Por que raios suspenderam os medicamentos?

— Por que não? — estou tentando não vomitar de novo.

— Ah, eu não sei. Talvez porque você vai morrer sem eles — ele olha para a câmera.

— Talvez você deva me dar aquele balde.

Ele limpa a sujeira grudada no meu queixo, torna a dobrar a toalha, pega o balde e o coloca no meu colo.

— Navalha.

— Sim?

— Por favor, não ponha isso no meu rosto de novo.

— Hã? Ah, droga. Sim. Espere — ele pega outra toalha limpa e a passa na água. As mãos dele tremem. — Você sabe o que é isso? Eu sei o que é isso. Por que eles não pensaram nisso? Por que *você* não pensou nisso? Os medicamentos devem estar interferindo no sistema.

— Que sistema?

— O 12º sistema. O que eles injetaram em você, Sherlock. O *hub* e seus 40.000 amiguinhos para dar uma supercarga nos outros onze — ele coloca a toalha fria na minha testa. — Você está com frio. Quer que busque outro cobertor?

— Não, estou queimando.

— É uma guerra — ele diz e bate no peito. — Aqui. Você tem que declarar uma trégua, Especialista.

Sacudo a cabeça.

— Sem paz.

Ele concorda, apertando o meu pulso debaixo do cobertor fino. Abaixa-se para apanhar as peças de xadrez do chão. Xinga quando não consegue encontrar a moeda. Decide que não pode simplesmente deixar o vômito largado ali. Pega a toalha suja que usou para limpar meu queixo e esfrega o piso apoiado nas mãos e nos joelhos. Ele ainda está xingando quando a porta se abre e Claire entra no quarto.

— Bem na hora! — Navalha diz irritado. — Ei, você não pode ao menos dar a ela um remédio antivômito?

Claire mostra a porta com um gesto de cabeça.

— Saia — ela aponta para a caixa. — E leve isso com você.

Navalha lança um olhar fixo para ela, mas obedece. Novamente, vejo a força contida atrás dos traços angelicais. *Cuidado, Navalha. Essa não é a resposta.*

E então ficamos sozinhas e Claire estuda o monitor por um longo e silencioso momento.

— Há pouco, você estava falando sério? — ela pergunta. — Você quer viver para poder matar o comandante Vosch? Você não é estúpida a esse ponto — no tom de uma mãe repreendendo o filho muito pequeno.

— Você tem razão — respondo. — Eu nunca teria a chance. Mas vou ter oportunidade de matar você.

Ela parece perplexa.

— Matar a mim? Por que você iria querer me matar? — Quando não respondo, ela diz: — Acho que você não passa desta noite.

Concordo com um gesto de cabeça.

— E você não vai passar desse mês.

Ela ri.

O som de sua risada amarga a minha boca. Queimando. Queimando.

— O que você vai fazer? — ela perguntou baixinho enquanto estava arrancando a toalha da minha testa. — Sufocar-me com isso?

— Não. Eu vou dominar o guarda quebrando a cabeça dele com um objeto pesado, depois vou pegar a arma dele e dar um tiro na sua cara.

Ela ri durante o tempo todo em que falo.

— Bem, boa sorte.

— Não vai ser sorte.

66

Claire estava errada sobre eu estar morta na manhã seguinte.

Cerca de um mês depois, por meu cálculo de três refeições por dia, ainda estou aqui.

Não me lembro de muita coisa. Em certo momento tiraram a sonda intravenosa e desconectaram o monitor, e o silêncio que se instalou depois do bipar ininterrupto era forte o bastante para derrubar montanhas. A única pessoa que vi durante esse período foi Navalha. Agora, ele cuida de mim em tempo integral. Traz as refeições, esvazia a comadre, lava meu rosto e as mãos, vira-me de lado para que eu não fique com escaras, joga Xadrebol nas horas em que não estou delirando e fala sem parar. Ele fala sobre tudo, o que é outra forma de dizer que ele não fala sobre nada. A família morta, os amigos mortos, os companheiros de esquadrão, o trabalho pesado no campo durante o inverno, as lutas geradas pelo tédio, pelo cansaço e pelo medo, principalmente pelo medo, os boatos de que os Teds iriam lançar uma ofensiva de grandes proporções quando a primavera chegasse, num esforço final para remover o ruído humano do mundo, do qual Navalha era parte ativa. Ele fala, fala e fala. Ele tinha uma namorada chamada Olívia, que tinha a pele escura como um rio lamacento, tocava clarineta na escola, ia ser médica e detestava o pai de Navalha porque ele achava que o filho não podia ser médico. Ele deixa escapar que seu nome verdadeiro é Alex e sargento o chamou de Navalha não porque era esbelto, mas porque se cortou ao fazer a barba certa manhã. *Eu tenho pele sensível.* As frases dele não têm ponto final, vírgulas ou parágrafos; para ser exata, é tudo um longo parágrafo sem margens.

Ele se cala apenas uma vez depois de quase um mês de diarreia verbal. Ele esta tagarelando sobre como conquistou o primeiro lugar na feira de ciências do 5° ano com o projeto de transformar uma batata em uma bateria quando para no meio da

frase. O silêncio dele é angustiante, como o silencio após a implosão de um edifício.

— O que é isso? — ele pergunta, olhando atentamente para o meu rosto, e ninguém olha mais atentamente do que Navalha, nem mesmo Vosch.

— Nada — viro a cabeça para o outro lado.

— Especialista, você está chorando?

— Meus olhos estão lacrimejando.

— Não.

— Não diga não para mim, Navalha. Eu não choro.

— Besteira — uma batida no cobertor.

Tap-tap na grade da cama.

— Funcionou? — pergunto olhando para ele de novo. Que importância tinha se ele me viu chorar? — A batata-bateria?

— Claro que funcionou. É ciência. Nunca tive dúvida de que iria funcionar. Você planeja tudo, segue as etapas e nada pode dar errado — e aperta minha mão por cima da coberta. *Não tenha medo. Tudo está arrumado. Não vou decepcionar você.*

Seja como for, agora é tarde para voltar atrás. O olhar dele vai até a bandeja de comida ao lado da cama.

— Esta noite você comeu todo o pudim. Você sabe como se faz pudim de chocolate sem chocolate? Você não vai querer saber.

— Posso adivinhar? Ex-lax.

— O que é Ex-lax?

— Sério? Você não sabe?

— Ah, desculpe, mas eu não sei o que é Ex-lax-e-quem-se-importa.

— É um laxante sabor chocolate.

Navalha fez uma careta.

— Que nojo!

— Essa é a ideia.

Ele sorri.

— A ideia? Ah, Deus, você fez uma *piada*?

— Como vou saber? Só jure que ninguém botou Ex-lax no meu pudim.

— Juro — *plec.*

Aguento alguma horas depois que ele sai, muito tempo depois que as luzes se apagam em todas as outras partes do campo, no fundo do ventre da noite de inverno, antes que a pressão se torne insuportável e, então, quando eu não suporto mais, começo a gritar por socorro, acenando para a câmera e então virando para pressionar meu peito de encontro à fria grade de metal, batendo o punho no travesseiro, frustrada e furiosa, até a porta se abrir de supetão e Claire entrar rapidamente seguida de perto por um recruta do tamanho de um urso, cuja mão imediatamente voa para cobrir o nariz.

— O que aconteceu? — Claire pergunta, embora o cheiro deva dizer a ela tudo que precisa saber.

— Ah, merda! — o recruta resmungou atrás da mão.

— Exatamente — concordo ofegante.

— Ótimo. Ótimo mesmo — Claire diz, jogando o cobertor e o lençol no chão e fazendo sinal para o recruta ajudá-la. — Bom trabalho, senhorita. Espero que esteja orgulhosa de si mesma.

— Ainda não — lamento.

— O que você está fazendo? — Claire grita para o recruta. Lá se foi a voz suave. Lá se foram os olhos bondosos. — Ajude aqui.

— Ajudar como, senhora?

Ele tem um nariz achatado, olhos muito pequenos e uma testa com uma protuberância no centro. A barriga pende sobre o cinto e as calças estão três centímetros muito curtas. Ele é imenso; pesa uns 50 quilos a mais que eu.

Isso não vai fazer diferença.

— Levante — Claire sibila para mim. — Vamos. Apoie o corpo nessas pernas — ela pega um braço e recruta Jumbo pega o outro; juntos me puxam para fora da cama. A boca do Recrutão está torcida de repulsa.

— Ah, Deus, está em todo lugar! — ele geme baixinho.

— Acho que não consigo andar — digo a Claire.

— Então vou fazer você rastejar — ela rosna. — Eu deveria deixar você desse jeito. É uma metáfora perfeita.

Eles me arrastam duas portas abaixo para dentro do banheiro. O Recrutão está tossindo e tendo ânsia de vômito, Claire está reclamando e eu estou me desculpando enquanto ela tira minha camisola e a joga para o Recruta Jumbo, dizendo que espere lá fora.

— Não encoste em *mim*, encoste na *parede* — ela ordena rispidamente. Meus joelhos estão se dobrando. Seguro na cortina do box para ficar ereta; não uso as pernas há um mês.

Com uma das mãos segurando meu braço esquerdo, Claire me empurra para baixo da água, dobrando a cintura para ficar seca. Os borrifos estão gelados. Ela não se incomodou em ajustar a temperatura. O jorro de água fria no meu corpo é como um alarme disparando, fazendo com que eu acorde de uma longa hibernação de inverno, estendo a mão para cima e agarro o cano do chuveiro que sai da parede e digo a Claire que acho que consigo; acho que posso ficar em pé; ela pode me soltar.

— Tem certeza? — ela pergunta, sem me soltar.

Quase certeza.

Viro o cano para baixo com toda a força. Ele quebra na junta com um guincho metálico e a água fria espirra com um grunhido. Braço esquerdo para cima, deslizando por entre os dedos de Claire, seguro seu pulso e giro o corpo para ela, virando os quadris para dar mais ímpeto ao golpe, e bato a borda denteada do cano quebrado em sua nuca.

Eu não tinha certeza de que podia quebrar um cano de metal apenas com as mãos, mas eu tinha quase certeza.

Eu fui aperfeiçoada.

67

Claire cambaleia e o sangue jorra do ferimento de cinco centímetros na garganta. O fato de eu não tê-la feito desmaiar não me surpreende; imaginei que ela também tivesse sido aperfeiçoada, mas desejei ter sorte para atingir sua carótida. Ela remexe no bolso à procura de seu interruptor da morte. Previ que ela o faria. Jogo o cano fora, pego o suporte da cortina, arranco-o da parede e golpeio o lado da cabeça dela com uma das extremidades.

O impacto mal a moveu. Num milissegundo, mais rápido do que meus olhos conseguem acompanhar o movimento, ela está com o suporte da cortina nas mãos. Em meio milissegundo eu a solto, de modo que, quando ela puxa, não há nada na outra ponta e ela cai para trás de encontro à parede, batendo nela com força suficiente para rachar os azulejos. Avanço para cima de Claire. Ela gira o suporte na direção de minha cabeça, mas também previ esse movimento: esperei por ele, quando ensaiei essa situação em milhares de horas silenciosas sob o brilho constante.

Pego a outra ponta do suporte quando ele prescreve um arco na minha direção, primeiro com a mão direita, depois com a esquerda, ambas separadas na largura dos ombros, e golpeio sua garganta com ele. separando as pernas para ter equilíbrio e força suficientes para esmagar sua traqueia. Nossos rostos estão a centímetros um do outro. Estou perto o bastante para sentir o hálito de cianureto saindo de seus lábios entreabertos. As mãos de Claire estão ao lado das minhas, tentando escapar enquanto eu aperto com mais força. O chão está escorregadio; eu estou descalça; ela não; vou perder a vantagem antes que ela perca a consciência. Tenho que derrubá-la depressa.

Deslizo o pé até a parte interna de seu tornozelo e dou um chute. Perfeito: ela cai no chão e eu pulo em cima dela.

Claire cai de costas e fico de bruços sobre ela. Prendo o seu corpo com os joelhos e empurro o suporte com força sobre a garganta dela.

E então a porta atrás de nós se abre de repente e Recruta Jumbo entra pesadamente, arma em punho, gritando incoerentemente. Três minutos e a luz nos olhos de Claire está se apagando, mas ainda não está totalmente terminado, e sei que tenho que correr o risco. Não gosto de riscos, jamais gostei; apenas aprendi a aceitá-los. Algumas coisas podem ser escolhidas, outras não, como o Soldado do Crucifixo de Sullivan, como Teacup, como voltar e buscar Zumbi e Nugget, porque não voltar significa não valorizar mais nada, nem a vida, nem o tempo, nem as promessas.

E tenho uma promessa a cumprir.

A arma de Jumbo: o 12° sistema se fixa nela e milhares de droides microscópicos trabalham para engrandecer músculos, tendões e nervos nas mãos, nos olhos e no cérebro para neutralizar a ameaça. Em um microssegundo, objetivo identificado, informação processada, método determinado.

Jumbo não tem a menor chance.

O ataque ocorre mais rápido do que seu cérebro não aperfeiçoado pode processar. Duvido que ele veja o suporte da cortina zunindo na direção de sua mão. A arma voa para o outro lado do banheiro. Ele se move para um lado para pegá-la enquanto eu me movo para o outro, para o vaso sanitário.

A tampa do tanque de água é pura cerâmica. E pesada. Eu poderia matá-lo; não o mato. Mas atinjo-o na nuca com força suficiente para deixá-lo desacordado por um longo tempo.

Jumbo cai. Claire se levanta. Viro a tampa na direção da cabeça dela. Ela ergue o braço para bloquear o projétil. A minha audição aprimorada capta o som de um osso se partindo com o choque. O dispositivo prateado em sua mão cai no chão com estridor. Ela mergulha para apanhá-lo quando eu dou um passo até ele. Piso com força na mão estendida e com o outro pé chuto o dispositivo para o outro lado do aposento.

Acabado.

E ela sabe. Ela olha além do cano da arma apontada para seu rosto, além do minúsculo buraco cheio de imenso vazio, em meus olhos, e os dela estão bondosos outra vez, e a voz é suave de novo, a vadia.

— Marika...

Não. Marika era lenta, fraca, sentimental, boba. Marika era uma garotinha que segurava dedos de arco-íris, ficava olhando o tempo se acabar sem poder fazer nada, oscilava no fio da navalha do abismo sem fundo, exposta atrás dos muros de sua fortaleza por promessas que nunca poderia cumprir. Mas eu vou manter sua última promessa feita a Claire, a besta que a deixou nua e a batizou em água fria que ainda ruge no chuveiro quebrado. Eu vou cumprir a promessa de Marika. Marika está morta, e eu vou cumprir sua promessa.

— O meu nome é Especialista.

Puxo o gatilho.

68

Jumbo certamente tem uma faca. Item padrão para todos os recrutas. Ajoelho-me ao lado do corpo inconsciente, tiro a faca da bainha e com cuidado corto a pelota incrustada perto da coluna vertebral na base da nuca. Coloco-a entre a bochecha e as gengivas.

Agora a minha. Nenhuma dor quando a corto fora e apenas um pouco de sangue goteja da incisão. Softwares para amortecer sensações. Softwares para reparar danos. É por isso que Claire não morreu quando golpeei sua garganta com o cano quebrado e porque a hemorragia parou rapidamente depois do jorro inicial.

E também por que, depois de seis semanas deitada de costas e muito pouca comida e uma explosão de intensa atividade física, nem ao menos estou sem fôlego.

Insiro a minúscula pelota tirada de meu pescoço no de Jumbo. *Rastreie os meus passos agora, comandante Cafajeste.*

Pego um macacão limpo da pilha embaixo da pia. Mas tenho problemas com os sapatos: os pés de Claire são muito pequenos; os de Jumbo, muito grandes. Vou resolver isso mais tarde. Contudo, a jaqueta de couro do Recrutão pode ser útil. A jaqueta fica pendurada em mim como um cobertor, mas gosto do espaço adicional nas mangas.

Estou esquecendo algo. Olho ao redor do pequeno aposento. O dispositivo para matar, é isso. O visor ficou rachado durante a confusão, mas o aparelho ainda funciona. Um número brilha acima do botão verde faiscante. O meu número. Passo o polegar no visor e a tela se enche de números, centenas de sequências que representam cada recruta na base. Passo o dedo novamente para retornar ao meu número, toco-o de leve e um mapa surge mostrando a localização precisa do meu implante. Alargo a tela e ela se enche de minúsculos pontos verdes cintilantes; a localização de todos os soldados implantados em toda a base. Na mosca.

E xeque-mate. Com um movimento do polegar e um toque do dedo posso ressaltar todos os números. O botão na parte inferior do dispositivo se acende. Um último toque e todos os recrutas serão neutralizados, mortos. Posso praticamente sair como se estivesse passeando.

Eu posso, se estiver disposta a passar por cima de várias centenas de corpos de seres humanos inocentes, crianças tão vítimas quanto eu, cujo único crime é o pecado da esperança. Se o resultado do pecado é a morte, então a virtude é uma falta grave agora: uma criança indefesa e faminta perdida em um campo de trigo recebe abrigo. Um soldado ferido grita por socorro atrás de uma fileira de refrigeradores de cerveja. Uma garotinha atingida por engano por uma bala é entregue aos inimigos para que a salvem.

E eu não sei o que é mais desumano: os seres alienígenas que criaram esse novo mundo ou o ser humano que considera, mesmo que por um instante, apertar o botão verde.

Três grandes grupos de pontos estacionários pairam no lado direito da tela: os adormecidos. Uma dúzia de indivíduos isolados na periferia: as sentinelas. Dois no centro: o meu no pescoço de Jumbo, e o dele em minha boca. Mais três ou quatro muito próximos, no mesmo andar: os doentes e feridos. Um andar abaixo, a UTI, onde apenas uma esfera verde brilha. Assim: alojamentos, postos de observação, hospital. Alguns pontos referentes a sentinelas estão vigiando o depósito de munições. Não vou ter que adivinhar quais são. Vou saber em poucos minutos.

Ande, Navalha, vamos embora. Tenho uma última promessa a cumprir.

Fico olhando a água jorrando do cano quebrado.

69

— Você reza? — Navalha me perguntou após uma noite exaustiva de Xadrebol, enquanto guardava o tabuleiro e as peças.

Sacudo a cabeça.

— E você?

— Pode apostar que sim — ele afirmou com um gesto de cabeça enfaticamente. — Nada de ateus nas trincheiras.

— Meu pai era um.

— Uma trincheira?

— Um ateu.

— Eu sei disso, Especialista.

— Como você sabia que meu pai era ateu?

— Eu não sabia.

— Então por que perguntou se ele era uma trincheira?

— Não perguntei. Foi uma... — ele sorriu. — Ah, entendi. Sei o que está fazendo. Para mim, a coisa perturbadora é *por quê?* Como se você não estivesse tentando ser engraçada, mas tentando provar o quanto é superior. Ou pensa que é. Você não é nem uma coisa nem outra. Nem engraçada *nem* superior. Por que não reza?

— Não gosto de pôr Deus em dificuldades.

Ele pegou a rainha e examinou o rosto dela.

— Você já deu uma olhada nela? Ela é uma das coisas mais assustadoras do mundo.

— Acho que ela parece régia.

— Ela parece a minha professora do 3º ano, muito *macho* e pouca *mulher*.

— O quê?

— Sabe como é: forte no *masculino*, fraco no *feminino*.

— Ela só é forte. Uma rainha guerreira.

— A minha professora do 3º ano? — ele observou o meu rosto. Esperando. Esperando. — Desculpe, tentei essa coisa de fazer piada outra vez. Falha épica — ele colocou a peça na caixa. — Minha avó participava de um grupo de oração. Você sabe o que é um grupo de oração?

— Sei.

— Mesmo? Pensei que fosse ateia.

— O meu pai era ateu. E por que um ateu não poderia saber o que é um grupo de oração? Pessoas religiosas sabem sobre a evolução.

— Eu sei o que é. Eu entendi — ele disse, pensativo, olhos escuros intensos no meu rosto. — Você tinha uns 6 anos e algum parente comentou de uma forma muito positiva que garotinha *séria* você era, desde então você achou que era encantador ser séria.

— O que aconteceu no grupo de oração? — tentei fazer com que ele voltasse ao assunto.

— Ah! Então você *não* sabe o que é! — ele soltou a caixa e se aproximou mais da cama e o traseiro dele encostou na minha coxa. Afastei a perna. Espero que tenha sido sutilmente. — Vou contar o que aconteceu. O cachorro da minha avó ficou doente. Um daqueles cachorros minúsculos que mordem todo mundo e vivem uns 25 anos mordendo pessoas. Então o pedido dela teve a ver com Deus salvando aquele cãozinho malvado para que ele pudesse *morder* mais pessoas. E metade das velhas senhoras do grupo concordou e metade não concordou, não sei bem por quê. Sei lá, um Deus que não gosta de cachorros não seria Deus, mas houve um grande debate sobre orações desperdiçadas, o que se transformou em uma discussão sobre se poderia haver algo como orações desperdiçadas que se transformou em uma briga sobre o Holocausto. Assim, em cinco minutos a coisa passou de um velho cãozinho mal-humorado para o Holocausto.

— E o que aconteceu? Elas rezaram pelo cachorro?

— Não, rezaram pelas almas do Holocausto. E no dia seguinte o cachorro morreu — Navalha balançou a cabeça pensativo. — Minha avô rezou por ele todas as noites. Pediu que todos os netos também rezassem. Então, eu rezei por um cachorro que me aterrorizava e me detestava e me deu isto — ele pôs a perna na cama e puxou a calça para mostrar a panturrilha. — Está vendo a cicatriz?

Sacudi a cabeça.

— Não.

— Bom, está aqui — ele abaixou a perna da calça, mas deixou o pé na cama. — Então, depois que ele morreu, eu disse para minha avó: “Eu rezei muito e mesmo assim Fofão morreu. Será que Deus me odeia?”

— E o que ela respondeu?

— Alguma bobagem sobre Deus querer Fofão no céu, o que era impossível para o meu cérebro de 6 anos assimilar. Existem velhos cãezinhos mal humorados no céu? Não é de se esperar que o céu seja um lugar legal? Isso me preocupou durante muito tempo. Todas as noites quando eu fazia minha orarão, não conseguia evitar me perguntar se eu *queria* mesmo ir para o céu e passar a eternidade com Fofão. Então decidi que ele estaria no inferno. Do contrário, a teologia simplesmente desmorona.

Navalha abraçou o joelho erguido com os braços longos, apoiou o queixo nele e olhou para o espaço. Ele voltou ao tempo em que as perguntas de um garotinho sobre orações, Deus e céu ainda tinham importância.

— Uma vez eu quebrei uma xícara — ele continuou. — Estava brincando no armário de louça da minha mãe. Era parte do jogo que ganhou de presente de casamento, uma pequena xícara de chá delicada. Não quebrou inteira. Ela caiu no chão e rachou.

— O chão?

— Não, não o chão. A xí... — ele arregalou os olhos chocado. — Você acabou de fazer a mesma...

Sacudi a cabeça. Ele apontou o dedo para mim.

— Ah, peguei você! Um momento de frivolidade despreocupada de Especialista, a rainha guerreira!

— Faço piadas o tempo todo.

— Certo. Mas elas são tão sutis que só pessoas *inteligentes* as entendem.

— A xícara — encorajei.

— Então eu rachei a preciosa porcelana da minha mãe. Eu a guardei no armário e virei o lado rachado para trás, esperando que ela não visse, mesmo sabendo que era apenas uma questão de tempo até ela descobrir e acabar comigo. Sabe para quem fui pedir ajuda?

Não tive que pensar muito. Eu sabia para onde a história estava indo.

— Deus.

— Deus. Rezei para Deus manter minha mãe longe daquela xícara. Tipo, durante o resto da vida. Ou, pelo menos, até eu me mudar para a faculdade. Então rezei para que Ele consertasse a xícara. Ele é Deus, não é? Ele pode curar as pessoas... o que é uma maldita xicrinha feita na China? Essa era uma solução ótima, e é isso que Ele é capaz de fazer, criar soluções ótimas.

— Ela encontrou a xícara.

— Pode apostar que ela encontrou a xícara.

— Estou surpresa em ver que você ainda reza. Depois de Flubby e da xícara.

Ele sacudiu a cabeça.

— A moral não é essa.

— Existe uma moral?

— Se você me deixar terminar a história... sim, existe uma moral. É este: *depois* que minha mãe encontrou a xícara e *antes* que eu descobrisse que isso aconteceu, ela a substituiu. Ela pediu

uma nova xícara e jogou fora a velha. Um sábado de manhã, acho que eu vinha rezando há um mês, fui até o armário para provar para o grupo de oração que ele estava errado sobre desperdiçar orações, e então eu a vi.

— A xícara nova — eu arrisquei. Navalha concordou. — Mas você não sabia que sua mãe a tinha trocado.

Ele jogou as mãos para o ar.

— É um maldito milagre! O que estava rachado foi "desrachado"! O quebrado foi consertado! Deus existe! Eu quase sujei as calças.

— A xícara foi curada — eu concluí devagar.

Seus olhos escuros penetraram fundo nos meus. Sua mão caiu sobre o meu joelho. Um aperto. Depois uma batidinha.

Sim.

70

No banheiro, o jato d'água se transforma em uma torrente, a torrente se transforma em um fio d'água, e o fio d'água se transforma em gotas anêmicas. A água diminui e o meu coração acelera. A paranoia estava me dominando. Uma década se passou enquanto eu esperava que a água fosse fechada: o sinal de Navalha para avançar.

Do lado de fora, o corredor está deserto. Eu já sabia disso, graças ao dispositivo de rastreamento de Claire. Também sei exatamente para onde estou indo.

Escadas. Um lance para baixo. Uma última promessa. Paro tempo suficiente no patamar para guardar a pistola de Jumbo no bolso da jaqueta.

Então passo rapidamente pela porta e entro apressada no corredor. Bem à frente está o posto das enfermeiras. Corro diretamente para lá. A enfermeira salta da cadeira.

— Proteja-se! — eu grito. — Vai explodir!

Contorno o balcão e disparo na direção das portas vai e vem que levam à ala.

— Ei! — ela grita. — Você não pode entrar aí!

Quando quiser, Navalha.

Ela aperta o botão na mesa que trava as portas. Não importa. Eu passo violentamente por elas em velocidade máxima e as arranco das dobradiças.

— *Pare!* — ela grita.

Resta o corredor inteiro; não vou conseguir. Fui aperfeiçoada, mas não consigo ser mais rápida do que uma bala. Derrapo e paro.

Navalha, estou falando sério. Agora seria o momento ideal.

— Mãos na cabeça! Agora — ela luta para recuperar o fôlego. — Ótimo. Agora, ande até aqui, *de costas*. Devagar. Muito devagar,

ou juro por Deus que atiro.

Obedeço, arrastando os pés na direção do som da voz. Ela ordena que eu pare. Eu paro. Estou imóvel, mas os mecanismos dentro de mim não estão. A posição dela é fixa: não preciso vê-la para saber exatamente onde está. O *hub* mandou os controladores dos sistemas muscular e nervoso executar uma ordem quando exigido. Não preciso pensar quando a hora chegar. O *hub* vai assumir.

Mas não vou deixar minha vida totalmente aos cuidados do 12° Sistema: foi minha ideia pegar a jaqueta de Jumbo. E isso me lembra:

— Sapatos — murmuro.

— O que você disse? — ela pergunta com voz trêmula.

— Preciso de sapatos. Que número você calça?

— Hã?

O sinal do *hub* dispara à velocidade da luz. O meu corpo não se move tão depressa, mas com uma velocidade maior do que provavelmente é necessária.

A mão direita entra na manga larga de Jumbo onde escondi a faca de 25 centímetros. Giro para a esquerda, atiro.

A mulher cai.

Tiro a faca de sua garganta, torno a guardar a lâmina ensanguentada na manga esquerda da jaqueta e verifico os sapatos dela. Um par de sapatos brancos de enfermeira de solas grossas. Um pouco grandes, mas vão servir.

No final do corredor, entro no último quarto à direita. Ele está escuro, mas meus olhos foram aperfeiçoados: posso vê-la com nitidez na cama, profundamente adormecida. Ou dopada. Vou ter que descobrir qual das duas alternativas.

— Teacup? Sou eu, Esp.

Os cílios espessos e escuros tremulam. Estou tão agitada que juro poder ouvir os pelos minúsculos tamborilando no ar.

Ela sussurra algo sem abrir os olhos. Baixo demais para os não aperfeiçoados ouvirem, mas os mecanismos auditivos transmitem as informações para o *hub*, que as retransmitem para o centro de audição do meu cérebro.

— Você está morta.

— Não estou mais. Nem você.

71

A janela ao lado da cama balança na moldura. O chão estremece. Uma brilhante luz laranja inunda o quarto, apaga e é seguida por um rugido ensurdecedor e uma fina nuvem de gesso flutua do teto. A sequência se repete. De novo. E mais uma vez.

Navalha atingiu o edifício de munições.

— Teacup, precisamos ir — escorrego uma das mãos sob sua cabeça e a levanto com delicadeza.

— Para onde?

— O mais longe possível.

Sustentando a parte posterior da cabeça de Teacup com uma das mãos, bato na testa dela com a parte interior da outra. A quantidade de força suficiente, nem mais, nem menos. O corpo dela fica flácido. Eu a tiro da cama. Outra rajada enquanto a artilharia no depósito de munições continua a explodir. Quebro a janela com um pontapé. O ar gelado invade o quarto. Sento-me no peitoril voltada para a cama, acolhendo Teacup no peito. Meu objetivo alerta o *hub*: estou a dois andares acima do chão. Reforços se dirigem rapidamente aos ossos e tendões dos pés, tornozelos, tíbias, joelhos e pélvis.

Saltamos.

Eu me viro enquanto caímos como um gato caindo de um balcão. E, como um gato, aterrissamos em segurança, embora a cabeça de Teacup balance com o impacto e atinja meu queixo com força. Diante de nós, o hospital. Atrás, o depósito de munições em chamas. E, à direita, exatamente onde Navalha disse que estaria, o Dodge M882 preto.

Abro a porta bruscamente, praticamente jogo Teacup no banco de passageiros, salto para trás da direção e saio pelo estacionamento, fazendo uma curva acentuada à esquerda na direção norte, para chegar ao campo de aviação. Uma sirene grita.

Holofotes brilham. Pelo retrovisor, vejo veículos de emergência disparando para o edifício de munições em chamas. A brigada de incêndio vai ter dificuldades, pois *alguém* fechou a casa das bombas.

Outra curva fechada à esquerda e depois, bem à frente, os corpos imensos dos Falcões Negros, cintilando como besouros negros sob a luz forte dos holofotes. Agarro o volante com força e respiro fundo. É a parte mais difícil. Se Navalha não conseguiu raptar um piloto, estamos ferrados.

A 100 metros, vejo alguém pulando da portinhola de um dos helicópteros. Ele está usando uma parca pesada e segurando um rifle de assalto. O rosto está parcialmente encoberto pelo capuz, mas eu reconheceria aquele sorriso em qualquer lugar.

Salto do M882.

E Navalha diz:

— Oi.

— Onde está o piloto? — pergunto.

Navalha mostra a carlinga com um gesto de cabeça.

— Eu tenho o meu. Onde está o seu?

Tiro Teacup do SUV e entro no helicóptero. Um sujeito usando nada além de uma velha camiseta verde e shorts da mesma cor está sentado atrás dos controles. Navalha desliza para o assento do copiloto ao lado dele.

— Põe ele no ar, tenente Bob — Navalha diz, sorrindo para o piloto. — Ah, onde estão as boas maneiras? Especialista, tenente Bob. Tenente Bob, Especialista.

— Isso não vai funcionar de jeito nenhum — diz o tenente Bob. — Eles vão vir atrás de nós com tudo.

— É? O que é isso? — Navalha mostra um monte de fios elétricos emaranhados.

O piloto sacode a cabeça com tanto frio que seus lábios estão ficando azuis.

— Eu não sei.

— Eu também não, mas acho que eles são muito importantes para a operação adequada de um helicóptero.

— Não estou entendendo...

Navalha se inclina para ele e toda a jocosidade se vai. Os olhos profundos queimam como que iluminados por trás e a força reprimida que pressenti desde o início se liberta com tanta ferocidade que chego a me encolher.

— Escute, seu alienígena filho da mãe, ponha essa coisa para funcionar *agora* ou eu vou...

O piloto põe as mãos no colo e olha direto para frente. Depois de conseguir colocar um deles no helicóptero sem ser descoberto, minha maior preocupação era fazer com que ele cooperasse. Inclino-me para frente, agarro o pulso de Bob e dobro o dedo mínimo para trás.

— Vou quebrá-lo — ameaço.

— Vá em frente!

Quebro o dedo. Ele morde o lábio inferior, faz um movimento súbito com as pernas. Seus olhos se enchem de lágrimas. Isso não deveria acontecer. Aperto a nuca do rapaz e então me viro para Navalha.

— Ele tem um implante. Ele não é um deles.

— É, e que diabos são *vocês*? — o piloto pergunta com voz aguda.

Tiro o dispositivo de rastreamento do bolso. Lá estão o hospital e o deposito de munições cercados por um enxame de pontos verdes. E há três pontos brilhando na pista de pouso.

— Você cortou o seu fora — digo a Navalha.

Ele concorda.

— E o deixei embaixo do travesseiro. Esse era o plano. Ou era esse o plano? Droga, Especialista, não era esse o plano? — Navalha começou a entrar em pânico.

Pego a faca.

— Segure-o.

Navalha entende imediatamente. Ele agarra o tenente Bob e lhe dá uma chave de braço. Bob não mostra muita resistência. Receio que ele entre em choque. Se isso acontecer, é o fim.

Não há muita luz e Navalha não consegue mantê-lo totalmente imóvel, portanto digo a Bob para ficar calmo ou posso cortar a medula, somando paralisia ao problema do dedo quebrado. Tiro a pelota, jogo-a no asfalto, puxo a cabeça de Bob para trás e sussurro em seu ouvido:

— Eu não sou o inimigo e não estou com Dorothy. Eu sou igual a você...

— Só que melhor — Navalha completa. Ele olha pela janela e diz: — Ahn, Especialista...

Eu os vejo: o brilho de faróis aumentando como um par de estrelas se tomando supernovas.

— Eles estão vindo e vão nos matar quando chegarem aqui — digo a Bob.

— Você também. Eles não vão acreditar em você e vão matá-lo.

Bob me olha fixamente, lágrimas de dor escorrem em seu rosto.

— Você tem que confiar em mim — digo.

— Ou ela vai quebrar mais um dedo — Navalha acrescenta.

Bobs dá um suspiro profundo e hesitante, tremendo incontrolavelmente, enquanto protege a mão ferida e sangue goteja pelo pescoço, encharcando a gola da camiseta.

— Não há o que fazer — ele sussurra. — Eles vão atirar na gente.

Num impulso, estendo a mão e toco o rosto dele. O rapaz não recua. Ele fica muito quieto. Não entendo por que o toquei ou o que está acontecendo agora que o fiz, mas sinto que algo está se abrindo dentro de mim, como um botão estendendo suas pétalas

delicadas para o sol. Estou com muito frio. A minha nuca está em fogo. E o dedo mindinho da minha mão direita lateja de acordo com as batidas do meu coração. A dor traz lágrimas aos meus olhos. A dor *dele*.

— Especialista! — Navalha vocifera. — Que diabos você está fazendo? — Despejo meu calor no homem que toco. Abafo o fogo. Acaricio a dor.

Acalmo seu medo. A respiração dele se estabiliza. O corpo relaxa.

— Bob, realmente temos que ir — digo a ele.

E, dois minutos depois, partimos.

72

O caminhão freia ruidosamente enquanto decolamos e um homem alto sai, o rosto mergulhado em sombras profundas criadas pelos holofotes, mas vejo seus olhos com os meus olhos aperfeiçoados, brilhantes e duros como os do corvo na floresta, de um azul brilhante enquanto os do corvo são negros, e deve ser uma ilusão provocada pela luz ou pela sombra: o leve sorriso apertado que ele parece exibir.

— Voe baixo — ordeno a Bob.

— Para onde vamos?

— Sul.

O helicóptero faz a volta, o chão corre em nossa direção. Vejo o depósito de munições queimando e as luzes giratórias dos carros de bombeiros e os recrutas fervilhando em volta como formigas. Sobrevoamos um rio, a água escura cintila sob a luz longínqua dos holofotes. Atrás de nós, o campo é um oásis de luz em um deserto de escuridão invernal. Mergulhamos nessa escuridão, deslizando a menos de dois metros acima da copa das árvores.

Escorrego para o assento ao lado de Teacup, encosto-a no peito e afasto seus cabelos para o lado. Espero que essa seja a última vez que tenho que fazer isso. Quando termino, amasso o implante com o cabo da faca.

A voz de Navalha soa no meu fone de ouvido.

— Como ela está?

— Acho que está bem.

— Como *você* está?

— Bem.

— Algum machucado?

— Quase nenhum. E você?

— Suave como um bumbum de bebê.

Recoloco Teacup no assento com cuidado, levanto-me e abro compartimentos até encontrar os paraquedas. Navalha continua a tagarelar enquanto verifico os equipamentos.

— Tem alguma coisa que queira me dizer? Tipo, não sei, *obrigada, Navalha, por salvar meu traseiro de uma vida inteira de servidão alienígena depois que eu lhe dei um soco e agi feito uma idiota a maior parte do tempo*? Alguma coisa parecida com isso? Você sabe, não foi exatamente como dar um passeio num campo de basebol, inserir códigos secretos em jogos falsos, colocar laxante no pudim, instalar explosivos, roubar SUVs e sequestrar pilotos e quebrar dedos. Talvez, *Ei, Navalha, eu não teria conseguido sem você. Você é demais*. Alguma coisa assim. Não precisa ser exatamente assim, só alguma coisa que capte o espírito geral da coisa.

— Por que você fez isso? — pergunto. — O que fez você decidir confiar em mim?

— O que você disse naquele dia sobre as crianças, sobre transformá-las em bombas. Fiz umas perguntas por aí. Quando me dei conta, estou na cadeira do País das Maravilhas, então eles me levam para o comandante e ele cai matando por causa de uma coisa que *você* disse, e ele manda que eu pare de falar com você porque não pode mandar que eu pare de *ouvir*, e quanto mais penso no assunto, mais fedorenta a coisa fica. Eles nos treinam para acabar com Teds enquanto carregam criancinhas com munição alienígena? Onde estão os caras bonzinhos aqui? E então pergunto quem sou *eu* aqui? Fiquei muito ansioso e entrei numa crise existencial. Mas o que realmente me pegou foi a matemática.

— Matemática?

— É, a matemática. Vocês asiáticos não são ótimos em matemática?

— Não seja racista. E eu sou só ¾ asiática.

— Três quartos! Viu só? *Matemática*. Tudo se resume a uma simples adição. Como em a soma está errada. Certo, talvez a gente tenha sorte e consiga tirar o programa do País das Maravilhas

deles. Mesmo alienígenas supersuperiores podem fazer besteira, ninguém é perfeito. Mas nós não só roubamos o País das Maravilhas. Nós temos as bombas deles, temos seus implantes que rastreiam e matam, seu supersofisticado sistema nanobótico... Droga, nós até lemos a tecnologia capaz de *detectá-los*. Mas que coisa! Temos mais armas deles do que eles! Mas a grande revelação aconteceu no dia em que eles pegaram você, quando Vosch disse que eles mentiram para nós sobre o organismo ligado aos cérebros humanos. Inacreditável!

— Porque, se é uma mentira...

— Então tudo é uma mentira.

Abaixo de nós, a terra está coberta por uma camada branca. O horizonte está indistinto no escuro, perdido. *Tudo é mentira.* Pensei no meu pai morto me dizendo que eu pertencia a eles agora. Instintivamente, pego a pequena mão de Teacup na minha: *verdade*.

Escuto Bob falar no fone de ouvido:

— Estou confuso.

— Relaxe, Bob — Navalha diz. — Ei, *Bob*. Esse não era o nome do major do Campo Abrigo? Por que quase todos os oficiais se chamam Bob?

O alarme soa. Devolvo a mão de Teacup para seu colo e vou para a dianteira.

— O que foi?

— Companhia — Bob diz. — Atrás de nós.

— Helicópteros?

— Negativo. F-15. Três deles.

— Quanto tempo até eles ficarem ao alcance de tiro?

Ele sacode a cabeça. Apesar do frio, sua camiseta está encharcada de suor. O suor também faz seu rosto brilhar.

— De cinco a sete.

— Suba mais — ordeno. — Altitude máxima.

Pego alguns paraquedas e jogo um no colo de Navalha.

— Vamos dar o fora? — ele pergunta.

— Não podemos lutar e não podemos ser mais rápidos. Você pega Teacup. Saltamos um atrás do outro.

— Eu pego Teacup? E quem você pega?

Bob olha para o outro paraquedas na minha mão.

— Não vou saltar — ele declara. E então, para o caso de eu não ter escutado ou entendido: — Não. Vou. Saltar.

Nenhum plano é perfeito. Eu tinha planejado um Silenciador Bob, o que significava que no plano eu iria matá-lo antes de saltarmos do helicóptero. Agora ficou complicado. Não matei Jumbo pelo mesmo motivo que não quero matar Bob. Mate muitos Jumbos, mate muitos Bobs e você mergulha nas mesmas profundezas que os que empurram uma bomba na garganta de uma criancinha.

Dou de ombros para esconder a incerteza. Jogo o paraquedas em seu colo.

— Então acho que você vai ser incinerado.

Estamos a 5.000 pés de altura. Céu escuro, chão escuro, nenhum horizonte, tudo negro. O fundo do mar sem luz. Navalha está olhando para a tela do radar, mas diz para mim:

— Especialista, onde está o seu paraquedas?

Ignoro a pergunta.

— Você pode me avisar quando eles estiverem a 60 segundos de nós? — pergunto a Bob.

Navalha repete a pergunta.

— É matemática — respondo. — Coisa em que sou ¾ muito boa. Somos quatro e eles vão contar dois paraquedas, isso deixa pelo menos um de nós a bordo. Um, talvez dois deles vão ficar com o helicóptero, pelo menos até conseguirem derrubá-lo. Isso vai nos dar mais tempo.

— O que faz você pensar que eles vão ficar atrás do helicóptero?

Dou de ombros.

— É o que eu faria.

— Ainda não respondeu a pergunta sobre o paraquedas.

— Eles estão se comunicando com a gente — Bob anuncia. — Estão mandando pousar.

— Mande-os para o inferno — Navalha fala e enfia um pedaço de goma de mascar na boca. Depois dá tapinhas no ouvido. — Estão muito tampados — põe o papel da goma no bolso. Nota que estou observando e sorri. — Nunca percebi quanta sujeira há no mundo até que não havia ninguém para recolhê-la — ele explica. — A terra é minha responsabilidade.

E então Bob avisa:

— Sessenta segundos!

Puxo a parca de Navalha. *Agora.* Ele olha para mim e diz devagar e com clareza:

— Onde está o seu maldito paraquedas?

Eu o puxo para fora do assento com uma das mãos. Ele resmunga surpreso e tropeça para o fundo. Eu o sigo e me abaixo na frente de Teacup para retirar seu cinto de segurança.

— Quarenta segundos!

— Como nós vamos encontrar você? — Navalha grita, parado bem ao meu lado.

— Vá até o fogo.

— Que fogo?

— Trinta segundos!

Abro a portinhola. A rajada de vento que entra no helicóptero arranca o capuz de Navalha da cabeça. Pego Teacup e a aperto no peito dele.

— Não deixe que ela morra — ele concorda com um gesto de cabeça. — *Prometa*.

Ele balança a cabeça de novo.

— Prometo.

— Obrigado, Navalha — digo. — Por tudo.

Ele se inclina para a frente e me dá um beijo intenso na boca.

— Nunca mais faça isso — falo para ele.

— Por quê? Por que gostou ou por que não gostou?

— Os dois.

— Quinze segundos!

Navalha coloca Teacup em cima do ombro, agarra o cabo de segurança, e recua até os calcanhares tocarem a superfície de salto. Formando uma silhueta na abertura, o garoto e a criança em seu ombro, e 5.000 pés abaixo a escuridão sem limite. *A terra é minha responsabilidade.*

Navalha solta o cabo. Ele não parece cair. Ele é sugado para o vazio voraz.

73

Volto para a carlinga, onde encontro a porta do piloto destrancada, o assento vazio e nada de Bob.

Eu tinha me perguntado por que a contagem regressiva parou agora eu sabia resposta: ele mudou de ideia sobre saltar.

Devemos estar ao alcance deles, o que significa que não pretendem nos derrubar. Eles marcaram o local da queda de Navalha e vão ficar com o helicóptero até eu saltar ou ele ficar sem combustível e eu for obrigada a pular. Nesse ponto, Vosch já descobriu por que o implante de Jumbo está nessa aeronave enquanto o seu dono está na enfermaria sendo tratado devido a uma forte dor de cabeça.

Com a ponta da língua, empurro a pelota para fora da boca e a ponho na palma da mão.

Você quer viver?

Sim, e você também quer isso, digo a Vosch. *Não sei por que e espero nunca saber*.

Jogo a pelota.

A reação do hub é instantânea. Minha intenção alertou o processador central, que calculou a esmagadora probabilidade de falha terminal e desliga todas as funções do meu sistema muscular, exceto as essenciais. O 12º Sistema tem a mesma ordem que dei a Navalha: *Não a deixe morrer*. Como a de um parasita, a vida do sistema depende da continuação da minha.

No momento em que minha intenção muda — *Certo, ótimo. Vou saltar* —, o *hub* vai me liberar. E apenas nesse momento. Não posso mentir nem negociar com ele. Não posso persuadi-lo nem obrigá-lo. A menos que eu mude de ideia, ele não pode me abandonar. A menos que ele me abandone, não posso mudar de ideia.

Coração em fogo. Corpo de pedra.

Não há nada que o *hub* possa fazer em relação ao pânico que cresce em mim como uma bola de neve. Posso reagir a emoções; não posso controlá-las. Endorfinas são liberadas. Neurônios e mastócitos derramam serotonina em meu fluxo sanguíneo. Fora esses ajustes fisiológicos, continuo paralisada.

Deve haver uma resposta. Deve haver uma resposta. Deve haver uma resposta. Qual é a resposta? E vejo os brilhantes olhos de pássaro de Vosch penetrando nos meus. Qual é a resposta? Não é a ira, nem a esperança, nem o amor, nem o desapego, nem a perseverança, nem o abandono, nem a luta, nem a fuga, nem se esconder, nem desistir, não não não, nó nó nó, nulo nulo nulo.

Nulo.

Qual é a resposta?, ele perguntou.

E eu respondi, *Nada*.

74

Ainda não consigo me mover, nem mesmo os olhos, mas de onde estou vejo bem os instrumentos, incluindo o altímetro e o marcador de combustível. Estamos a 5.000 pés de altura e o combustível não vai durar para sempre. Induzir paralisia pode me impedir de saltar, mas não vai evitar que eu caia. A probabilidade de falha terminal nesse cenário é absoluta.

Ele não tem outra opção: o *hub* me libera e a sensação é a de ser atirada ao longo de um campo de futebol. Sou *empurrada* de volta ao meu corpo com violência.

Certo, Especialista. Vamos ver se você é mesmo boa.

Agarro a maçaneta da porta do piloto e desligo os motores.

Um alarme soa. Eu o desligo também. Agora há o vento, e apenas o vento.

O impulso mantém o helicóptero equilibrado e depois entra em queda livre.

Sou atirada para o teto; minha cabeça bate contra o para-brisa. Estrelas brancas explodem diante de meus olhos. O helicóptero começa a girar enquanto cai e largo a porta. Sou jogada de um lado a outro como um dado num jogo de tabuleiro, agarrando o espaço vazio, procurando um lugar para me segurar. A aeronave vira, nariz para cima, e eu sou jogada vários metros para o fundo, depois de volta para frente, quando ela vira outra vez, e caio com o peito no encosto do assento do piloto. Uma faca incandescente penetra no lado do meu corpo: fraturei uma costela. A tira de náilon se solta do assento do piloto, bate no meu rosto e eu a agarro antes de ser jogada de novo. Outra volta, e a força centrífuga me joga na carlinga outra vez, onde me choco contra a porta. Ela abre repentinamente aperto o sapato branco de enfermeira contra o assento em busca de apoio e ponho metade do corpo para fora. Solto a tira, seguro com força na maçaneta e empurro com força.

Sou virada, arremessada, sacudida, dou um salto mortal, vejo lampejos cinza, pretos e branco cintilante. Estou pendurada na porta enquanto o helicóptero vira de ponta cabeça e a porta fecha com força sobre o meu pulso, lascando o osso e arrancando meus dedos da maçaneta. O meu corpo balança e gira ao longo do comprimento do Falcão Negro até se chocar contra a roda traseira e subir como um foguete, quando a cauda vira na direção do céu e sou lançada para o horizonte como uma pedra saída de um estilingue.

Não me sinto cair. Estou suspensa em uma corrente de ar morno ascendente pressionando o ar mais frio, um falcão navegando no céu noturno com asas estendidas, atrás e abaixo de mim o helicóptero em queda prisioneiro da gravidade que eu nego. Não escuto a explosão quando de se espatifa. Apenas o vento e o sangue rugindo em meus ouvidos, e não sinto a dor das batidas ocorridas dentro do helicóptero. Estou delirando e estimulantemente vazia. Não sou nada. O vento tem mais substância que meus ossos.

A terra dispara na minha direção. Não tenho medo. Cumpri minhas promessas. Eu resgatei o tempo.

Estendo os braços. Estico os dedos. Ergo o rosto para a linha onde o céu encontra a terra.

Meu lar. Minha responsabilidade.

75

Estou caindo em velocidade fatal para uma paisagem branca sem traços marcantes, um vasto nada que engole tudo em seu caminho, explodindo até o horizonte em todas as direções.

É um lago. Um lago muito grande.

Um lago muito grande com a superfície congelada.

Descer com os pés em primeiro lugar era a minha única opção. Se o gelo tiver mais que 30 centímetros de espessura, estou perdida. Nenhum aperfeiçoamento alienígena vai me proteger. Os ossos das pernas vão se estilhaçar. O baço vai romper. Os pulmões vão entrar em colapso.

Tenho fé em você, Marika. Você não passou por fogo e sangue apenas para cair agora.

Na verdade, Comandante, foi exatamento o que eu fiz.

O mundo branco abaixo de mim cintila como pérolas, uma tela em branco, um abismo de alabastro. Uma parede gritante de vento empurra minhas pernas enquanto puxo os joelhos até o peito para executar a rotação. Tenho que dar uma volta de 90°. Se endireitar o corpo cedo demais, o vento vai me tirar o equilíbrio. Tarde demais, vou bater o traseiro ou o peito.

Fecho os olhos; não preciso deles. O *hub* funcionou com perfeição até agora; é hora de confiar nele totalmente.

A minha mente se esvazia: tela em branco, abismo de alabastro. Sou um receptáculo, o *hub,* o piloto.

Qual é a resposta?

E eu disse, *Nada. A resposta é nada.*

Dou um chute forte com as duas pernas. O corpo gira e se endireita. Os braços se erguem, cruzam-se sobre o peito. A cabeça cai para trás, o rosto voltado para o céu. A boca se abre. Inspiro profundamente, expiro. Novamente. Respiro fundo, *prendo a respiração.*

Agora na vertical, liberada pelo vento, caio mais depressa. Atinjo o gelo, primeiro os pés, a 160 km/h.

Não sinto o impacto.

Nem a água gelada se fechando sobre mim.

Tampouco a pressão dessa água quando mergulhei na escuridão negra.

Não sinto nada. Meus nervos foram interrompidos ou os receptores de dor do cérebro desligados.

Centenas de metros acima de mim, um minúsculo ponto de luz, uma cabeça de alfinete, tão tênue quanto a estrela mais distante, o ponto de entrada. Também o ponto de saída. Bato os pés na direção da estrela. Sinto o corpo entorpecido, a minha mente vazia. Eu me rendi totalmente ao 12° Sistema. Ele não faz mais parte de mim. Eu sou o 12° Sistema. Somos um só.

Sou humana. E não sou. Subindo na direção da estrela que brilha na abóbada incrustada de gelo, uma deusa primitiva ascendendo das profundezas primordiais, totalmente humana, completamente alienígena, e agora compreendo; sei a resposta ao enigma impossível de Evan Walker.

Disparo para o coração da estrela e puxo o corpo sobre a borda da calota de gelo. Algumas costelas quebradas, um punho fraturado, um corte profundo na testa provocado pelo cinto de segurança do piloto, totalmente entorpecida, completamente sem fôlego, vazia, inteira, consciente.

Viva.

76

Chego aos destroços fumegantes do helicóptero ao amanhecer. Não foi difícil encontrar o local da queda: o Falcão Negro caiu no meio de um campo aberto coberto por uma camada nova de neve. Era possível ver o brilho do fogo a quilômetros.

Aproximo-me devagar pelo sul. À direita, o sol rompe o horizonte e a foz se lança pela paisagem de inverno, incendiando um inferno cristalino, como se um bilhão de diamantes tivessem caído do céu.

Minhas roupas encharcadas estão congeladas, estalando como gravetos quando me movo, e as sensações voltaram. O 12° Sistema perpetua minha existência a fim de perpetuar a própria. Ele está pedindo descanso, comida, ajuda com o processo de cura; esse é o objetivo de me devolver a dor.

Não. Nenhum descanso até que os encontre.

O céu está vazio. Não há vento. Fumaça sobe em espiral do helicóptero destruído, negra e cinza, como a fumaça que se ergueu do Campo Abrigo carregando os restos incinerados dos assassinados.

Especialista, onde você está?

O sol sobe e o brilho refletido pela neve se torna ofuscante. O elemento responsável pela visão ajusta a vista: um filtro escuro em quase nada diferente de um óculos escuros cai sobre os olhos e então vejo um borrão na perfeição branca a cerca de um quilômetro a oeste. Deito de bruços no chão, abrindo uma pequena trincheira com um movimento do tórax. À medida que se aproxima, a mancha escura assume uma forma humana. Alto e magro, usando uma parca pesada e carregando um rifle, movendo-se devagar na neve que chega aos tornozelos. Trinta minutos se arrastam. Quando ele chega a 100 metros de distância, eu me levanto. Ele cai como que alvejado. Chamo-o pelo nome, mas não muito alto; o som chega mais longe no ar do inverno.

A voz dele flutua até onde me encontro, aguda pela ansiedade.

— Puxa vida!

Ele caminha pesadamente por alguns metros e logo começa a correr, erguendo os joelhos bem alto e batendo os braços como um fanático por exercícios na esteira. Ele para a meio metro de distância, o hálito quente explodindo pela boca aberta.

— Você está viva — ele sussurra. Vejo em seus olhos: *Impossível*

— Onde está Teacup?

Ele mostra um lugar às costas com a cabeça.

— Ela está bem. Bom, acho que a perna dela pode estar quebrada...

Dou a volta nele e começo a andar por onde ele veio. Ele me segue com dificuldade, insistindo para que eu diminua o ritmo.

— Eu estava quase desistindo de você — ele bufou. — Sem paraquedas! Qual é? Você agora pode voar? O que aconteceu com sua cabeça?

— Bati.

— Ah! Bom, você parece um apache. Pintura de guerra, entendeu?

Eu o ignoro.

— Por que você acha que a perna dela está quebrada?

— Bom, eu só acho que pode estar quebrada. Com a ajuda de sua visão de raios X, talvez você possa fazer um diagnóstico...

— Isso é estranho — estou observando o céu enquanto caminhamos. — Onde estão os perseguidores? Ele devem ter marcado o local.

— Eu não vi *nada*. É como se eles tivessem desistido.

Sacudo a cabeça.

— Eles não desistem. Falta muito, Navalha?

— Mais um quilômetro. Não se preocupe, eu a deixei confortável e em segurança.

— Por que a deixou?

Ele me olha intensamente, atordoado por um segundo. Mas somente por um segundo. Navalha não fica mudo por muito tempo.

— Para procurar você. Você me disse para encontrá-la junto do fogo. Essa é uma instrução meio vaga. Você poderia ter dito, “Encontre-me no local em que derrubei o helicóptero. *Esse* fogo.”

Andamos por alguns minutos em silêncio. Navalha está sem fôlego. Eu não. Os elementos vão me sustentar até eu chegar a ela, mas tenho a sensação de que, quando eu desabar, vou desabar com tudo.

— E agora o que vai ser? — ele pergunta.

— Descansar alguns dias ou quanto tempo pudermos.

— E depois?

— Para o sul.

— Sul. É esse o plano? *Sul.* Um pouco elaborado, não é?

— Temos que voltar para Ohio.

Ele para como se tivesse se chocado com um muro invisível. Continuo arrastando os pés por alguns metros e então me viro. Navalha está sacudindo a cabeça.

— Especialista, você tem alguma ideia de onde está?

Balanço a cabeça afirmativamente.

— A cerca de 35 quilômetros ao norte de um dos Grandes Lagos. Acho que é Erie.

— O que você... como nós... você sabe que Ohio fica a quase 300 quilômetros daqui? — ele balbucia.

— Acho que são uns 200. Conforme o voo do corvo.

— Conforme o... Bom, é uma pena não sermos corvos! O que tem em Ohio?

— Meus amigos.

Continuo a andar, seguindo o rastro antigo de suas botas na neve.

— Especialista, não quero esfriar o seu entusiasmo, mas...

— Sei que provavelmente eles estão mortos. E sei que provavelmente eu vou morrer muito antes de encontrá-los, mesmo que não estejam. Mas eu fiz uma promessa, Navalha. Na época, não achei que era uma promessa. Eu disse para mim mesma que não era. Disse a *ele* que não era. Mas há coisas que dizemos a nos mesmos sobre a verdade, e há coisas que a verdade diz sobre nós.

— O que você disse não faz sentido. Você sabe disso, não sabe? Deve ser a batida na cabeça. Geralmente, você tem muitas.

— Batidas na cabeça?

— Agora, isso foi mesmo uma piada! — ele franze o cenho. — Uma promessa para quem?

— Para um sujeito ingênuo, cabeça-dura, estereotipado que acha que é uma dádiva de Deus para o mundo quando não está pensando que o mundo é uma dádiva de Deus para ele.

— Ah, certo — ele não fala nada durante alguns passos arrastados, e então: — Há quanto tempo o sr. Ingênuo, Cabeça-dura, Estereotipado é seu namorado?

Paro e me viro. Agarro o rosto dele com as duas mãos e lhe dou um beijo intenso na boca. Navalha arregala os olhos que mostram algo parecido com medo.

— O que foi isso?

Eu o beijo de novo. Nossos corpos se apertam um contra o outro. O rosto frio dele aninhado nas minhas mãos ainda mais frias. O hálito dele cheira a goma de mascar. *A Terra é minha responsabilidade.* Somos dois pilares se erguendo de um mar ondulante e estonteantemente branco. Sem limites. Sem divisas, sem fronteiras.

Ele me trouxe da tumba. Ele me ressuscitou dos mortos. Ele arriscou a vida para que eu pudesse viver. Mais fácil virar para o

outro lado. Mais fácil me deixar ir. Mais fácil acreditar na maravilhosa mentira do que na hedionda verdade. Depois que meu pai morreu, construí uma fortaleza sólida e segura para durar mil anos. Uma fortaleza enorme que desmorona com um beijo.

— Agora estamos quites — sussurro.

— Não exatamente — ele diz com voz rouca. — Eu só beijei você uma vez.

77

Quando nos aproximamos, o complexo parece se erguer da neve como um leviatã vindo das profundezas. Silos, transportadores, caixas, misturadores, depósitos e escritórios, um armazém enorme duas vezes maior do que um hangar para aviões rodeados por uma cerca de arame enferrujada. Parece assustadoramente simbólico, e de certa forma adequado, que isso termine numa fábrica de concreto. O concreto é a assinatura humana onipresente. Nosso principal meio artístico na tela em branco do mundo: para onde quer que fôssemos, a terra lentamente desaparecia debaixo dele.

Navalha puxa uma parte da cerca estragada para o lado, para que eu passe. Forte rubor nas faces, nariz vermelho vivo por causa do frio, olhos vibrantes disparando de um lado a outro. Talvez ele se sinta tão exposto quanto eu a céu aberto, anões, quando comparados aos silos que assomam sobre nós e os equipamentos enormes, sob o brilhante céu sem nuvens.

Talvez, embora eu duvide.

— Dê-me seu rifle — peço.

— Ahn? — ele está agarrando a arma de encontro ao peito, dedo do gatilho movendo-se nervosamente.

— Atiro melhor.

— Especialista, verifiquei tudo. Não tem ninguém aqui. É totalmente...

— *Seguro* — termino por ele. — Certo — estendo a mão.

— Vamos, ela está bem ali no armazém...

Não me mexo. Ele revira os olhos, inclina a cabeça para trás a fim de observar o céu vazio, olha para mim outra vez.

— Você sabe que já estaríamos mortos se eles estivessem aqui.

— O rifle.

— *Ok* — ele o empurra para mim. Arranco o rifle dele e bato na lateral de sua cabeça com a coronha. Ele cai de joelhos, olhos no meu rosto, mas não há nada neles, nada mesmo.

— *Caia* — digo a ele. Navalha se inclina para frente e fica imóvel.

Não acredito que ela esteja no armazém. Há motivo para ele querer que eu entre lá, mas não acho que a razão tenha algo a ver com Teacup. Desconfio que ela esteja a mais de 1.000 quilômetros deste lugar. Contudo, não tenho escolha. Uma leve vantagem com o rifle e Navalha neutralizado, e isso é tudo.

Ele se abriu para mim quando o beijei. Não sei como o aperfeiçoamento abre um caminho empático para o interior de outro ser humano. Talvez ele transforme o portador em uma espécie de detector de mentiras humano, reunindo e conferindo dados de uma miríade de informações sensoriais e canalizando-as pelo *hub* para serem interpretadas e analisadas. Não sei como funciona, mas senti o ponto vazio dentro de Navalha, uma nulidade, um quarto oculto, e sabia que algo estava terrivelmente errado.

Mentiras dentro de mentiras dentro de mentiras. Dissimulações e contradissimulações. Como uma miragem no deserto, não importa o quanto se corra em sua direção, ela fica eternamente na distância. Encontrar a verdade era como perseguir o horizonte.

Quando entro nas sombras do edifício, algo se solta dentro de mim. Meus joelhos começam a tremer. O peito dói como se eu tivesse sido atingida por um aríete. Não consigo respirar. O 12° Sistema pode me sustentar e fortalecer, supercarregar meus reflexos, aprimorar meus sentidos dez vezes, curar-me, proteger-me contra todos riscos físicos, mas não há nada que os meus 40.000 hóspedes não convidados possam fazer por um coração partido.

Não posso. Não posso amolecer agora. O que acontece quando amolecemos? O que acontece?

Não posso entrar. Preciso entrar.

Recosto na parede fria de metal do armazém, ao lado da porta aberta, onde vive a escuridão, profunda como o túmulo.

78

Leite azedo.

O cheiro repugnante da praga é tão intenso que fico nauseada quando entro. O elemento olfativo suprime o sentido do olfato imediatamente. O estômago se acalma. Os olhos clareiam. O depósito é duas vezes maior do que um campo de futebol e dividido em três pisos ascendentes. A seção inferior na qual me encontro tinha sido convertida em um hospital de campanha. Centenas de macas, pacotes de roupas de cama e carrinhos de suprimentos médicos virados. Sangue em todo o lugar cintila na luz que se infiltra pelos orifícios do teto parcialmente destruído três andares acima da minha cabeça. Poças de sangue congeladas no chão. Sangue manchando as paredes. Lençóis e travesseiros encharcados de sangue. Sangue, sangue, sangue em todos os lugares, mas nenhum corpo.

Subo o primeiro lance de escadas para o segundo piso. Andar de suprimentos: sacos de farinha e outros mantimentos secos rasgados, conteúdo espalhado por ratos e sobreviventes em busca de comida, pilhas de enlatados, recipientes de água, latões de querosene: estocados antevendo o inverno, mas o *Tsunami* Vermelho os pegou primeiro e os afogou no próprio sangue.

Vou pela escada até o próximo andar: uma coluna de luz atravessa o ar empoeirado como um holofote. Cheguei ao final. O último andar. A plataforma está coberta de cadáveres, em alguns pontos formando pilhas de seis, os de baixo enrolados cuidadosamente em lençóis, os perto do topo jogados ali com pressa, uma confusão de braços e pernas, uma massa retorcida de ossos e pele dessecada e dedos esqueléticos agarrando o ar vazio inutilmente.

O centro do piso tinha sido limpo. Uma mesa de madeira se encontra no meio da coluna de luz. E, na mesa, uma caixa de madeira e, ao lado dela, um tabuleiro de xadrez montado em um final de jogo que reconheço no mesmo instante.

E então a voz dele, vinda de todos os lugares e de lugar nenhum, como o sussurro de um trovão distante, impossível de localizar.

— Nunca terminamos nosso jogo.

Estendo a mão e viro o rei branco. Escuto um suspiro como um vento no alto das árvores.

— Qual é a resposta, Marika?

— Foi um teste — sussurro. O rei branco de costas, olhar vazio, os olhos um abismo de alabastro, olhando para mim. — Você precisava testar o 12° Sistema sem que eu soubesse que era um teste. Eu tinha que acreditar que era real. Era a única forma para eu cooperar.

— E você passou?

— Sim, eu passei.

Viro de costas para a luz. Ele está parado no alto da escada, sozinho, rosto nas sombras, embora eu possa jurar que vejo os olhos azuis brilhantes cintilando na escuridão sepulcral.

— Ainda não totalmente — ele diz.

Aponto o rifle para o espaço entre os olhos cintilantes e puxo o gatilho. Os cliques ecoam na câmara vazia: *clique, clique, clique, clique, clique.*

— Você chegou até aqui, Marika. Não me desaponte agora — Vosch diz. — Você deveria saber que não estava carregada.

Largo o rifle e recuo arrastando os pés até me chocar com a mesa. Aperto as mãos no tampo para me firmar.

— Faça a pergunta — ele ordena.

— O que você quis dizer com “ainda não totalmente”?

— Você sabe a resposta para essa pergunta.

Pego a mesa e a jogo na direção dele. Ele a atira para o lado com um dos braços bem quando chego perto dele, lançando-me de uma distância de dois metros, atingindo-o direto no peito com o

ombro e envolvendo-o num abraço de urso. Caímos do terceiro piso e aterrissamos no segundo. As tábuas sob nosso corpo quebram com um estrondo. O impacto faz com que eu afrouxe a mão. Ele envolve minha garganta com os dedos longos de uma das mãos e me joga sobre uma pilha de enlatados a seis metros de distância. Fico de pé em menos de um segundo, mas ele é ainda mais rápido, movendo-se tão depressa que ao levantar cria uma imagem que persiste na visão.

— O pobre recruta no banheiro — ele diz. — A enfermeira no lado de fora da UTI, o piloto, Navalha, até Claire, pobre Claire, que estava em flagrante desvantagem desde o início. Não foi suficiente, não foi suficiente. Para realmente passar, você precisa superar o que não pode ser superado.

Ele estende os braços num gesto largo. Um convite.

— Você queria a oportunidade, Marika. Bem, *aqui está ela.*

79

Há pouca diferença entre o que acontece em seguida e o nosso jogo de xadrez. Ele sabe como penso. Ele conhece meus pontos fortes e os fracos. Conhece todos os movimentos antes de eu fazê-los. Ele presta atenção em especial aos meus ferimentos: o pulso, as costelas, o rosto. Sangue escorre do ferimento reaberto na testa, fumegando no ar abaixo de zero, correndo para minha boca e meus olhos; o mundo fica vermelho atrás de uma cortina ensanguentada. Depois que caio uma terceira vez, ele diz:

Não. Pare. Não se levante. Fique onde está, Marika.

Eu me levanto. Ele me derruba pela quarta vez.

— Você vai sobrecarregar o sistema — ele adverte. Estou de quatro, observando como boba o sangue escorrer do rosto e cair no chão, uma chuva de sangue. — Ele pode entrar em colapso. Se isso acontecer, você vai morrer.

Estou gritando. Descarregando do fundo da minha alma: os gritos de morte de 7 bilhões de seres humanos assassinados. O som ricocheteia pelo espaço cavernoso.

E então me levanto pela última vez. Mesmo aperfeiçoados, meus olhos não conseguem acompanhar os punhos dele. Como partículas quânticas, elas não estão nem aqui, nem ali, impossíveis de distinguir, impossíveis de prever. Ele joga meu corpo sem energia da plataforma para o chão de concreto abaixo, para onde pareço cair para sempre, para o interior de uma escuridão mais profunda do que a que engolfou o universo antes do início dos tempos. Rolo de bruços e me ergo. A bota dele bate na minha nuca e aperta para baixo.

— Qual é a resposta, Marika?

Ele não precisa explicar. Finalmente, compreendo a pergunta. Finalmente, desvendo o enigma: ele não está perguntando sobre *nossa* resposta ao problema que eles representam. Ele nunca

perguntou. Ele está perguntando sobre a resposta ***deles*** sobre o problema que nós representamos.

De modo que digo:

— Nenhuma. Não há nenhuma resposta. Eles não estão aqui. Eles nunca estiveram.

— Quem? Quem não está aqui?

Minha boca está cheia de sangue. Engulo.

— O risco...

— Sim. Muito bom. O segredo está no risco.

— Eles não estão aqui. Não há entidades transferidas para corpos humanos**.** Não há consciência alienígena dentro de ninguém. Por causa do risco. O risco. O risco é inaceitável. É um... um programa, um constructo delusório. Inserido em suas mentes antes de nascerem, ligado quando atingem a puberdade: uma mentira, é uma mentira. Eles são humanos. Aperfeiçoados como eu, mas humanos... Humanos como eu.

— E eu? Se você é humana, o que sou eu?

— Não sei...

A bota aperta mais, comprimindo meu rosto contra o concreto.

— *O que eu sou?*

— Eu não sei. O controlador. O diretor. Eu não sei. O escolhido para...

Eu não sei, eu não sei.

— Eu sou humano?

— Eu não sei! — eu não sabia mesmo. Tínhamos chegado ao lugar em que eu não podia ir. O lugar do qual eu não podia voltar. Acima: a bota. Abaixo: o abismo. — Mas se você for humano...

— Sim, termine. Seu eu for humano... o quê?

Estou me afogando em sangue. Não meu. O sangue dos bilhões que morreram antes de mim, um mar infinito de sangue que me envolve e me puxa para o fundo sem luz.

— Se você for humano, não há esperança.

80

Ele me levanta do chão. Carrega-me para uma das macas e me deita com delicadeza.

— Você está machucada, mas não quebrou. O aço precisa ser fundado antes que se possa forjar a espada. Você é a espada, Marika. Eu sou o ferreiro e você é a espada.

Ele toma meu rosto entre as mãos. Seus olhos brilham com o fervor de um fanático religioso, o olhar de um louco pregador de rua, exceto que este louco segura o destino do mundo nas mãos.

E desliza o polegar na minha face ensanguentada.

— Descanse agora, Marika. Você está segura aqui. Perfeitamente segura. Vou deixá-lo cuidando de você.

Navalha. Não posso suportar isso. Sacudo a cabeça.

— Por favor, não. Por favor.

— E dentro de umas duas semanas você vai estar pronta.

Ele espera a pergunta. Ele está muito satisfeito consigo mesmo. Ou comigo. Ou com o que conseguiu comigo. Contudo, não pergunto.

E então ele se vai.

Mais tarde, escuto o helicóptero chegar para levá-lo embora. Depois disso, Navalha aparece com o aspecto de alguém que está com uma maçã sob a pele do rosto. Ele não diz nada. Eu não digo nada. Ele lava meu rosto com água morna e sabonete. Envolve meus ferimentos com ataduras e enfaixa minhas costelas quebradas. Põe uma tala no meu pulso fraturado e ele não se incomoda em me oferecer água, embora deva saber que estou com sede. Ele espeta uma agulha numa veia do meu braço e coloca o soro. Depois, ele me deixa e se senta em uma cadeira dobrável junto da porta aberta, encolhido na pesada parca, o rifle atravessado no colo. Quando o sol se põe, ele acende uma lamparina de

querosene e a coloca no chão ao seu lado. A luz sobe e banha seu rosto, mas seus olhos ficam ocultos de mim.

— Onde está Teacup? — minha voz ecoa no amplo espaço.

Ele não responde.

— Tenho uma teoria — digo a ele. — É sobre ratos. Você quer ouvir?

Silêncio.

— É fácil matar um rato. Você só precisa de um pedaço de queijo velho e uma ratoeira. Mas matar mil ratos, um milhão, um bilhão de ratos, ou sete bilhões é um pouco mais difícil. Para isso é preciso uma isca. Veneno. Você não precisa envenenar os sete bilhões, só uma porcentagem que vai levar o veneno de volta para a colônia.

Ele não se move. Não tenho ideia se ele está ouvindo nem mesmo se esta acordado.

— Nós somos os ratos. O programa carregado para fetos humanos. Essa é a isca. Qual é a diferença entre o humano que carrega uma consciência alienígena e um humano que *acredita* que o está fazendo? Só há uma diferença. Risco. O risco é a diferença. Não o nosso risco. O deles. Por que eles iriam se arriscar dessa forma? A resposta é que *eles não se arriscaram*. Eles não estão aqui, Navalha. Eles nunca estiveram. Somos apenas nós. Sempre fomos apenas nós.

Ele se inclina para a frente muito lenta e deliberadamente e apaga a luz.

Suspiro.

— Mas, como todas as teorias, ela tem falhas. Não é possível conciliá-la com a questão da grande rocha. Por que se preocupar com tudo isso quando eles só precisaram atirar uma rocha muito grande?

Com muita calma, tanta que não poderia ouvi-lo sem o elemento de aperfeiçoamento:

— Cale a boca.

— Por que fez isso, Alex? — se Alex é mesmo seu nome. Toda a sua história poderia ser uma mentira elaborada por Vosch para me manipular. É muito provável que seja.

— Eu sou um soldado.

— Você só estava cumprindo ordens.

— Eu sou um soldado.

— Não cabe a você apresentar motivos.

— Eu. Sou. Um. SOLDADO!

Fecho os olhos.

— Xadrebol. Também foi ideia de Vosch? Desculpe. Pergunta idiota.

Silêncio.

— É Walker — digo, abrindo os olhos de repente. — Tem que ser. É a única coisa que faz sentido. É Evan, não é, Navalha? Ele quer Evan e eu sou o único caminho até ele.

Silêncio.

A implosão do Campo Abrigo e os drones inutilizados chovendo do céu: por que eles precisavam de drones? A questão sempre me incomodou. Qual seria a dificuldade de encontrar um bolsão de sobreviventes quando os sobreviventes eram tão poucos e você possuía tecnologia humana suficiente para achá-los? Sobreviventes se agrupavam. Eles se ajuntavam como abelhas em uma colmeia. Os drones não eram usados para *nos* rastrear. Eles estavam sendo usados para rastrear *humanos* como Evan Walker, solitários e perigosamente aperfeiçoados, espalhados por todos os continentes, armados de conhecimento que poderia fazer desabar todo o edifício se o programa carregado para dentro deles funcionasse mal. Como realmente aconteceu com ele.

Evan se encontra fora do sistema. Vosch não sabe onde ele está ou se está vivo ou morto. Mas, se Evan estiver vivo, Vosch

precisa de alguém do lado de dentro, alguém em quem Evan iria confiar.

Eu sou o ferreiro.

Você é a espada.

81

Durante uma semana, ele é minha única companhia. Guarda, enfermeiro, vigia. Quando sinto fome, ele me traz comida. Quando sinto dor, ele a alivia. Quando estou suja, ele me banha. Ele é presença constante. Ele é fiel. Ele está lá quando acordo e quando adormeço. Nunca o flagro dormindo: ele é constante, mas meu sono nunca é; acordo várias vezes durante a noite, e ele está sempre vigiando de seu posto junto da porta. Ele está silencioso, mal-humorado e estranhamente nervoso, esse sujeito que me enganou e fez acreditar nele e em *sua* história sem esforço. Como se eu pudesse tentar escapar quando ele sabe que posso, mas não vou, quando ele sabe que estou aprisionada por uma promessa que prende mais que mil correntes.

Na tarde do sexto dia, Navalha amarra um trapo sobre o nariz e a boca, sobe os degraus até o terceiro piso e volta carregando um corpo num carrinho. Ele o leva para fora. Depois torna a subir a escada, seu caminhar tão pesado de mãos vazias como quando dificultado por um cadáver, e outro corpo desce para o térreo. Perco a conta ao chegar a 123. Ele esvazia o armazém dos mortos, empilhando-os no pátio e, ao escurecer, incendeia a pilha. Os corpos se mumificaram e o fogo se espalha rapidamente e queima forte e brilhante. A pira pode ser vista a quilômetros, se é que há olhos para vê-la. Sua luz brilha na entrada, salta pelo chão, transforma o concreto em um dourado e ondulante piso oceânico. Navalha fica na entrada observando o fogo, uma sombra esguia com um halo semelhante a de um eclipse lunar. Ele tira a jaqueta com um movimento dos ombros, despe a camisa, arregaça uma das mangas da camiseta e expõe o ombro. A lâmina de sua faca cintila na brilhante luz amarela enquanto ele desenha algo na pele com a ponta.

A noite passa devagar; o fogo enfraquece; o vento muda de direção e meu coração dói, nostálgico: acampamentos de verão, caça a vagalumes, céus de agosto fervilhando de estrelas. O cheiro

do deserto e o longo e melancólico suspiro do vento descendo das montanhas enquanto o sol mergulha sob o horizonte.

Navalha acende a lamparina de querosene e se aproxima de mim. Ele cheira a fumaça e, levemente, como os mortos.

— Por que você fez isso? — pergunto.

Acima do trapo, seus olhos estão marejados de lágrimas. Não sei se é por causa da fumaça ou outra coisa.

— Ordens — ele responde.

Ele tira o tubo intravenoso do meu braço e o enrola no gancho do suporte.

— Não acredito em você — falo.

— Bom, estou chocado.

É a primeira vez em que ele fala tanto desde a partida de Vosch. Estou surpresa por estar aliviada ao ouvir sua voz de novo. Ele está examinando o ferimento na testa, a rosto muito próximo por causa da luz fraca.

— Teacup — sussurro.

— O que você acha? — ele pergunta irritado.

— Ela está viva. Ela é a única vantagem que ele tem.

— Então está certo. Ela está viva.

Ele espalha pomada antibacteriana no corte. Um ser humano não aperfeiçoado teria precisado de vários pontos, mas em alguns dias ninguém vai poder dizer que eu fui ferida.

— Eu poderia provar que ele está blefando — digo. — Como ele pode matá-la agora?

Navalha dá de ombros.

— Por que ele não liga a mínima para nenhuma criancinha quando o destino de todo o mundo corre perigo? Só um palpite.

— Depois que tudo aconteceu, depois de tudo que ouviu e viu, você ainda acredita nele.

Ele me olha de um jeito que se aproxima muito de pena.

— *Tenho* que acreditar nele, Especialista. Se não acreditar mais, estou perdido. Eu sou *eles* — ele faz um gesto de cabeça na direção do pátio onde os ossos enegrecidos ardem devagar.

Ele se senta na maca perto da minha e tira a máscara improvisada. A lamparina entre seus pés e a luz que ilumina seu rosto e as sombras que se formam em seus olhos profundos.

— Tarde demais para isso — digo a ele.

— Certo. Já estamos todos mortos. Assim não há vantagem, não é mesmo? Mate-me, Especialista. Mate-me agora mesmo e fuja. *Fuja.*

Eu estaria fora da maca antes que ele pudesse piscar outra vez. Um único soco em seu peito e o golpe reforçado empurraria uma costela estilhaçada no coração. E então eu poderia sair andando, ir para longe, ir para a mata onde poderia me esconder durante anos, décadas, até ficar velha e ter ultrapassado a capacidade de o 12° Sistema me sustentar. Talvez eu viva mais que todo mundo. Talvez eu acorde certo dia como a última pessoa na Terra.

E então. E então.

Ele deve estar congelando, sentado ali com apenas uma camiseta. Posso ver uma linha de sangue seco no bíceps.

— O que você fez com o seu braço? — quero saber.

Ele levanta a manga. As letras estão grosseiramente desenhadas, grandes, pesadas e trêmulas, do jeito que uma criancinha faz quando está começando a aprender:

VQP

— Latim — ele sussurra. — *Vincit qui patitur.* Significa...

— Eu sei o que significa — sussurro em resposta.

Ele sacode a cabeça.

— Não acredito que você saiba — ele não parece zangado. Ele parece triste.

Alex vira a cabeça na direção da entrada além da qual os mortos estão sendo levados para o céu indiferente. *Alex.*

— Seu nome é mesmo Alex? — pergunto.

Ele me olha de novo e eu vejo o sorriso irônico e brincalhão. Como quando ouvi sua voz outra vez, fico surpresa por sentir falta dele.

— Não menti sobre nada daquilo. Só as coisas importantes.

— A sua avó tinha um cachorro chamado Flubby?

— Sim — ele diz, rindo de mansinho.

— Isso é bom.

— Por que é bom?

— Eu queria que essa parte fosse verdade.

— Por que você adora cachorrinhos malvados?

— Porque gosto de saber que já houve um tempo em que existiam cachorrinhos malvados chamados Flubby. Isso é bom. Vale a pena lembrar.

Ele sai da maca antes que eu possa piscar de novo, e me beija, e eu mergulho em seu interior onde nada está oculto. Agora ele está aberto para mim, o que me amparou e o que me traiu, o que me trouxe de volta à vida e o que me levou de volta à morte. Ira não é a resposta, não, nem o ódio. Uma por uma, caem as camadas que nos separam, até eu atingir o centro, a região sem nome, a fortaleza desprotegida, uma dor imutável e impenetrável, a solitária singularidade de sua alma, não estragada pelo tempo ou pela experiência, além do pensamento, infinito.

E eu estou lá com ele, *já* estou lá. Dentro da singularidade, eu já estou lá.

— Isso não pode ser verdade — sussurro. No centro de tudo, onde nada é, eu o encontrei me envolvendo.

— Não acredito em todas as suas bobagens — ele murmura. — Mas você está certa sobre isto: algumas coisas, até mesmo as muito pequenas, valem a soma de todas as coisas.

Do lado de fora, a colheita amarga queima. Do lado de dentro, ele puxa os lençóis, e essas são mãos que me envolveram, essas mãos que me banharam e me alimentaram e me ergueram quando eu não podia me erguer. Ele me levou à morte; ele me traz à vida. É por isso que ele removeu os mortos do piso superior. Ele os baniu, entregou-os ao fogo, não para profaná-los, mas para nos santificar.

A sombra que luta com a luz. O frio que enfrenta o fogo. *É uma guerra,* ele me disse certa vez, e nós somos os conquistadores do país não descoberto, uma ilha de vida que se encontra no centro de um mar infinito de sangue.

O frio penetrante. O calor escaldante. Os lábios dele deslizando em minha nuca e meus dedos sentindo sua face machucada, o ferimento que eu lhe dei, e os ferimentos no braço dele — VQP — que ele deu a si mesmo, então minhas mãos deslizam por suas costas para mantê-lo dentro de mim. *Não me deixe. Por favor, não me deixe.* O cheiro de goma de mascar e o cheiro de fumaça e o cheiro de seu sangue, e o jeito que seu corpo desliza sobre o meu e o jeito que a sua alma corta e penetra na minha: *Navalha. A* batida de nossos corações e o ritmo de nossa respiração e as estrelas que giram e que não podemos ver, marcando o tempo, medindo os intervalos que encolhem até o fim de nós, o dele e o meu e de tudo o mais.

O mundo é um relógio e o relógio está parando, e a chegada deles nada teve a ver com isso. O mundo sempre foi um relógio. Até as estrelas vão se apagar, uma por uma, e não vai haver luz ou calor, e esta é a guerra, interminável e fútil contra o vazio sem luz, sem calor que corre em nossa direção.

Ele entrelaça os dedos nas minhas costas e me puxa com força para si. Enrosco as pernas nas dele. Não há mais espaço entre nós. Nenhum ponto em que ele termina e eu começo. O vazio preenchido. O vácuo desafiado.

82

Ele fica comigo até que nossa respiração se acalma e nossos corações desaceleram, correndo os dedos por meus cabelos, olhando meu rosto atentamente como se não pudesse partir antes de memorizar todos os detalhes. Ele toca meus lábios, minha face, minhas pálpebras. Desliza a ponta do dedo por meu nariz, pela curva de minha orelha. O rosto dele mais na sombra, o meu, mais na luz.

— Fuja — ele sussurra.

Sacudo a cabeça.

— Não posso.

Ele se levanta da maca, mas tenho a sensação de cair enquanto ele permanece imóvel. Ele se veste rapidamente. Não consigo decifrar sua expressão. Navalha se fechou para mim. Estou presa no vazio de novo. Não posso suportar. Ela vai me esmagar, a ausência com que viví durante tanto tempo que mal a notei. Não até este momento: ele me mostrou o quanto o vazio era imenso ao preenchê-lo.

— Eles não vão pegar você — ele insiste. — Como eles poderiam pegar você?

— Ele sabe que não vou fugir enquanto estiver com ela.

— Ah, Deus. O que ela é para você, afinal? Ela vale a sua vida? Como uma pessoa pode valer toda a sua vida? — é uma pergunta cuja resposta ele já conhece. — Certo. Faça o que você quiser. Como se eu me importasse. Como se fosse importante.

— Essa é a lição que eles nos ensinaram, Navalha. O que importa e o que não importa. A única verdade no meio de todas as mentiras.

Ele pega o rifle e o pendura no ombro. Ele beija minha testa. Uma bênção. Uma graça. Depois ele apanha a lamparina e caminha hesitante até a porta, o vigia, o cuidador, o que não descansa, não

se esgota ou vacila. Ele se recosta na porta aberta, voltado para a noite, e o céu acima dele queima com a luz fria de dezenas de milhares de piras que marcam o tempo se acabando.

— Fuja — eu o escuto dizer. Acho que ele não está falando comigo. — Fuja.

83

No oitavo dia, o helicóptero volta para nos buscar. Deixo que Navalha me ajude com as roupas, mas, além de algumas costelas doloridas e um par de pernas fracas, os 12 elementos coletivamente conhecidos como Especialista estão em pleno funcionamento. Meu rosto sarou totalmente; não ficou nem mesmo uma cicatriz. No trajeto de volta à base, Navalha está sentado à minha frente, estudando o chão e olhando para mim apenas de vez em quando. *Fuja,* ele diz movendo apenas os lábios. *Fuja.*

Terra branca, rio negro, o helicóptero faz uma curva pronunciada e desce contornando a torre de controle do aeroporto, perto o bastante para que eu veja um vulto alto e solitário atrás das janelas coloridas. Aterrissamos no mesmo ponto em que decolamos, outro círculo completo, e Navalha pega meu cotovelo para me guiar para a torre. No trajeto para o alto, ele envolve minha mão rapidamente.

— Eu sei o que importa — ele diz.

Vosch está parado do outro lado do aposento de costas para nós, mas vejo seu rosto refletido fracamente no vidro. Ao lado dele se encontra um recruta corpulento agarrando um rifle ao peito com o desespero de alguém pendurado em um desfiladeiro com quilômetros de profundidade por um cordão de sapatos. Sentado ao lado do recruta, usando o macacão branco-padrão, está o motivo de eu ter vindo para cá, minha vítima, minha cruz, minha responsabilidade.

Teacup começa a se levantar quando me vê. O recruta grandalhão põe a mão em seu ombro e a empurra de volta para a cadeira. Sacudo a cabeça e movendo apenas os lábios digo *não.*

O aposento está em silêncio. Navalha está à minha direita, parado ligeiramente atrás de mim. Não posso vê-lo, mas ele está perto o suficiente para que eu escute sua respiração.

— Então — Vosch profere a palavra, um prelúdio. — Você resolveu o enigma das rochas?

— Sim.

Vejo pelo vidro escuro quando ele sorri tensamente.

— E?

— Atirar uma pedra muito grande iria invalidar o propósito.

— E qual é o propósito?

— Que alguns vivam.

— Você esqueceu a questão principal. Você pode dar uma resposta melhor.

— Você poderia ter matado todo mundo, mas não matou. Você está incendiando a vila para salvá-la.

— Um salvador. É isso que sou? — ele se vira para me olhar. — Desenvolva a resposta. Tem que ser tudo ou nada? Se o objetivo é salvar a vila dos aldeões, uma rocha menor teria conseguido o mesmo resultado. Por que uma série de ataques? Por que as artimanhas e os artifícios? Por que criar marionetes delirantes como Evan Walker? Uma rocha é muito mais simples e direta.

— Não tenho certeza — confesso. — Mas acho que tem algo a ver com sorte.

Ele me olha fixamente por um longo momento e então concorda com um gesto de cabeça. Ele parece satisfeito.

— O que vai acontecer agora, Marika?

— Você vai me levar para o último local em que se sabe que ele esteve — respondo. — Você vai me deixar lá para rastreá-lo. Ele é uma anomalia, uma falha no sistema que não pode ser tolerada.

— Mesmo? E como pode um pobre peão humano representar algum perigo?

— Ele se apaixonou, e o amor é a única fraqueza.

— Por quê?

Ao meu lado, a respiração de Navalha. A minha frente, o rosto erguido de Teacup.

— Por que o amor é irracional — digo a Vosch. — Ele não obedece regras. Nem mesmo às próprias. O amor é a única coisa no universo que é imprevisível.

— Preciso respeitosamente discordar de você nessa questão — Vosch fala e olha para Teacup. — A trajetória do amor é totalmente previsível.

Ele se aproxima, inclinando-se sobre mim, um colosso cortado da carne e ossos com olhos claros como um lago de montanha penetrando do fundo de minha alma.

— Por que eu iria precisar de você para rastrear a ele ou a qualquer outra pessoa?

— Você perdeu os drones que monitoram Evan e todos os outros como ele. Ele não está no sistema. Ele não sabe a verdade, mas sabe o suficiente para causar sérios danos se não for impedido.

Vosch ergue a mão. Eu me encolho, mas a mão dele pousa no meu ombro, que ele aperta com força, o rosto brilhando de satisfação.

— Muito bom, Marika. Muito, muito bom.

E, ao meu lado, Navalha sussurra.

— Fuja.

A pistola detona ao lado do meu ouvido. Vosch cambaleia para trás até a janela, mas não é atingido. O recruta grandalhão cai de joelhos, batendo a coronha no ombro, mas ele também não é atingido.

O alvo de Navalha era a menor coisa que é a soma de todas as coisas, sua bala a espada que separa a corrente que me prendia.

O impacto joga Teacup para trás. A cabeça dela se choca no balcão atrás dela, os braços finos como gravetos voam para o ar. Viro bruscamente para a direita, na direção de Navalha, a tempo de ver seu peito destroçado pelos tiros do recruta ajoelhado.

Ele se atira para frente e meu braço se ergue instintivamente, mas ele cai muito depressa. Não consigo pegá-lo.

E olhos suaves e comovedores se levantam até os meus no final de uma trajetória que até Vosch falhou em prever.

— Você está livre — Alex sussurra. — *Fuja.*

O recruta vira o rifle para mim. Vosch se interpõe entre nós com um grito enfurecido e gutural.

O *hub* ilumina o elemento muscular quando salto direto para a janela que se abre para a pista de pouso, pulando de dois metros de distância e girando o ombro direito na direção do vidro.

E então estou no ar, caindo, caindo, caindo.

Você está livre.

Caindo.

VIII
Dubuque

84

Cobertos por cinzas e poeira, cinco fantasmas cinzentos ocupando a floresta ao amanhecer.

Megan e Sam finalmente adormeceram, embora tenha sido mais um desmaio do que sono.

Ben observava o sol se levantar com o rifle no colo, silencioso, envolto firmemente em raiva e sofrimento, mas principalmente sofrimento. Dumbo, prático, procurando algo para comer na mochila. E eu, também encerrada em mim mesma, estava lá, com raiva e sofrimento, mas principalmente raiva. Olá, adeus. Olá, adeus. Quantas vezes preciso reviver esse ciclo? Não foi difícil descobrir o que aconteceu; era só impossível compreender. Evan encontrou o saquinho que Sam deixou cair e provocou a explosão que levou ele e Graça para o esquecimento. O que tinha sido o plano de Evan desde o início, o idiota idealista, altruísta, híbrido alienígena/humano.

Dumbo se aproximou e perguntou se eu queria que ele desse uma olhada em meu nariz. Perguntei como ele poderia não olhar para ele. O garoto riu.

— Cuide de Ben — eu falei para ele.

— Ele não deixa — Dumbo falou.

— É — eu comecei —, o verdadeiro ferimento não pode ser tratado com o seu kit médico, Dumbo.

Ele foi o primeiro a escutar (as orelhas grandes, talvez?), levantando a cabeça, olhando por cima do meu ombro para as árvores: os estrépitos e estalos no chão gelado quebrando e o esmagar de folhas secas. Eu me levantei e virei o rifle na direção do som. Nas sombras profundas uma sombra mais clara se moveu. Um sobrevivente do desastre que nos seguiu até ali? Outro Evan e outra Graça, um Silenciador nos encontrando em seu território? Não. Não pode ser. Nenhum Silenciador seria pego desprevenido vagando

pela floresta com todo o cuidado de um touro numa loja de porcelana.

A sombra ergueu os braços para o alto e eu soube. Soube antes de ouvir meu nome, que ele tinha me encontrado de novo, cumpridor da promessa que ele não podia fazer, quem eu tinha marcado com meu sangue e quem havia me marcado com suas lágrimas, um Silenciador, de fato, *meu* Silenciador, tropeçando na minha direção na luz impossivelmente pura do nascer do sol de final de inverno que prometia a primavera.

Entreguei meu rifle para Dumbo. Eu o deixei. A luz dourada e as árvores escuras cintilavam com o gelo e o jeito que o ar cheira nas manhãs frias. As coisas que deixamos para trás e as coisas que nunca nos deixam. O mundo acabou uma vez. Ele vai acabar de novo. O mundo acaba e então o mundo volta. O mundo sempre volta.

Parei a alguns passos dele. Ele também parou e nos olhamos por uma vastidão maior que o universo, em um espaço mais fino que o fio de uma navalha.

— Meu nariz está quebrado — contei. Maldito Dumbo. Deixou-me insegura.

— Meu tornozelo está quebrado — ele retrucou.

— Então vou até você.

Table of Contents

Folha de Rosto
Epígrafe
Dedicatória
O trigo
LIVRO 1
I. O problema dos ratos
II. O extermínio
III. A última estrela
IV. Milhões
V. preço
VI. O gatilho
LIVRO 2
VII. A soma de todas as coisas
VIII. Dubuque